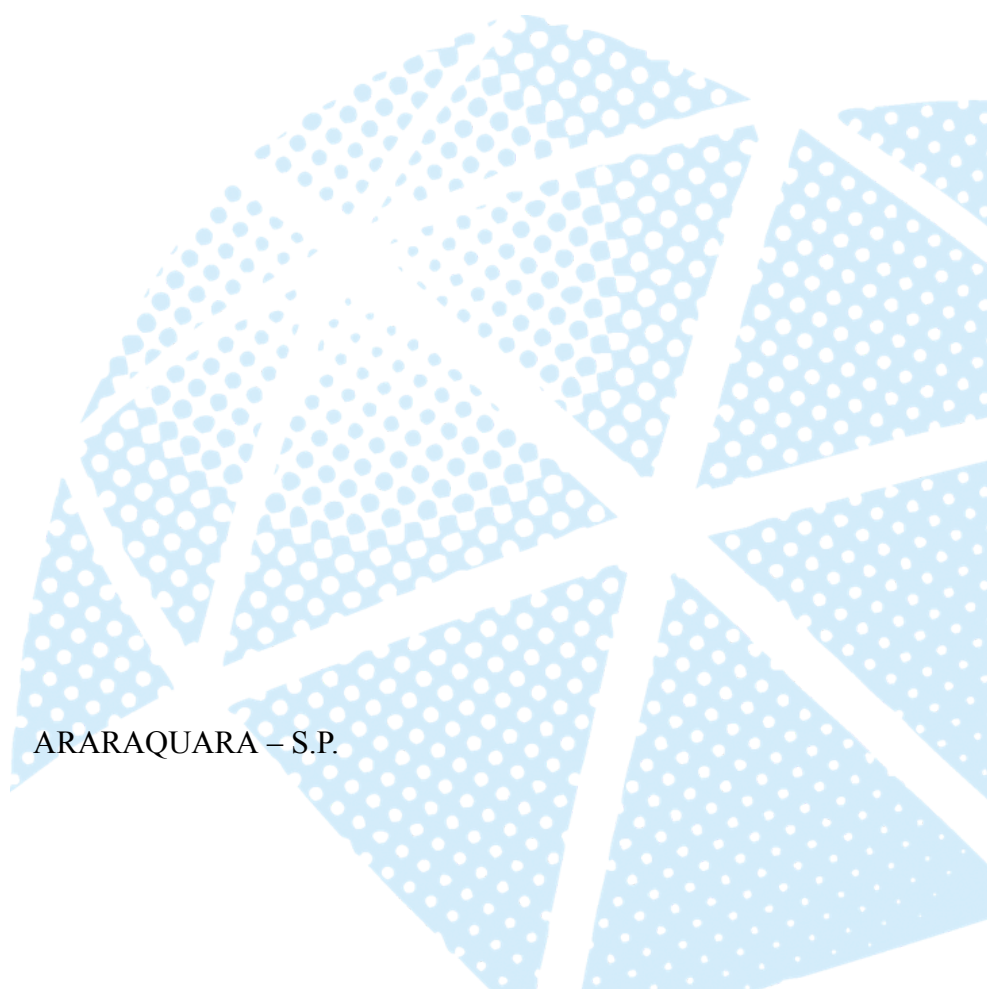


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ANA FLÁVIA FRANCO FERREIRA ALVES

**Tradução e estudo da *Victorini Ars*, de
Máximo Vitorino**

ARARAQUARA – S.P.



2023
ANA FLÁVIA FRANCO FERREIRA ALVES

Tradução e estudo da *Victorini Ars*, de Máximo Vitorino

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Coorientador: Brunno Vinicius Gonçalves Viera

ARARAQUARA – S.P.
2023

A474t Alves, Ana Flávia
Tradução e estudo da Ars Victorini, de Máximo
Vitorino / Ana Flávia Alves. -- Araraquara, 2023
210 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: João Batista Toledo Prado
Coorientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

1. Gramática clássica latina. 2. Máximo Vitorino. 3.
Tradução. 4. ars grammatica. 5. Métrica clássica. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa contribui de modo significativo para o conhecimento científico ao oferecer a primeira análise sistemática, em língua portuguesa, do tratamento métrico e fonológico realizado por Máximo Vitorino, um autor ainda pouco explorado internacionalmente. O estudo fornece um material de referência que pode apoiar pesquisas em Filologia, Linguística Histórica, Métrica e Estudos Clássicos, além de servir como base para o ensino de latim e métrica poética em cursos superiores no Brasil. Sua exposição da prosódia, métrica e teoria gramatical antiga, oferece novas perspectivas interpretativas para textos latinos - o que tem potencial de dialogar com grupos de pesquisa internacionais e favorecer a internacionalização do conhecimento produzido no país. Este trabalho também contribui para consolidar os Estudos Clássicos no Brasil, formando recursos humanos especializados e fortalecendo instituições que atuam na preservação e ensino das línguas antigas. Portanto, a pesquisa apoia o desenvolvimento sustentável do conhecimento humanístico, contribuindo para uma sociedade mais crítica, culta e consciente de sua própria herança intelectual.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The present research contributes significantly to scientific knowledge by offering the first systematic analysis, in Portuguese, of the metrical and phonological treatment developed by Maximus Victorinus, an author still largely unexplored internationally. The study provides a reference resource that may support research in Philology, Historical Linguistics, Metrics, and Classical Studies, as well as serve as a basis for the teaching of Latin and poetic meter in higher education in Brazil. Its exposition of prosody, meter, and ancient grammatical theory, offering new interpretative perspectives for Latin texts - an approach with the potential to foster dialogue with international research groups and to promote the internationalization of the knowledge produced in Brazil. This work also contributes to consolidating Classical Studies in the country, training specialized scholars and strengthening institutions dedicated to the preservation and teaching of ancient languages. Therefore, the research supports the sustainable development of humanistic knowledge, contributing to a more critical, educated, and culturally aware society.

ANA FLÁVIA FRANCO FERREIRA ALVES

Tradução e estudo da *Victorini ars*, de Máximo Vitorino.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Relações Intersemióticas

Data da defesa: 31/05/2023.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara

Profa. Dra. Vivian Gregores Carneiro Leão Simões

Universidade Federal de Roraima.

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Universidade Federal de Juiz de Fora.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Flávia Franco, que me amparou constantemente ao longo desta caminhada;

Ao meu orientador, João Batista, que me apoiou como professor e orientador;

À minha irmã, Marília Franco, que me ensinou processos necessários para conquistar minha independência;

Aos meus avós, Antônio e Claudete Franco, que me incentivaram e financiaram minha educação, permitindo-me estar aqui hoje;

Ao meu tio, Renato Franco, que me aconselhou durante a escolha do curso e todos os anos que passei na universidade;

Aos amigos da UNESP que cruzaram meu caminho e que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis;

A todos os professores que tive durante minha vida, pois sem eles não estaria aqui hoje;

Aos meus alunos, que me mostraram meu potencial profissional;

A esta universidade, que me proporcionou a oportunidade de estudar e me tornar uma profissional de sucesso;

A Deus, por ter me dado forças e saúde para superar as dificuldades que cruzaram meu caminho;

A todas as pessoas que cruzaram meu caminho nos últimos cinco anos, pois estas me tornaram a pessoa que sou hoje

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

.

“Non est ad astra mollis e terris uia”¹
Lucius Annaeus Seneca (1987, v.437,
p.21)

¹ Seneca *Hercules furens*, v.437, p.21; Tradução nossa: não há caminho fácil da terra para as estrelas

RESUMO

Este trabalho apresenta a primeira tradução vernácula do texto de Máximo Vitorino, encontrado no Volume VI da obra *Grammatici Latini* de Heinrich Keil, bem como uma análise introdutória de seu conteúdo sobre a métrica clássica latina. A pesquisa examina como Máximo Vitorino, em sua *ars grammatica* (arte gramatical), aborda a estrutura fonológica e métrica do latim de maneira didática, articulando definição, fonética, categorias gramaticais e elementos métricos em um formato de perguntas e respostas que lhe confere uma organização singular. A tradução e estudo buscam elucidar as dificuldades linguísticas e culturais presentes na obra, utilizando comparações com outros manuais técnicos da época, como os de Donato (1857), Palêmon e Sérgio Honorato. Para enriquecer a compreensão dos preceitos gramaticais e métricos descritos por Vitorino. A tradução foi realizada com base em instrumentos filológicos e acompanhada de comentários que visam esclarecer dificuldades linguísticas, terminológicas e métricas encontradas no texto latino. O estudo, dividido em fases de tradução e análise, propõe uma reflexão sobre aspectos prosódicos do latim, frequentemente inacessíveis às línguas modernas, além de situar a contribuição de Máximo Vitorino dentro da tradição dos gramáticos latinos.

Palavras-chave: Máximo Vitorino; tradução; métrica clássica; gramática latina; *artes grammaticae*.

ABSTRACT

This work presents the first vernacular translation of the text by Maximus Victorinus, found in Volume VI of Heinrich Keil's *Grammatici Latini*, as well as an introductory analysis of its content on classical Latin meter. The research examines how Maximus Victorinus, in his *ars grammatica* (grammatical art), approaches the phonological and metrical structure of Latin in a didactic manner, articulating definition, phonetics, grammatical categories, and metrical elements in a question-and-answer format that gives the treatise a distinctive organization. The translation and study aim to elucidate the linguistic and cultural difficulties present in the work, drawing comparisons with other technical manuals of the period, such as those of Donatus (1857), Palaemon, and Sergius Honoratus, in order to enrich the understanding of the grammatical and metrical precepts described by Victorinus. The translation was carried out using philological tools and is accompanied by commentary intended to clarify linguistic, terminological, and metrical difficulties found in the Latin text. Divided into phases of translation and analysis, the study proposes a reflection on prosodic aspects of Latin - often inaccessible to modern languages - and situates the contribution of Maximus Victorinus within the broader tradition of Latin grammarians.

Key-words: Maximus Victorinus; translation; classic metric; latin grammar; *artes grammaticae*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Quadro das desinências nominais latinas.	31
Tabela 2:	Quadro de conjugações verbais do presente do indicativo.	51
Tabela 3:	Quadro da oposição entre os pés métricos.	76
Tabela 4:	Quadro da ordem dos pés nos hexâmetros heroicos.	85

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:	Esquematização dos pés métricos.	75
Imagem 2:	Esquematização das cesuras.	114

SUMÁRIO

PARTE I - ANÁLISE *MAXIMI VICTORINI ARS*

1.	INTRODUÇÃO	15
2.	MÁXIMO VITORINO E AS <i>ARTES GRAMMATICAE</i>	17
3.	A ARTE GRAMATICAL DE VITORINO	24
3.1.	SOBRE A LEITURA	24
3.2.	SOBRE A DEFINIÇÃO	26
3.3.	SOBRE O LATIM	27
3.4.	SOBRE A VOZ	28
3.5.	SOBRE OS CASOS	28
3.6.	SOBRE A SENTENÇA	35
3.7.	SOBRE A ORAÇÃO	36
3.8.	SOBRE A CLÁUSULA	37
3.9.	SOBRE A PONTUAÇÃO	38
3.10.	SOBRE OS ACENTOS	39
3.11.	SOBRE AS LETRAS	42
3.12.	SOBRE AS SÍLABAS	46
3.13.	SOBRE OS VERBOS	49
3.14.	SOBRE OS PARTICÍPIOS	57
3.15.	SOBRE OS ADVÉRBIOS	60
3.16.	SOBRE AS CONJUNÇÕES	65
3.17.	SOBRE AS PREPOSIÇÕES	68
3.18.	SOBRE AS INTERJEIÇÕES	70
4.	COMENTÁRIOS DE VITORINO SOBRE O METRO E O HEXÂMETRO	72
4.1.	SOBRE A ARTE DA EDUCAÇÃO MÉTRICA DE PALÊMON	72
4.2.	SOBRE O VERSO HEXÂMETRO HEROICO	79
5.	O FINAL DOS METROS	94
5.1.	SOBRE O FINAL DOS METROS	95
5.2.	SOBRE O PRONOME	105
5.3.	SOBRE O VERBO	108
5.4.	SOBRE O ADVÉRBIO	109

5.5.	SOBRE O PARTICÍPIO	110
5.6.	SOBRE A CONJUNÇÃO	111
5.7.	SOBRE A PREPOSIÇÃO	112
5.8.	SOBRE A INTERJEIÇÃO	112
5.9.	SOBRE AS CESURAS	113
5.10.	PARA BASÍLIO, O AMIGO DE SÉRGIO	116

PARTE II — TRADUÇÃO *MAXIMI VICTORINI ARS*

6.	TRADUÇÃO COMENTADA DE MÁXIMO VITORINO	122
----	---------------------------------------	-----

6.1. *VICTORINI ARS [MAXIMI VICTORINI DE RE GRAMMATICA]* 122

6.1.1.	<i>ARS VICTORINI GRAMMATICI (A ARTE GRAMATICAL DE VITORINO)</i>	122
6.1.2.	<i>DE LECTIONE</i> (DA LEITURA)	123
6.1.3.	<i>DE DEFINITIONE</i> (DA DEFINIÇÃO)	124
6.1.4.	<i>DE LATINITATE</i> (DA LATINIDADE)	124
6.1.5.	<i>DE VOCE</i> (DA VOZ)	125
6.1.6.	<i>DE CASIBUS</i> (DOS CASOS)	129
6.1.7.	<i>DE SENTENTIA</i> (DA SENTENÇA)	129
6.1.8.	<i>DE ORATIONE</i> (DA ORAÇÃO)	130
6.1.9.	<i>DE CLAUSULA</i> (DA CLÁUSULA)	130
6.1.10.	<i>DE DISTINCTIONE</i> (DA PONTUAÇÃO)	130
6.1.11.	<i>DE ACCENTIBUS</i> (DOS ACENTOS)	130
6.1.12.	<i>DE LITTERA</i> (DAS LETRAS)	133
6.1.13.	<i>DE SYLLABA</i> (DAS SÍLABAS)	136
6.1.14.	<i>DE VERBO</i> (DO VERBO)	138
6.1.15.	<i>DE PARTICIPIO</i> (DO PARTICÍPIO)	143
6.1.16.	<i>DE ADVERBIO</i> (DO ADVÉRBIO)	144
6.1.17.	<i>DE CONIUNCTIONE</i> (DAS CONJUNÇÕES)	147
6.1.18.	<i>DE PRAEPOSITIONE</i> (DAS PREPOSIÇÕES)	148
6.1.19.	<i>DE INTERIECTIONE</i> (DAS INTERJEIÇÕES)	150

6.2. *VICTORINI DE METRIS ET DE HEXAMETRO COMMENTARIUS [MAXIMI VICTORINI DE CARMINE HEROICO]* 151

6.2.1.	<i>ARS PALAEMONIS DE METRICA INSTITUTIONE</i> (A ARTE DA INSTITUIÇÃO MÉTRICA DE PALAEMON)	151
--------	---	-----

6.2.2.	<i>DE HEXAMETRO VERSU HEROICO</i> (O HEXÂMETRO DO VERSO HEROICO)	155
6.3.	<i>MAXIMI VICTORINI DE RATIONE METRORUM COMMENTARIUS</i>	164
6.3.1.	<i>DE LITTERIS LIQUENTIBUS</i> (DAS LETRAS LÍQUIDAS)	164
6.3.2.	<i>DE CONIUNCTIS SYLLABIS</i> (DAS SÍLABAS CONJUNTAS)	166
6.3.3.	<i>DE DICHRONIS</i> (DO ALONGAMENTO PROSÓDICO COM DUPLO TEMPO)	168
6.3.4.	<i>DE GRAECIS NOMINIBUS</i> (DOS NOMES GREGOS)	170
6.3.5.	<i>DE PROPRIIS NOMINIBUS</i> (DOS NOMES PRÓPRIOS)	170
6.3.6.	<i>DE ECTASI</i> (DO ALONGAMENTO PROSÓDICO)	172
6.3.7.	<i>DE BREUIBUS SYLLABIS</i> (DAS SÍLABAS BREVES)	172
6.3.8.	<i>DE CONCATENATIS</i> (DAS SÍLABAS COLIGADAS)	173
6.3.9.	<i>DE CASIBUS</i> (DOS CASOS)	174
6.3.10.	<i>DE PARTICIPIIS</i> (DO PARTICÍPIO)	176
6.3.11.	<i>DE ADUERBIIS</i> (DOS ADVÉRBIOS)	176
6.3.12.	<i>DE UERBIS</i> (DOS VERBOS)	177
6.4.	<i>DE FINALIBUS METRORUM [METRORII MAXIMINI DE LONGIS ET BREVIBUS]</i>	182
6.4.1.	<i>DE FINALIBUS METRORUM</i> (DO FINAL DOS METROS)	182
6.4.2.	<i>DE PRONOMINE</i> (DO PRONOME)	190
6.4.3.	<i>DE VERBO</i> (DO VERBO)	191
6.4.4.	<i>DE ADVERBIO</i> (DO ADVÉRBIO)	192
6.4.5.	<i>DE PARTICIPIO</i> (DO PARTICÍPIO)	193
6.4.6.	<i>DE CONIUNCTIONE</i> (DA CONJUNÇÃO)	194
6.4.7.	<i>DE PRAEPOSITIONE</i> (DA PREPOSIÇÃO)	194
6.4.8.	<i>DE INTERIECTIONE</i> (DA INTERJEIÇÃO)	195
6.4.9.	<i>DE CAESURIS</i> (DAS CESURAS)	195
6.4.10.	<i>AD BASILIUM AMICUM SERGII</i> (PARA BASÍLIO, O AMIGO DE SÉRGIO)	196
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203

1. Introdução

Esse trabalho pretende fornecer duas contribuições para o repertório de traduções sobre as gramáticas dos autores latinos. A primeira sendo a própria tradução do texto latino de Máximo Vitorino, *Victorini ars*, dividido nos capítulos *Maximi Victorini de re grammatica*; *Victorini de metris et de hexametro commentarius* [*Maximi Victorini de carmine heroico*]; *Maximi Victorini de ratione metrorum commentarius* e *De finalibus metrorum* [*Metrorii Maximini de longis et brevibus*], que se encontram nas páginas 186 até 242 do volume VI, *Scriptores Artis Metricae*, da obra *Grammatici Latini* (GL) de Heinrich Keil. A segunda contribuição abrange o estudo introdutório do conteúdo proposto no texto de Máximo Vitorino (doravante Mx. Vitorino), para que assim ocorra um maior entendimento acerca da métrica clássica latina.

Mx. Vitorino é um gramático e metricista latino cuja obra foi preservada no volume VI dos *Grammatici Latini*, editado por Heinrich Keil. Pouco se sabe sobre sua vida ou cronologia precisa, mas seu tratado é geralmente associado ao conjunto de gramáticos e metricistas ativos entre os séculos IV e V d.C. Sua *ars* (arte) compartilha características comuns dessa tradição técnica, expondo definição, fonética, prosódia e métrica em uma estrutura dialogada. A inclusão de sua obra no *Grammatici Latini* evidencia sua relevância no ensino gramatical latino e o situa ao lado de autores como Donato (1857), Palêmon (1857) e Sérgio Honorato (1857) na tradição das *artes grammaticae* (arte gramatical).

Compreender o tratado de Mx. Vitorino envolve, necessariamente, lidar com questões prosódicas próprias do latim clássico. Em virtude de não existirem, entre o passado clássico e o presente, registros da fala oral de gregos e romanos, a língua latina tem aspectos prosódicos que apresentam certas dificuldades. Ademais, as línguas modernas derivadas da língua latina não têm um sistema fonético-fonológico de sílabas longas e breves. Logo, entender o modo como certos aspectos da oralidade da língua latina e, por conseguinte, dos poemas e sua métrica, funcionavam constitui uma grande área de estudos para as letras latinas.

Após a conclusão dessa etapa, esse trabalho poderá ser acrescentado ao repertório de traduções vernáculas de antigos gramáticos latinos, disponíveis aos pesquisadores, a fim de colaborar com seus estudos e reflexões.

Para a realização desta tradução, foram necessárias a ajuda de instrumentos metodológicos como o dicionário latino-português de Ernesto Faria e o dicionário

latim-francês de Félix Gaffiot, ferramentas indispensáveis na transposição do texto latino para o português.

Ressalta-se também que foram utilizados outros manuais técnicos, como o de Lavarrene (1949), Faria (1958), Donato (1857), Cledônio (1874), Pompeu (1857), para que se possa fazer uma comparação sobre os conceitos dos elementos gramaticais e da métrica clássica latina, expostos por Mx. Portanto, ao utilizar os manuais técnicos mencionados, haverá uma maior compreensão e uma melhor tradução dos conteúdos expressos na *ars* (arte) de Vitorino.

Logo, o presente trabalho apresenta, além da introdução, mais seis seções: Máximo Vitorino e as *Artes Grammaticae*; A obra gramatical de Vitorino; Comentários de Vitorino sobre o metro e o hexâmetro; O final dos metros; Tradução comentada de Máximo Vitorino e considerações finais.

A primeira é composta por uma breve contextualização e apresentação do que são as *Artes Grammaticae* e a *ars* (arte) de Máximo Vitorino; a segunda estabelece discussões acerca do conteúdo expresso por Mx. Vitorino, no primeiro capítulo de sua *ars* (arte), intitulado *Victorini ars [Maximi Victorini de re grammatica]*. Neste capítulo, o autor aborda temas como verbos, pronomes, conjunções, interjeições, advérbios, participípios, entre outros, demonstrando, a partir de explicações e exemplos, como se comporta a gramática latina.

A terceira e quarta partes também abrangem discussões acerca do conteúdo da *ars grammatica* (arte gramatical) de Mx. Vitorino, sendo que a terceira trata do hexâmetro heroico e da métrica latina, enquanto a quarta expõe o final dos metros e suas particularidades. O autor mostra as classes gramaticais, como pronomes, verbos, advérbios, conjunções, interjeições e outros, e a maneira como se comportam no final dos versos.

Em seguida, apresenta-se a tradução comentada do *corpus* proposto acima. Salientando que essa parte foi subdividida em outras pequenas seções de acordo com o texto de Mx. Vitorino; por fim, são apresentadas as considerações parciais sobre a pesquisa realizada.

Destaca-se, também, que, até o momento da realização dessa pesquisa, não há tradução vernácula nem estudos específicos sobre esse texto no Brasil ou em outros países de línguas modernas.

2. Máximo Vitorino e as *Artes Grammaticae*

As *Artes Grammaticae* (Artes Gramaticais), também chamadas de manuais técnicos, foram compostas por autores como *Marius Victorinus* (Mário Vitorino), *Maximus Victorinus* (Máximo Vitorino), *Caesius Bassus* (Césio Basso), *Terentianus Maurus* (Terenciano Mauro), *Marius Plotius Sacerdos* (Mário Plócio Sacerdote), *Rufinus* (Rufino), entre outros, como revela um exame, mesmo superficial, do elenco de autores do Volume 6 da obra *Grammatici Latini* de Keil (1874). Esse conjunto de autores demonstra a variedade e a continuidade da tradição gramatical latina, dentro da qual Mx. Vitorino ocupa um lugar específico.

As *Artes Grammaticae* (artes gramaticais) foram elaboradas como instrumentos destinados a orientar o uso adequado da prosódia e a composição métrica, refletindo a preocupação dos antigos em transmitir modelos de leitura e escrita. As *artes grammicae* (artes gramaticais), em geral, possuíam três partes. A primeira era dedicada ao nível fônico, em que se trabalhavam as letras e as sílabas; a segunda, à morfologia, destacando as *partes orationis* (componentes da oração) e suas particularidades; e a terceira era dedicada aos vícios e virtudes² do discurso latino. Como observa Rodrigues (2020), essa organização dividida em três corresponde ao modo como a tradição escolar romana estruturava o ensino da língua: partindo dos elementos mínimos (letras e sílabas), avançava-se para a descrição das formas e, por fim, para o uso correto do discurso.

A *ars grammatica* (arte gramatical), como observa Fortes (2012), não era apenas um conjunto de prescrições técnicas. Era parte do sistema educativo romano, responsável por formar no aluno a *Latinitas* (latinidade). Esta era entendida não apenas como correção linguística, mas como identidade cultural associada ao uso culto da língua. Por isso, o manual gramatical trata de fonética, morfologia, prosódia e análise dos vícios e virtudes da linguagem como instrumentos para a leitura de textos poéticos e para a participação no mundo letrado. Essa função pedagógica ajuda a compreender por que Mx. Vitorino estrutura sua *ars* (arte) a partir de definições, distinções e exemplos poéticos, inserindo-se plenamente nessa tradição escolar.

² Os “vícios” (*vitia*) e as “virtudes” (*virtutes*) da linguagem constituem categorias tradicionais da arte gramatical latina, orientadas para avaliar a correção e a adequação do uso linguístico. Segundo a tradição sintetizada por Fortes (2012), os vícios englobam desvios como o **barbarismo** (erro de pronúncia, forma ou vocabulário) e o **solecismo** (erro de construção), enquanto as virtudes correspondem às maneiras consideradas corretas e apropriadas segundo a *Latinitas* (latinidade) — isto é, o modelo culto de língua legitimado pelos autores canônicos. Assim, a seção dedicada aos vícios e virtudes servia para formar leitores capazes de reconhecer, interpretar e evitar usos que se afastassem do padrão literário romano, reforçando o caráter pedagógico das *artes grammicae* (artes gramaticais).

Tal perspectiva se relaciona diretamente à centralidade da oralidade na cultura greco-romana: segundo Prado (1999), “os poemas latinos eram compostos com o propósito de serem enunciados de forma oral, isto é, lidos em voz alta”, o que destaca o papel fundamental da pronúncia e da acentuação, elementos presentes no manual técnico de Mx. Vitorino.

Segundo Simões (2016), os autores reuniram os aspectos regulares encontrados na poesia clássica latina e assim desenvolveram regras e normas para que fosse possível uma melhor compreensão da métrica clássica. Logo, a partir desse apanhado de regras, foram concebidos os manuais técnicos - ou *artes grammicae* (artes gramaticais) - constituídos de fundamentos gramaticais, métricos, retóricos, ortoépicos e prosódicos, tornando viável a elaboração “do esboço de uma teoria da poesia clássica latina”:

Os dados descritos nesses manuais são o testemunho mais seguro da maneira que os romanos, que tinham o latim como língua materna, articulavam os fonemas de sua língua; são, no entanto, dados teóricos e, para nós, estudiosos modernos do latim, tais dados não são capazes de solucionar por completo todos os questionamentos acerca da prosódia dessa língua. As *Artes* representam muito daquilo que sabemos a respeito dos preceitos que nortearam a produção poética em latim e, no entanto, permanecem, se não em total, ao menos em parcial obscuridade (SIMÕES, 2016, p.336-337).

A caracterização proposta por Simões é compatível com o que se vê na obra de Mx. Vitorino, dentro dessa mesma tradição, apresenta sua ars (arte), que, assim como as demais, preserva definições, prescrições e descrições, representando uma parte importante do conhecimento técnico acumulado sobre a métrica latina.

Nesse contexto mais amplo, o gênero da *ars grammatica* (arte gramatical) consolida-se como instrumento pedagógico característico da tradição escolar latina. Esses manuais, produzidos para uso em sala de aula, sistematizavam de maneira funcional os elementos considerados essenciais para a leitura correta dos textos, como letras, sílabas, acento, prosódia, métrica e flexão. Eles tinham como objetivo formar leitores capazes de interpretar e recitar poesia segundo os padrões valorizados pela cultura romana.

Assim, a *ars* (arte) não é apenas um compêndio técnico, mas um gênero que nasce da necessidade didática de transmitir, de modo ordenado e acessível, o saber linguístico acumulado pela tradição, motivo pelo qual obras como a de Mx. Vitorino, Donato (1857), Sérgio Honorato (1857) e outros gramáticos seguem uma estrutura semelhante e repetida ao longo dos séculos.

A partir desse panorama geral, pode-se observar que a *ars* (arte) de Mx. Vitorino se insere plenamente nessa tradição. Doravante, é possível examinar mais de perto a estrutura e os princípios apresentados por ele.

Mx. Vitorino inicia seu texto respondendo à pergunta: o que é arte? Para o autor, é o "conhecimento aplicado de cada matéria"³ (VITORINO, 1874)⁴, e afirma que ela pode ser dividida em três categorias: a arte da mente e do corpo (cultivo do campo, medicina, luta e ginástica), a arte exclusiva do corpo (salto em distância, corrida de velocidade e levantamento de peso) e a arte específica para a mente (poética, música, astronomia e gramática). Essas distinções introdutórias organizam a compreensão do lugar que a gramática ocupa entre os saberes expostos pelo autor:

O que é arte? A ciência de cada matéria. Quantas são as categorias da arte? Três. Quais? Há algumas que são apenas da mente, outras que são só do corpo, e outras ainda, tanto da mente como do corpo. Quais são as exclusivas da mente? São as da poética, música, astronomia, gramática, retórica, do conhecimento jurídico e da filosofia. Quais são as do corpo? Lançamento de dardo, salto em distância, corrida de velocidade, levantamento de peso. Quais são as da mente e do corpo? Cultivo do campo, luta e ginástica, medicina, ciência das máquinas e da arquitetura. [...] (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 187)

Isto mostra que Mx. Vitorino entende a gramática não apenas como um conjunto de regras, mas como um saber técnico que exige exercício mental, classificação e reflexão, características centrais das artes da mente. Ao situá-la ao lado da poética, da música e da astronomia, ele reforça seu caráter sistemático e sua função interpretativa, preparando o leitor para a estrutura definicional e analítica que seguirá ao longo da *ars* (arte).

Em seguida, Mx. Vitorino responde à pergunta “o que é gramática?”. De acordo com o autor, é “a ciência de interpretar os poetas e historiadores, e o sistema de escrever e falar corretamente”. (VITORINO, 1874)⁵. Assim, pode-se observar que o autor confirma que as *artes grammaticas* (artes gramaticais) tinham o propósito de compreender o “escrever e falar corretamente” dos poetas, ou seja, foram redigidas para que se explicassem as regularidades presentes na poesia clássica latina.

³ *Vnius cuiusque rei scientia.* (VITORINO, 1874, p. 187)

⁴ Todas as traduções de língua estrangeira para o português são de responsabilidade da autora, a menos quando outra autoria for apontada.

⁵ *Scientia interpretandi poetas atque historicos et recte scribendi loquendique ratio.* (VITORINO, 1874, p. 188)

Nesse contexto, a expressão “escrever e falar corretamente” deve ser entendida não em sentido normativo moderno, mas em seu valor técnico antigo: falar corretamente significava declamar de acordo com a prosódia e com o ritmo dos versos, e escrever corretamente implicava registrar a língua de modo a preservar as quantidades e permitir a leitura métrica adequada.

Embora Mx. Vitorino retoma a fórmula tradicional segundo a qual a gramática permite “escrever e falar corretamente”; o contexto em que compõe sua *ars* (arte) já não correspondia plenamente à prática prosódica que originou essa expressão. Assim, a definição preserva uma tradição terminológica, ainda que desvinculada de sua aplicação oral efetiva.

Essa centralidade da definição na caracterização da gramática reaparece também na forma como Mx. Vitorino estrutura seu manual. O autor ensina que um bom manual técnico deve ser iniciado a partir da definição do que os gramáticos latinos costumam chamar de “letras” (*litterae*), termo que se refere primordialmente aos sons que elas representam. Isso remete à fonética da língua, que é algo natural a todos e não tem a necessidade de se ater a regras gramaticais. Percebe-se que, para o autor, primeiro deve-se falar sobre a fonética da língua; depois sobre as regras gramaticais e, por último, sobre o modo como elas são empregadas pelo sistema da métrica clássica latina:

De onde se deve começar? Alguns começaram do som oral, outros, das letras, outros ainda das sílabas, e mesmo outros dos casos; nós, no entanto, [começaremos] da definição. Mas quais são os que melhor começaram? Decerto os que [começaram] pela definição ou pelas letras. Pois o som é [algo] natural e sem [necessidade de] uma gramática, até mesmo para os que ignoram as regras gerais. (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 188)⁶

Observa-se que Mx. Vitorino se insere em um debate tradicional sobre o ponto de partida da gramática, privilegiando a definição como fundamento teórico e reconhecendo o som como elemento natural, anterior às regras. Essa opção metodológica estrutura a maneira como o autor apresenta sua *ars* (arte).

A escolha de uma estrutura dialogada - em forma de perguntas e respostas - como se nota nas citações expostas acima, também se insere nesse mesmo projeto metodológico. Esse formato não é apenas um recurso formal, mas, também cumpre uma função retórica - ligada à clareza e à brevidade - valores centrais na tradição antiga, e

⁶ *Vnde incipere debet? Quidam [etiam] a voce coeperunt alii a litteris, alii a syllabis, alii a casibus, nos autem a definitione. Qui tamen coeperunt melius? Vtique qui a definitione vel a litteris. Nam vox naturalis est et sine grammatica communis etiam cum imperitis. [...]. (VITORINO, 1874, p. 188)*

uma função pedagógica, ao refletir o método dialógico empregado nas práticas da tradição gramatical latina.

Ao apresentar definições, distinções e regras de maneira sequencial e concentrada, a *ars* (arte) favorece a compreensão gradual dos conteúdos, além de reforçar a natureza técnica e sistemática do tratado. Dessa forma, o modelo dialogado não apenas organiza o conteúdo, mas exprime a própria concepção de ensino que Mx. Vitorino pretende transmitir.

Com essa estrutura estabelecida, o autor organiza sua *Arte Grammatica* (arte gramatical) em quatro capítulos, conforme atesta a coleta e recensão textual preparadas por Heinrich Keil (1874): *Victorini ars [Maximi Victorini de re grammatica]*; *Victorini de metris et de hexametro commentarius [Maximi Victorini de carmine heroico]*; *Maximi Victorini de ratione metrorum commentarius* e *De finalibus metrorum [Metrorii Maximi de longis et brevibus]*.

O capítulo *Maximi Victorini de ratione metrorum commentarius* tem tradução e estudo realizados em projeto de iniciação científica *Scripta Latina de Re Metrica*, Traduções de Fontes Primárias III. Logo, a tradução deste trecho foi apenas revista para que possa ser incluída na presente pesquisa, de modo a somar à totalidade dos escritos do autor.

Cada capítulo do texto de Mx. Vitorino divide-se em seções, que apresentam as características dos fonemas, das sílabas, do comportamento e emprego de cada classe de palavras focalizadas na métrica clássica latina.

O primeiro capítulo divide-se nas seguintes seções: *Ars Victorini Grammatici* (A Arte Gramática de Vitorino); *De Lectione* (Da Leitura); *De Definitione* (Da Definição); *De Latinitate* (Da Latinidade); *De Voce* (Da Voz). De acordo com tal plano, Mx. Vitorino parece seguir sua própria diretriz na organização do manual técnico, abordando antes a definição para, em seguida, expor as classes de palavras e outras particularidades gramaticais. Entretanto, o primeiro capítulo, *De Lectione* (“Da leitura”), introduz várias classes e elementos de natureza gramatical, cuja descrição e entendimento, em sua perspectiva, colaboram para o desenvolvimento da competência de leitura.

Dessa forma, apresenta no primeiro capítulo as seções: *De Casibus* (Dos Casos); *De Sententia* (Da Sentença); *De Oratione* (Da Oração); *De Clausula* (Da Cláusula); *De Distinctione* (Da Pontuação); *De Accentibus* (Dos Acentos); *De Littera* (Das Letras); *De Syllaba* (Das Sílabas); *De Verbo* (Dos Verbos); *De Participio* (Do

Participio); *De Adverbio* (Do Advérbio); *De Coniunctione* (Da Conjunção); *De Praepositione* (Da Preposição); *De Interiectione* (Da Interjeição).

O segundo capítulo divide-se nas seções: *Ars Palaemonis de Métrica Institutione* (A Arte da Educação Métrica de Palêmon) e *De Hexametro Versu Heroico* (Do Verso Heroico Hexâmetro). O terceiro contém as seções: *De Finalibus Metrorum* (O Final dos Metros); *De pronomine* (Do pronome); *De Verbo* (Do verbo); *De Adverbio* (Do advérbio); *De Participio* (Do participio); *De Coniunctione* (Da conjunção); *De Praepositione* (Da preposição); *De Interiectione* (Da interjeição); *De Caesuris* (Das cesuras); *Ad Basilium Amicum Sergii* (Para Basílio, o amigo de Sérgio).

Em ambos os capítulos é possível observar que, após discutir as classes de palavras e suas regras gramaticais, Mx. Vitorino aplica tais particularidades à métrica clássica latina, utilizando sempre autores como Virgílio e Homero para exemplificar suas considerações.

As especificidades da *ars* (arte) de Mx. Vitorino podem ser melhor observadas na parte mais propriamente gramatical, visto que sua organização e seleção de tópicos o aproximam de gramáticos como Donato (1857). Já na parte métrica, sua obra dialoga com autores que ele próprio menciona, como Palêmon (1857), Cledônio (1874), Sérgio Honorato (1857) e Pompeu (1857), cuja autoridade é convocada ao longo do tratado. No entanto, é especialmente nas seções dedicadas às definições, às classes de palavras e à articulação entre fonética e morfologia que a *ars* (arte) de Mx. Vitorino traz maior afinidade com modelos gramaticais consolidados, indicando que seu tratado não apenas compila preceitos métricos, mas também integra um projeto gramatical mais amplo.

Diante desse perfil híbrido, ao mesmo tempo gramatical e métrico, torna-se possível compreender por que a obra de Mx. Vitorino foi incluída por Keil entre os textos fundamentais da tradição gramatical latina.

A presença da *ars* (arte) de Mx. A inclusão de Vitorino no *corpus* dos *Grammatici Latini* editado por Keil não é acidental. Keil organizou sua coletânea segundo um critério duplo: por um lado, reunir textos que preservam a tradição das *artes grammicae* (no sentido amplo, incluindo fonética, morfologia e sintaxe); por outro, agrupar autores que contribuem para a teoria métrica latina, especialmente aqueles cuja obra transmite definições, classificações e exemplos empregados no ensino e na leitura dos poetas.

O manual técnico de Mx. Vitorino se encaixa precisamente nesses dois eixos: trazendo uma seção gramatical estruturada segundo os modelos tradicionais das *artes*

(artes) e uma seção métrica que expõe os princípios necessários à compreensão dos versos latinos. É essa combinação de material gramatical e doutrina métrica que justifica sua inclusão no volume VI dos *Grammatici Latini*. Assim, Mx. Vitorino figura no volume VI não apenas como gramático, mas como gramático-metricista, cuja obra preserva um estágio significativo da tradição gramatical latina e contribui para reconstruir os princípios técnicos que sustentavam a leitura e produção da poesia clássica.

Cada seção comporta informações sobre todos os tópicos feitas detalhadamente, tais como comportamentos fonéticos e fonológicos das “letras” (*litterae*) - mas também “fonemas” em latim - além de demonstrar as variações ocorridas na língua com o passar do tempo. Percebe-se que os tópicos, ao mesmo tempo que interligados, podem ser analisados separadamente. A ordem da análise seguida nesta pesquisa foi a mesma que se encontra na sequência de textos reunidos por Keil. Ou seja, iniciou-se com *Ars Victorini Grammatici* (A Arte gramatical de Vitorino) e foi finalizada com *Ad Basilium Amicum Sergii* (Para Basílio, o amigo de Sérgio). A seguir, será feito um apanhado dos conceitos envolvidos no conjunto da obra.

3. A Arte Gramatical

O primeiro capítulo da obra de Mx. Vitorino trata da parte mais propriamente gramatical de seu manual técnico, no qual são expostos os fundamentos que organizam o ensino da língua: definição, leitura, latinidade, voz, letras, sílabas e classes de palavras. Essa parte apresenta noções de fonética, morfologia e sintaxe, preparando o leitor para o tratamento métrico que virá nos capítulos seguintes.

Ao reunir e sistematizar esses elementos, Mx. Vitorino insere-se na tradição das *artes grammicae* (artes gramaticais) que buscavam fornecer instrumentos de análise linguística prévios à leitura da poesia. O presente capítulo dedica-se ao exame desta seção gramatical, discutindo sua estrutura, seu vocabulário técnico e o modo como tais elementos revelam o funcionamento da tradição gramatical latina.

3.1 Sobre a Leitura

Mx. Vitorino inicia seu tratado com a exposição de elementos que, na visão do autor, contribuem para uma boa leitura. Ele afirma, por isso, que uma boa leitura é composta de quatro partes: acentuação, separação das passagens do texto, expressão e modulação.

A primeira parte (acentuação) diz respeito às particularidades da pronúncia de cada sílaba; logo, é função do leitor perceber quais as sílabas átonas e tônicas do texto a ser analisado, para que sua pronúncia seja feita de acordo com o ritmo da sentença, e provavelmente também para que tenha oportunidade de identificar, na prática, cada palavra por sua imagem acústica.

O segundo elemento da leitura é a separação, a estruturação das sentenças. Nesse sentido, Galvão (2001) observa que “o próprio modo como as frases eram escritas, sem separação entre as palavras, é uma expressão de que somente pela vocalização do texto se poderia compreender o que se estava lendo”. Diante disto, é possível perceber por que Mx. Vitorino dedica atenção especial a esse aspecto: a ausência de espaçamento não era apenas uma característica gráfica, mas condicionava diretamente o modo como o texto era percebido e compreendido.

O terceiro item imprescindível a uma boa leitura, de acordo com Mx. Vitorino, é nomeado expressão. Trata-se do modo como o leitor alteia sua voz para adequar-se ao texto e “dar vida” às personagens:

O que é expressão? A similitude quanto às personagens de cada escritor, ajustada de acordo com seus traços característicos, como, por exemplo, quando é preciso mostrar o modo de ser de um velho ou o arrojo juvenil ou a fraqueza feminina ou o traço característico de cada personagem, e os modos costumeiros de cada um exprimir-se. (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 188)⁷

Nota-se que, para Mx. Vitorino, a leitura é também uma atividade interpretativa. A “similitude” mencionada na citação mostra que o leitor deve reconstruir vocalmente os traços característicos das personagens - velhice, juventude, fragilidade - de modo a transmitir ao público não apenas o conteúdo do texto, mas também sua dimensão afetiva e expressiva. A leitura correta exige, portanto, mais do que domínio técnico da prosódia: exige compreender o caráter de cada personagem e modulá-lo vocalmente.

Assim, a expressão não é apenas ornamentação, mas parte da própria construção de sentido do texto. O leitor, ao ajustar sua voz às personagens, assume um papel ativo de intérprete, intermediando a obra e o ouvinte por meio de escolhas vocais que revelam nuances do discurso. Portanto, a expressão integra a leitura à tradição performativa, em que compreender significava também saber declamar.

Por fim, a quarta parte designada para a realização de uma boa leitura é a denominada modulação. Trata-se da maneira que o leitor emprega sua voz, fator de extrema importância para o público, pois, ele deve ler de uma maneira suave, sem rispidez ou rigidez na fala. Assim como deve também ler de maneira fluida, sem pausas não programadas, com dicção adequada, para que o conteúdo dos textos seja transmitido aos ouvintes de maneira clara e compreensível: “O que é modulação? A flexão artificiosa no modo de dizer mais prazeroso de uma fala contínua, voltada a uma disposição agradável aos ouvidos, evitando-se a aridez [da fala comum].” (VITORINO, 1874)⁸

Pra Mx. Vitorino, a qualidade da leitura não depende apenas da correção prosódica, mas também do efeito produzido sobre o ouvinte. A “flexão artificiosa” mencionada na citação mostra que o leitor deve controlar intencionalmente sua voz, ajustando ritmo, intensidade e suavidade para alcançar uma dicção agradável. O objetivo da modulação, portanto, não é somente técnico, mas também estético: tornar o discurso prazeroso aos ouvidos e evitar a “aridez” da fala cotidiana.

⁷ *Pronuntiatio quid est? Scriptorum secundum personas accommodata distinctione similitudo, ut puta cum aut senis temperamentum aut iuvenis protervitas aut feminae infirmitas aut qualitas unius cuiusque personae ostendenda est et mores unius cuiusque habitus exprimendi.* (VITORINO, 1874, p. 188)

⁸ *Modulatio quid est? Continuatio sermonis in iucundiolem dicendi rationem artifi.* (VITORINO, 1874, p. 188)

Essa preocupação com a agradabilidade da leitura reforça mais uma vez a dimensão performativa da leitura antiga. A modulação funcionava como um recurso que aproximava a leitura da declamação e, ao mesmo tempo, garantia a inteligibilidade do texto. No contexto em que Mx. Vitorino se insere, modular bem significava dominar não só as regras gramaticais, mas também o uso expressivo da voz, elemento indispensável para conduzir o público ao entendimento correto do texto. Assim, a modulação completa o conjunto de competências exigidas do leitor, sintetizando técnica, estética e eficácia comunicativa.

Portanto, para Mx. Vitorino, a leitura, entendida como leitura em voz alta, reúne quatro componentes que exigem não apenas conhecimento técnico, mas também discernimento por parte do leitor. É o equilíbrio entre esses elementos que permite executar uma leitura clara, ritmada e agradável ao público ouvinte.

3.2 Sobre a Definição

A palavra latina *definitio* (definição), de acordo com o dicionário latim-francês de Félix Gaffiot (1934), significa delimitar ou fixar o verdadeiro sentido de algo. Em outros termos, refere-se ao ato de compreender um conceito por meio de um enunciado breve e preciso. Mx. Vitorino retoma essa tradição técnica ao explicar que a *definitio* é justamente uma formulação capaz de assimilar a essência de um objeto ou noção de forma clara e suficiente.

Nesse sentido, ele exemplifica: se alguém lhe perguntasse “o que é um ser humano?”, responderia que se trata de “um animal racional e mortal capaz de rir” (VITORINO, 1874), o que demonstra que Mx. Vitorino entende a *definitio* (definição) como um instrumento de análise conceitual. Ao escolher características como racionalidade, mortalidade e a capacidade de rir (*risibile*), o autor apresenta a intenção de captar aquilo que distingue o ser humano dos demais animais, aplicando ao exercício gramatical o mesmo rigor conceitual empregado nas artes liberais.

Com isso, observa-se que Mx. Vitorino não apenas explica o significado de *definitio* (definição), mas também ressalta o próprio método que depois utilizará ao longo de sua *ars* (arte). Cada tópico de seu manual técnico é introduzido por esse mesmo procedimento: apresentar um enunciado sintético que delimita o objeto, seguido da exposição de suas partes, propriedades e usos. A definição, portanto, não é acessória, mas o fundamento formal de toda a organização do manual técnico, que se constrói como uma sequência de *definitiones articuladas* (definições articuladas). Essa estrutura

evidencia a preocupação do autor em transmitir o conhecimento gramatical por meio de unidades claras, ordenadas e facilmente memorizáveis, em acordo com a tradição gramatical latina.

3.3 Sobre o Latim

No capítulo da *arte grammatica* (arte gramatical) de Mx. Vitorino, denominado *De Latinitate* (Da Latinidade), o autor apresenta o termo *latinidade* (latinidade), cujo sentido ele elucida ser a “observação do verdadeiro falar, de acordo com a língua romana” (VITORINO, 1874)⁹. Isto indica que, para Mx. Vitorino, a latinidade não é apenas correção formal, mas uma forma de adesão ao uso legítimo da língua. Em seguida, o autor explica que ela se constitui de três modos: pelas regras, pela autoridade e pelo costume.

Essa divisão mostra que o “verdadeiro falar” não depende exclusivamente de normas abstratas, mas também de critérios pragmáticos e históricos. Ao organizar a latinidade nesses três eixos, Mx. Vitorino revela que a competência linguística envolve tanto o conhecimento técnico quanto a observação do uso exemplar e corrente, um equilíbrio que se repete em toda a sua *ars* (arte) e orienta a maneira como ele articula gramática e métrica.

As regras mencionadas por Mx. Vitorino corresponde às normas formuladas pelos autores das *artes grammaticae* (artes gramaticais), responsáveis por descrever os usos considerados corretos do latim. Elas representam o componente sistemático da latinidade, pois traduzem o esforço técnico dos “especialistas”, ou transmissores das artes, em compreender o funcionamento da língua.

A autoridade, por sua vez, refere-se aos modelos consagrados pelos escritores antigos, cuja prática literária era tomada como fonte legítima para determinar o “falar corretamente”.¹⁰ Trata-se, portanto, de um critério que vincula a latinidade à tradição e às obras dos autores clássicos, especialmente poetas, cuja linguagem servia de referência normativa.

Já o costume diz respeito ao uso corrente da língua tal como praticado pela comunidade falante. É o elemento que reconhece que certos termos e formas se tornam

⁹ *Observatio incorrupte loquendi secundum Romanam linguam.* (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 189)

¹⁰ Sobre o termo “falar corretamente”, é importante recordar que Mx. Vitorino já havia introduzido esse princípio no início da *ars grammatica*, como discutido no Capítulo 2 desta dissertação. Ali, o autor apresenta o “falar corretamente” não apenas como um conjunto de normas fonéticas e morfológicas, mas como um valor cultural e pedagógico fundamental na formação do orador latino.

agradáveis porque o uso comum os legitima, mesmo quando não correspondem estritamente às prescrições gramaticais.

3.4 Sobre a Voz

Ao tratar da *vox*, Mx. Vitorino estabelece uma distinção fundamental para os gramáticos antigos: a diferença entre voz articulada e voz confusa. A voz articulada é aquela que pode ser decomposta em unidades reconhecíveis, sílabas, letras e, sobretudo, sons dotados de valor distintivo. É, portanto, própria dos seres humanos, pois apenas eles produzem uma sonoridade capaz de ser transcrita e organizada segundo regras. Mx. Vitorino reforça essa característica ao afirmar que a voz articulada é “aquela que pode ser escrita” (VITORINO, 1874)¹¹, isto é, aquela que se converte em linguagem.

Em contraste, a voz confusa corresponde aos sons que não admitem segmentação linguística, e, por isso, não podem ser representados por letras: balidos, relinchos, mugidos e outros ruídos naturais. Mx. Vitorino inclui nesse grupo até mesmo fenômenos acústicos não humanos, como “as vozes quebradas na costa” (VITORINO, 1874)¹², ampliando o conceito para abranger toda manifestação sonora que não participa do sistema linguístico.

Ao separar aquilo que pode ser escrito e analisado (voz articulada) daquilo que pertence ao domínio do ruído (a voz confusa), Mx. Vitorino delimita a finalidade da gramática. A *ars grammatica* (arte gramatical) não trata de qualquer som, mas apenas da parcela da voz que se organiza segundo regras.

Assim, ao iniciar a seção distinguindo dois tipos de voz, Mx. Vitorino prepara o contexto para a análise das letras, da sílaba e dos demais elementos articulatórios que compõem a língua latina, apresentados a seguir. A *vox articulata* (voz articulada) não é apenas um conceito de definição: ela é a base do processo que sustenta todo o manual técnico.

3.5 Sobre os Casos

Mx. Vitorino inicia este capítulo tratando dos casos, os quais ele descreve como “uma certa categoria da declinação. Por que foram chamados assim? Porque, por meio deles, a maioria dos nomes, flexionados a partir de seu tema original, se altera e se

¹¹ *Quod articulo scribentis comprehendi possit.* (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 189)

¹² *'fractasque ad litora voces.'* (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 189)

declina.” (VITORINO, 1874).¹³ A partir dessa definição, o autor distingue duas grandes classes de categorias: as invariáveis - advérbios, preposições, conjunções e interjeições - e as variáveis, que são justamente aquelas que admitem flexão.

Conforme explica Faria (1958), as palavras latinas são formadas por dois elementos essenciais: o tema e a desinência. O tema corresponde à base fixa da palavra, composto pela raiz, às vezes acompanhada de sufixos, e não varia na flexão. Já a desinência é o elemento final que indica as categorias gramaticais: gênero, número e caso nos nomes; tempo, pessoa e número nos verbos.

Assim, quando Mx. Vitorino afirma que os nomes “se alteram e se declinam”; ele está descrevendo justamente a mudança das desinências conforme o caso. A declinação, portanto, é o conjunto de formas que um nome assume ao receber diferentes desinências, mantendo o mesmo tema.

Essas desinências variam de acordo com quatro fatores: tema, número, gênero e caso. Por isso, palavras com o mesmo tema podem exibir desinências diferentes, conforme a função sintática que desempenham na frase.

Logo, os termos em latim têm formas variáveis, pois dependem do tema, número, gênero e caso para receberem determinada desinência. Tal como o adjetivo *iustus* (justo), que, por ter tema *-o-*, estar no número singular, no gênero masculino e no caso nominativo, dessa maneira, leva a desinência *-us*. Caso a palavra indicasse função de acusativo, a forma seria *iustum* (justo), no vocativo *iuste* (justo), no ablativo *iusto* (justo), e assim consequentemente.

Outro exemplo a ser observado é a palavra “*leaenas*” (leoas). Este termo compreende o tema vocálico *-a-*, apresenta o número plural, é de gênero feminino e exibe o caso acusativo, recebendo, portanto, a desinência *-as*. Se, porventura, indicasse o caso nominativo, seria *leaenae* (leoas), no genitivo *leaenarum* (das leoas), e assim ocorreria em outros casos.

Após delinear essa base, Mx. Vitorino afirma que as categorias variáveis se distribuem em seis casos, os quais são apresentados por ele como: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo.

Alguns gramáticos latinos consideravam o nominativo singular como o aspecto original da palavra, sendo todos os outros modos de declinação dos termos latinos derivados dessa forma primária, não levando em conta a raiz, sufixo ou tema dos

¹³ *Quid sunt casus? Gradus quidam declinationis. Vnde dicti? Quia per eos pleraque nomina a prima sui positione inflexa variantur et cadant. (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 189)*

vocábulos. Porém, Mx. Vitorino afirma que o nominativo, embora seja a forma inicial e não derivada, ainda assim deve ser considerado um caso. A metáfora que apresenta sobre os degraus da escada esclarece essa posição: mesmo o degrau superior, quando comparado aos demais, pode ser chamado de degrau. Da mesma forma, o nominativo é incluído entre os casos quando visto dentro do sistema da declinação:

Dizemos que o nominativo também pode, do mesmo modo, ser chamado *caso*, como acontece com os degraus [de uma escada] por onde descemos: também chamamos *degrau* o que está no ponto mais alto, quando, ao contrário, ele seria equivalente ao nível superior, e não constituiria degrau nenhum, exceto na depressão do próximo [degrau] (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 189).¹⁴

Além dos seis casos tradicionais, Mx. Vitorino menciona a existência de um sétimo caso, sem nome próprio, cuja forma “tem a aparência do ablativo” (VITORINO, 1874). Ele não o nomeia, mas descreve seu funcionamento, especialmente em construções como *terra* (terra) e *mare* (mar) com valor de *per terram* (por terra) e *per mare* (por mar).

A descrição desse “sétimo caso” encontra paralelo na terminologia adotada por gramáticos modernos, que identificam funções semelhantes nos antigos casos latinos. Faria (1958) identifica esse sétimo caso como locativo, cuja função era indicar o lugar ou o tempo em que a ação se realizava. Faria (1958) também menciona o caso instrumental:

Ablativo — É o caso em geral do adjunto circunstancial ou adverbial. Primitivamente indicava o ponto de partida, a origem. Mas, desaparecendo em latim dois outros casos, o instrumental e o locativo, passou também o ablativo a desempenhar cumulativamente as funções destes dois casos. O instrumental servia especialmente para indicar o recurso, pessoa ou coisa com que ou com o auxílio de quem se fazia a ação indicada pelo verbo. O locativo indicava o lugar, e também o tempo em que se realizava a ação expressa pelo verbo. Assim, o ablativo latino representa a síntese destes três casos. (FARIA, 1958, p. 62)

Isto demonstra como ambos acabaram absorvidos pelo ablativo, o que confirma a percepção de Mx. Vitorino de que existe um uso que parece ablativo, mas não o é propriamente.

Dessa forma, a exposição de Mx. Vitorino, sobre os casos, combina uma perspectiva tradicional - que define e sistematiza cada forma - com a observação de usos

¹⁴ *Dicimus non aliter nominativum quoque casum dici posse, quam ut in gradibus, per quos descendimus, illum etiam qui in summo est gradum dicimus, cum alioqui ad superiorem planitiem aequalis sit nec fiat gradus nisi depressione sequentis.* (VITORINO, 1874 GL - VI, p. 189)

específicos, o que cria a base para a análise mais detalhada que ele desenvolve nos parágrafos seguintes.

Para melhor visualização dos casos e suas desinências, segue abaixo o quadro de desinências nominais, em que é possível observar todas as diversas maneiras em que se alteram as palavras latinas, conforme seu tema, número, gênero e caso.

Tabela 1 – Quadro das desinências nominais latinas

Tema		-a-	-o-		-e-	-u-		-i-		-consonantal-	
Gênero		M/F	M/F	N	M/F	M/F	N	M/F	N	M/F	N
Nominativo	Sing.	-a	-us	-um	-es	-us	-u	-is	-e	<i>c.f. vocabulário</i>	
	Plur.	-ae	-i	-a	-es	-us	-ua	-es	-is	-es	-a
Acusativo	Sing.	-am	-um	-um	-em	-um	-u	-em	-e	-em	<i>*igual no nominativo</i>
	Plur.	-as	-os	-a	-es	-us	-us	-es	-es	-es	-a
Genitivo	Sing.	-ae	-i	-ei	-us	-is		-is		-is	
	Plur.	-arum	-orum		-erum	-aum		-ium		-um	
Dativo	Sing.	-ae	-o		-ei	-ui		-i		-i	
	Plur.	-is	-is		-ebus	-ibus		-ibus		-ibus	
Ablativo	Sing.	-a	-o		-e	-u		-e	-i	-e	
	Plur.	-is	-is		-ebus	-ibus		-ibus		-ibus	

Fonte: LONGO, 2021.

A tabela de desinências nominais sintetiza visualmente aquilo que Mx. Vitorino descreve de modo mais disperso a lógica que governa a flexão dos nomes em latim. Ao organizar as desinências segundo tema, gênero e número, o quadro permite observar de imediato que a variação formal não é aleatória, mas obedece a padrões morfológicos estáveis, os mesmos padrões que fundamentam as regras apresentadas por Mx. Vitorino.

A tabela evidencia três pontos essenciais para compreender a exposição de Mx. Vitorino. O primeiro sendo a relação entre tema e desinência, a visualização das cinco vogais temáticas (-a-, -o-, -e-, -u-, -i-) deixa claro que cada padrão flexional projeta um conjunto próprio de formas para cada caso. Isso confirma a fala de Mx. Vitorino de que “os nomes se alteram a partir de seu tema original”.

Já o segundo ressalta a regularidade dos casos, mostrando que a disposição simultânea dos seis casos - e das diferenças entre singular e plural - evidencia por que Mx. Vitorino enfatiza o número de sílabas do nominativo e do genitivo: é possível ver com clareza quando o genitivo mantém ou excede em uma sílaba o nominativo. Por fim,

a presença dos temas consonantais ajuda a explicar por que Mx. Vitorino precisa mencionar exceções (como *anceps/incipitis*). A tabela mostra que, embora haja regularidade, certos nomes carregam uma exceção.

Assim, o quadro não apenas mostra a estrutura da declinação latina, mas também reforça a leitura que Mx. Vitorino faz do sistema: ele parte da regularidade, reconhece os padrões e, a partir deles, identifica exceções. Essa articulação entre regra e uso é justamente o núcleo de sua abordagem gramatical.

Aprofundando-se nas funções de cada caso, Mx. Vitorino menciona somente os casos genitivo e ablativo, pois esses têm particularidades específicas, algo que não ocorre nos outros casos latinos. Assim, para compreender um estudo completo dos demais casos latinos, e apresentar a clareza destes, serão brevemente mencionados abaixo os casos nominativo, acusativo, dativo e vocativo. Essa breve exposição será feita com base na descrição sistemática apresentada por Faria (1958), cuja gramática é particularmente útil para esclarecer o funcionamento tradicional dos casos.

Segundo Faria (1958), o nominativo é o caso que expressa o sujeito da oração, isto é, aquilo sobre o qual se diz algo. Em frases como *leaena lupum sequitur*, “a leoa persegue o lobo”, *leaena* está no nominativo porque exerce a função de sujeito.

O acusativo se caracteriza principalmente por indicar o objeto direto do verbo. Contudo, ele observa que sua função original era mais ampla: o acusativo também aparece em construções com verbos intransitivos, em expressões que marcam extensão no tempo e no espaço e em indicações de movimento para um lugar. Por isso, embora hoje seja associado sobretudo ao complemento direto, esse caso engloba usos sintáticos variados.

O dativo, por sua vez, é descrito como o caso da atribuição: ele marca a pessoa ou coisa a quem algo é destinado ou em cujo benefício a ação ocorre. Em outras palavras, exprime o “para quem” ou “a quem” de muitos verbos.

Há ainda o caso vocativo, empregado para o questionamento direto. Por essa razão, ele não se integra ao restante da estrutura sintática da frase, funcionando como um caso autônomo dentro do sistema. (FARIA, 1958).

Assim como os demais casos possuem funções específicas dentro da oração, o genitivo recebe de Mx. Vitorino um tratamento mais detalhado em virtude de suas particularidades.

Para Mx. Vitorino, o genitivo deve ter o mesmo número de sílabas do caso nominativo - chamados por Grimal (1986) de parassilábicos - como confirmam os nomes

Virgilius (Virgílio) e *Virgilii* (de Virgílio), *Terentius* (Terêncio) e *Terentii* (de Terêncio), e, por isso, ele recebe o morfema *i* de genitivo singular. Podem, porém, exceder uma sílaba do nominativo, o que ele exemplifica pelos nomes *Hector* (Heitor) e *Hectoris* (de Heitor) ou *Nestor* (Nestor) e *Nestoris* (de Nestor).

Ambos os casos são considerados regulares por Mx. Vitorino, porém, existem algumas exceções que se opõem ao sistema mencionado - denominados por Grimal (1986) de imparassilábicos - como pode ser observado nos termos *anceps* (duas cabeças) e *ancipitis* (das duas cabeças), *praeceps* (que se precipita, inclinado) e *praecipitis* (daquele que se precipita, inclina), *biceps* (dois cumes) *bicipitis* (dos dois cumes), *supellex* (mobília) e *supellectilis* (da mobília).

Além disso, a distinção apontada por Grimal (1986) entre parissilábicos e imparissilábicos na terceira declinação ajuda a entender por que surgem essas exceções mencionadas por Mx. Vitorino. Os parissilábicos são aqueles cujo nominativo e genitivo possuem o mesmo número de sílabas, enquanto os imparissilábicos apresentam acréscimo silábico no genitivo. Essa diferença estrutural interfere diretamente na formação das desinências e explica por que certos nomes seguem a regra geral do genitivo singular (mantendo ou acrescentando apenas uma sílaba), ao passo que outros exibem comportamentos mais irregulares, como *anceps* (duas cabeças) e *ancipitis* (das duas cabeças); e *supellex* (mobília) e *supellectilis* (da mobília).

Isto mostra um traço característico da gramática clássica latina: a tentativa de conciliar uma explicação formal das flexões com a observação das irregularidades presentes no uso efetivo da língua. Ao estabelecer que o genitivo deve manter ou exceder em uma sílaba a forma do nominativo, Mx. Vitorino parte de um princípio morfológico regular, a relação entre tema e desinência, mas reconhece, em seguida, que certos nomes não se ajustam a esse padrão.

O caso seguinte a ser mencionado por Mx. Vitorino é o ablativo, que se trata do adjunto circunstancial ou adverbial. O autor explica que o ablativo, com exceção daquelas palavras indeclináveis, pode terminar em uma das cinco vogais. No ablativo singular, quando termos forem finalizados pelos temas vocálicos *-a-* ou *-o-*, no ablativo plural serão declinados em *-is*, e no genitivo plural em *-rum*. Do mesmo modo como ocorre em *ab hac tabula* (por essa tabuinha) / *harum tabularum* (dessas tabuinhas) e *ab hoc docto* (por esse sábio, erudito) / *horum doctorum* (desses sábios), *his* e *ab his tabulis doctis* (por essas eruditas tabuinhas).

O ablativo singular, com vogal temática *-e-* breve, no genitivo plural será declinado em *-um* ou *-ium*. Como em *hoc codice* (essa casca de árvore, esse livro) e *codicum* (da casca de árvore, do livro), *pariete* (parede) e *parietum* (da parede). Também *rupe* (rochedo, parede de pedra) e *rupium* (do rochedo, da parede de pedra), *nocte* (noite) e *noctium* (da noite). Igualmente, o ablativo singular com tema *-i-* também produz a declinação *-um* e *-ium* no genitivo plural. Exemplificando *hoc vigili* (esse sentinela) e *horum vigilum* (desses sentinelas), *pugili* (esse pugilista) e *pugilum* (desses pugilistas), *agili* (agilidade) e *agilium* (da agilidade), *facili* (facilidade) e *facilium* (da facilidade). Igualmente, declina-se em *-bus* no dativo e ablativo plural, da forma que pode ser vista em *his* e *ab his codicibus* (esses e desses livros), *parietibus* (as paredes), *rupibus* (as paredes de pedra).

No entanto, se o ablativo singular de tema vocálico *-e-* possuir vogal longa, o genitivo plural apresenta a declinação em *-rum*, e o dativo e ablativo plural exibem-na em *-bus*. Por exemplo, em *hac specie* / *harum specierum* (dessas espécies) e *his speciebus* (essas espécies).

Caso o ablativo singular seja terminado em *-u-*, declina-se, então, o genitivo plural *-uum*. E o ablativo e dativo em *-bus*, como em *ab hoc fluctu* (dessa onda) e *horum fluctuum* (dessas ondas), *ab hoc cornu* (desse chifre) e *horum cornuum* (desses chifres), *his* e *ab his fluctibus cornibus* (a partir dos cumes dessas ondas).

Para Mx. Vitorino, a descrição do ablativo mostra como a flexão se organiza a partir do tema e como as variações morfológicas obedecem a padrões previsíveis. Ao separar ablativos em *-a*, *-o*, *-e* breve, *-e* longa, *-i* e *-u*, ele sistematiza de forma prática aquilo que a morfologia moderna identifica como diferenças entre temas vocálicos e consonantais.

Com isso, Mx. Vitorino transforma o ablativo em um padrão da própria lógica flexional latina. A atenção que ele dedica às exceções - como *codicibus* (os livros), *parietibus* (as paredes), *rupibus* (as paredes de pedra) - reforça a intenção de mostrar que, embora haja variação interna, essa variação é regular e previsível quando observada a partir do tema. Em outras palavras, a explicação do ablativo funciona, em seu manual, como um modelo para entender todos os demais casos: a flexão não é meramente decorada, mas inferida a partir da estrutura do vocábulo.

Em seguida, Mx. Vitorino expõe que as declinações dos nomes ocorrem conforme os gêneros feminino, masculino e neutro. Exemplifica com *Maro* (Maro), nome próprio masculino singular e de forma simples, que será flexionado nos casos

nominativo e vocativo assim: *hic Maro* (esse Maro) / *huius Maronis* (desse Maro), enquanto no nominativo plural se declina em *hi Marones* (esse Maro).

O nome *Musa* (Musa) é feminino singular e, de forma simples, flexiona-se nos casos nominativo e vocativo: *haec Musa* (essa Musa). Ao mesmo tempo, no nominativo e acusativo no plural, *hae Musae* (essas Musas). O terceiro exemplo a ser mostrado por Mx. Vitorino é o do vocábulo *factum* (feito), que é um nome comum de gênero neutro no singular e forma simples. Logo, nos casos nominativo e vocativo, será flexionado *factum* (feito) e, no nominativo e vocativo plural, *hae facta* (esses feitos).

O quarto exemplo de Mx. Vitorino é a palavra *parens* (pais), de gênero comum, singular e forma simples, que, nos casos nominativo e vocativo, declina-se *hic* e *haec parens* (esse pai) e *huius parentis* (desse pai) e, no plural, *hi* e *hae parentes* (esses pais). O último exemplo é o termo *felix* (feliz), uma palavra de todos os gêneros, singular e simples nos casos nominativo e vocativo, e será flexionada assim: *hic/haec/hoc felix* (esse/essa/isso felicidade) e *huius felicis* (desse/dessa/disso felicidade) etc., e, no plural, *hi/hae felinos* (esses/essas/issos felizes) e *haec felicia* (essas felizes).

Ao escolher nomes masculinos, femininos, neutros e de gênero comum, Mx. Vitorino demonstra como o gênero interfere diretamente no padrão declinacional, expressando tema, número e caso. *Maro* (Maro) e *Musa* (Musa) representam formas simples e regulares, em que a flexão se realiza de maneira transparente. Já o *factum* (feito) introduz o comportamento específico do neutro, cujo nominativo, vocativo e acusativo coincidem. Os exemplos *parens* (pais) e *felix* (feliz), por sua vez, representam categorias mais complexas: palavras de gênero comum e termos de três terminações, que mostram como a declinação funciona quando o gênero não é marcado pela desinência, mas pela concordância contextual. Assim, a exposição de Mx. Vitorino vai do mais regular ao mais variado, permitindo visualizar que a flexão latina não depende apenas de decorar formas, mas de compreender como os diferentes tipos de nomes se comportam dentro do sistema.

Tudo isso mostra a variedade morfológica existente na língua latina em função da combinação de tema, número, gênero e casos, que são de suma importância para a função dos nomes em uma oração, diferentemente de línguas neolatinas modernas, como o português, que constrói a noção de função sintática de um vocábulo na sentença por sua posição relativa.

3.6 Sobre a Sentença

Conforme o dicionário *Dictionnaire illustré latin-français* de Félix Gaffiot (1934, p. 1423), a palavra de origem latina *sententia* (sentença) tem duas definições principais: a primeira abrange a noção de um decreto político ou pronunciamento judicial, realizados pelo Senado; a segunda traz o sentido de opinião, ideia ou sentimento dirigido a determinado assunto.

Mx. Vitorino considera o último significado de *sententia* (sentença) em sua *arte grammatica*, pois, como explica, a sentença “é o discurso geral pertencente à razão comum da vida”.¹⁵ (Vitorino, 1874)

Ao adotar esse segundo significado, Mx. Vitorino tira o termo do campo jurídico e foca-se no campo moral e filosófico, aproximando sua gramática da tradição gramatical latina. Nesse sentido, a sentença não é apenas uma unidade linguística, mas um enunciado carregado de valor ético, que expressa máximas, juízos e modos de agir, assim como comunicam outros autores contemporâneos a Mx Vitorino, como Quintiliano e Cícero. Quintiliano define *sententia* como uma formulação breve que exprime uma verdade geral ou um juízo sobre a vida humana (*Institutio Oratoria*, VIII). Cícero também entende a *sententia* como um enunciado dotado de valor ético, ligado à prudência e ao conselho (*De Oratore*, III).

Logo, quando Mx. Vitorino afirma que a sentença é “o discurso geral pertencente à razão comum da vida”, ele recupera esse uso tradicional: a sentença como expressão condensada de sabedoria prática. Nessa perspectiva, a arte gramatical não trata apenas de categorias formais, mas também de conteúdos morais que a língua é capaz de transmitir.

3.7 Sobre a Oração

Segundo Gaffiot (1934), no *Dictionnaire illustré latin-français*, a palavra de origem latina *oratio* (oração) carrega em si dois significados primordiais: a expressão verbal de um pensamento ou a realização de súplicas religiosas. Mx. Vitorino aponta em seu texto somente o primeiro significado, explicando que a *oratio* (oração) “é o contexto para que tende o discurso. Onde ocorre o discurso? Nos ouvidos”. (VITORINO, 1874)

Essa definição de *oratio* (oração) pode ser diretamente relacionada ao que Mx. Vitorino expõe anteriormente acerca da voz (cf. item 3.4 desta dissertação). O autor distingue entre a *vox confusa* (vox confusa) - simples som inarticulado - e a *vox*

¹⁵ *Dictio generalis ad vitae rationem in commune pertinens.* (Vitorino, 1874, GL – VI, p. 191)

articulata (voz articulada), isto é, o som produzido pelo ser humano e organizado de modo significativo.

Ao definir a oração como o “contexto” do discurso e situar o discurso “nos ouvidos”, Mx. Vitorino pressupõe exatamente essa segunda noção: a *oratio* (oração) representa o estágio mais elaborado da *vox articulata* (voz articulada), o momento em que o som articulado se converte em enunciado que carrega sentido e se dirige a um ouvinte. Desse modo, a oração constitui a culminância do processo que vai da emissão vocal indistinta à articulação e, por fim, à configuração de um discurso completo.

3.8 Sobre a Cláusula

De acordo com *Dictionnaire illustré latin-français* de Felix Gaffiot (1934), a palavra de origem latina *clausula* (cláusula) refere-se ao fim ou conclusão de uma sentença. Mx. Vitorino retoma esse sentido básico, mas o complementa definindo *clausula* (cláusula) como “a combinação plausível de palavras que termina a estrutura” (VITORINO, 1874).¹⁶

Desse modo, Mx. Vitorino associa dois aspectos fundamentais: o primeiro sendo a dimensão combinatória (*compositio verborum*), que remete à ordenação rítmica e sintática das palavras; e o segundo, o lugar estrutural da cláusula (*structurae exitu terminata*), entendida como o ponto de encerramento do período.

Assim, a *clausula* (cláusula) não é apenas o “final” da sentença em sentido material, mas a unidade que confere fechamento ao enunciado. O adjetivo *plausibilis* (*plausível*), empregado por Mx. Vitorino, reforça esse caráter: indica não apenas uma combinação possível, mas uma combinação adequada, agradável ao ouvido e coerente com as expectativas rítmicas do latim.

É possível realizar um paralelo entre Mx. Vitorino e outros gramáticos latinos. Para Cícero, “as cláusulas devem ser observadas com ainda mais cuidado do que o restante, pois é nelas que se julga principalmente a perfeição e a completude do discurso” (*De oratore III*)¹⁷. Da mesma forma, Quintiliano enfatiza que a força de um período depende de seu fecho rítmico, afirmando que “é na cláusula que reside o encanto do discurso” (*Institutio Oratoria IX*).¹⁸

¹⁶ *Clausula quid est? Compositio verborum plausibilis structurae exitu terminata. VITORINO, 1874 GL - VI, p. 192).*

¹⁷ *Clausulas autem diligentius etiam servandas esse arbitror quam superiora, quod in eis maxime perfectio atque absolutio iudicatur. (Cícero, De Oratore III, 192)*

¹⁸ *In clausula est omnis vis (Quintiliano, Institutio Oratoria IX, 4, 124).*

Assim, ao conceber a cláusula como uma combinação plausível que encerra adequadamente a estrutura, Mx. Vitorino alinha sua definição gramatical a essa tradição retórica. Portanto, ele não descreve apenas um mecanismo morfológico ou sintático, mas um princípio de organização do discurso, no qual forma, ritmo e sentido se juntam para produzir um fechamento eficaz.

3.9 Sobre a Pontuação

Mx. Vitorino apresenta três marcas de pontuação, as quais são usadas para marcar o final ou período de tempo de uma sentença. Assim, o autor nomeia as três pontuações como: *finalis* (*telia* para os gregos); *mese* e *subdistinctio* (para os gregos, *ýpostigmí*). Donato (1857) esclarece que os acentos são chamados de ponto final ou ponto alto, ponto médio e ponto baixo, respectivamente.

O ponto final ou ponto alto (*finalis*) é utilizado ao lado da letra, no alto, ao término de uma sentença para demarcar sua conclusão. O ponto médio (*mese*) também é colocado ao lado das letras, porém, em uma altura média, indicando uma pausa para respiração. Por fim, o ponto baixo (*subdistinctio*) é inserido próximo às letras em altura baixa, e deve ser utilizado quando ainda tem algo a se acrescentar na frase; porém, essa deve ser terminada logo em seguida.

Três são as marcas de pontuação ou pontos, que os gregos chamam de θέσεις: ponto final, ponto baixo e ponto médio. Ponto final é quando a sentença inteira termina: colocamos o ponto ao lado da letra, no alto. Ponto baixo é quando não resta muito da sentença, mas o que falta, separado por necessidade, deve ser concluído logo em seguida; colocamos o ponto ao lado da letra embaixo. Ponto médio é quando falta da sentença quase tanto quanto já dissemos, todavia é preciso respirar: colocamos o ponto ao lado da letra, a meia altura. (DONATO, 1857, p. 137)¹⁹

A partir disso, é possível compreender que, para os gramáticos latinos como Mx. Vitorino, a pontuação não desempenhava apenas um papel gráfico, mas sobretudo rítmico e performativo. Cada ponto corresponde a um tipo de pausa mensurada, relacionada à extensão da *sententia* (sentença) e ao fôlego necessário para pronunciá-la. Isso reforça o que se observa em outras partes do manual de Mx. Vitorino: sua

¹⁹ Tres sunt omnino positurae vel distinctiones, quas Graeci θέσεις vocant, distinctio, subdistinctio, media distinctio. distinctio est, ubi finitur plena sententia: huius punctum ad summam litteram ponimus. subdistinctio est, ubi non multum superest de sententia, quod tamen necessario separatum mox inferendum sit: huius punctum ad imam litteram ponimus. media distinctio est, ubi fere tantum de sententia superest, quantum iam diximus, cum tamen respirandum sit: huius punctum ad mediam litteram ponimus. in lectione tota sententia periodus dicitur, cuius partes sunt cola et commata. (DONATO, 1857, p. 137)

concepção de linguagem está profundamente vinculada à oralidade e à voz - como visto no capítulo 3.4.

Assim, a pontuação cumpre a função de organizar o período não somente para a leitura visual, mas principalmente para a declamação, revelando um sistema que articula grafia, ritmo, respiração e sentido.

3.10 Sobre os Acentos

Em seu manual técnico, Mx. Vitorino Mx. Vitorino dedica uma breve seção de seu manual à acentuação, aquelas providas de acento (*prosodia*, como dizem os gregos: *prosodíai*). Antes de iniciar o estudo de Mx. Vitorino sobre os acentos: é de suma importância compreender o que era o *accento* para os gramáticos latinos. Quando estes falam em *accento*, estão descrevendo aquilo que chamamos hoje de sílaba tônica. O acento latino é, como no português, um acento de intensidade, ou seja, a sílaba acentuada recebe maior força articulatória.

Feita a descrição do que é o acento, é possível iniciar o modo como Mx. Vitorino os concebe. O autor classifica três tipos de acentos: agudo, grave e circunflexo, sendo que o acento grave não é utilizado em orações no plural. Essa enumeração segue o modelo grego tradicional, embora no latim tal divisão não tenha o mesmo valor fonético que possuía na língua grega clássica.

No que diz respeito à colocação do acento, Mx. Vitorino compara explicitamente o uso grego ao latino. No grego, o acento agudo pode ser utilizado em três locais: na última sílaba, na antepenúltima e após a sílaba *-ei*. Porém, para os latinos, como explica Mx. Vitorino, é empregado somente em dois: na penúltima ou na antepenúltima sílaba, como pode ser observado em *praelegilis* (lê) e *praelegimus* (lemos). A descrição coincide com aquilo que mais tarde seria nomeado por Allen (1978), Norberg (2007) e outros gramáticos modernos como a regra da penúltima²⁰.

Quanto ao acento circunflexo, Mx. Vitorino afirma que ele apenas pode ser colocado caso o vocábulo tenha três ou mais sílabas, pois é aplicado, exclusivamente, na penúltima sílaba, exemplificando pelas palavras *lubare* (lisonjear) e *domare* (domar). Tal observação deriva não de uma realidade prosódica latina - já que o circunflexo, no latim,

²⁰ A formulação clássica da regra acentual que demonstra que o acento latino depende da quantidade da penúltima sílaba já era registrada por gramáticos antigos: QUINTILIANO (Inst. Or. 1.5.23) observa que o acento não pode retroceder além da antepenúltima, e PRISCIANO (GL II, p. 142–143) sistematiza a regra segundo a longa ou brevidade da penúltima. Os autores modernos, simplesmente nomearam a regra para uniformização dela.

não possuía valor tonal próprio - mas da tentativa de aplicar à língua latina as categorias da acentuação grega, que distinguia tonicidade por altura e duração vocálica.

Mx. Vitorino mostra que a acentuação do latim é explicada a partir das categorias gregas, mesmo quando tais categorias não correspondem exatamente ao funcionamento fonético do latim. Como observa Allen (1978), as descrições das noções de sílaba longa e breve, ou a distinção entre acento agudo, grave e circunflexo, nascem da prosódia do grego clássico, que possuía um sistema acentual melódico, enquanto o latim apresentava um acento predominantemente de intensidade.

Assim, quando Mx. Vitorino descreve o agudo, o grave e o circunflexo; ele não está narrando três entonações efetivamente diferentes na fala latina, mas sim mapeando categorias gregas sobre fenômenos desse tipo. Isso explica por que sua exposição é breve e por que certos elementos - como a função real do acento grave - recebem apenas menção e não análise aprofundada.

Após explicar a localização dos acentos nas palavras, Mx. Vitorino aborda a quantidade de sílabas existente em um vocábulo, elucidando que as monossílabas, independentemente de sua posição na sentença, serão sempre longas e apresentam o acento agudo, o que pode ser visto em palavras como *píx* (piche), *núx* (noz), *nóx* (noite), *níx* (neve), *páx* (paz), *fáx* (tocha). Com exceção daquelas monossílabas que são longas por natureza, uma vez que essas têm acento circunflexo, como em *dôs* (dote), *spês* (esperança), *rês* (coisa), *môs* (costume), *flôs* (flor).

Mx. Vitorino exprime que as dissílabas ocorrem de três modos. No primeiro, quando a primeira sílaba é longa e a segunda é breve, a palavra recebe o acento circunflexo na primeira sílaba, da mesma maneira que *hôra* (hora) e *Rôma* (Roma). Contudo, se ambas as sílabas forem longas, coloca-se o acento agudo na primeira, como observado em *léges* (leis) e *sálus* (bem de saúde). Por fim, caso ambas as sílabas sejam breves, ocorre uma ênfase acentual aguda na primeira sílaba, como em *déus* (deus) e *hómo* (homem).

Em seguida, o autor trata dos termos trissílabos e polissílabos, e explica quatro modos em que os acentos acontecem nesse tipo de palavras. Primeiramente, caso a penúltima seja breve, o acento agudo é inserido na sílaba que precede, ou seja, na antepenúltima, visto em *Túllius* (Túlio), *Horténsius* (Hortêncio). Mas se a penúltima sílaba for longa, ela recebe o acento agudo, ao passo que a antepenúltima se torna grave, como em *Càtullus* (Catulo), *Càmillus* (Camilo), *Mètèllus* (Metelo). Se, porventura, a penúltima sílaba for longa por natureza, então a última deve ser breve e, assim, a

penúltima admite acento circunflexo: *Cethêgus* (Cetego), *Românus* (romanos). Já na condição em que a última sílaba também seja longa, o acento agudo é aplicado na penúltima, como em *Athénæ* (Atena), *Fidénae* (Fidenes).

Ao determinar a acentuação de dissílabos ou polissílabos com base na quantidade da penúltima sílaba, Mx. Vitorino emprega uma moldura analítica grega para interpretar um fenômeno fonético essencialmente latino. A sua formulação, configura uma descrição em que o vocabulário prosódico helênico é usado para sistematizar um acento que não depende de altura tonal, mas de proeminência articulatória.

Após apresentar as regras gerais de acentuação das palavras latinas, Mx. Vitorino passa a tratar dos nomes de origem grega que foram incorporados ao latim. Esses vocábulos, embora integrados ao uso latino, preservam certas características prosódicas gregas, as quais incluem a possibilidade de receber acento agudo ou circunflexo caso possuam as mesmas letras da língua latina, algo que não é permitido nos nomes latinos. Essa exceção, reflete um princípio apontado também por Donato (1857), segundo o qual fatores como pronúncia, clareza semântica e distinção de homônimos podem justificar o afastamento da regra do acento latino. Como afirma o gramático:

Muitas vezes, a maneira de pontuar ou pronunciar ou então a necessidade de distinguir uma ambiguidade perturbam a lei dos acentos. Sem dúvida proferimos melhor palavras gregas com acentos gregos. Nas latinas, nem o acento agudo pode ser empregado na última sílaba – exceto para efeito de distinção, como no advérbio *pone*, para que ninguém pense que é o verbo no imperativo – nem o circunflexo – exceto na partícula *ergo*. (DONATO, 1857, p. 136)²¹

A observação de Donato (1857) ressalta o comentário de Mx. Vitorino: os helenismos mantêm sua acentuação “grega” porque a tradição latina reconhece que sua prosódia original facilita a pronúncia e evita ambiguidades. Assim, o tratamento desses nomes revela tanto a permeabilidade do latim à cultura grega quanto a flexibilidade das regras acentuais diante de exigências comunicativas.

Mx. Vitorino apresenta, por fim, cinco formas para os acentos da língua latina, sendo o acento agudo representado por uma barra inclinada para a direita: (´). O acento grave mostra-se de forma contrária, inclinado para a esquerda: (˘). O terceiro acento, circunflexo, pode ser comparado à letra V escrita de maneira invertida: (ˆ). Para

²¹ *saepe idem minus a positivo significat, quamvis recipiat conparationem, ut 'mare Ponticum dulcius quam cetera'. saepe idem pro positivo positus minus significat et nulli comparatur, ut iam senior, sed cruda deo uiridisque senectus.* (DONATO, 1857, p. 136)

identificar as sílabas breves, Mx. Vitorino explica que o sinal (˘) é utilizado, chamado de *brachia*, ao passo que as sílabas longas são representadas pelo *macron*: (¯).

Além disso, existe também o hífen, que é representado por um traço na parte inferior da frase, com o intuito de sinalizar quando a pronúncia do final de uma palavra deve se juntar ao início da outra, tornando assim, apenas uma pronúncia, como em “*Turnus ut ante volans*”²².

Do mesmo modo, também podem ser colocados outros dois sinais: a diástole e o apóstrofo. O primeiro é um semicírculo ao lado direito da letra, para que se separem as palavras mal conectadas, designando esta nota: ˘. Como em: “*ereptae virginis ira*”²³ e “*viridique in litore conspicitur sus*”²⁴. Já o apóstrofo é grafado acima da consoante, pois, ele marca a falta de uma vogal, como podemos observar em “*tanton’ me crimine dignum duxist*”²⁵.

Esses sinais mostram como a gramática de Mx. Vitorino não se limita à teoria acentual, mas integra a prosódia à prática da leitura, preservando aspectos da performance oral que eram essenciais à tradição gramatical latina.

3.11 Sobre as Letras

Ao falar sobre o alfabeto em sua *ars grammatica* (arte gramatical), Mx. Vitorino assegura que as letras gregas dispunham de variadas origens: “Cadmio trouxe 16 [letras] fenícias para a Grécia: -A, -β, -γ, -δ, -ε, -x, -λ, -μ, -ν, -ο, -π, -ρ, -σ, -τ e -υ. Do mesmo modo, Palamedes adicionou quatro outras letras, -η, -ψ, -χ, -φ, e, depois dele, o poeta Simônides trouxe as seguintes letras, -ζ, -ξ, -ω, -θ.” (VITORINO, 1874).²⁶

Nota-se que o autor menciona as letras gregas, causando certo estranhamento em um primeiro momento por seu manual técnico tratar da língua latina; no entanto, é de suma importância ressaltar que as explicações sobre as letras trazidas por Mx. Vitorino se insere diretamente na tradição gramatical greco-latina, sobretudo na linha derivada da

²² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IX*, v. 47, Trad.: ‘Turno, aos muros voa’.

²³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis II*, v.413, Trad.: ‘a ira da virgem resgatada’.

²⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis VIII*, v. 83, Trad.: ‘na margem do rio avistam uma alva porca’.

²⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v. 668, Trad.: ‘de que crime me colocou a culpa’.

²⁶ É certo que Cadmio trouxe 16 [letras] fenícias para a Grécia. Quais? -A, -β, -γ, -δ, -ε, -x, -λ, -μ, -ν, -ο, -π, -ρ, -σ, -τ e -υ. Durante a guerra de Troia, Palamedes adicionou quatro outras letras, -η, -ψ, -χ, -φ, e, depois dele, o poeta Simônides trouxe as seguintes letras, -ζ, -ξ, -ω, -θ. (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 194).

Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio, posteriormente adaptada pelos gramáticos romanos.²⁷

A comparação com o manual grego evidencia que Mx. Vitorino concebe as letras segundo os mesmos princípios estruturantes de Dionísio: as vogais como sons autossuficientes e as consoantes como elementos que dependem do apoio vocálico para formar sílaba, como será apresentado posteriormente, ainda neste capítulo. Todavia, o tratamento que Mx. Vitorino oferece ao alfabeto não se limita à origem das letras gregas.

Após expor as letras, ele informa três características delas: o significado da forma do nome, o gênero e a forma. Ao referir-se ao significado da forma do nome, o autor infere que o modo como as letras são chamadas carrega certa autoridade; por exemplo, o som da letra *-a* não se iguala a nenhum outro no alfabeto, tendo, portanto, o domínio dessa sonoridade. Assim, Mx. Vitorino retoma uma concepção antiga segundo a qual o nome da letra possuía valor fonético. Isso aproxima sua perspectiva da reflexão estoica sobre a regularidade entre *phōnē* (som) e *onoma* (nome), preservando a noção de que o nome de cada letra conserva uma identidade acústica própria.²⁸

A segunda característica exposta por Mx. Vitorino é que todas as letras possuem gênero neutro. Ao realizar tal afirmação, o autor adere a uma categorização já atestada em Prisciano (1855) e em Donato (1857), que descrevem o gênero das letras como parte da gramática, e não da fonética. A neutralidade das letras reflete a ideia de que os elementos da escrita não são “nomes” plenos, mas partes linguísticas que não participam das categorias semânticas do discurso.

Por último, o gramático aborda a forma das letras, ou seja, o modo como elas são escritas, que está diretamente ligado à métrica latina, pois, a partir do alongamento ou encurtamento de uma vogal, a métrica de cada verso será realizada. Para Mx. Vitorino, a forma não é apenas o desenho da letra, mas sua função prosódica. A grafia de uma vogal, longa ou breve, determina o ritmo do verso e, por extensão, a estrutura

²⁷ A tradição gramatical latina é amplamente reconhecida como devedora do modelo grego, especialmente da *Tékhne Grammatiké* atribuída a Dionísio Trácio. A estrutura conceitual básica — distinção entre vogais e consoantes, subdivisão das consoantes em semivogais e mudas, e a própria noção de “elementos” (στοιχεῖα) — foi apropriada pelos gramáticos romanos e adaptada às particularidades fonéticas e métricas do latim. Para a influência da tradição grega na formação da gramática latina, ver Rodrigues (2020, p. 24), Robins (1997, cap. 2); Law (1997, pp. 12–22); Taylor (1987, pp. 34–38).

²⁸ Essa concepção de que o nome da letra mantém uma relação natural com o som que designa encontra paralelo direto na teoria estoica da linguagem. Para os estoicos, conforme relata Diógenes Laércio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VII, 55–61), o vínculo entre *phōnē* (som) e *onoma* (nome) não é puramente convencional, mas apresenta uma correspondência racional entre o signo e aquilo que ele expressa. Assim, o nome das letras não é apenas uma designação arbitrária, mas uma forma que preserva e manifesta a identidade fonética do elemento que representa. Esse princípio, incorporado pelos gramáticos latinos, ajuda a explicar a ênfase de Mx. Vitorino na “autoridade” sonora associada ao nome de cada letra.

métrica da poesia latina. Portanto, sua abordagem das letras antecipa a discussão prosódica da seção anterior: a letra não é apenas uma unidade gráfica, mas um componente que organiza ritmo, quantidade e composição.

Ao terminar sua explicação sobre as letras, Mx. Vitorino categoriza-as em dois tipos: as vogais (-a, -e, -i, -o, -u) e as consoantes. O autor explica que as vogais produzem-se sozinhas, sua pronúncia não necessita do apoio de nenhuma outra letra para construir uma sílaba, ao contrário das consoantes, que precisam do suporte de outras letras.

Porém, existem duas vogais que o autor concebe como consoantes: -i e -u. Elas ocorrem quando aparecem geminadas ou entre outras vogais, assim como em *periurus* (perjúrio) ou *volvitur* (virar-se). A primeira sílaba não poderá alongar-se nessa posição, a não ser que a próxima vogal seja aceita como uma consoante. Ao tratar de -i e -u como vogais que podem funcionar como consoantes, Mx. Vitorino demonstra clara consciência das ambivalências fonéticas do latim, recuperadas também por Donato (1857) e mais tarde sistematizadas por Prisciano (1855).

Essa dupla natureza reflete fenômenos fonéticos efetivos na língua, como o valor consonantal intervocálico -j e -w, além de sua função métrica na determinação da quantidade silábica. A explicação de que a sílaba não pode se alongar quando -i ou -u atuam como consoantes mostra a prioridade do critério prosódico na análise de Mx. Vitorino: ele percebe o sistema fonológico latino dependendo da sua incidência sobre o verso e sobre a quantificação métrica.

As consoantes são divididas em duas classes: semivogais e mudas. As semivogais referem-se àquelas letras que têm características e particularidades como as das vogais, porém não podem produzir uma sílaba sozinhas, pois precisam do suporte de outras letras. São elas: -f, -l, -m, -n, -r, -s e -x. Dentre elas, a letra -x tem pronúncia dupla, pois, antes de ser utilizada, as palavras eram grafadas com -g e -s ou -c e -s, como em *rex* (rei) e *regis* (do rei), *pix* (piche) *picis* (do piche).

As consoantes mudas são aquelas que não podem produzir sílabas sozinhas; essas letras sempre irão precisar de outras para a construção de uma sílaba. São elas: -b, -c, -d, -g, -h, -k, -p, -q e -t. As consoantes mudas provêm do termo grego ἄφωνα (mudas), que designava sons que só adquirem valor fonético pleno quando associados a uma vogal, como observado por Allen (1978).

Por fim, Mx. Vitorino aponta que as consoantes -k e -q são chamadas de supérfluas, podendo ser substituídas pela letra -c, porque as três têm a mesma pronúncia.

Quais são as consoantes supérfluas? *K* e *q*. Por que são chamadas de supérfluas? Por que a letra *c* pode substituí-las. Na verdade, o sistema de verificação ortográfica é indispensável [para identificá-las]. Como podemos ver a seguir, através do *k* se escrevem palavras como *kanna* [cana], *kalendae* [calendas], *kaput* [cabeça], e com *q* e *u*, temos *quoniam* [desde que], *Quirites* [Quirites]; e com o *c* temos *certus* [certo], *civis* [cidadão], *commodus* [confortável]. (VITORINO, 1874, p. 195-196)²⁹

A discussão sobre o caráter supérfluo de *-k* e *-q* somente existe no amplo fonético da língua. Pois, como o próprio autor afirma, a diferença ortográfica dessas palavras é imprescindível para diferenciar vocabulários como *kanna* [cana], *kalendae* [calendas], *kaput* [cabeça], *quoniam* [desde que], *Quirites* [Quirites], *certus* [certo], *civis* [cidadão] e *commodus* [confortável].

A mesma lógica aparece no tratamento da letra *-h*, conforme expõe Mx. Vitorino, somente é possível notar a aspiração dessa letra, pois ela não tem som próprio, mesmo dispondo de sinal gráfico. Faria (1958) elucida que “o *h* inicial deve ser ligeiramente aspirado”. Prisciano (1895) se refere ao *-h* como simples sinal de aspiração. Isso reforça essa dimensão: sua presença gráfica não implica valor fonético pleno.

Então, Mx. Vitorino apresenta as letras estrangeiras à língua latina: *-y* e *-z*. Ambas são originalmente gregas e são usadas principalmente para transcrever nomes; os que vêm do grego são tratados como palavras latinas. Se, porventura, não fossem incorporadas ao alfabeto latino, palavras como *Hylas*³⁰ (Hilas) e *Zephyrus*³¹ (Zéfiro) seriam escritas *Hulas* e *Sdepherus*. A letra *-y* sempre é grafada acompanhada de vogais, enquanto *-z* pode ser usada tanto como uma consoante muda quanto como uma consoante dupla. A última é aquela executada no lugar de duas consoantes; por exemplo, ao substituir o duplo *-z* por *-s* e *-d*, em uma palavra como *Mezentius* (Mezêncio), tem-se *Mesdentium*. Faria (1958) explica:

O *Y* e o *Z* não eram propriamente letras latinas, tanto assim que não figuravam no antigo alfabeto, razão por que Cícero, ao se referir ao alfabeto latino, faz menção a vinte e uma letras: *unius et uiginti formae litterarum* (Cíc. Nat. 2, 37,93). Pela influência, porém, sempre crescente do helenismo em Roma,

²⁹ *Quae ex his supervacuae videntur? K et q. Quare supervacuae? Quia c littera harum locum possit explere. Verum has quoque necessarias orthographiae ratio efficit. Nam quotiens a sequitur, per k scribendum est, ut kanna, kalendae, kaput; quotiens u, per q, ut quoniam Quirites; quotiens reliquae vocales, per c, ut certus, civis, com modus.* (VITORINO, 1874, p. 195-196)

³⁰ Filho do rei Teódamas. Jovem de tamanha beleza que foi raptado por Héracles. Acompanhou-o na expedição dos Argonautas. Durante a expedição, foi atraído por Náíades. Héracles parte em busca do jovem rapaz. (Cf. VALERIUS FLACCUS *Argonautica I e III*, v. 110-219 e v.183-184-486-537-548-599)

³¹ Filho de Eos (personificação da Aurora), é o vento do oeste, chamado de estrela vespertina. (Cf. OVÍDIO *Metamorphoses I*, v. 64)

passaram essas duas letras a se incorporarem ao alfabeto latino, sendo, pois, usadas unicamente em palavras gregas transcritas em latim. (FARIA, 1958, p. 15)

A incorporação das letras -y e -z ao alfabeto latino apresenta a maneira como o latim assimilou elementos gráficos estrangeiros para preservar a identidade fonética de nomes gregos.

A observação de Faria (1958) mostra que essas letras não pertenciam ao sistema latino primitivo, que contava apenas vinte e uma letras, como atesta Cícero ao enumerá-las. A adoção posterior de -y e -z resulta diretamente da crescente influência cultural e literária do helenismo sobre Roma. Sua função manteve-se restrita: não introduzem novos valores fonéticos latinos, mas permitem representar com maior precisão sons gregos, evitando deformações fonéticas que ocorreriam caso fossem substituídas por combinações latinas.

Enfim, Mx. Vitorino diz que existem treze letras encontradas no final dos nomes latinos: cinco vogais, seis semivogais e duas mudas, em razão de não existir nenhuma palavra na língua latina terminada com a letra -f. Portanto, as letras são as seguintes: -A, -e, -i, -o, -u, -l, -m, -n, -r, -s, -x, -c, e -l, como, por exemplo, *tabula* (tabuinha), *monile* (colar), *frugi* (útil), *ratio* (razão), *genu* (joelho), *mel* (mel), *scamnum* (banco), *flumen* (rio), *arbor* (árvore), *flos* (flor), *nox* (noite), *allec* (molho de peixe) e *caput* (cabeça).

Ao afirmar que não há vocábulos latinos terminados em -f, Mx. Vitorino ressalta a tendência da língua a restringir o final das palavras a segmentos foneticamente estáveis ou facilmente integráveis em flexão e derivação. Quando Mx. Vitorino delimita quais letras podem ocupar esse lugar; o autor reforça a concepção de que a estrutura fonológica da palavra latina é estável, previsível e funcionalmente ordenada.

3.12 Sobre as Sílabas

Mx. Vitorino inicia esta seção explicando os modos como as sílabas são organizadas; portanto, para melhor compreensão, é utilizada a *ars grammatica* (arte gramatical) de Donato (1857) para a compreensão do que são as sílabas na visão da gramática latina clássica.

Segundo Donato (1857), a sílaba é considerada um agrupamento de letras ou pronúncia de uma vogal, que contém tempos. As sílabas latinas classificam-se em breves e longas. Como já se mencionou aqui, no capítulo *Sobre os Acentos*, as sílabas breves

têm vogais encurtadas, marcadas pelo sinal (˘), chamado *brachia*. Tais sílabas contêm somente um tempo, ao passo que as sílabas longas, compreendem vogais alongadas de duplo tempo, que são representadas pelo *macron*: (¯).

As sílabas longas, conforme esclarece Mx. Vitorino, se constituem de dois modos: pela natureza ou pela posição. Aquelas prolongadas em virtude da natureza ocorrem de duas maneiras: a primeira, quando são propriamente longas, como *-a* ou *-o*, enquanto a segunda acontece quando duas vogais se unem para formar um ditongo, como *-ae*, *-oe*, *-au*, *-eu* e *-ei*, podendo ser encontrada no início ou no final da sílaba, ou intercalada entre duas consoantes, como *em* (arco), *ne* (não) ou *non* (não), respectivamente.

As sílabas formadas pela sua posição possuem algumas divergências em manuais técnicos latinos, tanto clássicos, como modernos, como exposto a seguir. No texto *Initiation à la Métrique et la Prosodie Latines*, Lavarrene (1882) expõe que a língua latina, igualmente a outras línguas antigas, apresenta o fenômeno de acumulação de consoantes após as vogais; esse processo causava certa dificuldade de pronúncia, por esse motivo algumas vogais alongavam-se dependendo de sua posição.

No latim, como nas outras línguas antigas, a acumulação (as consoantes depois de uma vogal) criava uma dificuldade de pronúncia; daí resulta a regra do alongamento por posição; §.1. Toda sílaba é longa quando a vogal, por mais breve que seja em sua natureza, é seguida na mesma palavra por duas consoantes ou por uma consoante dupla, *x* ou *z*. [...] A sílaba final torna-se também longa por posição, quando as duas consoantes que seguem a vogal são colocadas, uma no final de uma palavra, a outra no início da palavra seguinte. (LAVARRENE, 1882, p. 10)³²

O autor francês, ao abordar os prolongamentos das sílabas em virtude de sua posição, aponta que existem somente duas situações em que isso ocorre, como pode ser observado na citação acima. Todavia, Donato (1857) apresenta quatro prolongamentos por posição:

Longas ou são longas por natureza ou tornam-se longas por posição:

— por natureza:

- ou quando a vogal é longa, como *a*, *o*;

³² *En latin, comme dans les autres langues anciennes, l'accumulation (des consonnes après une voyelle) créait une difficulté de prononciation ; de là résulte la règle de rallongement par position; §.3 Toute syllabe est longue, quand la voyelle, même brève de sa nature, est suivie dans le même mot de deux consonnes ou d'une consonne double, x ou z). Comme est- (es), dnx (dûcis), § 4. Une syllabe finale devient aussi longue par position, quand les deux consonnes qui suivent la voyelle sont placées, l'une à la fin d'un mot, l'autre au commencement du mot suivant. (LAVARRENE, 1882, p. 10)*

- ou quando duas vogais se juntam e fazem ditongo, como *ae oe au eu ei*.
- por posição:
 - ou quando uma vogal breve termina em duas consoantes, como *arma, arcus*;
 - ou em uma consoante dupla, como *axis*;
 - ou em uma consoante e uma vogal empregada como consoante, como “*at Iuno*”, “*at Venus*”;
 - ou na letra *i* sozinha, empregada como consoante, que não poucos duplicam, como “*aio te, Aeacida, Romanos uincere posse*”. (DONATO, 1857, p.132).³³

Já em sua *ars grammatica* (arte gramatical), Mx. Vitorino separa os alongamentos das vogais em dez categorias, com base na sua posição. O primeiro verifica-se quando uma sílaba termina em uma vogal breve seguida de duas consoantes, por exemplo, na palavra *ars* (arte). O segundo pode ser observado em duas sílabas, em que a primeira termina em consoante e a próxima também começa em consoante, como em *arma* (arma). O terceiro modo traz duas consoantes seguidas em uma mesma sílaba, exemplificando, *agri* (campo).

Em quarto lugar, tem-se uma sílaba finalizada com a letra -x, como em *nox* (noite). O quinto meio de se prolongar uma vogal pela sua posição também se efetua com a letra -x, quando ela implica dois tempos, como no vocábulo *axis* (eixo). A pronúncia desse termo seria considerada *ac-sis*. Posteriormente, a sexta maneira apresentada por Mx. Vitorino traz a letra -z, que tem tempo duplo para os gregos, pois equivale a -dz ou -zd, assim como no nome *Mezentius* (Mezêncio).

O sétimo modo contém uma sílaba terminada em consoante, enquanto a próxima sílaba se inicia pelas vogais -i e -u, como *arva* (campos) e *aditivo* (adicionado). A oitava maneira de prolongamento das vogais realiza-se ao colocar uma vogal breve no lugar de uma consoante, e que é percebida como consoante, como “*maior agit deus*”³⁴ e “*Troiaque nunc stares*”³⁵ [a métrica exige que a letra *i* seja escrita geminada].

O nono acontece quando uma palavra com vogal abreviada termina em consoante, como “*at pater Aeneas*”³⁶. Por fim, quando a própria vogal abreviada

³³ *longae aut natura sunt aut positione fiunt: natura, cum aut vocalis producitur, ut a o, aut duae vocales iunguntur et diphthongon faciunt, ut ae oe au eu ei; positione, cum correpta vocalis in duas desinit consonantes, ut arma [arcus], aut in unam duplicem, ut axis, aut in alteram consonantem et alteram voralem loco consonantis positam, ut at Iuno, at Venus, aut in i litteram solam loco consonantis positam [quam non nulli geminant], ut aio te, Aeacida, Romanos vincere posse. (DONATO, 1857, p.132)*

³⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XII*, v. 429; Trad.: ‘o deus maior age’,

³⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis II*, v. 56; Trad.: ‘— e estarias de pé agora, Troia.’,

³⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis V*, v. 545, 700; Trad.: ‘mas o pai Enéias’.

preenche parte do discurso a fim de que a pronúncia da palavra seja feita de maneira mais confortável para o falante, como *amor* (amor), que tem duas vogais breves, que podem ser alongadas caso necessário, de acordo com o discurso.

Desse modo, nota-se que Mx. Vitorino, ao contrário de Lavarrene (1882) e mesmo de Donato (1857), apresenta o alongamento das vogais de maneira mais detalhada, oferecendo, assim, uma *ars grammatica* (arte gramatical) completa e minuciosamente expressa. Seu método detalhado mostra a preocupação em fornecer uma ferramenta completa para o leitor latino, destacando seu caráter didático.

3.13 Sobre os Verbos

Mx. Vitorino inicia essa seção de sua *ars grammatica* (arte gramatical) abordando a categoria dos verbos. O gramático latino estabelece dois grupos para tal classe de palavras: os verbos finitos e os infinitos. Os primeiros são aqueles que têm número, tempo e pessoa definidos, por exemplo: *lego* (leio), *scribo* (escrevo), que tomam essa forma quando conjugados na primeira pessoa do singular, no tempo presente e modo indicativo. Enquanto isso, os verbos infinitos não apresentam esses elementos fixos, por exemplo, *legere* (ler), *scribere* (escrever), pois têm número, tempo e pessoa incertos.

O verbo pode ser classificado segundo vários critérios, por exemplo, em *espécie*, número, *figura*, pessoa, conjugação, modos, tempo e *forma*, e Mx. Vitorino trata de cada uma dessas unidades, ilustrando suas funções.

Inicialmente, Mx. Vitorino apresenta cinco *espécies* para os verbos: ativo, passivo, neutro, comum e depoente. Os verbos ativos terminam com a letra *-o*, sendo acrescentada a letra *-r* na voz passiva, como *lego* (leio), que se transforma em *legor* (sou lido). Portanto, os verbos passivos são sempre reversíveis a seus correspondentes ativos; são finalizados em *-r*, e retornam a sua forma original na voz ativa, como *legor* (sou lido), que volta a *lego* (leio).

Assim como os ativos, os verbos neutros encerram a palavra com a letra *-o*; no entanto, o que os difere dos ativos é que não aceitam a letra *-r*, como *curro* (corro), *vigilo* (vigio), *dormio* (durmo). Os verbos neutros equivalem, como se vê, aos intransitivos e dividem-se em duas categorias: ação [*sedeo* (sento); *curro* (corro)] e estado [*algeo* (sentir frio); *vapulo* (ser castigado)].

Os verbos comuns, da mesma maneira que os verbos passivos, terminam em *-r*, podendo ser verbos de ação ou de estado, assim como *crimino* (acusar) e *consolor*

(consolar), respectivamente. Por fim, as últimas espécies de verbos são os depoentes, verbos que se concluem em *-r*, assim como na passiva, contudo, seu sentido em uma oração é o mesmo que um verbo ativo, por exemplo, *luctor* (lutar), *loquor* (falar). “Portanto, os depoentes são chamados de antífrases, não estabelecidos pela letra *-r*. Assim, há dois significados para isso: ação, como *loquor* (falar), ou estado, como *morior* (morrer)” (VITORINO, 1874).

A descrição de Mx. Vitorino evidencia que o verbo, para ele, é uma categoria definida tanto pela forma quanto pelo valor semântico. Ao distinguir verbos finitos e infinitos, ele mostra que a presença ou ausência de número, pessoa e tempo determina o grau de definição do enunciado. Sua classificação em ativo, passivo, neutro, comum e depoente revela como cada espécie expressa diferentes modos de agir ou de estar, marcados morfologicamente pelas terminações *-o* e *-r*. O sentido verbal está intrinsecamente ligado à forma: enquanto os ativos e passivos se contrapõem pela voz, os neutros expressam ações ou estados que não admitem passivação, os comuns combinam ação e estado sob a forma passiva, e os depoentes unem forma passiva a significado ativo. Desse modo, o verbo aparece estruturado como um núcleo de ação ou estado, cuja natureza se manifesta tanto no significado quanto nas marcas formais que o compõem.

A próxima categoria a ser exibida pelo gramático latino é a de número, que são separados em singular, como *lego* (leio), e plural, como *legimus* (lemos). As formas, por sua vez, podem ser simples ou compostas, como *lego* (leio) e *relego* (releio), respectivamente. As pessoas dos verbos são três: primeira [*lego* (leio)], segunda [*legis* (lês)] e terceira [*legit* (leem)].

Em seguida, Mx. Vitorino discorre sobre as três conjugações verbais. Na primeira conjugação, um verbo que esteja no presente do indicativo transforma-se dependendo da pessoa; estando na primeira, conjuga-se *amo* (amo), porém, na segunda pessoa do singular, altera-se para *amas* (amas) etc. Sendo assim, na primeira conjugação, o verbo sempre substitui a letra *-o* pela letra *-a*, que deve ser sempre seguida de *-s* na segunda pessoa.

Enquanto isso, na segunda conjugação, estando o verbo no presente do indicativo, coloca-se a letra *-e* antes da letra *-s* na segunda pessoa singular; portanto, o termo se modifica de *moneo* (advirto, aconselho), na primeira pessoa, para *mones* (advertis, aconselhas) na segunda. Já um verbo da terceira conjugação traz a letra *-i* antes da letra *-s*, como *lego* (leio), que se torna *legis* (lês), na segunda pessoa do singular.

Como mencionado por Prado (2007), assim como os casos, os verbos também carregam vogal temática: aqueles de primeira conjugação têm vogal temática *-a*; ao mesmo tempo, os de segunda, levam a vogal temática *-e*; e os de terceira, abrangem a vogal temática *-i*, ou consonantal, incluindo, as palavras que têm tema misto, ou seja, termos que podem ser terminados em vogal *-i* ou em consoantes. Segue abaixo tabela das conjugações verbais de acordo com pessoa e tema, para melhor compreensão:

Tabela 2 – Quadro de conjugações verbais do presente do indicativo

Pessoa/Tema	-a-	-e-	-i-	consonantal	misto (-i/-cons-)
1ª p. singular	ama- o-o	mone- o-o	audi- o-o	leg- o-o	faci- o-o
2ª p. singular	ama- o-s	mone- o-s	audi- o-s	leg- o-i-s	faci- o-s
3ª p. singular	ama- o-t	mone- o-t	audi- o-t	leg- o-i-t	faci- o-t
1ª p. plural	ama- o-mus	mone- o-mus	audi- o-mus	leg- o-i-mus	faci- o-mus
2ª p. plural	ama- o-tis	mone- o-tis	audi- o-tis	leg- o-itis	faci- o-tis
3ª p. plural	ama- o-nt	mone- o-nt	audi- o-u-nt	leg- o-u-nt	faci- o-u-nt

Fonte: PRADO, 2007.

A tabela retoma de forma visual a organização que Mx. Vitorino estabelece para as conjugações verbais, mostrando como cada tema verbal determina a transformação da forma no presente do indicativo. Em todas as colunas, percebe-se a mudança sistemática da vogal temática conforme a pessoa, descrita por ele. Assim, na primeira conjugação, a forma *amo* passa a *amas*, preservando a vogal *-a*; na segunda, *moneo* torna-se *mones*, evidenciando a presença obrigatória da vogal *-e*; e na terceira, *lego* converte-se em *legis*, com a inserção da vogal *-i*, como ensina Mx. Vitorino.

A comparação entre as linhas deixa claro que a estrutura pessoal (*-o*, *-s*, *-t*, *-mus*, *-tis*, *-nt*) é comum a todos os verbos, mas a combinação com o tema produz resultados distintos em cada conjugação. Também se torna visível a diferença entre os verbos de tema consonantal e os de tema misto, cuja variação vocálica acompanha exatamente os exemplos citados por Mx. Vitorino ao explicar a terceira conjugação. Desse modo, a tabela sintetiza o funcionamento interno das formas finitas: a união entre tema e desinência, que gera a flexão adequada a cada pessoa e número conforme o modelo que o próprio Mx. Vitorino descreve.

Após as conjugações verbais, Mx. Vitorino categoriza os modos verbais em dez tipos: indicativo, imperativo, optativo, conjuntivo, infinitivo, impessoal, promissivo, concessivo, de execução, de exortação e interrogativo.

No entanto, ao analisar as *artes grammicae* (artes gramaticais) de autores como Donato (1857), Pompeu (1857) e Cledônio (1874), nota-se que os autores mencionam menos modos verbais que Mx. Vitorino. Como explica Pompeu³⁷ (1857), existem alguns modos que são mais comentados nas artes do que outros:

Existem oito modos: indicativo, imperativo, promissivo, optativo, conjuntivo, infinitivo, impessoal. Eles são oito; mas há cinco que podem ser encontrados em todas as artes: imperativo, indicativo, conjuntivo, optativo e infinitivo. Os outros três: promissivo, impessoal e de execução, são [algumas vezes] excluídos.³⁸ (POMPEU, 1857, p. 214)

A observação de Pompeu (1857) mostra que, embora alguns gramáticos ampliem o número de modos, apenas um conjunto restrito aparece de maneira estável ao longo da tradição das *artes grammicae* (artes gramaticais), sendo esses indicativo, imperativo, conjuntivo (subjuntivo), optativo e infinitivo. Os demais, como o impessoal, o promissivo e o “de execução”, são mencionados apenas por alguns autores, o que explica a oscilação entre explicações mais longas, como a de Mx. Vitorino, e mais concisas, como as de Donato (1857) e Sérgio (1857). Assim, a enumeração extensa apresentada por Mx. Vitorino deve ser entendida como parte de um esforço classificatório mais minucioso, não como um consenso entre os gramáticos.

Para melhor compreensão dos modos citados pelo autor, segue uma breve descrição das categorias modais. Ravizza (1967) organiza o sistema verbal latino em quatro modos fundamentais, cujas funções abrangem grande parte das categorias nomeadas por Mx. Vitorino.

O indicativo é descrito por Ravizza (1967) como o modo da realidade e da afirmação objetiva: emprega-se para declarar fatos concretos, ações efetivas e situações observáveis. Já o subjuntivo (ou conjuntivo) reúne, sob uma única flexão, diversas nuances modais manifestas conforme o contexto sintático, são essas: possibilidade, desejo, dúvida, exortação e concessão. Dessa forma, categorias como o optativo, o

³⁷ Gramático latino, cuja obra *Pompeii Commentum Artis Donati* é encontrada no *Grammatici Latini*, volume V de Heinrich Keil.

³⁸ *Modi octo isti sunt, indicativus imperativus promissivus optativus coniunctivus infinitivus impersonalis gerundi. ipsi sunt octo; sed quinque sunt qui per omnes artes possunt inveniri, indicativus imperativus. optativus coniunctivus et infinitivus. Illi tres, promissivus impersonalis et gerundi, habent calumniam.* (POMPEU, 1857, p. 214)

concessivo, o conjuntivo, o de execução e o de exortação mencionados por Mx. Vitorino correspondem, no sistema de Ravizza (1967), a valores semânticos internos ao próprio subjuntivo.

O imperativo, por sua vez, é o modo do comando, do pedido e da ordem direta, caracterizando-se por expressar uma ação que deve ser realizada. Por fim, o infinitivo é definido como a forma nominal do verbo, uma expressão da ação de maneira indeterminada quanto à pessoa e ao número, e funciona, segundo Ravizza (1967), como núcleo de complementos verbais, construções impessoais e perífrases.

Essa organização permite esclarecer a maior parte dos modos listados por Mx. Vitorino. O chamado modo impessoal corresponde às construções em que o verbo se apresenta sem sujeito lexical e expressa fenômenos, estados ou ações que não se atribuem a um agente específico: casos típicos como *pluit* (“chove”), *licet* (“é permitido”), *oportet* (“é necessário”) e *taedet* (“cansa”). Embora Ravizza (1967) não delimite esse uso como um modo formal, suas observações sobre o infinitivo e sobre os verbos unipessoais permitem compreender essa categoria como uma extensão funcional do sistema verbal latino.

Nesse momento, vale ressaltar que o modo permissivo gera certa discussão entre os gramáticos latinos. Conforme esclarece Kaster (1997), existem alguns, como Pompeu (1857) (do mesmo modo que Mx. Vitorino), que acredita que essa unidade deva ser considerada um modo verbal, assim como mencionado acima. Por sua vez, Donato (1857) menciona o permissivo em seu texto, porém rejeita-o como modo. Ao mesmo tempo, Sérgio (1857) apresenta os argumentos de ambos os lados, sem demonstrar opinião:

Outras vezes, Pompeu parece fornecer diferenças de julgamento ou extensões de uma lição que pode ser toda sua. Algumas delas são pouco mais do que derivações para detalhes miúdos. Em outros lugares, no entanto, questões mais substantivas estão envolvidas. Em 214,33 Pompeu passa a aceitar o *promissivus modus* (modo permissivo) como uma parte autêntica do sistema verbal, embora Donato o tenha rejeitado imediatamente (632.10H.) e Sérgio aparentemente tenha deixado a questão em aberto, apenas observando os argumentos de ambos os lados. (KASTER, R.A., 1997, p. 150)³⁹

³⁹ *At other times Pompeius seems to furnish differences in judgment or extensions of a lesson that may be all his own. Some of these are little more than departures in minor details. In other places, however, more substantive issues are involved. At 214.33ff. Pompeius comes to accept the promissivus modus as an authentic part of the verbal system, although Donatus had rejected it out of hand and Servius had apparently left the question open, merely noting the arguments on both sides. (KASTER, R.A., 1997, p. 150)*

Isto posto, reafirma-se que o estatuto do chamado *modus promissivus* (modo permissivo/promissivo) não era consensual entre os gramáticos latinos. Como observa Kaster (1997), o debate revela não apenas divergências terminológicas, mas diferentes concepções sobre o alcance da classificação verbal, razão pela qual o modo permissivo aparece apenas em alguns manuais técnicos, permanecendo à margem da tradição mais estável.

O próximo elemento dos verbos a ser abordado por Mx. Vitorino são os tempos verbais, que se dividem em três: presente, como *lego* (leio), pretérito, como *legi* (li) e futuro, como *legam* (lerei). O tempo pretérito subdivide-se em outros três - imperfeito, perfeito, mais que perfeito -, como *legebam* (lia), *legi* (li) e *legeram* (tinha lido), respectivamente. Em virtude da subdivisão encontrada no tempo pretérito, Donato (1857) considera existir cinco tempos verbais:

Tempos, os verbos têm três: presente, pretérito e futuro; presente como *lego*, pretérito como *legi*, futuro como *legam*. Mas há três variedades de tempo pretérito: imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; imperfeito como *legebam*, perfeito como *legi*, mais-que-perfeito como *legeram*. Portanto, contaremos cinco tempos nos modos dos verbos: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro (DONATO, 1857, p. 152).⁴⁰

Donato (1857) confirma a mesma estrutura temporal apresentada por Mx. Vitorino de que, embora os verbos se distribuam em três tempos fundamentais (presente, pretérito e futuro), o pretérito comporta três desdobramentos distintos, resultando em cinco formas relevantes para a flexão verbal. A subdivisão entre imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito reflete diferenças aspectuais percebidas pelos gramáticos latinos, já que cada uma dessas formas expressa um modo próprio de situar a ação no passado.

Ao destacar essa divisão interna do pretérito, Donato (1857) organiza o sistema de modo mais preciso e aproxima a classificação dos usos efetivos da língua, permitindo que o leitor reconheça não apenas o momento temporal da ação, mas também seu valor durativo, concluído ou anterior a outro evento. Assim, tanto Mx. Vitorino quanto Donato (1857) explicam que a estrutura temporal dos verbos é construída a partir de critérios formais e funcionais que orientam a interpretação correta dos textos latinos.

⁴⁰ *Tempora vcrbis accidunt tria , praesens praeteritum et futiirum: praesens, ut lego, praeteritum , ut legi, futurum, ut legam. sed praeterili temporis differentiae sunt tres, imperfecta perfecta plusquamperfecta: imperfecta, ut legebam, perfecta, ut legi, plusquamperfecta, ut legeram. ergo in modis verborum quinque tempora numerabimus, praesens, prae15 teritum imperfectum, praeteritum perfectum, praeteritum plusquamperfectum, futurum. (DONATO, 1857, p.152)*

Finalmente, Mx. Vitorino aborda as *formas* do verbo: mediativa [*amaturio* (desejo amar)], incoativa [*fervesco* (começar a ferver), *calesco* (aquecer-se), *algesco* (resfriar-se)], perfeita [*ferveo* (ferver), *caleo* (estar quente), *algeo* (estar com frio)] e frequentativa, como *alsito* formado a partir de *algeo* (estar com frio) e *cursito* a partir de *curro* (corro). Sérgio (1857) explica que as formas têm significados sobre o que é falado. Conforme a ordem dos fatos ocorridos, são também as formas dos verbos. A forma mediativa é usada enquanto ainda se está pensando em realizar a ação; a incoativa ocorre ao mesmo tempo em que ocorrem os fatos; a perfeita diz respeito ao momento em que a ação já está completa; por fim, a forma frequentativa se refere a ações feitas com frequência.

Também ocorrem formas que têm um sentido, e não uma declinação, como os modos. Pois os humores têm uma declinação e, portanto, são como casos de palavras; mas nas formas há significados: elas mostram de que maneira falamos. A natureza das coisas molda as ações humanas desta forma: antes de um homem fazer qualquer coisa, ele primeiro pensa e medita como *facial*, e é chamado de forma meditativa, como *est esurio* (está com fome), *id est edere volo* (eu quero comer), *parturio* (estou em parto), *parere volo* (quero dar à luz), *lecturio* (leio), *legere volo* (quero ler). Vês que todas essas coisas são meditativas. Depois, quando ele tiver meditado, começa, e se diz na forma incoativa, como *tepesco* (me aqueço), *calesco* (me inspiro), *id est tepere incipio* (começo a me esquentar), *calere incipio* (começo a me inspirar). Quando ele começou e já o completou, é chamado de forma perfeita, que eles também chamam de absoluto, como *caleo* (calor), *tepeo* (quente). Se ele faz a mesma coisa com mais frequência, é chamado de forma frequentativa, como *ventito* (vou), *pransito* (almoço) e *clamito* (choro). De acordo com a natureza, portanto, a ordem das formas é a mesma que a dos atos. (SÉRGIO, 1857, p. 505)⁴¹

A explicação de Sérgio evidencia que as formas verbais descritas por Mx. Vitorino não expressa variações de tempo ou de modo, mas diferentes maneiras de representar o desenvolvimento interno da ação. Cada forma corresponde a um estágio do processo verbal. A mediativa marca o momento anterior à ação, quando ela ainda está em intenção ou planejamento. A incoativa representa o início efetivo do ato. A perfeita indica que a ação já se encontra plenamente realizada. E a frequentativa acrescenta a noção de repetição habitual.

⁴¹ *Accidunt etiam formae, quae sensuni habent, non declinationem, ut modi. nam modi declinationem habent et ideo quasi casus verborum sunt; in formis autem significationes sunt: nam ostendunt, quo modo loquamur. natura rerum sic formavit actus humanos: antequam faciat homo aliquid, primo cogitat et meditatur ut facial, et dicitur forma meditativa, ut est esurio, id est edere volo, parturio, parere volo, lecturio, legere volo. vides ista omnia meditantis esse. deinde cum meditatus fuerit, inchoat, et dicitur forma inchoativa, ut tepesco calesco, id est tepere incipio, calere incipio. cum inchoaverit, iam perficit, et dicitur forma perfecta, quam etiam absolutam vocant, ut caleo tepeo. si idem saepius faciat, frequentativa forma dicitur, ut ventito pransito clamito. secundum naturam ergo idem est formis ordo, qui in actibus. (SERGIO, 1857, p. 505)*

A organização dessas quatro formas segue, portanto, a própria sequência natural dos acontecimentos humanos - pensar, começar, realizar e repetir - o que explica por que Sérgio (1857) afirma que “a ordem das formas é a mesma que a dos atos”. Mx. Vitorino, ao adotar essa classificação, integra à sua *ars* (arte) uma dimensão semântico-aspectual que complementa a descrição dos modos e dos tempos. Isso mostra que o verbo latino permite expressar não apenas quando a ação ocorre, mas também em que estágio de realização ela se encontra.

Ademais, existe uma quinta forma, chamada imperfeita, que se flexiona de acordo com gênero, número ou tempo: “Geralmente, eles [os verbos] vão além do significado da forma ativa no presente e passam para a forma passiva no passado, como *audeo* (ousar), *ausus* (ousar), *gaudeo* (regozijo), *gavisus* (regozijar), *soleo* (estou acostumado), *solitur* (estar acostumado), e outros”. (VITORINO, 1874). A forma imperfeita somente pode se conjugar de acordo com a pessoa, caso traga um pronome juntamente ao verbo, do contrário, não se flexiona. Como, por exemplo, *taedet me te illum nos vos illos* (aborrece a mim, a ti, a ele, a nós, a vós, a eles) e assim sucessivamente.

A semelhança desses verbos encontra-se, segundo Mx. Vitorino, no fato de descenderem das formas perfeitas. Por exemplo, a forma perfeita do verbo *video* (vejo) conjuga-se *videtur* (vê-se), logo, no impessoal, os verbos irão unir-se a pronomes, podendo ser conjugados somente nos modos a seguir: *videtur a me a te ab illo, itur a nobis a vobis ab illis* (é visto por mim, por ti, por ele; vai-se desde nós, desde vós, desde eles, respectivamente). Donato (1857) expõe que a ocorrência de conjugações depende da declinação dos casos:

Já os verbos impessoais que terminam em -tur dependem do caso ablativo, como *geritur a me a te ab illo*. Os que terminam em -it dependem do caso dativo, como *contingit mihi tibi illi*. Já os que terminam em -et dependem ora do dativo, ora do acusativo: do dativo, como *libet mihi tibi illi*; do acusativo, como *deceat me te illum*. Além disso, há verbos que observam a fórmula do caso genitivo, como *misereor, reminiscor*; outros a do dativo, como *maledico, suadeo*; outros a do acusativo, como *accuso, inuoco*; outros a do ablativo, como *abscedo, auertor*; outros a do sétimo caso, como *fruo, potior*. (DONATO. 1857, p. 153)⁴²

⁴² *etiam verba impersonalia, quae in tur exeunt, casui serviunt ablativo, ut geritur a me a te ab illo: quae in it exeunt, casui serviunt dativo, ut contingit mihi tibi illi: quae vero in et exeunt, ea modo dativo modo accusativo casui serviunt; dativo, ut libet mihi tibi illi, accusativo, ut deceat me te illum. sunt verba praeterea, quorum alia genitivi casus formulam servant, ut misereor reminiscor; alia dativi, ut maledico suadeo, alia accusativi, ut accuso invoco, alia ablativi, ut abscedo auertor; alia septimi casus, ut fruo potior. (DONATO. 1857, p. 153)*

A apresentação de Mx. Vitorino mostra que aquilo que ele chama de forma imperfeita corresponde a uma classe particular de verbos que, por sua natureza semântica, não expressam uma ação plenamente atribuída a um sujeito, mas um estado ou afeto que “recai” sobre alguém. Por isso, essas formas só admitem flexão quando acompanhadas de pronomes que indicam a pessoa afetada. O autor interpreta esses verbos como descendentes das formas perfeitas, razão pela qual muitos deles apresentam traços formais da voz passiva, como o sufixo *-tur*.

Donato (1857) complementa essa explicação ao mostrar que o comportamento sintático desses verbos varia conforme o caso exigido para marcar a pessoa envolvida: alguns regem ablativo, outros dativo, outros acusativo e há ainda aqueles que exigem genitivo ou o chamado “sétimo caso”. Assim, tanto em Mx. Vitorino, quanto a Donato (1857), esses verbos formam um grupo à parte no sistema verbal latino, caracterizado por uma conjugação restrita e por uma estrutura impessoal que depende diretamente do caso para indicar quem experimenta o estado ou sentimento expresso pelo verbo.

3.14 Sobre os Particípios

Nessa seção, Mx. Vitorino aborda os particípios, explicando que esses se declinam do mesmo modo que os nomes. Logo, a variação dos particípios ocorre de acordo com os casos. O autor utiliza como exemplo os termos *passus* (passo), *visus* (visão), *cultus* (cultura). Se tais vocábulos estiverem no caso genitivo e no número singular, terão a última sílaba terminada em *-us*, portanto, não alteram sua forma. Ao passo que, estando no ablativo ou dativo singular, serão finalizados em *-i* e *-u*: *passui* (o passo), *visui* (a visão), *cultui* (a cultura) e *passu* (com o passo), *visu* (pela visão), *cultu* (na cultura).

Ao declinar tais palavras no genitivo plural, suas sílabas finais se alteram para *-uum*, tornando-se *passuum* (dos passos), *visuum* (das visões), *cultuum* (das culturas). Enquanto isso, no dativo e no ablativo plural tem-se *-bus* e, portanto, se modificam para *passibus* (com os passos), *visibus* (pelas visões), *cultibus* (nas culturas).

Frequentemente, no entanto, no genitivo singular, as sílabas das palavras terminam na letra *-i*, exemplificando, *passi* (do passo), *visi* (da visão), *culti* (da cultura). Em contrapartida, no dativo e no ablativo [a palavra termina] em *-o*: *passo* (o passo), *viso* (a visão), *culto* (a cultura). Assim como no genitivo plural, é finalizada em *-rum*: *passorum* (dos passos), *visorum* (das visões), *cultorum* (das culturas), e no ablativo e dativo plural com *-is*: *passis* (os passos), *visis* (as visões), *cultis* (as culturas).

Mx. Vitorino apresenta, também, algumas palavras que têm gênero neutro. Como já se disse anteriormente, os participípios também modificam sua forma em virtude dos gêneros. Por exemplo, os verbos neutros *regno* (reino) e *vigilo* (vigio) alteram-se para *regnatus* (reinado) no participípio pretérito e no futuro *vigilandus* (havendo de ser vigiado), como diz Virgílio em “*acri quondam regnata Lycurgo*”⁴³ e “*quae vigilanda viris*”⁴⁴.

Isto posto, é possível perceber que o tratamento de Mx. Vitorino, para com os participípios, mostra-se parcial, pois, o gramático não menciona as particularidades desses elementos, as quais permitem que ele se altere em um discurso, somente aponta-os já modificados - o que não é do caráter deste autor, pois ele é extremamente detalhista em seu manual técnico.

Essa “falta” de abranger por completo os participípios ocorre, pois Mx. Vitorino não pretende descrevê-los enquanto categoria gramatical plena, mas apenas enquanto elementos sujeitos à fonética, focando nessas categorias de maneira mais aprofundada do que nas categorias apenas morfológicas.

Para entender melhor o comportamento de tais unidades e suas características, foram analisadas outras *artes grammicae* (artes gramaticais) de autores como Donato (1857), Cledônio (1874) e Pompeu (1857). Nos manuais de tais autores, nota-se que os participípios se modificam de acordo com seis elementos: gênero, caso, tempo, significação, número, figura.

O primeiro elemento refere-se aos gêneros, os quais, no participípio, são quatro: masculino, feminino, neutro e comum, como pode ser observado nas palavras *lectus*, *lecta*, *lectum* e *legens* (participípios de *legere*, “ler”). Ademais, os participípios de gênero comum encontram-se sempre no tempo presente, conforme Donato (1857). Faz sentido, já que formalmente se trata sempre do participípio presente.

O segundo componente abordado relaciona-se com os casos; como explica Pompeu (1857), “Há tantos casos de participípios quanto há de substantivos, ou seja, há seis, *legens* (leitura), *legentis* (da leitura), *legenti* (para a leitura), *legentem* (leitura), *legens* (leitura) e *a legente* (com a leitura).

A terceira unidade é a de tempo, que são três no participípio: presente, passado e futuro, como se pode observar em *luctans* (lutando), *luctatus* (lutado), *luctaturus* (haver de lutar). Donato (1857):

⁴³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v.13, Trad.: ‘uma vez o sagaz Licurgo reinou’.

⁴⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Georgicon I*, v.313, Trad.: ‘que os homens devem assistir’.

Do verbo ativo vem dois participípios: um presente e um futuro, como *legens lecturus*; do passivo dois: um pretérito e um futuro, como *lectus legendus*; do neutro dois, assim como do ativo: um presente e um futuro, como *stans staturus*; do depoente três: um presente, um pretérito e um futuro, como *luctans luctatus luctaturus*; do comum quatro: um presente, um pretérito e dois futuros, como *criminans criminatus criminaturus criminandus*. (DONATO, 1857, p. 156)⁴⁵

Logo, a formação dos participípios em latim depende diretamente da espécie verbal (ativo, passivo, neutro, depoente ou comum) e cada uma delas determina quantos participípios são possíveis e quais valores temporais eles podem expressar. Assim, dos verbos ativos derivam dois participípios: o presente (*legens*, “lendo”) e o futuro ativo (*lecturus*, “havendo de ler”), já que esses verbos expressam ações transitivas ou intransitivas que podem projetar continuidade ou intenção futura. Dos verbos passivos provêm igualmente dois participípios: o pretérito passivo (*lectus*, “lido”), que indica uma ação já concluída e sofrida pelo sujeito, e o futuro passivo (*legendus*, “devendo ser lido”), que expressa obrigação ou destinação.

Os verbos neutros, que não admitem voz passiva, também formam dois participípios, paralelos aos do ativo: um presente (*stans*, “estando de pé”) e um futuro (*staturus*, “havendo de ficar de pé”), pois ambos expressam estados ou ações que não se convertem em passividade. Já os verbos depoentes, cuja forma é passiva, mas cujo sentido é ativo, possuem três participípios: presente, pretérito e futuro (*luctans*, *luctatus*, *luctaturus*), refletindo o fato de que essa classe verbal combina características de ativo e passivo. Por fim, os verbos comuns, que podem ser usados com valor ativo ou passivo, possuem quatro participípios: presente, pretérito e dois futuros (*criminans*, *criminatus*, *criminaturus*, *criminandus*), pois o participípio futuro pode assumir tanto valor ativo (intenção) quanto passivo (obrigação).

Dessa maneira, Donato (1857) demonstra que a distribuição dos participípios não deriva das propriedades morfológicas e semânticas de cada espécie verbal. Cada tipo de verbo oferece um conjunto específico de participípios que expressam sua capacidade de ação, de passividade ou de estado, organizando-se nos três tempos fundamentais: presente, passado e futuro.

⁴⁵ *Quia ab activo verbo duo participia veniunt, praesens et futurum, ut legens lecturus; a passivo duo, praeteritum et futurum, ut lectus legendus; a neutro duo, sicut ab activo, praesens et futurum, ut stans staturus, a deponenti tria, praesens praeteritum et futurum, ut loquens locutus locuturus; a communi quattuor, praesens praeteritum et duo futura, ut criminans criminatus criminaturus criminandus.* (DONATO, 1857, p. 156)

Ademais, Donato (1857) explica que os participípios incoativos pertencem somente ao tempo presente, como *horrescens* (estremecendo), *tepescens* (aquecendo), *calescens* (esquentando). Já os defectivos podem vincular-se a tempos verbais ou não. Quando não, então o participípio não existe, pois “às vezes, os participípios de um verbo não defectivo são defectivos, como *studeo* (estudo), *studens* (estudei), que não têm futuro” (1857, p. 157). Além disso, os verbos impessoais não têm participípio, pois, se todos os participípios levam uma pessoa, não podem, portanto, derivar de verbos impessoais.

O quinto elemento são os números. Para Cledônio (1874), os números dos participípios nunca são compreendidos, no entanto, Donato (1857) aponta que são dois: singular e plural. Por fim, a unidade de figura se divide em duas: simples e compostas. A figura simples corresponde ao participípio formado diretamente do radical verbal, como *luctans* ou *lectus*; a composta, por sua vez, surge quando o participípio incorpora um prefixo ou elemento adicional que modifica seu sentido, como *relictus* (*de linquo*, “deixar”) ou *praestans* (*de sto*, “estar”). Assim, número e figura completam o conjunto de propriedades que determinam o comportamento morfológico dos participípios, confirmando sua plena integração ao sistema nominal.

A partir desse panorama, torna-se evidente que o tratamento de Mx. Vitorino para os participípios é deliberadamente conciso. O autor limita-se a apresentar formas já declinadas e alguns exemplos de uso, sem discutir os seis elementos que estruturam tecnicamente essa classe (gênero, caso, tempo, significação, número e figura), amplamente desenvolvidos por gramáticos como Donato (1857), Cledônio (1874) e Pompeu (1857).

Essa ausência não decorre de desconhecimento, mas do escopo particular de sua *ars* (*arte*), cujo foco principal não é a exposição exaustiva das categorias morfológicas, mas a oferta de informações suficientes para a interpretação métrica e prosódica dos textos latinos. Por isso, Mx. Vitorino privilegia aquilo que é funcional para a leitura e para o ritmo, não se aprofundando em descrições sistemáticas das propriedades internas dos participípios. Tal economia expositiva confirma o caráter prático e seletivo de seu manual, que integra a tradição das *artes grammaticae* (artes gramaticais) dedicadas antes à leitura correta dos poetas do que à morfologia completa da língua.

3.15 Sobre os Advérbios

Em sua *ars grammatica* (arte gramatical), Mx. Vitorino aborda os advérbios como elementos da oração que se ligam aos verbos mais aparentes, podendo ser

originados de acordo com sua posição, como *heri* (ontem), *nuper* (recentemente), *pridie* (na véspera) ou a partir de outras unidades da sentença, por exemplo, *doctus* (sábio), *docte* (sabiamente), *sapiens* (sábio), *sapienter* (sabiamente).

Donato (1857) completa a explicação de Mx. Vitorino, ao mostrar de quais partes do discurso podem ser originados advérbios:

Os advérbios ou nascem de si mesmos, como *heri*, *hodie*, *nuper*, ou vêm de outras partes da oração: de um nome apelativo, como *doctus*: *docte*; de um nome próprio, como *Tullius*: *Tulliane*; de um vocábulo, como *ostium*: *ostiatim*; de um pronome, como *meatim*, *tuatim*; de um verbo, como *cursim*, *strictim*; de um nome e um verbo, como *pedetemptim*; de um particípio, como *indulgens*: *indulgenter*. (DONATO, 1857, p. 154)⁴⁶

Com isso, é possível compreender que o advérbio, embora seja uma classe invariável, mantém vínculos formais e semânticos com outras categorias, refletindo processos de derivação produtivos no latim e revelando a diversidade morfológica envolvida na formação adverbial.

Donato (1857) avança afirmando que os advérbios provenientes de um nome podem terminar em: *-a*; *-e* longo ou breve; *-o* longo ou breve; *-u*; *-l*; *-m*; *-r*; *-s*. Os advérbios terminados em *-e* levam a sílaba longa em três momentos: quando são advérbios de comparação, caso não venham de um nome ou verbo, ou se, porventura, não se empregarem como advérbios:

Assim, advérbios que terminam em *-e* longo vêm de nomes que no dativo terminam em *-o*, como *huic docto*: *docte*, *huic sedulo*: *sedule*. Os que terminam em *-r* vêm de nomes que no dativo terminam em *-i*, como *huic agili*: *agiliter*. Porém, contrariando a regra, muitas vezes a autoridade usou muitos advérbios de modo abusivo. Pois alguns, como dissemos, permanecem no dativo e fazem advérbios, como *falso*, *sedulo*; outros fazem o oposto, como *huic duro* não *dure*, mas *duriter*. (DONATO, 1857, p. 154)⁴⁷

Donato (1857) explica que a formação dos advérbios em latim segue, em grande parte, um princípio morfológico que relaciona o advérbio ao caso dativo do substantivo do qual se origina. No entanto, ele ressalta que o uso real da língua nem

⁴⁶ *Adverbia aut a se nascuntur, ut heri bodie nuper, aut ab aliis partibus orationis veniunt: a nomine appellativo, ut doctus docte; a proprio, ut Tullius Tulliane; a vocabulo, ut ostium ostiatim; a pronomine, ut meatini tuatim; a verbo, ut cursim strictim; a nomine et verbo, ut pedetemptim; a participio, ut indulgens indulgenter.* (DONATO, 1857, p.154)

⁴⁷ *Ergo adverbia, quae in e productam ex- eunt, ab eo nomine veniunt, quod dativo casu littera terminatur, ut liuic doclo docte [et huic sedulo sedule]: quae in r exeunt, ab eo nomine veniunt, quod dativo casu i littera terminatur, ut huic agdi agiliter: contra quam regulam multa saepius usurpavit auctoritas. nam quaedam, ut diximus, et in dativo casu [in o] permanent et adverbia [similiter] faciunt, ut falso sedulo; quaedam [multa] contra faciunt, ul liuic duro non dure, sed duriter.* (DONATO, 1857, p.154)

sempre obedecia rigorosamente a essa regra: alguns advérbios preservam exatamente a forma do dativo, funcionando como advérbios sem alteração, como *falso* (falsamente) e *sedulo* (cuidadosamente); outros, inversamente, abandonam a forma esperada e adotam terminações irregulares, como *duriter* (duramente), que não deriva de *dure* (*duramente* [forma regular esperada]), mas de *duro* (*ao duro*, *ao forte*, *ao difícil* [dativo/ablativo de *durus*, “duro”, “rigoroso”]) com a terminação *-ter*.

Essa observação mostra que, embora a formação adverbial tenha bases sistemáticas, a prática linguística - especialmente a dos autores considerados “autoridades” - podia introduzir exceções que se consolidaram no uso e foram posteriormente registradas pelos gramáticos.

Em seguida, Mx. Vitorino esclarece a existência de três tipos de advérbios: os de significação, de comparação e de forma. Os primeiros, de significação, separam-se em: tempo [*heri* (ontem), *nuper* (recentemente)]; lugar [*huc illuc* (para cá, lá), *ibi hic* (aí, aqui), *hinc inde* (daqui, daí), *hac illac* (de lá)]; terminação [*ilicet* (agora mesmo)]; número [*semel bis ter* (uma, duas, três vezes)]; negação [*non* (não), *haut* (não), *nequaquam* (de jeito nenhum)]; afirmação [*prorsus* (exatamente), *profecto* (na verdade), *procul dubio* (sem dúvida)]; interrogação [*numquid* (é possível?)]. ; demonstração [*en* (acaso?), *ecce* (eis!)]; opção [*utinam* (e se)]; avaliação [*fere* (usualmente), *ferme* (geralmente)]; ordem [*deinceps* (em diante), *deinde* (depois)]; outros de interrogação [*cur* (por que), *quid* (que), *ita* (assim)]; comparativos de semelhança [*ceu* (assim como), *veluti* (ou), *quase* (quase)]; de dúvida [*fortasse* (talvez)]; invocação [*heus* (ei)]; respostas [*heu* (ai!)]; proibição [*ne* (não), *neque* (e não), *nec* (e não)]; associação [*pariter* (igualmente), *simul* (ao mesmo tempo)]; separação [*seorsum* (separadamente)]; comparação [*sati* (melhor), *magis* (mais), *potius* (de preferência)]; eventuais [*forte* (por acaso)]; concordância [*vero* (na verdade)]; interjeição [*edepol* (por Pólux!), *medius fidius* (que o deus Fídio me ajude!), *ecastor* (por Cástor), *hercle* (por Hércules)]; pessoal [*mecum* (comigo), *tecum* (contigo)]; observação [*attat* (olhe)]; repetição [*iterum* (novamente), *rursus* (de novo), *saepius* (muitas vezes)]; qualidade [*male* (mal), *bene* (bem)]; quantidade [*sat* (o suficiente), *nimum* (muito)].

De acordo com Mx. Vitorino, os advérbios de lugar são desnecessários para o sentido da oração, caso façam parte da sentença ou não, a significação não será alterada. Portanto, é possível perceber que os advérbios de significação, segundo Mx. Vitorino, são aqueles que acrescentam ao enunciado um conteúdo semântico específico, como tempo, número, negação, afirmação, dúvida ou intensidade, funcionando como

elementos que efetivamente modulam o sentido da frase. Dentro desse grupo, porém, os advérbios de lugar ocupam uma posição particular: para o autor, eles são “decorativos”, pois sua presença ou ausência não altera o significado essencial do discurso. Assim, embora pertençam ao conjunto de advérbios de significação, diferenciam-se por não exercerem um papel indispensável na construção semântica da oração.

Já os advérbios de comparação são classificados pelo autor em três: positivo, comparativo e superlativo, como *docte* (sabidamente), *doctius* (mais sábio que), *doctissime* (o mais sábio de todos), respectivamente.

No entanto, Mx. Vitorino não desenvolve os advérbios de comparação; além disso, eles não recebem explicação própria: o autor não define a categoria, não a exemplifica e não descreve seu valor semântico. Assim, a categoria “advérbios de comparação” permanece apenas nomeada, mas não explanada por Mx. Vitorino.

Desse modo, foi selecionada a *ars* (arte) de Donato (1857) para uma melhor explicação:

A comparação é acidente do advérbio, porque também aqui os graus de comparação são três: positivo, comparativo e superlativo; positivo como *docte*, comparativo como *doctius*, superlativo como *doctissime*. E, uma vez que também existem advérbios que não podem ir para todos os graus, no lugar do comparativo e do superlativo juntamos a eles *magis* e *maxime* para aumentar a significação, *minus* e *minime* para diminuí-la. Assim como são comparados, assim também são diminuídos: a partir do positivo, como *primum*: *primulum*, *longe*: *longule*; a partir do comparativo, como *melius*: *meliuscule*, *longius*: *longiuscule*. A partir do superlativo os exemplos são raros ou nem existem. (DONATO, 1857, p. 155)⁴⁸

Ao contrário de Mx. Vitorino, Donato (1857) descreve minuciosamente o mecanismo da comparação, distinguindo os três graus tradicionais (positivo, comparativo e superlativo) e explicando que alguns advérbios formam tais graus por flexão regular, como *docte* (sabidamente), *doctius* (mais sabidamente), *doctissime* (muito sabidamente), enquanto outros dependem do acréscimo de partículas como *magis* (mais), *maxime* (máximo), *minus* (menos) e *minime* (mínimo) para intensificar ou reduzir o sentido. Além disso, Donato (1857) ainda apresenta a possibilidade de diminutivos nos três graus, ampliando o quadro morfológico da categoria. Assim, sua explicação

⁴⁸ *Comparatio accidit adverbio, quia hic quoque comparationis gradus sunt tres, positivus comparativus superlativus : positivus, ut docte, comparativus, ut doctius, superlativus, ut doctissime. et quoniam adverbia quoque sunt, quae per omnes gradus ire non possunt, ideo his ad augendam significationem pro comparativo et superlativo magis et maxime coniungimus, ad minuendam minus et minime. quem ad modum comparantur, ita et diminuuntur adverbia : a positivo, ut primum primulum, longe longule; a comparativo, ut melius meliuscule, longius longiuscule. a superlativo vel nulla exempla vel rara sunt. (DONATO, 1857, p. 155)*

completa a de Mx. Vitorino, permitindo uma compreensão completa das estruturas comparativas que o autor apenas menciona sem desenvolver, pois, como já foi explicado anteriormente, ele tem seu foco nas particularidades de cada uma dessas classes que influenciam a métrica e a prosódia.

Mx. Vitorino menciona os chamados *advérbios nominativos*, mas seu tratamento é extremamente breve, restringindo-se a exemplos como *Romae* (de Roma), *Capuae* (de Capua) e *Karthagini* (de Cartago), apresentados apenas como termos que funcionam adverbialmente apesar de formalmente pertencerem a outras categorias. Ademais, eles podem ser diferenciados pelo acento que recebem ou, até mesmo, pelo seu sentido em uma sentença.

Diferentemente de Donato (1857), que aprofunda a natureza dúbia desses vocábulos e discute critérios de distinção (acentuação e semântica), Mx. Vitorino não desenvolve a questão nem explica como se reconhece ou se analisa esse tipo de advérbio no discurso. Assim, sua exposição permanece meramente descritiva, enquanto Donato (1857) oferece uma reflexão mais precisa sobre o estatuto híbrido desses elementos e os desafios que apresentam para a análise gramatical.

Há muitas palavras dúbias entre advérbio e nome, como *falso*; entre advérbio e pronome, como *qui*; entre advérbio e verbo, como *pone*; entre advérbio e particípio, como *profecto*; entre advérbio e conjunção, como *quando*; entre advérbio e preposição, como *propter*; entre advérbio e interjeição, como *heu*. Algumas delas distinguimos pelo acento, outras pelo sentido. (DONATO, 1857, p. 155)⁴⁹

Como explica o gramático, diversos vocábulos apresentam natureza ambígua: alguns oscilam entre advérbio e nome, como *falso* (falsamente), entre advérbio e pronome, como *qui* (quem, o qual), entre advérbio e verbo, como *pone* (atrás), entre advérbio e particípio, como *profecto* (certamente), entre advérbio e conjunção, como *quando* (quando), entre advérbio e preposição, como *propter* (por causa de); ou entre advérbio e interjeição, como *heu* (infelizmente). Essa ambiguidade revela que certos termos latinos desempenham funções diferentes conforme o contexto sintático, sendo, portanto, distinguidos “pelo acento ou pelo sentido”, como observa Donato (1857, p. 155).

⁴⁹ *Sunt multae dictiones dubiae inter adverbium et nomen, ut falso; inter adverbium et pronomen, ut qui; inter adverbium et verbum, ut pone; inter adverbium et participium, ut profecto; inter adverbium et coniunctionem, ut quando; inter adverbium et praepositionem, ut propter; inter adverbium et interiectionem, ut heu.* (DONATO, 1857, p. 155)

Finalmente, as formas dos advérbios, expostas por Mx. Vitorino, em seu manual técnico, são duas: singular, como *iuste* (justo), e composta, como *in iuste* (injusto). Essa distinção indica apenas se o advérbio é formado diretamente do radical ou se incorpora um prefixo que modifica seu sentido, sem implicar qualquer variação flexional, já que os advérbios são invariáveis em latim.

Dessa forma, observa-se que o tratamento dado por Mx. Vitorino aos advérbios é essencialmente enumerativo: o autor apresenta longas listas, mas oferece pouca explicação conceitual ou analítica sobre a natureza, o funcionamento ou os critérios de classificação dessa categoria, pois coloca em foco as categorias fonéticas de maneira mais aprofundada do que as categorias apenas morfológicas. Por esse motivo, ao longo deste capítulo, foi necessário recorrer às artes de Donato (1857) para esclarecer pontos deixados em aberto, especialmente no que diz respeito à formação, comparação, natureza híbrida e comportamento sintático dos advérbios.

3.16 Sobre as Conjunções

Mx. Vitorino inicia o capítulo das conjunções tratando dos modos como elas se apresentam. Desse modo, será apresentada inicialmente uma breve descrição do que são as conjunções concebidas por autores gramáticos contemporâneos a Mx. Vitorino.

Segundo Pompeu (1857), as conjunções são partes do discurso utilizadas para unir orações. O gramático explica que a manifestação da fala humana é discordante e desarticulada, portanto, as conjunções auxiliam na conexão entre as palavras presentes em uma sentença. Ademais, as conjunções podem unir também os significados. No entanto, enquanto elas são primordiais para a conexão de palavras, podem ou não ser usadas para a junção de sentidos. Como elucida Pompeu (1857), “uma coisa é juntar palavras, outra coisa é juntar significados. As palavras não podem existir sem conjunção, o significado pode existir sem conjunção.”⁵⁰

Mx. Vitorino inicia seu texto citando três tipos de conjunções: forma, ordem e poder; Mx. Vitorino esclarece que as conjunções de forma são assim chamadas, pois apresentam o modo como são arranjadas; de maneira simples, como *tamen* (no entanto), *quando* (quando) ou composta; como *quoniamquidem* (porque decerto), *quandoquidem* (já que).

⁵⁰ *Aliud est verba copulare , aliud est sensum copulare. verba sine coniunctone omnino esse non possunt , sensus sine coniunctione esse potest. (POMPEU, 1857, p. 264)*

O segundo tipo de conjunção é formado por aquelas de ordem, que devem ser usadas para iniciar as orações, unir as sentenças, ou podem até mesmo acumular ambas as funções. As usadas no início da sentença são *quamquam* (embora), *quamvis* (ainda que) etc.; as que unem as orações, *autem* (e, mas), *praesertim* (acima de tudo), *denique* (finalmente); ao passo que as conjunções que acumulam as duas funções podem ser exemplificadas por palavras como *quoniam* (pois), *quatenus* (portanto, pois que).

Mx. Vitorino aborda cinco tipos de conjunções de poder: copulativas, disjuntivas, explicativas, racionais e causais. As primeiras conjunções, chamadas copulativas, indicam a junção de dois termos, sentenças ou orações. São essas: *atque* (e), *et* (e), *at* (ainda que, e), *ac* (e), *ast* (mas). As conjunções disjuntivas, têm por função ligar sentenças que têm sentido contrário, como *aut* (ou), *ve* (ou), *vel* (ou), *ne* (não), *nec* (não), *neque* (não).

O terceiro tipo de conjunção é formado pelas explicativas, que conectam uma sentença a outra exprimindo razão ou motivo, por exemplo: *quidem* (de fato), *equidem* (na verdade), *tamen* (portanto), entre outras. As conjunções causais, *si* (se), *etsi* (embora), *etiamsi* (se bem que), *sin* (caso contrário), *sive* (ou se), *ne* (para que não), etc., ligam orações que denotam causalidade. Finalmente, as conjunções racionais, conectam sentenças que exprimem conclusão, tais como: *Ita* (assim, portanto), *itaque* (por conseguinte), *proinde* (por consequência), *proin* (logo), *denique* (finalmente).

Alguns autores mencionam sobre a diferença das conjunções causais e racionais: as causais são aquelas que exprimem a causa, ou seja, qual o motivo que levou àquele acontecimento; enquanto as racionais caracterizam o modo que aquele acontecimento deve ocorrer. Sérgio (1857) explica essa divergência em *Sergii: explanationum in artem donatum* (Sérgio: interpretações da arte de Donato) de maneira didática e clara:

Há uma grande diferença entre o causal e o racional. Primeiro devemos saber que causa é uma coisa, razão é outra. É uma causa que nos obriga a fazer algo, a razão é o que usamos para fazê-lo: por exemplo, se dizes 'eu mato um homem e tiro sua herança', é uma causa; e a razão é o que ele usa ao fazer: como devo matá-lo? por veneno, por ferro, no meio da noite, durante o dia, em que lugar? Sempre que falar de uma causa, use as causais; sempre que houver um motivo, use as racionais. (SÉRGIO, 1857, p. 516)⁵¹

⁵¹ *inter causales et rationales multum interest. primo scire debemus aliud esse causam, aliud rationem. causa est quae cogit ad aliquid faciendum, ratio qua utimur in faciendo: ut puta si dicas 'occido hominem et tollo eius hereditatem', causa est. ratio est qua quis utitur in faciendo: quo modo eum debeo occidere? veneno, ferro, per mediam noctem, per diem, quo in loco? quotiens ergo de causa loqueris, causali utere; quotiens de ratione, rationali utere. (SÉRGIO, 1857, p. 516)*

A exposição de Mx. Vitorino sobre as conjunções é breve: o autor apenas enumera alguns exemplos de conjunções causais e racionais sem oferecer qualquer definição, critério distintivo ou descrição funcional. Sua *ars* (arte) restringe-se a listar vocábulos de cada grupo, sem explicar por que pertencem a essas categorias ou quais relações estabelecem no discurso. Dessa forma, o leitor recebe apenas um inventário, mas não uma compreensão do funcionamento sintático e semântico das conjunções.

É justamente essa explicação que Sérgio (1857) completa de forma explícita, - as conjunções causais e racionais. Para ele, causa (*causa*) e razão (*ratio*) pertencem a esferas distintas: a causa corresponde ao *motivo* que leva à ação, enquanto a razão expressa o *modo* ou o *meio* pelo qual a ação será realizada. Assim, quando afirma que a causa “nos obriga a fazer algo” e a razão “é o que usamos para fazê-lo”, Sérgio fornece um critério semântico que Mx. Vitorino não apresenta.

A distinção torna-se clara no exemplo dado por Sérgio: ao dizer “*eu mato um homem e tiro sua herança*”, a intenção de obter a herança constitui a causa, ao passo que as maneiras possíveis de realizar o ato - por veneno, por ferro, à noite, de dia - configuram a razão.

A explicação de Sérgio, portanto, fornece o fundamento conceitual que Mx. Vitorino não desenvolve, já que o autor opta por privilegiar a demonstração direta, com exemplos, sem aprofundamento teórico, focando nas categorias fonéticas de maneira mais aprofundada do que as categorias apenas morfológicas.

Ademais, existem conjunções diferentes dos advérbios somente em virtude da acentuação, portanto são de difícil identificação. Por esse motivo encontram-se advérbios chamados de advérbios de conjunção ou conjunções adverbiais.

Quais são as [conjunções] racionais? *Ita* (assim, portanto), *itaque* (por conseguinte), *proinde* (por consequência), *proin* (logo), *denique* (finalmente). Que mais me parecem advérbios do que conjunções, que só diferem dos advérbios em virtude dos acentos. Na verdade, existem alguns advérbios de que se pode duvidar, de acordo com alguns, que são chamados advérbios de conjunção ou conjunções adverbiais. (VITORINO, 1874, GL - VI, p. 283)⁵²

Logo, é possível observar que ambas as classes exerciam funções de ligação sem formar relações sintáticas rígidas como as das conjunções subordinativas mais

⁵² *Rationales quae sunt? Ita itaque proinde proin denique. quae magis adverbialia esse mihi videntur praeter illas coniunctiones, quae accentu discernuntur ab adverbialibus. adverbialia sunt re vera quaedam, de quibus ambigi potest, unde merito quidam adverbialia coniunctiva dixerunt vel coniunctiones adverbialia.* (VITORINO, 1874, p. 283)

típicas. Assim, unidades como *ita* (então) e *proinde* (portanto), embora rotuladas como conjunções racionais por introduzirem consequência ou conclusão, comportam-se muitas vezes como advérbios que qualificam toda a sentença, razão pela qual Mx. Vitorino admite a dificuldade de categorizá-las de modo definitivo.

O autor reconhece a ambiguidade como parte natural do funcionamento da língua, assumindo que certos vocábulos podem transitar entre uma função e outra dependendo do contexto. Dessa maneira, a noção de *conjunções adverbiais* emerge como uma categoria intermediária que expressa o caráter fluido de algumas partículas latinas.

3.17 Sobre as Preposições

Nessa parte do manual técnico de Mx. Vitorino, o autor engloba a classe gramatical das preposições, as quais o autor define como parte do discurso que podem alterar, aumentar ou diminuir o significado de outra parte do discurso ao serem prefixadas a ela. As preposições podem ser colocadas à frente de casos e verbos, somente de casos ou, apenas, de verbos. Donato (1857) complementa a descrição de Mx. Vitorino explicando que elas podem ser posteriores a pronomes, advérbios, participípios e conjunções:

De fato, ou prepõe-se ao nome, como *inualidus*; ou prepõe-se ao pronome, como *prae me*, ou lhe sucede, como *mecum*, *tecum*, *nobiscum*, *uobiscum*; ou precede o verbo, como *perfero*, ou o advérbio, como *expresse*, ou o participípio, como *praecedens*, ou a conjunção, como *absque*, ou a si mesma, como *circumcirca*. (DONATO, 1857, p. 158-159)⁵³

Diferentemente de Donato (1857), que apresenta uma descrição mais abrangente e sistemática e inclui também as preposições que podem ocorrer após pronomes, advérbios, participípios e conjunções, Mx. Vitorino não trata dessas posições posteriores. Seu interesse volta-se quase exclusivamente às preposições antepostas aos casos e, em especial, àquelas cujo comportamento varia conforme o acento ou o caso regido.

Para Mx. Vitorino, existem preposições colocadas exclusivamente antes dos acusativos, outras unicamente comuns aos ablativos e, ainda, encontram-se algumas que

⁵³ *Praepositio est pars orationis, quae praeposita aliis partibus orationis significationem earum aut mutat aut complet aut minuit. nam aut nomini praepositur, ut invalidus ; aut pronomini praepositur, ut prae me, vel subponitur, ut mecum tecum nobiscum vobiscum; aut verbum praecedat, ut perfero, aut adverbium, ut expresse, aut participium, ut praecedens, aut coniunctionem, ut absque, aut se ipsam, ut circumcirca.* (DONATO, 1857, p. 158-159)

podem ser usadas em ambos os casos. Algumas próprias do caso acusativo podem tornar-se advérbios, caso tenham o acento modificado de grave para agudo. Quando tem acento grave, é uma preposição, porém, quando leva acento agudo, converte-se em advérbio de tempo, como pode ser observado nas frases “*ante focum, si frigus erit*”⁵⁴ e “*ante quidem summa de re statuisse Latini*”⁵⁵, respectivamente.

Algumas das preposições do acusativo são: *per* (através), *apud* (em), *ante* (diante), *adversum* (adverso, contra), *ultra* (além), *contra* (ao contrário), entre outras. Outro exemplo de preposição, que se altera para um advérbio com a mudança de acento, é a palavra *post tergum* (nas costas), que se transforma em *postea* (além disso), quando apresenta a função de advérbio de tempo.

As exclusivas do caso ablativo são as seguintes: *A ab abs* (de, longe, à distância), *e ex* (de, fora de), *pro* (a favor de), *prae* (antes) etc., que também podem converter-se em advérbios caso haja mudança de acento:

Quais são próprios do ablativo? *A ab abs* (de, longe, à distância), *e ex* (de, fora de), *pro* (a favor de), *prae* (antes) e outros. E alguns desses tornam-se advérbios pela mudança do acento, como *cum*. Pois sempre que se junta ao caso, é uma preposição, como *cum duce* (com o general) e *cum amico* (com o amigo). Muitas vezes, quando anteceder um verbo ter-se-á um advérbio, como *cum venit aulaeis*⁵⁶ e *cum subit Aeneas concursu ascendere magno*⁵⁷, algumas dessas palavras são adjuntos, *A ab abs* [de, longe, à distância], *e ex* [de, fora de], *pro* [a favor de], *prae* [antes]: dizemos então *amove* [remove tu], *abrumpe* [rasga tu], *abstrahe* [remove tu], *emite* [compra tu], *expone* [extraí tu], *detrahe* [remove tu], *produc* [avança tu] e *praefer* [carrega tu]. (VITORINO, 1874, p. 204)⁵⁸

Isto posto, nota-se que Mx. Vitorino concentra-se em pontos nos quais o uso efetivo da língua apresenta irregularidades, mudanças de acento ou alterações de sentido, mais do que definições amplas ou classificações exaustivas. Assim como faz com as conjunções, na seção 3.17 *Sobre as conjunções*, o autor demonstra que certas preposições também se transformam em advérbios quando recebem acento agudo.

Dessa forma, Mx. Vitorino desloca sua análise para além das regras, dando enfoque naquilo que, na prática, poderia gerar dúvidas ao leitor. É a partir desse ponto de

⁵⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Ecloga V*, v. 70, Trad.: ‘antes do fogo, se faz frio’.

⁵⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis XI*, v.302, Trad.: ‘antes que os povos latinos decidissem sobre o assunto’.

⁵⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis I*, v.697, Trad.: ‘ele vem com as cortinas’.

⁵⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis I*, v. 509, Trad.: ‘quando Enéas está prestes a ir para grande batalha’.

⁵⁸ *Quae ablativo casui adiunguntur? A ab abs e ex pro prae de et reliqua. harum acque quaedam mulato accentu fiunt adverbia, veluti est cum. nam quotiens casui iungitur; praepositio est, ut cum duce etim amico; quotiens verbo, erit adverbium, ut 'cum venit aulaeis' et cum subit Aeneas concursu ascendere magno, ex his quaedam verbis adiunguntur; a ab abs e ex de pro prae: dicimus enim amove abrumpe abstrahe emitte expone detrahe produc praefer.* (VITORINO, 1874, p. 204)

vista que ele estrutura toda a sua discussão sobre preposições do acusativo, do ablativo e das que alternam entre ambos, bem como sobre sua conversão em advérbios.

Por fim, Mx. Vitorino expõe que as preposições que regem acusativo ou ablativo têm significados diferentes dependendo do caso em que estejam flexionadas. Por exemplo, vocábulos como *in* (em), *sub* (embaixo), *super* (acima), *subter* (abaixo), quando regem acusativo, significam “estamos indo ou nos movendo para algum lugar”; quando regem ablativo, significam “estamos, fomos ou vamos de algum lugar.” (VITORINO, 1874)

Tais termos, como já se disse anteriormente, são adicionados a palavras, podendo aumentar, diminuir ou completar seu sentido. Mx. Vitorino exemplifica como eles se juntam a outros em palavras como: *infer* (traz tu), *subtrahe* (retira tu), *superscribe* (sobrescreve tu) e *subterpone* (sobrepõe tu).

Desse modo, Mx. Vitorino mostra que o valor das preposições depende do caso que regem: quando acompanhadas do acusativo, exprimem movimento em direção a um lugar; quando regem o ablativo, indicam permanência ou origem. Além dessa variação de sentido, o autor evidencia que as preposições, ao se unirem a verbos, podem formar compostos que modificam ou intensificam a ação verbal. Essas observações revelam a função das preposições como elementos capazes de acrescentar nuances de direção, intensidade ou finalidade, ajustando o significado das palavras às quais se vinculam.

3.18 Sobre as Interjeições

Neste capítulo, Mx. Vitorino inicia seu tratamento das interjeições explicando que estas são expressões do discurso que expressam emoção. O autor as classifica em interjeições de felicidade, medo, louvor, regozijo, admiração, animação, riso e as que rejeitam admiração. Em seguida, ele apresenta algumas para melhor ilustrá-las: felicidade (*va*); medo (*ei*); louvor (*eu*); regozijo (*euax*); admiração (*papae*); as que rejeitam admiração (*phi*); animação (*attat*); riso (*haba*). Algumas são consideradas partes da oração e podem ser vistas em frases como “*sequiturque nefas Aegyptia coniux*”⁵⁹ e “*pecudesque locutae nefandum*”⁶⁰. Em ambas sentenças é possível observar um tom exclamativo.

As frases citadas por Mx. Vitorino que não carregam interjeições propriamente ditas, mas sim um efeito de sentido exclamativo produzido pelo contexto semântico,

⁵⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis VIII*, v. 688, Trad.: ‘e segue a perversa esposa egípcia’.

⁶⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Georgicon I*, v.478-479, Trad.: ‘e o mal falado rebanho’.

sobretudo pelo uso de palavras como *nefas* (*impiedoso*) e *nefandum* (*horrível*), carregadas de valor afetivo e moral. Assim, o tom de admiração, horror ou espanto não depende necessariamente da presença de uma interjeição formal, mas pode emergir do próprio conteúdo lexical e da força expressiva da sentença.

Isso contrasta com casos em que a interjeição aparece explicitamente, como vista em *pro Iupiter* (para Júpiter), e outros semelhantes. Em certos momentos, nota-se a interjeição *hem* (oh!; ah!), como em *Heauton Timorumenos*: “*hem tibi hoc diutius licere speras facere*”⁶¹, algumas vezes de admiração, como em *Andria*, “*hem quid est? Scies*”⁶². A partir de palavras como essa, o emissor pode identificar as emoções do interlocutor.

Dessa forma, Vitorino mostra que o reconhecimento do tom emocional em latim pode ocorrer tanto por interjeições formais quanto por efeitos discursivos produzidos pela escolha vocabular e pela construção sintática.

⁶¹ Cf. TERÊNCIO, *Heauton Timorumenos*, v.102-103, Trad.: ‘espero que tenhas permissão para fazer isso por muito tempo’.

⁶² Cf. TERÊNCIO, *Andria*, v. 184, Trad.: ‘o que é isso? Tu saberás’.

4. Comentários de Vitorino sobre o Metro e o Hexâmetro

O próximo capítulo de Mx. Vitorino aborda a métrica latina, dividido em duas seções: *Ars Palaemonis de Métrica Institutione* (A Arte da Educação Métrica de Palêmon) e *De Hexametro Versu Heroico* (Do Verso Heroico Hexâmetro). Na primeira parte o autor discorre sobre os metros e os pés métricos, explicando detalhadamente como esses ocorrem.

Na segunda parte, Mx. Vitorino compreende a temática do verso heroico hexâmetro, com explicações de como esses versos se comportam, sempre usando variados exemplos para que seja perceptível o funcionamento de tais versos na antiguidade.

4.1 Sobre a Arte da Educação Métrica de Palêmon⁶³.

No primeiro parágrafo deste capítulo, Mx. Vitorino aborda o metro poético e o ritmo. O autor define a métrica - ou metro poético - como o sistema utilizado para identificar as sílabas e pés existentes em um verso, para que esse seja classificado. Enquanto o ritmo é a combinação da inflexão das palavras, a fim de se adequar da melhor maneira aos ouvidos.

Quintiliano em *Institutio Oratoria* (2021) traz outras distinções entre o ritmo e o metro além do apresentado por Mx. Vitorino: o autor explica que ambos - ritmo e metro - têm pés, porém, se comportam de maneiras diferentes. Enquanto o ritmo tem como elemento primordial o tempo, a métrica tem as sílabas. Os pés rítmicos são classificados de acordo com sua duração; os métricos, conforme a quantidade de sílabas, e o modo como estas são arranjadas. O ritmo se preocupa com a quantidade, ao passo que o metro com a qualidade. O ritmo tem espaço ilimitado para mudanças, de acordo com o que lhe parecer necessário e mais aprazível; já o metro é estável.

Agora, embora tanto o ritmo quanto o metro consistam em pés, eles diferem em mais de um aspecto. Pois, em primeiro lugar, o ritmo consiste em certos comprimentos de tempo, enquanto o metro é determinado pela ordem em que esses comprimentos são arranjados. Consequentemente, um parece estar

⁶³ *Quintus Rhemius Fannius Palaemon*, famoso gramático latino, dentre os primeiros a compilar uma *ars grammatica*. Keil (1874) traz no volume V da obra *Grammatici Latini* uma seção chamada de *Q. Rhemnii Palaemonis ars [Aspri ars]*, que atribui a coleção *regulae paleomonis* à Palêmon. Rossellini (2001), em seu livro *Regulae* discute sobre a concessão das *Regulae* à Palêmon, explicitando, principalmente que, essa ocorrência se dá por diversas anotações manuscritas nas páginas da *ars*, mencionando o nome de Palêmon.

preocupado com a quantidade e o outro com a qualidade. [...] Pois o ritmo apenas leva em conta a medida do tempo, ou seja, ele insiste em que o tempo decorrido desde sua ascensão até sua queda seja o mesmo. A medida do verso, por outro lado, é bem diferente; o anapesto (UU-) ou espondeu (--) não pode ser substituído à vontade pelo dátilo, nem é uma questão indiferente se o peã começa ou termina com sílabas curtas. Além disso, as leis da métrica não apenas recusam a substituição de um pé por outro, mas também não admitem a substituição arbitrária de qualquer dátilo ou espondeu por qualquer outro dátilo ou espondeu. [...] Existem também as seguintes diferenças, que o ritmo tem um espaço ilimitado sobre que pode variar, enquanto os espaços do metro são confinados, e que, enquanto o metro tem certas cadências definidas, o ritmo pode continuar como começou até que atinge o ponto de μεΤαβολή, ou transição para outro tipo de ritmo: além disso, a métrica diz respeito apenas às palavras, enquanto o ritmo se estende também ao movimento do corpo.⁶⁴ (QUINTILIANO, *apud* BUTLER, 2021, p.266-267)

Essa ampliação conceitual fornecida por Quintiliano (2021) apresenta nuances que não aparecem na formulação de Mx. Vitorino, cuja exposição tem um caráter mais didático e direto: apresentar o que é necessário para reconhecer o verso, sem aprofundar a teoria rítmica. Contudo, a comparação entre ambos permite situar a definição de Mx. Vitorino dentro de uma tradição que distingue rigorosamente o domínio métrico - fixo, quantitativo e estruturado - do domínio rítmico - fluido, performativo e temporal.

Apesar dessas diferenças, Mx. Vitorino elucida que ambos estão interligados; o metro poético carece de ritmização, ainda que seja possível existir um ritmo sem metrficação:

Portanto, o ritmo não é o metro? Pode ser. O que o difere de um metro? Porque um ritmo pode ser essencialmente sem métrica, mas não pode haver métrica sem ritmo. Uma definição mais clara é a de que o metro é [composto de] uma estrutura sistematizada [juntamente] com modulação, enquanto isso, o ritmo é a modulação métrica sem tal estrutura. Porém, geralmente, em um determinado caso, também encontrarás um sistema métrico no ritmo, não pela

⁶⁴ Now though both rhythm and metre consist of feet, they differ in more than one respect. For in the first place rhythm consists of certain lengths of time, while metre is determined by the order in which these lengths are arranged. Consequently, the one seems to be concerned with quantity and the other with quality. [...] For rhythm merely takes into account the measurement of the time, that is to say, it insists on the time taken from its rise to its fall being the same. The measure of verse on the other hand is quite different; the anapest (UU-) or spondee (--) cannot be substituted at will for the dactyl, nor is it a matter of indifference whether the paeon begins or ends with short syllables. Further, the laws of metre not merely refuse the substitution of one foot for another, but will not even admit the arbitrary substitution of any dactyl or spondee for any other dactyl or spondee. [...] There are also the following differences, that rhythm has unlimited space over which it may range, whereas the spaces of metre are confined, and that, whereas metre has certain definite cadences, rhythm may run on as it commenced until it reaches the point of μεΤαβολή, or transition to another type of rhythm: further, metre is concerned with words alone, while rhythm extends also to the motion of the body. (QUINTILIANO, *apud* BUTLER, 2021, p.266-267)

habilidade de observação, mas pelo som e pela própria modulação. (VITORINO, 1874, p. 207)⁶⁵

Apesar das distinções estabelecidas entre métrica e ritmo, Mx. Vitorino enfatiza que ambos permanecem profundamente interdependentes. Embora seja possível conceber um ritmo que não siga uma organização métrica rígida, não há metro poético sem algum grau de ritmização. Essa relação é esclarecida pelo próprio autor, ao afirmar que o metro consiste em uma estrutura fixa acompanhada de modulação, ao passo que o ritmo corresponde justamente à modulação sem essa estrutura sistematizada.

Dessa forma, o metro é necessariamente rítmico, mas o ritmo não é obrigatoriamente métrico. Mx. Vitorino observa ainda que, na prática, mesmo ritmos não estruturados podem apresentar certa regularidade perceptível, identificável não pela análise formal, mas pelo próprio som e pela cadência produzida. A explicação reforça a ideia de que o ouvido - mais do que a classificação técnica - desempenha papel central no reconhecimento do ritmo poético.

Após essa breve descrição sobre o metro poético e o ritmo, Mx. Vitorino aborda a definição dos pés métricos, explicando que esse é feito por meio da “combinação de duas, três ou quatro sílabas, de acordo com a natureza de cada metro” (VITORINO, 1874). Tais pés são divididos em simples e duplos, totalizando 28 pés.

Os simples podem possuir duas ou três sílabas, sendo classificados em dissílabos e trissílabos. Os pés dissílabos são divididos em quatro: espondeu (— —), pirríquio (∪ ∪), troqueu (— ∪) e iambo (∪ —). Ao mesmo tempo, os pés trissílabos são oito: dátilo (— ∪ ∪), anapesto (∪ ∪ —), molosso (— — —), tríbraco (∪ ∪ ∪), que podem ser chamados de braquissílabos ou pignomate (∪ ∪ ∪), anfímacro ou crético (— ∪ —), anfíbraco ou mesites (∪ — ∪), báquio (∪ —), palimbáquio, antibáquio ou pômpico (— — ∪).

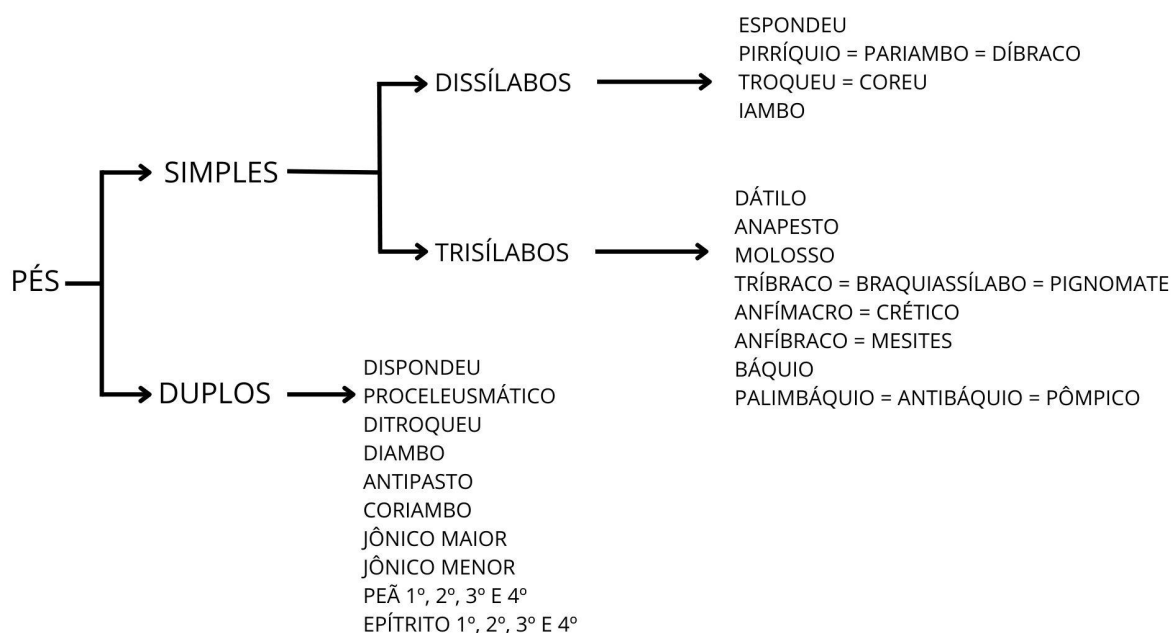
Os pés duplos - tetrassílabos - são dezesseis: dispondeu (— — — —), proceleusmático (∪ ∪ ∪ ∪), jônico maior (— — ∪ ∪), jônico menor (∪ ∪ — —), ditroqueu (— ∪ — ∪), diambo (∪ — ∪ —), coriambo (— ∪ ∪ —), antipasto (∪ — — ∪), peã primeiro (— ∪ ∪ ∪), peã segundo (∪ — ∪ ∪), peã terceiro (∪ ∪ — ∪), peã quarto

⁶⁵ *Rhythmus ergo in metro non est? Potest esse. Quid ergo distat a metro? Quod rhythmus per se sine metro esse potest, metrum sine rhythmo esse non potest. quod liquidius ita definitur, metrum est ratio cum modulatione, rhythmus sine ratione metrica modulatio. plerumque tamen casu quodam etiam invenies rationem metricam in rhythmo, non artificii observatione servata, sed sono et ipsa modulatione ducente.* (VITORINO, 1874, p. 207)

($\cup \cup \cup \text{—}$), epítrito primeiro ($\cup \text{——}$), segundo ($\text{—} \cup \text{—}$), terceiro ($\text{——} \cup \text{—}$) e quarto ($\text{———} \cup$).

Assim como pode ser visto na tabela a seguir, feita para uma melhor visualização da divisão dos pés métricos feita por Mx. Vitorino:

Imagem 1 – Esquematização sobre os pés métricos



Fonte: Compilação da Autora⁶⁶

A organização esquemática apresentada na Imagem 1 permite visualizar com clareza a estrutura proposta por Mx. Vitorino, evidenciando a divisão fundamental entre pés simples e duplos.

Nos simples, a distinção entre dissílabos e trissílabos mostra como a métrica latina opera a partir de combinações básicas de sílabas longas e breves, que servem de fundamento para todos os restantes. Já os pés duplos, formados pela justaposição de dois pés simples, revelam uma ampliação combinatória que multiplica as possibilidades rítmicas do verso, oferecendo arranjos mais complexos como os jônicos, os peãs e os epítritos.

Em todos os pés percebe-se que existem antíteses – pés antitéticos – que são pares de opostos em relação a suas configurações de sílabas breves e longas e suas

⁶⁶ Compilação de informações *passim*, constantes à p. 286 da *Ars* de Máximo Vitorino.

relações de *ársis* (elevação) e *tésis* (queda), que são, respectivamente, a sílaba mais forte e mais fraca de um pé poético, como elucida Lavarrene (1882):

Cada pé é dividido em duas partes: a parte forte ou *ársis*, a parte fraca ou *tésis*. É sobre a *ársis* que recai o acento métrico ou *ictus*. Em pés comuns, dátilo, espondeu, troqueu, iambos, a *ársis* é sempre formada por uma sílaba longa, ou por duas curtas, consideradas equivalentes a uma longa. No troqueu, no espondeu, no dátilo, a *ársis* é a primeira sílaba; é, ao contrário, a última no iambo e no anapesto. (LAVARRENE, 1882, p. 49)⁶⁷.

A explicação de Lavarrene (1882) reforça que a oposição entre pés antitéticos decorre do modo como cada um distribui as sílabas longas e breves na relação entre *ársis* (tempo forte) e *tésis* (tempo fraco) do pé. A *ársis* (elevação) concentra o *ictus* (acento) métrico, funcionando como o ponto de maior tensão rítmica, enquanto a *tésis* (queda) estabelece o alívio que a sucede.

Essa alternância é fixa nos pés regulares: a sílaba longa (—), ou o equivalente de duas breves (U U), ocupa o lugar da *ársis* (elevação); já no iambo (U —) e no anapesto (U U —), essa posição desloca-se para o final do pé, invertendo o padrão dos pés em que a primeira sílaba é forte, como o troqueu (— U), o espondeu (— —) e o dátilo (— U U). Assim, a articulação entre pés e contrapés revela não apenas contrastes formais, mas também a dinâmica rítmica que organiza o verso latino.

Nos pés antitéticos simples e dissílabos, os pirríquios (U U) opõem-se aos espondeus (— —) e os troqueus (— U) aos iambos (U —). Nos pés trissílabos, ocorrem as oposições entre dátilo (— U U) e anapesto (U U —); molosso (— — —) e tríbraco (U U U); anfimacro (— U —) e anfibraco (U — U), e, por fim, báquio (U — —) e palimbáquio (— — U).

O mesmo ocorre com os pés duplos: o dispondeu (— — — —) é contrário ao proceleusmático (U U U U); o jônico maior (— — U U) se opõe ao jônico menor (U U — —); ditroqueu (— U — U) é o inverso do diambo (U — U —); antipasto (U — — U) é o oposto do coriambo (— U U —). Os peãs primeiro (— U U U), segundo (U — U U), terceiro (U U — U) e quarto (U U U —) opõem-se aos epítritos primeiro (U — — —), segundo (— U — —), terceiro (— — U —) e quarto (— — — U), respectivamente. Isto pode ser visto na tabela a seguir:

⁶⁷ Chaque pied se divise en deux parties: la partie forte ou *arsis*, la partie faible ou *thésis*. C'est sur l'*arsis* que tombe accent métrique ou *ictus*. Dans les pieds ordinaires, dactyle, spondée, trochée, iambe, *arsis* est toujours formée par une syllabe longue, ou par deux brèves, considérées comme l'équivalent d'une longue. Dans le trochée, le spondée, le dactyle, l'*arsis* est la première syllabe; c'est au contraire la dernière dans l'iambe et l'anapeste. (LAVARRENE, 1882, p. 49).

Tabela 3 – Quadro da oposição entre os pés métricos

PÉS	SÍMBOLOS	PÉS	SÍMBOLOS
Espondeu	— —	Pirríquio	U U
Troqueu	— U	Iambo	U —
Dátilo	— U U	Anapesto	U U —
Molosso	— — —	Tríbaco	U U U
Anfímacro	— U —	Anfíbraco	U — U
Báquio	U — —	Palimbáquio	— — U
Dispondeu	— — — —	Proceleusmático	U U U U
Jônico Maior	— — U U	Jônico Menor	U U — —
Ditroqueu	— U — U	Diambo	U — U —
Antipasto	U — — U	Coriambo	— U U —
Peã 1º	— U U U	Epítrito 1º	U — — —
Peã 2º	U — U U	Epítrito 2º	— U — —
Peã 3º	U U — U	Epítrito 3º	— — U —
Peã 4º	U U U —	Epítrito 4º	— — — U

Fonte: Compilação da Autora⁶⁸

Desse modo, é possível observar com clareza que as oposições apresentadas por Mx. Vitorino seguem o princípio de simetria interna dos pés métrico-rítmicos, segundo o qual cada pé possui um “contrapé” que inverte a disposição de longas e breves. A tabela organiza essas relações, tornando visível a economia interna do sistema métrico descrito por Mx. Vitorino.

Nesse momento, é importante ressaltar que existem algumas divergências entre a abordagem de Mx. Vitorino e de Emílio Aspro⁶⁹ (1857) sobre as sílabas breves e longas na composição dos pés métricos. Primeiramente, é necessário explicar que, no

⁶⁸ Compilação de informações *passim*, constantes às p. 286-288 da *Ars* de Máximo Vitorino.

⁶⁹ *Aemilius Asper*, famoso gramático latino. Escreveu comentários sobre Terêncio, Salústio e Virgílio e, além disso, há uma seção atribuída a ele na arte gramatical de Palêmon, intitulada *Aspri Ars*. Tanto os comentários como as artes figuram impressos nos volumes III e V da obra *Grammatici Latini* de Heinrich Keil. (*Encyclopedia Britannica*, Volume 2, 1910, p. 813).

volume V da obra *Grammatici Latini* (GL) de Heinrich Keil, se encontra a arte gramatical de Palêmon (1857). No entanto, Palêmon (1857) não se refere nem à métrica, nem ao ritmo, nem aos pés métricos. O autor que menciona esse tema é Emílio Aspro (1857), no capítulo *Aspri Ars* (p.547-554). Essa *ars* (arte) encontra-se no livro de Keil, juntamente com a *Q. Rhemni Palaemonis Ars*. Isso ocorre porque, como explica Rossellini (2001), as *Regulae* são compostas por 14 partes – a *ars* (arte) atribuída a Palêmon (1857) traz o título de *Regulae* – e, na primeira, se encontra a *ars* (arte) de Emílio Aspro (1857).

Portanto, em razão de Mx. Vitorino intitular seu capítulo de *A Arte da Educação Métrica de Palêmon* e discorrer sobre os pés métricos, pode levantar-se a hipótese de que Mx. Vitorino baseou-se no capítulo *De Pedibus* da *Aspri Ars* de Emílio Aspro (1857); ou, ao menos, tenha-se deparado com tal texto durante a elaboração da *Victorini Ars*. Logo, ao analisar o texto de Aspro (1857), foram encontradas algumas divergências no tratamento de Mx. Vitorino e Aspro (1857) em relação aos pés métricos latinos.

Em primeiro lugar, o texto de Mx. Vitorino refere-se aos pés métricos de maneira mais completa, pois Aspro (1857) menciona somente os pés simples dissílabos e trissílabos, ou seja, não cita a existência de pés duplos.

A segunda distinção é encontrada entre a *ars* (arte) de Mx. Vitorino e de Aspro (1857) ao abordarem os pés métricos é a de que Mx. Vitorino afirma que o pé métrico trissílabo chamado báquio tem uma sílaba breve e duas longas (U — —), enquanto Aspro (1857) expõe opinião contrária, pois o mesmo pé, o báquio, tem para ele duas sílabas longas e uma breve (— — U). O mesmo ocorre com o pé palimbáquio: Mx. Vitorino explica que esse pé, também trissílabo, tem duas sílabas longas e uma breve (— — U), já Aspro afirma que o pé palimbáquio tem uma sílaba breve e duas longas (U — —).

Como se pode constatar no quadro anterior, os pés báquio e palimbáquio são opostos um ao outro, o que se mantém tanto nas explicações de Aspro (1857) como nas de Mx. Vitorino, ainda que cada autor os define de modo contrário.

Outros gramáticos latinos também se pronunciaram sobre os pés em questão. Donato (1857) diz que o pé “[...] báquio tem sílaba breve e duas longas, com cinco tempos, como *Āchātēs* (Acates)⁷⁰; ao contrário, o antibáquio (palimbáquio) tem duas

⁷⁰ Companheiro de exílio de Enéas. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.4)

sílabas longas e uma breve, também com cinco tempos, como *nātūrā* (natureza).⁷¹ Igualmente, em sua *ars* (arte) Césio Basso (1874), vai apresentar os pés trissílabos, afirma que “[...] o pé báquio tem sílaba breve e duas longas, com cinco tempos, como *Āthēnaē* (Atenas). O pé palimbáquio tem duas longas e uma breve, com cinco tempos, como *nātūrā* (natureza)”.⁷²

Mário Vitorino (1874, p.41) também apoia a visão desses autores dizendo que “o pé báquico começa sempre com uma breve, seguida de uma longa, e uma longa na [próxima] posição; o palimbáquio começa com uma longa, a [próxima] posição é longa e depois uma breve”⁷³. Contudo, Fortunato (1874) percebe os pés báquio e palimbáquio da mesma maneira que Aspro (1857), dizendo que “o báquio é formado por duas sílabas longas e uma breve, o antibáquio [ou palimbáquio] por uma breve e duas longas”⁷⁴.

Todas as *artes* dos autores foram encontradas nos volumes III, IV e V da obra *Grammatici Latini* (GL) de Heinrich Keil, e sua comparação mostra que os gramáticos latinos apresentam certas contradições a respeito de certos elementos e noções pertencentes à gramática latina.

4.2 Sobre o Verso Hexâmetro Heroico.

Nessa seção, Mx. Vitorino aborda o hexâmetros datílico ou datílico heroico, descrevendo suas características e seu comportamento na métrica latina. Em vista disso, é de suma importância que se compreenda, primeiramente, como são compostos os versos datílicos antes que se iniciem os estudos sobre os hexâmetros. Logo, Mx. Vitorino discorre sobre algumas das particularidades desse tipo de verso.

Mx. Vitorino explica que os versos datílicos são compostos de pés dátilos (— ∪ ∪) e espondeus (— —), podendo ser concebidos com apenas pés dátilos, com pés dátilos e espondeus, seguidos ou intercalados. Ademais, os versos datílicos também permitem a utilização de um troqueu (— ∪) no lugar de um espondeu (— —), somente no último pé dos hexâmetros, pois, segundo Mx. Vitorino, a última sílaba de um metro é adífora (secundária), ou seja, insignificante, podendo ser livremente intercambiada por uma sílaba breve ou uma longa, no entanto Mx. Vitorino apresenta essa característica

⁷¹ [...] *Bacchius ex brevi et duabus longis temporum quinque, ut Achates; huic contrarius est antibacchius ex duabus longis et brevi temporum quinque, ut natura.* (DONATO, 1874 p.370)

⁷² [...] *Bacchius ex brevi et duabus longis temporum quinque, ut athenae. palimbacchius ex duabus longis et brevi temporum quinque, ut natura.* (BASSO, 1874, p.307)

⁷³ *Nam bacchius a brevi incipiens in sublatione semper brevem et longam retinere, in positione longam; palimbacchius autem in sublatione longam, in positionem longam et brevem.* (VITORINO MARIUS, 1874, p.41)

⁷⁴ *Bacchius ex duabus longis et brevi, antibacchius ex brevi et duabus longis* (FORTUNATO, 1874, p.280)

como um defeito, afirmando que o hexâmetro que possua um troqueu é considerado um verso catalético, ou seja, incompleto:

Por que algumas vezes não se adiciona um troqueu no último verso? Porque, em virtude de um bom senso sobre a métrica, vários pensaram que esse pé deveria ser retirado da linha do hexâmetro, pois toda última sílaba de um verso é adiafóra, ou seja, é considerada insignificante. O que aumenta o defeito nesse tipo de verso é que ele admite um troqueu no final, pois a natureza do verso [pode] exigir que ele tenha 24 [tempos] quando completo, o tempo certamente será reduzido quando a [última sílaba] admitir um troqueu, havendo assim 23 [tempo, ou seja,] um verso catalético. (VITORINO, 1874, p. 288)⁷⁵

Para Mx. Vitorino, a presença de um *troqueu* (— ∪) no último pé produz um desequilíbrio estrutural: ao contrário do espondeu final (— —), tradicional nesse tipo de verso, o troqueu reduz o total de tempos métricos. O hexâmetro plenamente constituído deveria ter 24 tempos; ao substituir o espondeu (— —) por um troqueu, o verso passa a ter apenas 23, tornando-se, portanto, catalético, isto é, mutilado ou incompleto.

Os poetas antigos permitiam essa variação pois consideravam que a última sílaba de qualquer verso é adiafóra, isto é, métrica e foneticamente indiferente - pode ser longa ou breve sem comprometer o ritmo básico. Porém, para Mx. Vitorino, essa liberdade não deveria justificar a quebra da simetria do verso: suprimir um tempo no pé final compromete sua regularidade quantitativa. Assim, embora o uso do troqueu no final seja atestado na prática poética, Mx. Vitorino o descreve como um elemento defeituoso, já que diminui a completude temporal do hexâmetro.

Aftônio (*apud* Simões, 2019) menciona certa controvérsia entre os gramáticos latinos a respeito do pé trocaico no final do hexâmetro; ele afirma que alguns acreditam que, ao usarem o pé troqueu, obtém-se um verso épico mais belo, contanto que ocorra a cadência da sílaba final; outros acreditam que a última sílaba do verso é indiferente, por isso admite o troqueu:

Coincidindo com o espondeu apenas em número de sílabas, o troqueu é como se [fosse] o contrário delas, e está sempre localizado na parte extrema do verso [heroico]. Sobre esse pé, ainda agora pende uma contenda entre os gramáticos. De fato, aqueles que o utilizaram dizem que se faz [com ele] um verso épico mais belo, desde que tenha κατάληξις [“catálexin”]: “última sílaba ou parte da

⁷⁵ *Cur non addis ultimo interdum trochaeo? Quod bono iudicio metrici complures hunc pedem de versu hexametro excludendum esse censuerunt. quippe omnis syllaba in ultimo versu adiaforos est, id est indifferenter accipitur, nec interest utrum producta sit an correpta, siquidem positione longa fiat, cum partem orationis in exitu finit. quo accedit quod vitiosus huius modi versus est, qui trochaeum admittit in fine. nam cum ita ratio exposcat, ut pleno versui XXIII tempora insint, admisso utique trochaeo coartabitur temporum numerus, et erunt tempora XXIII, qui est versus colobos (VITORINO, 1874, P. 288)*

palavra ou verso”; trata-se da “cadência” da sílaba final], isto é, se ele for encerrado com um troqueu que o feche, [e o fazem] para convencer que sejam perfeitamente combinados troqueus com pés datílicos no abaixamento da voz. Contrários a esses, outros se apoiam na regra do pé final, única posição que [o troqueu] será colocado; e não sem razão, de modo que [o verso] se complete com sua última sílaba que é sempre breve, e com uma pausa de tempos ali intercalada, que todo verso atinge naturalmente no fim, único momento em que ela é então considerada uma longa, da mesma forma que a maioria das sílabas finais dos metros: ou então porque em todo verso a última breve é considerada ἀδιάφορος [“adiáphoros”: “que não importa”], isto é, indiferente. (AFTÔNIO, *apud* Simões, 2019, p.149)

A presença do troqueu (— ∪) no último pé do hexâmetro não era apenas uma variação formal reconhecida pelos gramáticos, mas tema de debate técnico. Aftônio (*apud* Simões, 2019) apresenta duas posições contrárias entre os gramáticos antigos. Para alguns, o uso do troqueu no final do verso concede ao hexâmetro uma cadência mais elegante (κατάληξις - catálise), desde que o abaixamento da voz se harmonize com a alternância dos pés datílicos (— ∪ ∪) ao longo do verso. Nessa perspectiva, o troqueu (— ∪), embora contrário ao espondeu (— —) em sua configuração de sílabas, realçaria o efeito sonoro e produziria um encerramento mais artístico.

No entanto, outros gramáticos recorrem à regra métrica tradicional: o troqueu (— ∪) só pode aparecer no último pé porque essa é a única posição em que ele não compromete a estrutura do verso. Isso se deve ao fato de que a sílaba final pode ser tratada como adíafora - indiferente quanto à quantidade - e, portanto, passível de ser alongada artificialmente pela pausa natural que encerra o verso. Assim, mesmo sendo breve, ela se comporta como longa por posição final, justificando a aceitação do troqueu sem violação formal.

Aftônio (*apud* Simões, 2019), portanto, mostra que a tolerância ao troqueu (— ∪) no final do hexâmetro repousa sobre duas justificativas distintas - uma estética e outra métrica - ambas derivadas do princípio de indiferença da sílaba final. Essa contradição entre os gramáticos latinos confirma que, embora permitido, o troqueu (— ∪) final nunca foi considerado ideal, relacionando-se com a crítica de Mx. Vitorino, que o classifica como elemento catalético.

Mx. Vitorino continua seu tratado trazendo a divisão dos versos datílicos, os quais ele categoriza em cinco tipos de acordo com sua quantidade de metros: dímetro, trímetro, tetrâmetro, pentâmetro e hexâmetro. Mx Vitorino tratara diretamente do hexâmetro, sem mencionar os outros versos, portanto, para maior compreensão, outras artes gramaticais foram analisadas sobre este tópico.

Aftônio (*apud* Simões, 2019) esclarece que o verso datílico “cresce” gradativamente por meio de adição de sílabas, partindo do dímetro até que complete o hexâmetro:

O metro datílico começa e cresce progressivamente pelo acréscimo de sílabas, indo do dímetro até o hexâmetro. O verso dímetro catalético será, então, aquele que se detém em apenas dois pés, assim como:

[*Tērrūīt | ūrbēm*] ⁷⁶

que se assemelha ao coriâmbico monométrico hipercatalético, que é chamado verso **adônico** (GL VI, p. 73). ((AFTÔNIO, *apud* Simões, 2019, p.296-298)

O dímetro é constituído de um pé dátilo (— ∪ ∪), com três sílabas, seguido de um espondeu (— —), dissílabo; ambos com quatro tempos: [*Tērrūīt | ūrbēm*]. Esse verso pentassílabo é chamado de adônio ou adônico, representado pelo seguinte esquema métrico: [— ∪ ∪ — —], como aponta Simões (2019).

Por sua vez, Aftônio (*apud* Simões, 2019, p. 296-298) expõe que o trímetro acatalético, que não tem cadência na sílaba final, é composto por três pés e é denominado de pé do meio; o tetrâmetro tem quatro pés, enquanto o pentâmetro - também chamado de simonídeo - constitui-se de cinco. Por fim, o hexâmetro chega a seis pés, sendo que o catalético tem uma sílaba final incompleta, como pode ser observado nos versos a seguir:

- **trímetro:** *cūi nōn | dīctūs Hŷ|lās pŷēr*⁷⁷
- **tetrâmetro:** *nōs pātrī|āe fī|nēs ēt| dūlcīā*⁷⁸
- **pentâmetro:** *Phōēbūs | mē dōcū|īt iŷgā | Pīērī|dūm sēquī*⁷⁹
- **hexâmetro:** *Ōcēā|num īntērē|ā sūr|gēns Āu|rōrā rē|līquī*⁸⁰
- **hexâmetro catalético:** *ālmā pā|rēns, gēnē|trīx dī|vūm, dēcūs | Ōcēā|nō*⁸¹

Os exemplos mostram o aumento numérico dos pés e a relação entre estrutura e cadência final. Enquanto o hexâmetro pleno mantém seus seis pés completos, a versão catalética confirma a regra segundo a qual a sílaba final, por ser adiafóra, pode representar uma métrica incompleta sem comprometer o reconhecimento do verso.

⁷⁶ Cf. HORÁCIO, *Carmina I*, 2, 4; Trad.: ‘aterrorizou a Cidade’.

⁷⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Georgicon III*, v.6, Trad.: ‘Quem não celebrou jovem Hilas e Delos Latônia’.

⁷⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Ecloga I*, v.3, Trad.: ‘Nós deixamos as fronteiras da pátria e os agradáveis campos’.

⁷⁹ Cf. SIMONIDES *Greek Lyric*, p.502, Trad.: ‘Febo me ensinou a perseguir os jugos das Piérides’.

⁸⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis IV*, v.129; Trad.: ‘Enquanto isso a Aurora surgindo deixou o oceano’.

⁸¹ Trad.: ‘Mãe fértil, progenitora dos deuses, encanto do mar’.

O metro, abordado neste capítulo por Mx. Vitorino é o hexâmetro, categorizado em três tipos: hexâmetro iâmbico; hexâmetro datílico e hexâmetro datílico heroico. Mx. Vitorino concentra-se nas características e comportamento dos dois últimos, apenas mencionando brevemente o hexâmetro iâmbico, todavia, para maior compreensão, serão abordadas a seguir algumas particularidades desse metro.

Segundo Doná (2014), os versos iâmbicos são aqueles que permitem pés dádilos ($\text{—} \cup \cup$), tribacos ($\cup \cup \cup$) anapestos ($\cup \cup \text{—}$) e espondeus ($\text{—} \text{—}$) em pés ímpares, contudo, jamais são admitidos em pés pares, pois são esses pés que tornam o verso iâmbico e diferente do verso datílico. Admitem-se também algumas variações de pés que possuam quatro tempos, pois, como o verso iâmbico aceita o espondeu ($\text{—} \text{—}$), aceita, do mesmo modo, outros pés, com exceção do troqueu ($\text{—} \cup$), visto que eles alterariam sua natureza iâmbica. Ademais, caso ele possua somente pés completos, admite no último pé um pirríquio ($\cup \cup$), caso possua um pé incompleto - catalético - permite que sejam colocados um anfíbraco ($\cup \text{—} \cup$) ou até mesmo um báquio ($\cup \text{—} \text{—}$).

Os versos iâmbicos têm de dois a quatro metros, logo, podem variar de um dímetro até um tetrâmetro. Segundo Baker (*apud* Doná, 2014), esses versos ocorrem em dipodias - apresentam sempre dois do mesmo metro para que se tornem um verso completo - desse modo, o hexâmetro iâmbico é a junção de dois trímetros iâmbicos.

Os poetas latinos utilizavam em sua maioria os metros iâmbicos ou datílicos, dependendo do efeito que desejam criar no verso. O primeiro era comumente usado em comédias, pois sua estrutura se assemelha demasiadamente à fala em uma conversação corriqueira. Enquanto isso, os datílicos eram empregados na poesia épica, uma vez que essa tem um efeito lento e solene ao retratar as aventuras heroicas, dando a aparência de um estilo levado (FICARELLI; VISCONTI; ZANI, 2017).

Sendo assim, o hexâmetro datílico podia também ser chamado de hexâmetro heroico, pois, como explica Mx. Vitorino, esses hexâmetros “compreendem as guerras e coisas de homens, como ‘A Ilíada’ de Homero e ‘A Eneida’ de Virgílio”, ou seja, abordam as *coisas de heróis*. O hexâmetro datílico ou heroico é um metro composto de seis pés, sendo que seus primeiros quatro pés podem ser dádilos ($\text{—} \cup \cup$) ou espondeus ($\text{—} \text{—}$), o quinto pé, na maioria das vezes, é um dádilo ($\text{—} \cup \cup$), enquanto o sexto pé pode ser um espondeu ($\text{—} \text{—}$) ou um troqueu ($\text{—} \cup$). Isto ocorre, pois, cada sílaba breve tem um tempo, enquanto uma sílaba longa tem dois tempos, logo, são necessárias duas sílabas breves para realizar o tempo de uma longa; por esse motivo o espondeu ($\text{—} \text{—}$) é permitido ser colocado no lugar dos dádilos ($\text{—} \cup \cup$).

Existem os hexâmetros datílicos ou heroicos que constam somente de dátilos (— ∪ ∪) ou somente de espondeus (— —), porém, para Aftônio (*apud* Simões, 2019), esses versos heroicos são considerados defeituosos, pois sua ritmização seria lenta ou rápida demais, o que os torna desagradáveis aos ouvidos.

Mx. Vitorino expõe que os hexâmetros datílicos ou heroicos têm um mínimo de 12 sílabas e um máximo de 18, dependendo do número de pés dátilos (— ∪ ∪) ou espondeus (— —) encontrados no verso. Um hexâmetro composto somente por espondeus (— —), por exemplo, teria 12 sílabas (Mx. Vitorino, como se nota, ou desconta a última sílaba, que para ele seria adíaforos, não importante, ou considera a rara possibilidade de um espondeu no 5º pé), ao passo que um verso que possua somente dátilos (— ∪ ∪) comporta 18 sílabas (tal possibilidade implica necessariamente a teórica e improvável presença de um dátilo também no 6º pé). Há, em poucos casos, e raramente encontrados, versos de 20 sílabas em virtude das sinalefas - contagem de duas sílabas como uma única para melhor acomodação fonética. De acordo com o gramático latino, versos de 19 sílabas nunca foram encontrados:

Geralmente, é possível encontrar versos de dezoito ou vinte sílabas, como esse “quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui”⁸² e “aut onera accipiunt venientum aut agmine facto”⁸³ e “quin morere, ut merita es, ferroque averte dolorem”⁸⁴. E “cara mihi ante alias, neque enim novus iste Dianae”⁸⁵. A maioria deles é de dezoito sílabas, e [os versos] na última posição são de vinte sílabas, as quais, de modo algum, encontrarão uma correspondência, pois até agora quase ninguém encontrou um verso que consista em dezenove sílabas. Mas, deve-se saber que, no sistema métrico, aquelas sílabas que são ligadas pelo hífen nunca são contadas. Então acontece que todos aqueles versos que parecem exceder o número de sílabas acima mencionado, ao remover as sinalefas, reduzem-se a dezessete ou dezesseis sílabas, mas nenhum [reduz-se a] quinze sílabas, como aqueles exemplificados acima. Também se deve saber que nenhum verso hexâmetro datílico que pareça exceder o número de dezessete sílabas pode ser encontrado. Portanto, cada verso do hexâmetro, se consistisse de apenas dois espondeus, teria doze sílabas; se ele tivesse um dátilo, treze; se [possuísse] dois [dátalos], quatorze; se três, quinze; se quatro, dezesseis; se cinco, dezessete portanto, toda vez que um dátilo é adicionado, uma sílaba é adicionada (VITORINO, 1874, p. 289-290)⁸⁶.

⁸² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IV*, v. 315; Trad.: ‘pois perdi tudo, sem nada reservar para meu miserável eu’.

⁸³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis I*, v. 434; Trad.: ‘ou dos fardos que recebem’.

⁸⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IV*, v. 547; Trad.: ‘que o merece, aniquilar essa dor’.

⁸⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v. 597; Trad.: ‘se afeiçoou à Diana com carinho’.

⁸⁶ *plerumque invenies versum decem et octo aut viginti syllabarum, ut sunt hi, quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui et aut onera accipiunt venientum aut agmine facto et quin morere, ut merita es, ferroque averte dolorem. Et cara mihi ante alias, neque enim novus iste Dianae. Sunt quidem plerique syllabarum decem et octo, et ille quem in ultimo loco posuisti syllabarum viginti, cui nequaquam invenies parem, cum adhuc nullus fere inveniatur, qui decem et novem syllabis constet. verum scien dum est in metrica ratione numquam computar, eas syllabas, quas sypha interceptit. quo fit ut omnes illi versus, qui supra dictum numerum syllabarum videntur excedere, detractis synaliphis ad decem et septem aut sedecim ac non nulli etiam ad quindecim syllabas redigantur; veluti sunt illi quos supra exempli causa posuisti. unde etiam sciendum est nullum versum dactylicum hexametrum inveniri posse, qui numerum*

Na passagem citada, Mx. Vitorino aprofunda a discussão sobre a quantidade de sílabas que um hexâmetro datílico pode apresentar. O autor observa que, embora poetas possam compor versos aparentemente longos, chegando a dezoito ou até vinte sílabas, esse número elevado não reflete a contagem métrica real. Isso porque, segundo ele, sílabas unidas por sinalefa não entram no cômputo métrico, já que a métrica considera apenas sílabas efetivamente pronunciadas de modo distinto. Assim, versos que parecem exceder o limite máximo reduzem-se, após a eliminação das sinalefas, para dezesseis ou dezessete sílabas, porém nunca para quinze, como ele ressalta, nem jamais para dezenove.

Desse modo, Mx. Vitorino expõe a existência de 32 combinações possíveis entre dátilos (— ∪ ∪) e espondeus (— —) que formam os hexâmetros, conforme é possível observar na tabela abaixo:

Tabela 4 – Quadro da ordem dos pés nos hexâmetros heroicos

Hexâmetros Datílicos	1º pé	2º pé	3º pé	4º pé	5º pé	6º pé
17 sílabas	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —)
16 sílabas	espondeu (— —)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —) troqueu (— ∪)
	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —) troqueu (— ∪)
	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —) troqueu (— ∪)
	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —)	dátilo (— ∪ ∪)	espondeu (— —)

syllabarum decem et septem videatur excedere. itaque omnis versus hexameter; si solis spondeis constiterit, erit duodecim syllabarum; si unum dactylum habuerit, tredecim; si duos, quattuordecim; si tres, quindecim; si quattuor, sedecim; si quinque, decem et septem. itaque quotiens dactylus accesserit, totiens una syllaba adcrecit. (VITORINO, 1874, p. 289-290)

						troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
15 sílabas	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)

	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
14 sílabas	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu

						(— U)
13 sílabas	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)
	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	dátilo (— U U)	espondeu (— —) troqueu (— U)
12 sílabas	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —)	espondeu (— —) troqueu (— U)

Fonte: Compilação da Autora⁸⁷

A explicação de Vitorino se fundamenta no cálculo estrutural do hexâmetro: cada dátilo acrescenta uma sílaba a mais em relação ao espondeu. Partindo disso, ele sistematiza o número total de sílabas possíveis: um verso com apenas espondeus (— —) teria doze sílabas; com um dátilo (— U U), treze; com dois dátilos (— U U), quatorze; com três dátilos (— U U), quinze; com quatro dátilos, (— U U) dezesseis; e com cinco dátilos (— U U), dezessete.

Assim, a variação entre 12 e 17 sílabas é um resultado matemático direto da quantidade de dátilos (— U U) empregados. Os raríssimos versos que parecem alcançar vinte sílabas são ilusórios: chegam a esse número apenas graficamente, nunca metricamente. Quando Mx. Vitorino explica que não se encontra verso algum de

⁸⁷ Compilação de informações *passim*, constantes às p. 290-291 da Ars de Máximo Vitorino.

dezenove sílabas ele quer dizer que o hexâmetro possui limites formais fixos, e todo excesso decorre exclusivamente de fenômenos fônicos como a sinalefa.

Dessa forma, percebe-se que Mx. Vitorino é minucioso ao tratar das quantidades de sílabas em um verso, expondo que nenhum hexâmetro pode ultrapassar o padrão máximo de dezessete sílabas métricas - limite garantido pela própria estrutura dos pés que o compõem, como pode ser visto na tabela acima.

Mx. Vitorino explica que existem ainda os hexâmetros que admitem um dátilo (— ∪ ∪) no sexto pé, porém, essa ocorrência é raramente encontrada. Ademais, ainda que o hexâmetro datílico admita teoricamente que o quinto pé traga um espondeu, ocorre muitíssimo mais vezes um dátilo (— ∪ ∪) no quinto pé, logo, esse tipo de verso quase não é utilizado.

Assim, Mx. Vitorino inicia o tratamento minucioso dos versos, seu número de sílabas e os pés que os compoem, dando o primeiro lugar aos versos de 12 sílabas, os quais são chamados espondaicos, por serem feitos somente com espondeus (— —) não possuindo nenhum dátilo (— ∪ ∪) em sua composição métrica, como em *īntrōdūcūtūr lēgātī Mīntūrnēnsēs*⁸⁸. No entanto, o autor cita a fala do gramático Albino⁸⁹ para apontar o problema dos versos espondaicos:

Esse tipo de versificação é tão difícil, que Albino, no livro que ele escreveu sobre metros, colocou dessa forma, não desfavoravelmente, concluindo que todo verso poderia ser feito com um espondeu simples, juntando-o, mas apropriadamente um dátilo. (VITORINO, 1874, p. 211)⁹⁰

Com isso nota-se que, para Mx. Vitorino, Albino usa de certa ironia para demonstrar que os versos espondaicos possuem uma versificação demasiadamente complicada, e que estes versos somente poderiam ser admitidos caso houvesse um dátilo (— ∪ ∪) nele, quebrando o verso espondaico e transformando-o em um hexâmetro datílico de 13 sílabas. Desse modo, é possível perceber que o caráter defeituoso que Mx. Vitorino dá aos versos espondaicos.

⁸⁸ Cf. ÊNIO *Annales*, v.9; Trad.: ‘introduuzidos os embaixadores Minturnes’.

⁸⁹ Não foram encontradas referências sobre Albinus, mencionado por Mx. Vitorino como autor de um tratado métrico, parece tratar-se de um gramático latino perdido. Não há referências seguras em edições modernas ou catálogos de autores antigos, o que impede uma verificação direta de sua afirmação sobre a composição de versos totalmente espondaicos.

⁹⁰ *Quod genus versificationis usque adeo durum est, ut non invenuste Albinus in libro quem de metris scripsit ita posuerit, vilem spondeum totum concludere versum posse fieri iungens sed dactylum apte.* (VITORINO, 1874, p. 211)

Para demonstrar o comportamento dos pés em versos de 13 a 17 sílabas Mx, Vitorino utiliza, majoritariamente os versos de Virgílio para demonstrar o comportamento dos pés. O gramático latino afirma que daqueles de treze sílabas, apenas são encontrados em Virgílio os que possuem dátilos (— ∪ ∪) na segunda ou na quinta posição, como em *levis ocreas lento ducunt argento*⁹¹ e *Iuno aeternum servan subpectore vulnus*⁹².

Por sua vez, os de 14 sílabas de Virgílio são aqueles que possuem dátilo (— ∪ ∪) na primeira e na quinta posição, como em *quīppē vē | tōr fā | tīs, Pā | llās ne ē | xūrē rē | clāssēm*⁹³; na segunda e na quinta, como em *fēlīx | quī pōtū | īt rē | rūm cōg | nōs cērē | caūsā*⁹⁴; na terceira e na quinta, como em *ārcē | bāt lōn | gē Lātīō | mūltōs | quē pēr ā | nnōs*⁹⁵; ou na quarta e na quinta, como em *quārūm | quāē | fōrmā | pūlcherrī | mā Deī ō | pēām*⁹⁶.

Os versos de 15 sílabas existentes na *Eneida* possuem o espondeu (— —) no primeiro e segundo pés, como em *īnfān | dūm, rē | gīnā, Iū | bēs rēnō | vārē dō | lōrēm*⁹⁷; no primeiro e terceiro, como em *hīc cū | rrūs fūit, | hōc rēg | nūm dēā | gēntībūs | ēssē*⁹⁸; no primeiro e quarto, como em *Aēneās | scōpūlūm | īntērē | ā cōns | cēndīt ēt | ōmnēm*⁹⁹; segundo e terceiro, como em *aūt Cāpyn | aūt cēl | sīs īn | pūppībūs | ārmā Cā | īcī*¹⁰⁰; segundo e quarto, como em *vī sūpē | rūm saē | vaē mēmō | rēm Iū | nōnīs ōb | īrām*¹⁰¹; terceiro e quarto, como em *gēns īnī | mīcā mī | hī Tȳr | rhē nūm | nāvī gāt | aēquōr*¹⁰².

No que diz respeito aos de 16 sílabas, Virgílio utiliza somente os que possuem espondeu (— —) na primeira posição, como em *ūrbs ān | tīquā fū | īt, Tȳrī | ī tē nū | ērē cō | lōnī*¹⁰³, na segunda, como em *nūllā tū | ārūm | aūdītā | mīhī nē | quē vīsā | sōrōr*¹⁰⁴,

⁹¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* VII, v.634; Trad.: ‘botas cobertas com fina camada de prata’.

⁹² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.36; Trad.: ‘A eterna Juno conversa, com a ferida sangrando no peito’.

⁹³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.39; Trad.: ‘é destino antigo que Palas deve queimar a frota’.

⁹⁴ Cf. VIRGÍLIO *Georgicon* II, v.490; Trad.: ‘feliz é aquele que pode conhecer a causa das coisas’.

⁹⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.31; Trad.: ‘manteve, por muito tempo, afastada do Lácio’.

⁹⁶ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.72; Trad.: ‘das quais, Deopéia é a mais bonita’.

⁹⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.2; Trad.: ‘ordena, rainha, que renove uma dor cruel’.

⁹⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.17; Trad.: ‘ele tinha ali seu carro; seu povo esse reino tem, e a deusa...’.

⁹⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.180; Trad.: ‘enquanto isso, Enéas escalou todas as rochas’.

¹⁰⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.183; Trad.: ‘ou Cápis ou as armas do nobre Caíco’.

¹⁰¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.4; Trad.: ‘vagou por muito tempo nas terras e nos mares sob a ira de Juno’.

¹⁰² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.67; Trad.: ‘os inimigos navegam nos mares Tirrenos’.

¹⁰³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.12; Trad.: ‘era uma cidade antiga, pequena colônia de Tiro’.

¹⁰⁴ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.326; Trad.: ‘não soube nada de ti e nem de suas irmãs’.

na terceira, como em *ěrvītĩ | ō prēmět | āc vīc | tīs dōmĩ | nābītūr | Ārgīs*¹⁰⁵, ou na quarta posição, como em *īmpěrĩ | ūm sīnē | fīnē dē | dī, quīn | āspērā | lūnō*¹⁰⁶.

Os versos de 17 sílabas possuem dátilos (— ∪ ∪) em todos os pés, com exceção do sexto, como em *quāndō ā | liūd mīhĩ | iām mīsē | raē nīhĩl | īpsā rē | līquĩ*. Desse modo é possível perceber que Virgílio não utiliza o espondeu (— —) na quinta posição, mesmo que essa ocorrência seja aceita na métrica latina, não é comumente adotada pelos poetas.

Após sua explicação sobre os hexâmetros, Mx. Vitorino separa os hexâmetros em quatro tipos, conforme o sentido que exprimem no verso: unidos, separados, misturados e divididos. O autor diz que os versos unidos são aqueles que não permitem que as palavras se separem, pois, caso isso ocorra, o sentido do verso irá se alterar. Eles têm sentido finito em si mesmos, não necessitando de outros elementos para que se compreenda o que foi dito. Para Mx. Vitorino, esse tipo de versificação é considerado louvável e melhor, como em *infandum, regina, Iubes renovare dolorem*¹⁰⁷. Caso esse verso fosse separado ele perderia o sentido, *infandum, regina*, (ordenha, rainha,) e *Iubes renovare dolorem* (que renove uma dor cruel).

Ao contrário, os hexâmetros separados são o oposto dos unidos, pois veiculam partes separadas do discurso, como, por exemplo, *dic mihi, Clio, quisnam primus fingere versus*¹⁰⁸. Esse verso pode ser separado em *dic mihi, Clio* (diz-me, Clio) e *quisnam primus fingere versus* (quem foi o primeiro a forjar versos), sem que seus sentidos precisem um do outro para serem completados.

Por sua vez, os misturados dispõem das características de ambos, dos unidos e separados, podendo empregar um mesmo e único sentido e, ao mesmo tempo, mais de um sentido no verso, como, *hic currus fuit, hoc regnum dea gentibus esse*.¹⁰⁹ Caso esse verso fosse separado, ele carregaria dois sentidos, *hic currus fuit*, (ele tinha ali seu carro;) e *hoc regnum dea gentibus esse* (seu povo esse reino tem, e a deusa...), porém o sentido se altera quando eles se separam.

Por fim, os versos hexâmetros divididos são os mesmos que os versos priápicos ou priapeus, que assim se chamam porque foram muito utilizados em poemas dedicados

¹⁰⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.285; Trad.: ‘dominará, e sobre o vencido Argos deverá impor seu julgamento’.

¹⁰⁶ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.279; Trad.: ‘do nome Juno obtém-se Júlia’.

¹⁰⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.2; Trad.: ‘ordenha, rainha, que renove uma dor cruel’.

¹⁰⁸ Trad.: ‘Diz-me, Clio, quem foi o primeiro a forjar versos’. Passagem não encontrada.

¹⁰⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.17; Trad.: ‘ele tinha ali seu carro; seu povo esse reino tem, e a deusa...’.

a Priapo¹¹⁰. Mx. Vitorino apenas diz que esse metro compreende os três primeiros pés encadeados entre si, mas separados dos outros três últimos pés, portanto, divididos, como em *Ārǎ | rīm Pārthūs | bībēt aūt || Gērmāniǎ | Tīgrīm¹¹¹, e ūtquē | vīrō Phoē | bī chōrūs || ādsūr | rēxērīt | ōmnīs¹¹² e ēst mī | hī nām quē | dōmī pā || tēr, ěst | īniūstǎ | nōvērca*.

Desse modo, é possível ver certa regularidade nos versos priapus, Simões (2019) os descreve como a combinação de um glicônio, composto de um troqueu (— ∪) ou espondeu (— —), um dátilo (— ∪ ∪) e um anfímacro (— ∪ —); e um ferecrácio, composto de um troqueu (— ∪) ou espondeu (— —), um dátilo (— ∪ ∪) e um troqueu (— ∪) ou espondeu (— —):

O metro priapeu é uma combinação entre o glicônio e o ferecrácio e totaliza 15 sílabas, no seguinte esquema métrico [— ∪ — ∪ — ∪ — || — ∪ — ∪ — ∪], assim, são *exempla* do verso priapeu em Aftônio as composições [*sīc tē | dīvǎ pō|tēns Cŷprī |, grātō | Pŷrrhǎ sŭb | āntrō*], pelo gramático descrito como uma sequência composta por espondeu, dois pés datílicos, um quarto pé espondeico, seguido por um dátilo novamente e, por último, um espondeu, tal como um hexâmetro heroico, e ainda a composição [*Nēreūs | ūt cǎnē|rēt fērōs,|| grātō | Pŷrrhǎ sŭb | āntrō*], verso priapeu que Aftônio descreve, sem mais detalhes, como a união de um glicônio com um ferecrácio. (SIMÕES, 2019, p. 186)

Os exemplos apresentados por Simões mostram exatamente o modo como os versos priápicos - ou priapeus - são concebidos. O primeiro exemplo é o verso *sīc tē | dīvǎ pō|tēns Cŷprī ||, grātō | Pŷrrhǎ sŭb | āntrō*, sendo assim o glicônio neste caso é composto por um espondeu (— —), um dátilo (— ∪ ∪), um anfímacro (— ∪ —); e o ferecrácio por um dátilo (— ∪ ∪) e um espondeu (— —), como um hexâmetro heroico.

O segundo exemplo é o verso *Nēreūs | ūt cǎnē|rēt fērōs,|| grātō | Pŷrrhǎ sŭb | āntrō*, sendo assim o glicônio é composto por um espondeu (— —), um dátilo (— ∪ ∪), um anfímacro (— ∪ —); e o ferecrácio por um espondeu (— —), um dátilo (— ∪ ∪) e outro espondeu (— —). Demonstrando, desse modo, como os hexâmetros divididos expostos por Mx. Vitorino são compostos.

Esses exemplos confirmam a exposição de Mx. Vitorino dos hexâmetros divididos, tanto nos exemplos do gramático, quanto nos de Simões, os três primeiros pés são encadeados entre si, mas divididos dos três últimos pés.

¹¹⁰ Filho de Afrodite e Dionísio, deus da cidade de Lampsaco, considerado guardião das vinhas, dos jardins e dos pomares. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.395)

¹¹¹ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga I*, v.62; Trad.: ‘Ararim Partos beberá, ou [beberão] os tigres da Alemanha’.

¹¹² Cf. VIRGÍLIO *Ecloga VI*, v.66; Trad.: ‘para que todo o coro se levantasse para o marido de Phoebe’.

Em seguida, para finalizar esse capítulo, Mx. Vitorino trata do metro pítio, um antigo nome para o hexâmetro. O gramático explica que esse nome provém de uma das passagens do mito de Apolo: conta-se que o deus produziu pela primeira vez oráculos com esse tipo de verso, depois de matar a serpente gigante Python, e, por isso, chamou-o *Pythiusu*. Ademais, o autor diz existir outra concepção para a origem desse nome: “para outros, no entanto, parece ser uma métrica de Pítia” (VITORINO, 1874,). Essa passagem foi descrita por Isidoro desse modo: “*cum in Parnasso Pythonem serpentem in vindictam matris sagittis insequeretur, accolae Delphici hoc illum versu hortati sint, Τῇ ταιάν, ἰὴ ταιάν, ἰὴ ταιάν*”¹¹³.

¹¹³ Cf. ISIDORO *Etymologiarum Sive Originum Libri XX*, Trad.: ‘quando no (monte) Parnasso ele perseguia a serpente Píton com suas flechas, em vingança por sua mãe, os habitantes de Delfos o estimularam com este verso: *Io, Peã! Io, Peã! Io, Peã!*’.

5. O Final dos Metros

Nessa seção, Mx. Vitorino aborda o final dos metros e suas particularidades. O autor mostra as classes gramaticais, como pronomes, verbos, advérbios, conjunções, interjeições e outros, e a maneira como se comportam no final dos versos.

A maioria dos gramáticos antigos não discute a sílaba no final dos metros e suas variações, e ainda, aqueles que mencionam esse componente, o fazem de maneira superficial. Sendo assim, Mx. Vitorino é um dos poucos a tratar das sílabas no final dos metros.

Em todas as partes do discurso, a primeira sílaba ou a medial, são exemplos da arte [gramatical] mais fáceis de coletar. Portanto, discutamos sobre as últimas [sílabas]. Embora os poetas frequentemente têm permissão ou licença ou necessidade de usar o metro indiferentemente, não significa que eles saibam como a sílaba se comporta naturalmente. (VITORINO, 1874, p.240-241).

O autor observa que, por mais que os poetas possuam “permissão” para variar o tempo da última sílaba, empregando quer uma longa quer uma breve, a maioria deles não sabe qual o comportamento natural dessa sílaba final, portanto, Mx. Vitorino irá apresentar as características das sílabas de acordo com a gramática.

Prado (1997) explica que “no tocante à língua latina, uma sílaba *deve ser* breve ou longa”, logo, ou uma sílaba será longa, ou será breve, não podendo ser as duas ao mesmo tempo, com exceção da última sílaba no final de um verso. Esta é considerada uma sílaba livre, chamada de sílaba *ancípite*: admitindo que ocorra uma alteração pelos poetas entre sílabas breves e longas, a fim de que fique adequada ao metro dos versos dos poemas. Esse fenômeno em que uma sílaba longa permite sua alteração para uma sílaba breve é chamado por Prado (1997) de neutralização. O autor explica que o conceito de neutralização foi concebido primeiramente no âmbito dos estudos fonológicos, para que fossem explicadas as variações livres de diferentes fonemas:

Os fonólogos assinalaram que muitas oposições de fonemas, possíveis em determinados contextos, não o são mais em outros. Diz-se então que a oposição é neutralizada. Compare-se, em francês, a vogal de *fée* (fada) (notada foneticamente *e*), e a de *fait* (fato) (notada *ɛ*). elas se opõem em fim de palavra, pois substituindo uma pela outra passa-se da pronúncia *fē* (fê) (com o sentido "fêe") para a pronúncia *fɛ* (fé) (com o sentido "fait"). Mas há contextos em que a oposição é neutralizada. Às vezes, porque a substituição não introduz diferença de sentido. É o caso em que *e* e *ɛ* se encontram em sílabas abertas (= não terminadas por uma consoante) dentro de uma palavra: obtém-se a mesma significação "*pays*" (país), pronunciando-se *pɛ-i* ou *pe-i*. Os dois sons estão, portanto, em variação livre (DUCROT; TODOROV. *apud* PRADO, 1997, p.150).

Prado (1997) afirma que “Esse conceito se revela muito útil quando se o transfere para a métrica, com o propósito de explicar o problema da sílaba *anceps*”. Nos estudos de métrica latina clássica, autores contemporâneos propõem que essa neutralização das sílabas ancípites no final dos metros seja marcada por uma braquia juntamente com um ponto: ≍.

Por esse motivo, nessa seção Mx. Vitorino discute a natureza das sílabas nos finais dos metros, sem levar em conta a permissão dada aos poetas para neutralizar as sílabas, compreendendo somente a parte gramatical, e não métrica. Logo, os próximos capítulos desenvolvem explicações do que Mx. Vitorino diz acerca da natureza dessas sílabas.

5.1 Sobre o Final dos Metros

É importante ressaltar que, como já se explicou no capítulo 3.12 - *Sobre as sílabas*, elas são classificadas em breves e longas, o que ocorre conforme o encurtamento ou alongamento das vogais.

Neste capítulo, Mx. Vitorino aborda inicialmente as letras, para depois explicar como funciona a natureza das sílabas no final dos metros. Como a explicação sobre as letras já foi trabalhada no capítulo 3.11 – *Sobre as letras*, neste capítulo será apresentada somente um breve resumo do que o gramático latino afirma sobre elas, para uma melhor compreensão, sem que se demore muito wem tópicos já, anteriormente, explicados.

Assim, Mx. Vitorino informa que são três as características das letras: o significado da forma do nome, o gênero e sua forma gráfica. Ao referir-se ao significado da forma, o autor informa que o modo como as letras são chamadas confere certa autoridade, por exemplo o som da letra *a* não se iguala a nenhum outro no alfabeto, tendo, portanto, o domínio dessa sonoridade.

Em seguida, Mx. Vitorino enuncia que todas as letras têm gênero neutro. Por último, aborda a forma das letras, ou seja, o modo como elas são escritas, que está diretamente ligado à métrica latina, pois, a partir do alongamento ou encurtamento de uma vogal a métrica de cada verso será realizada.

O autor explica que as letras são divididas em duas classes: vogais e consoantes. As vogais, que podem se alongar ou encurtar, são cinco: a e i o u; enquanto todas as outras letras são consideradas consoantes. As vogais *i* e *u* têm uma particularidade diferente das outras. Elas podem se comportar como consoantes caso estejam na frente de outras vogais ou apareçam juntas, como pode ser observado em palavras como *Ianus* (Janus), *Venus* (Vênus), *Iuno* (Juno) e *vita* (vida). Ademais, a vogal *i* dispõe outra característica: quando localizada entre duas vogais, funciona como uma vogal dupla, como *Troia* (> Troi-ia = Troia) e *Maia* (> Mai-ia = Maia).

Por sua vez, as consoantes também são divididas em duas classes: semivogais - f l m n r s x, - ou mudas - b c d g h k p q t. Ao serem colocadas após outras consoantes, as letras *l* e *r* são excluídas, caso ainda pertençam à mesma sílaba, como *clarus* (claro) e *frater* (irmão). Algumas vezes, a [consoante] *s* também é excluída do metro; [a letra] *x* sempre é considerada dupla, porém, [a letra] *z* não. O *h* pode funcionar tanto como uma consoante, quanto somente como uma aspiração.

Mx. Vitorino expõe que o tratamento das letras é demasiado complexo e abundante, no entanto, ele irá aprofundar seus estudos nas sílabas que levam à medição de pés e metros. Como já se explicou, as sílabas longas e breves são produzidas de acordo com o tempo da pronúncia da vogal: um tempo é a medida contida em uma sílaba breve; dois tempos são considerados uma sílaba longa. As vogais podem ser enunciadas tanto sozinhas quanto acompanhadas de outras vogais, podendo ser breves, longas ou comuns, dependendo de sua posição ou natureza:

[Das sílabas longas e breves:] uma sílaba se produz a partir delas, conforme for o caso, seja quando [a vogal] for enunciada sozinha, como *a*, ou juntamente com outras vogais, como *prae* (antes), e assim serão breves, longas ou comuns. (VITORINO, 1874. p.304-305)¹¹⁴

Assim, a partir da explicação de Mx. Vitorino de que as sílabas podem alterar seu tempo dependendo da posição das vogais - sozinha ou juntamente com outras vogais

¹¹⁴ [De syllabis longis et brevibus] Quae cum ita sint, ex his aut unius vocalis enuntiatione, ut *a*, aut conexione litterarum, ut *prae*, syllaba procreatur, scilicet aut brevis aut longa aut communis. (VITORINO, 1874. p.304-305)

- é possível abordar as ocasiões as quais as vogais breves podem se alongar.

Existem quatro momentos em que as vogais breves podem se alongar, conforme sua posição: o primeiro ocorre se forem palavras monossílabas, no caso genitivo e terminadas em *os*, como *dos* (dote); em segundo lugar, caso a sílaba de um termo seja finalizada em duas consoantes, a vogal também irá se alongar, independentemente de essa sílaba estar no começo, meio ou fim da palavra, como *ars* (arte); em um terceiro momento, ainda existem aquelas sílabas que terminam em uma consoante com tempo duplo, como *pix* (piche); por fim, o quarto momento de alongamento de uma vogal breve ocorre quando ela aparece entre duas vogais, como *aio* (digo). Ditongos são sempre longos.

No texto *Initiation à la Métrique et la Prosodie Latines*, Lavarrene (1882) explica que as sílabas longas se alongavam segundo sua posição, em virtude da dificuldade da pronúncia causada pelo fenômeno de acumulação de consoantes após as vogais.

No latim, como nas outras línguas antigas, a acumulação (as consoantes depois de uma vogal) criava uma dificuldade de pronúncia, daí resulta a regra do alongamento por posição; §.1. Toda sílaba é longa quando a vogal, por mais breve que seja em sua natureza, é seguida na mesma palavra por duas consoantes ou por uma consoante dupla, *x* ou *z*. [...] Uma sílaba final torna-se também longa por posição, quando as duas consoantes que seguem a vogal são colocadas, uma no final de uma palavra, a outra no início da palavra seguinte. (LAVARRENE, 1882, p.10)¹¹⁵.

Lavarrene (1882) esclarece um princípio fundamental da prosódia latina: a quantidade da sílaba não depende apenas da natureza da vogal, mas também da posição que ela ocupa dentro da palavra ou entre palavras. Quando uma vogal breve é seguida por duas consoantes (ou por uma consoante dupla, como *x* ou *z*), ocorre uma dificuldade natural de articulação; por isso, a sílaba torna-se longa por posição, independentemente de sua qualidade intrínseca. O mesmo fenômeno ocorre no encontro de palavras: se a vogal final de um termo é seguida por duas consoantes distribuídas entre o final de uma palavra e o início da seguinte, a sílaba também se alonga. Assim, o alongamento por

¹¹⁵ *En latin, comme dans les autres langues anciennes, l'accumulation (tes consonnes après une voyelle) créait une difficulté de prononciation; de là résulte la règle de rallongement par position; §.3. Toute syllabe est longue, quand la voyelle, même brève de sa nature, est suivie dans le même mot de deux consonnes ou d'une consonne double, x ou z, comme est (es), dux (dûcis), § 4. Une syllabe finale devient aussi longue par position, quand les deux consonnes qui suivent la voyelle sont placées, l'une à la fin d'un mot, l'autre au commencement du mot suivant. (LAVARRENE, 1882, p.10)*

posição decorre de uma necessidade fonética - a presença de grupos consonantais que retardam a emissão e ampliam o tempo de articulação da sílaba.

No capítulo 3.12 - *Sobre as sílabas*, Mx. Vitorino menciona dez modos por que as sílabas podem se alongar por posição. O primeiro verifica-se quando uma sílaba termina em uma vogal breve seguida de duas consoantes, por exemplo, na palavra *ars* (arte). O segundo pode ser observado em duas sílabas, em que a primeira termina em consoante e a próxima também começa em consoante, como em *arma* (arma). O terceiro modo traz duas consoantes seguidas em uma mesma sílaba, por exemplo, *agri* (campo).

Em quarto lugar, tem-se uma sílaba finalizada com a letra *x*, como em *nox* (noite). O quinto meio de se prolongar uma vogal pela sua posição também se efetua com a letra *x*, quando ela implica dois tempos, como no vocábulo *axis* (eixo). A pronúncia desse termo seria considerado *ac-sis*. A sexta maneira apresentada por Mx. Vitorino traz a letra *z*, que tem tempo duplo para os gregos, pois equivale a *dz* ou *zd*, assim como no nome *Mezentius* (Mezêncio).

O sétimo modo contém uma sílaba terminada em consoante enquanto a próxima sílaba se inicia pelas vogais *i* e *u*, como *arva* (campos) e *additivo* (adicionado). A oitava maneira de prolongamento das vogais realiza-se ao colocar uma vogal breve no lugar de uma consoante, e que é percebida como consoante, como “*maior agit deus*”¹¹⁶ e “*Troiaque nunc stares*”¹¹⁷ [a métrica exige que a letra *i* seja escrita geminada].

O nono acontece quando uma palavra com vogal abreviada termina em consoante, como “*at pater Aeneas*”¹¹⁸. Por fim, quando a própria vogal abreviada preenche parte do discurso a fim de que a pronúncia da palavra seja feita de maneira mais confortável para o falante, como *amor* (amor), que tem duas vogais breves, que podem ser alongadas caso necessário, de acordo com o discurso. Desse modo, nota-se que Mx. Vitorino apresenta o alongamento das vogais de maneira detalhada, apresentando, assim, uma *ars grammatica* (arte gramatical) completa e minuciosamente expressa.

Além das sílabas breves e longas, ainda existem as sílabas chamadas *comuns*; para essas, Mx. Vitorino apresenta oito modos como elas ocorrem: o primeiro modo acontece se uma sílaba breve for seguida de uma consoante líquida (*-l*, *-m*, *-n*, *-r*) pode ser longa, como “*vasto Cyclōpis in antro*”¹¹⁹ ou breve, como “*vastoque ab rupe*

¹¹⁶ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* XII, v.429; Trad.: ‘um deus maior age’.

¹¹⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.56; Trad.: ‘- e estarias de pé agora, Troia,’.

¹¹⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.545,700; Trad.: ‘mas o pai Enéias’.

¹¹⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v.617, Trad.: ‘na vasta caverna do ciclope’.

Cyclōpas”¹²⁰; o segundo modo realiza-se quando a palavra termina com uma sílaba breve e a próxima letra é a consoante *h*: podendo ser longa, como “*terga fatigamōs hasta*”¹²¹ ou breve, como *quisquīs honos tumuli*¹²². Em terceiro, tem-se uma vogal curta seguida de duas consoantes, cuja primeira letra é *s*: deve ser longa, como *undē spissa coma* ou breve, como “*ponitē spes sibi quisque*”¹²³.

A quarta sílaba comum ocorre quando o discurso termina em uma sílaba breve: assim, é possível que seja longa, como “*nam tibi, Thymbre, caput Euandrius abstulit ensīs*”¹²⁴, ou breve, como “*hoc caput o civēs*”¹²⁵; o quinto modo acontece quando a vogal é imediatamente seguida de ditongo: sendo longa, como *Mūsae Aonides* (Musas da Aônia)¹²⁶ ou breve, como “*insūlae Ionio in magno*”¹²⁷. Em sexto lugar, a vogal longa é seguida de outra vogal: pode ser longa, como *o egō infelix* (estou infeliz), ou breve, como *sub iliō alto* (sob a altaneira Ílion/Troia); em sétimo lugar, um pronome termina com a letra *c* e é imediatamente seguido de uma vogal: talvez seja longo, como “*hoc ērat alma parens*”¹²⁸, ou breve, como “*solus hic inflexit sensus*”¹²⁹; por fim, quando uma vogal breve é seguida de *z*: pode ser longa, como “*Mēzenti ducit exuvias*”¹³⁰, ou breve, como *nemorosā Zacynthos* (a arborizada Zaquinto).

A categoria das sílabas comuns - aquelas que podem ser escandidas como longas ou breves dependendo do contexto - revela a sensibilidade da métrica latina às nuances fonéticas e sintáticas da língua. Esses oito modos apresentados por Mx. Vitorino mostram que a métrica latina reconhece zonas de flexibilidade onde a quantidade não é determinada de forma absoluta, mas depende da combinação entre fonética, pausa, posição na frase e até tradição poética. Assim, as sílabas comuns constituem um espaço intermediário entre a regra e o uso, permitindo ao poeta modular o ritmo conforme a necessidade do verso.

Em seguida o autor inicia sua explicação sobre o alongamento ou encurtamento dos nomes latinos encontrados na última sílaba do metro, esclarecendo quais sílabas têm

¹²⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v. 647, Trad.: ‘sob amplas grutas (outros) ciclopes’.

¹²¹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IX*, v.610, Trad.: ‘aferroamos os novilhos com a lança’.

¹²² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.493, Trad.: ‘as honras feitas ao morto’.

¹²³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v.309, Trad.: ‘se colocaram todos em marcha’.

¹²⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.394, Trad.: ‘a espada do filho de Evandro lhe corta a cabeça. Timbre (...)’.

¹²⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XII*, v.572, Trad.: ‘a cabeça, cidadãos’.

¹²⁶ As *Musas Aônias*, chamadas assim por Ovídio, tinham como sagrada a região da Aônia, distrito da antiga Beócia, por ser localizada no monte Hélicon e Citerão. (Cf. CARDOSO, *A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V)*, p.378).

¹²⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v.211, Trad.: ‘ilhas no grande Jônio’.

¹²⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis II*, v.664, Trad.: ‘então assim, o velho pai’.

¹²⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IV*, v.22, Trad.: ‘somente este tocou-me os sentidos’.

¹³⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v.7, Trad.: ‘do agressivo Mezêncio’.

natureza longa e quais têm natureza breve, comparando sempre os substantivos latinos com os substantivos gregos.

Primeiramente, Mx. Vitorino discute as palavras latinas terminadas em vogais: aquelas terminadas em *-a* no nominativo singular são encurtadas, assim como vocábulos que terminam em *-e*, *-o* ou *-u*, como *Musa* (Musa), *sedile* (banco) e *Cato* (Cato). Os vocábulos que terminam em *-i* são longos, como *frugi* (honesto). Por sua vez, os termos tomados ao grego e tratados como palavras latinas que forem terminados em *-e* e *-o* são alongados, como *Euterpe* (Euterpe)¹³¹ e *Dido* (Dido)¹³².

Em seguida, são apresentadas as palavras que terminam com uma vogal e são seguidas de *-l*: *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, *-ul*, como *cervicāl* (*cervical*), *mēl* (mel), *vigīl* (alerta), *sōl* (*sol*) e *consūl* (cônsul). Os substantivos que estiverem no genitivo singular tem a vogal encurtada. Na verdade, tais palavras são naturalmente alongadas, no entanto, elas podem se encurtar, como *cervicāl* (*cervical*): como Juvenal diz em sua sátiras “*conducit comites sellam cervicāl amicas*”¹³³. As palavras que terminam em *-el*, *-il* e *-ul* são breves, com exceção do nome estrusco, *Tanaquīl* (Tanaquil). Porém, os nomes que terminam em *-ol* e *-ul* são longos.

Aqueles terminados em *-m* são encurtados, embora seja difícil encontrar exemplos disso, pelo fato de que essa letra se encontra sempre presa entre vogais. Segundo Pompeu (1857), esse fenômeno chama-se mitacismo:

O mitacismo é expresso toda vez que um *-m* é colocado entre duas vogais, como se disesses *hominem amicum*, *oratore optimum*. Pois não parece que dizem *hominem amicum*, mas *homine mamicum*, o que é incongruente e inconsistente. Da mesma forma, *oratore optimum*, parece que dizem *oratore moptimum*. (POMPEU, 1857, p.286)¹³⁴

A observação de Pompeu (1857) refere-se ao fenômeno conhecido como mitacismo, que ocorre na pronúncia do latim quando a consoante *-m* intervocálica - isto é, situada entre duas vogais - deixa de ser articulada plenamente e tende a ser assimilada pela vogal precedente. Em contextos como *hominem amicum* (homem amigável) ou

¹³¹ Musa da música, uma das nove musas filha de Júpiter.

¹³² Primeira rainha de Cartago, conhecida por seu romance na Eneida. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.19).

¹³³ Cf. JUVENAL, *Satires VI*, poema 6, v.350, Trad.: ‘ela traz consigo uma criada, cadeira, uma almofada, amigas que a acompanham’.

¹³⁴ *Myotacismus est, quotiens inter duas vocales m positum exprimitur, ut si dicas ‘hominem amicum’, ‘oratore optimum’. non enim videris dicere ‘hominem amicum’, sed ‘homine mamicum’, quod est incongruum et insonans. similiter ‘oratore optimum’, videris dicere ‘oratore moptimum’.* (POMPEU, 1857, p.286)

oratore optimum (o melhor orador), a sequência *-m* + vogal provoca um enfraquecimento tão grande do *-m* final que, na fala, o grupo passa a soar como se as palavras se fundissem (*homine-mamicum, oratore-moptimum*).

Do ponto de vista prosódico, isso significa que o *-m* final não cria uma verdadeira posição consonantal, deixando a vogal anterior exposta ao encontro com a vogal seguinte, o que gera efeitos métricos, de elisão ou sinalefa. Pompeu (1857) chama essa pronúncia de incongruente e inconsistente, não no sentido de erro, mas porque rompe a clareza morfológica das palavras, produzindo combinações que parecem deformar sua forma lexical.

Portanto, o mitacismo é um fenômeno fonético que enfraquece o *-m* final, levando à coalescência das vogais de palavras adjacentes e criando justamente o tipo de “fusão sonora” que os gramáticos antigos procuravam descrever e regular.

Em seguida são abordados os substantivos terminados em uma vogal e seguidos da letra *-n*: *-an*, *-en* e *-on*. Todos são longos por natureza, como *Titān* (Titã), no entanto, os nomes terminados em *en* neutro ou declinados como neutros encurtam-se, como *carmēn* (música); porém, caso sejam femininos ou masculinos, são alongados, como *pectēn* (pente) e *tibicēn* (flautista), que são declinados no gênero neutro. Ainda existem aqueles que não se declina como neutros e possuem as sílabas longas, essas palavras são, em sua maioria, nomes provenientes do grego, como *liēn* (baço) e *sirēn* (sereia). Por fim, os que terminam em *on* alongam-se, como *Memnōn* (Mêmnon)¹³⁵.

Palavras que acabam em *-ar* são produzidas somente em monossílabas, como *Nar* (Nar) e *far* (farro), mas quando elas se encontram em casos diferentes do nominativo singular, como por exemplo no caso genitivo, produzem mais uma sílaba no final da palavra: *far* (farro), então, torna-se *farrīs* (do farro); logo, a palavra no genitivo é um dissílabo, e portanto deveria ser alongado, ainda assim essas formas podem abreviar-se, como em como *subligār* (subligar)¹³⁶. Como disse Juvenal nas sátiras II “*personam thyrsūque tenent et subligār Acci*”¹³⁷.

Os nomes latinos terminados em *-er* são breves, como *puēr* (criança), mas os termos gregos¹³⁸ são alongados, como *aēr* (ar). O mesmo ocorre com as palavras

¹³⁵ Rei dos Etiópios, filhos de Eos, deusa da Aurora. Sua história é contada por Ovídio nas Metamorfoses, Livro XIII. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.302).

¹³⁶ SUBLIGAR, In: Dicionário Online Latim-Francês Felix Gaffiot. p.1495: calção utilizado para proteger as partes íntimas dos atletas em competições esportivas.

¹³⁷ Cf. JUVENAL, *Satires VI*, v.70, Trad.: ‘seguram a máscara, o tirso e as cuecas de Ácio’.

¹³⁸ Ao mencionar os termos gregos, Mx. Vitorino refere-se àqueles termos que são provenientes da língua grega e tratados como palavras latinas.

terminadas em *-ir*, *-or* e *-ur*, que devem ser breves, como em *vīr* (marido), *autōr* (autor) e *murmur* (murmurar). No entanto, existem exceções para os nomes terminados em *-er* e *-ur*, os monossílabos *vēr* (primavera) e *fūr* (ladrão).

As próximas palavras a serem abordadas pelo gramático latino são aquelas que terminam em vogal e seguidas de *-s*: *-as*, *-es*, *-is*, *-os* e *-us*. As palavras latinas que têm seu fim em *-as* são alongadas, como em *facultās* (habilidade), mas os gregos são encurtadas, quando seu genitivo for finalizado em *dos*, como *Arcās* (arcadianos) e *arcadōs* (dos arcadianos).

Os nomes tomados ao grego e tratados como palavras latinas terminados em *-es* são longos, como *Anchīsēs* (Anquises), e em latim, se estiverem na quinta ou na terceira declinação, sem dúvida se alongam, quando o genitivo singular não aumenta a sílaba, como *labēs* (queda) e *labīs* (da queda). Por sua vez, quando acrescentam sílabas, se prolongam antes da última sílaba, como *mērces* (mercadoria), *quies* (calma) e *quiētis* (da calma). Do mesmo modo ocorre se possuir *-i* mudo, como *mīles* (soldado) e *mīlitis* (do soldado). No entanto, ao dispor de uma sílaba breve, como *sēges* (campo) e *sēgetis* (dos campos), se encurtam. Com exceção de *Cerēs* (Ceres) e *Cererīs* (de Ceres), *pēs* (pé) e *pedīs* (dos pés) e aqueles que tomam forma a partir de *pēs* (pé), como *bipēs* (bípede).

Os terminados em *-is* são breves, como *agilīs* (ágil), com exceção de três monossílabos: *glīs* (arganaz), *vīs* (força) e *līs* (ação legal). Em grego, a desinência *-os* é encurtada, quando o genitivo termina com um ditongo, como *Delōs* (Delos), em grego antigo: *Ἀήλου*; em latim é breve, caso o genitivo, antes da última sílaba *-o*, não for naturalmente longo, como *-os*, que se torna *ōssis* (boca). Os que acabam em *-us* são curtos, excluindo os nomes que acrescentam *-u* na penúltima sílaba quando estão no genitivo, como *virtūs* (coragem) e *virtūtis* (da coragem). Em seu texto, Mx. Vitorino afirma que a palavra *pūs* (escória) que é indeclinável, no entanto, a palavra *pūs* tem seu genitivo em *pūris* (da escória), e, do mesmo modo que *virtūtis*, também possui a letra *-u* na penúltima sílaba, logo, é possível concluir que a palavra *pūris* é longa, assim como *virtūtis*.

Ao terminarem em *-t* se encurtam, como *capūt* (cabeça). Os que terminam em *-c* ocorrem de dois modos: podem se alongar, como *allēc* (molho de peixe), ou se encurtar, ou *lēc* (leite), porém, Mx. Vitorino afirma que *lēc* (leite) possui uma declinação duvidosa.

A partir disto, é possível observar o caráter descritivo que Mx. Vitorino dedica a esta seção, percorrendo de forma sistemática cada possível terminação nominal e suas

implicações para a quantidade da sílaba final no verso. Ao confrontar formas latinas e gregas, ao diferenciar declinações, ao apontar exceções e ao explicar fenômenos fonéticos como o mitacismo, o gramático mostra uma preocupação em registrar como tais palavras efetivamente se comportam na língua poética. Esse tratamento detalhado revela a intenção de fornecer ao leitor um instrumental seguro para julgar a quantidade das sílabas em posição final, ponto essencial para a correta metrificação dos versos, e confirma a didática e abrangência que marca a obra de Mx.Vitorino.

Após tratar dos substantivos latinos e gregos e as terminações que levam às sílabas longas e breves, Mx. Vitorino inicia o tratamento dos casos, e explica como eles influenciam o prolongamento ou encurtamento das sílabas no final dos metros.

O autor, então, explica as palavras que se encontram no caso nominativo ou vocativo singular, tanto em latim quanto em grego: primeiramente, as palavras terminadas em *-e*, *-o* e *-u* são encurtadas no latim - como em *doctē* (sábio) - e alongadas nos termos provenientes do grego - como em *Tydidē* (ó, Tidida) -, com exceção dos terminados em *-os*, como em *Phoebōs* (Febo)¹³⁹. Os nomes latinos terminados em *-o* são curtos - o *Catō* (ó, Catão) - e os gregos são longos - *Didō* (ó, Dido). Os terminados em *u* são curtos, como o *cornū* (ó, chifre). Os vocábulos que terminam em *-i*: no latim são longos - como *Mercurī* (Mercúrio) - e no grego são breves, como o *Naĩ* (ó, Nai).

Por sua vez, tem-se as palavras que terminam em consoante; no latim seguem as regras dos casos nominativo e acusativo, as quais possuem certa irregularidade; para os estudantes de latim é possível ver os temas consonantais de cada palavra e o modo como devem ser declinadas nas entradas de dicionários latim-português: as palavras masculinas, femininas e neutras que estiverem no nominativo singular são variáveis. É possível, para os estudiosos de latim, confirmar o alongamento ou abreviamento de tais palavras em dicionários de língua latina, pois os verbetes apontam quais palavras têm sílaba breve e qual têm sílaba longa. O mesmo ocorre com termos que estejam declinados no acusativo singular neutro.

Por sua vez, vocábulos femininos ou masculinos no nominativo ou acusativo plural, terminam em *-es*; palavras neutras no nominativo ou acusativo plural terminam em *a*; por fim, os termos masculinos ou femininos que se encontrarem no acusativo

¹³⁹ Na mitologia grega conhecido como deus Apolo: o radiante. Conhecido como deus do sol, das artes, da música e da medicina. Filho de Júpiter. Também pode ser um nome dado aos romanos. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.167).

singular terminam em *em*. Como Pode ser visto na ***Tabela 1*** – *Quadro das desinências nominais latinas* (cf. p. 21, seção 3.5 – *Sobre os Casos*).

Já os substantivos de origem grega e declinados como palavras latinas são variáveis e não possuem as mesmas regras apresentadas na tabela mencionada acima.

O próximo caso a ser estudado por Mx. Vitorino é o vocativo, que muitas vezes se comporta como o caso nominativo, sendo diversas vezes expressos juntos. Mx. Vitorino menciona que os substantivos latinos no nominativo e vocativo plural femininos, ou nomes gregos femininos, são prolongados, como em *o tabulā* (ó, tabuinha), *o Musā* (ó, Musa). Os nomes tomados ao grego masculinos se longos como *Aeneā* (Enéas)¹⁴⁰.

Os que estão no acusativo singular são breves em latim, como *doctūm* (sábio); no grego, os terminados com *-a* ou *-on* se encurtam, como em *Theseā* (Teseu)¹⁴¹ e *Delōn* (Delos). Os nomes no acusativo plural, tanto no gênero masculino quanto no feminino, são alongados, como *doctōs* (sábios) e *Musās* (Musas); no neutro são breves, como *templā* (templo).

No caso genitivo plural, todas as palavras latinas têm sílaba breve - *doctorūm* (dos sábios); as palavras gregas, por sua vez, têm sílaba longa - *Philaenōn arae*¹⁴² (os altares dos Filenos). No entanto, os termos no genitivo singular não seguem esse padrão; quando se declinam e têm a última sílaba em *-is*, eles são breves, como em; *matrīs* (da mãe) porém, se forem finalizadas em outras sílabas que não *-is*, são prolongadas no final do metro, como *imperium* (império), que se torna *imperī* (do império) no genitivo. Contudo, se forem palavras derivadas do grego e terminadas em *-as* e *-a* e em *-os*, são breves, como *arcadōs* (dos arcadianos) e *arcadās* (das arcadianas); outras são prolongadas, como *Musās* (Musas).

Por fim, Mx. Vitorino discute os casos dativo e ablativo. Os nomes latinos que se encontram no dativo singular levam sílaba longa, como em *Pompeīō* (Pompéia)¹⁴³ e *fructui* (satisfação); os nomes tomados ao grego e tratados como palavras latinas se encurtam quando terminados com a letra *-i*, como *Palladī* (do Paládio)¹⁴⁴. Aqueles no ablativo singular sempre se alongam, exceto quando forem terminados em *-e*, ou seja, em dois nomes da terceira declinação, como *ab hoc parietē* (a partir dessa

¹⁴⁰ Herói troiano, filho de Anquises e Afrodite. Sua história é a temática principal da Eneida de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.135).

¹⁴¹ Grande herói da mitologia Romana; seu mito mais conhecido é o de Teseu e o Minotauro. Aparece em diversos livros como A Metamorfoses de Ovídio, A Eneida e As Geórgicas de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.439).

¹⁴² PHILAENON In: Dicionário Online Latim-Francês Felix Gaffiot. p.1173: os Filenos, dois irmãos cartagineses que devotaram sua vida à pátria.

¹⁴³ Cidade da Roma Antiga, situada a 22km da cidade de Nápoles, na Itália.

¹⁴⁴ Escultura de madeira associada à deus romana Minerva, correspondente à deusa grega Atena. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.347).

parede). Os substantivos no dativo e ablativo plural, terminados em *-is* são longos - *doctīs* (ao sábio) -, terminados em *bus*, são encurtados - *agilibūs* (pelos ágeis). Todavia, caso forem nomes gregos declinados como palavras latinas em grego, no dativo terminado em *-iu* são breves, os outros são longos, como como *Arcasīn*.

Ao sistematizar o comportamento prosódico das terminações nominais nos diferentes casos, Mx. Vitorino demonstra um cuidado minucioso em distinguir não apenas as terminações latinas, mas também o modo como os nomes gregos, quando incorporados à declinação latina, alteram ou preservam sua quantidade final. A enumeração detalhada de cada caso - nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo - apresenta um minucioso tratamento que procura orientar o leitor na identificação das sílabas longas e breves no final dos metros, ponto essencial para o escansionamento correto dos versos.

Assim, é possível perceber que a quantidade silábica não depende exclusivamente da desinência, mas também da origem da palavra, de seu gênero, de sua classe declinacional e, em alguns casos, das transformações fonéticas próprias da tradição latina. Portanto, essa seção funciona como um compêndio de regras que permitem compreender por que certas sílabas se prolongam no verso enquanto outras se encurtam, oferecendo ao leitor uma base sólida para o estudo métrico posterior.

5.2 Sobre o Pronome

A classe gramatical dos pronomes não foi previamente discutida por Mx. Vitorino na totalidade de sua *ars grammatica* (arte gramatical). No primeiro momento em que os pronomes são abordados, o autor somente aborda seu comportamento no final dos metros, explicando como funcionam as sílabas breves e longas desses vocábulos. Logo, para aprofundamento e entendimento do estudo dos pronomes, foram analisadas as *artes grammaticae* (artes gramaticais) de autores como Donato (1857) e Pompeu (1857), que tratam as particularidades dessa classe gramatical.

Inicialmente, é necessário que se entenda para o que servem os pronomes. Conforme Pompeu (1857), os pronomes são palavras utilizadas para substituir um nome que já tenha sido usado anteriormente a fim de que se evitem repetições:

É chamado *pronome*, porque funciona como um substantivo. Nossos ancestrais, para não causarem nenhum desgosto pela repetição do discurso, encontraram outra partícula que desempenharia a função do (nome) anterior. Por isso chamaram-nos *pronomes*. Por exemplo, assim como em “Virgílio escreveu as *Geórgicas*”, também é possível dizer “Virgílio escreveu a

Eneida”; mas para que essa mesma repetição do nome próprio não crie repulsa, os homens falam assim: “Virgílio escreveu as *Bucólicas*, ele escreveu as *Geórgicas*, ele escreveu a *Eneida*”. Podes variar isso como quiseses, o significado é (sempre) o mesmo; no entanto, a variedade também acrescenta um ornato à fala. Por isso é chamado de pronome: porque tem a mesma função do nome. (POMPEU, 1857, p.199)¹⁴⁵

Pompeu (1857) explica que os pronomes recebem esse nome porque assumem a função do substantivo, atuando como substitutos dele no discurso. O autor afirma que os romanos buscavam evitar o “desgosto” causado pela repetição constante de um mesmo nome ao longo de uma sentença ou de um texto. Assim, em vez de repetir indefinidamente “Virgílio escreveu...”, recorre-se ao pronome *ille* (“ele”) para substituir o nome próprio já mencionado.

A função essencial do pronome, portanto, é evitar redundância e, ao mesmo tempo, introduzir variedade e elegância à expressão linguística, já que a alternância entre nome e pronome preserva o sentido, mas oferece ao discurso um ornamento retórico. Por essa razão, conclui Pompeu (1857), o pronome recebe esse nome: porque tem o mesmo valor referencial do substantivo, ocupando seu lugar sempre que necessário.

Os pronomes têm seis características, que foram classificadas por Donato (1857) como qualidade, gênero, número, figura, pessoa e caso. A primeira característica, a de qualidade, divide os pronomes em finitos e infinitos. Os finitos são aqueles que se referem a uma pessoa, como *ego* (eu); enquanto os infinitos não (referem-se a “coisas”), como *qui* (que).

No entanto, ainda que autores como Pompeu (1857), Sérgio (1857) e Cledônio (1874) dividam a qualidade dos pronomes da mesma forma que Donato (1857), esses mesmos autores ainda afirmam que existem mais pronomes do que somente os apresentados acima, que parece contrariar a classificação das qualidades dos pronomes. Como aponta Donato (1857), existem os pronomes mais-que-finitos, prepositivos, propositivos, os de vizinhança, ordem, número, possessivos, de qualidade, de quantidade, relativos e demonstrativos:

Há também pronomes menos-que-definidos, como *ipse*, *iste*. Há prepositivos, como *quis*, *hic*; e há pospositivos, como *is*, *idem*. Há os de região, como *cuius*,

¹⁴⁵ *Pronomen dictum est, quoniam fungitur officio nominis. maiores nostri, ne iteratione sermonis aliquod fastidium facerent, invenerunt aliam particulam, quae sustineret officium prioris. ideo dixerunt pronomina. uti 'Vergilius scripsit georgica': potes etiam dicere 'Vergilius scripsit Aeneis'; sed ne haec ipsa iteratio proprii nominis possit fastidium creare, idcirco ita locuntur homines, 'Vergilius scripsit bucolica, ipse scripsit georgica, ipse scripsit Aeneis'. varias, quo modo vis, significatio eadem est; varietas tamen [est] sermonis acquirit ornatum. ideo dicitur pronomen, quod fungitur officio nominis. (POMPEU, 1857, p.199)*

nostras, cuiates, nostrates; os de ordem, como *quotus, totus*; os de número, como *quot, tot*; os definidos em relação a algo, como *meus, tuus, suus*, também chamados de possessivos; os indefinidos em relação a algo, como *cuius cuia cuium*. Há os de qualidade, como *qualis, talis*; e os de quantidade, como *quantus, tantus*. Há os demonstrativos, que denotam uma coisa presente, como *hic haec hoc*; os relativos, que significam uma coisa ausente, como *is ea id*; há os mais demonstrativos, como *eccum eccam, ellum ellam*. (DONATO, 1857, p.112).¹⁴⁶

Essa enumeração evidencia a preocupação de Donato (1857) em sistematizar a categoria pronominal a partir de critérios não apenas morfológicos, mas sobretudo semânticos e discursivos, distinguindo nuances de referência, presença, quantidade e relação - um aspecto que o aproxima das classificações retóricas e estilísticas da gramática clássica latina.

As características de gênero, número e casos funcionam do mesmo modo que os substantivos; podem possuir gênero feminino, masculino ou neutro; número singular ou plural; e podem declinar-se em qualquer um dos casos: nominativo, acusativo, dativo, ablativo, genitivo e vocativo. No entanto, existem alguns pronomes que não se declinam em todos os casos, como *illum* (aquilo) e *cuius* (de que, cujo).

A figura dos pronomes são duas: simples ou composta. Donato (1857) explica que os pronomes compostos declinam a parte que estiver no nominativo, como por exemplo, *quisquis*, declina-se como *quisnam, quispiam*, entre outros. Por fim, as pessoas dos pronomes são três: primeira - *ego* (eu); segunda, - *tu* (tu)-; terceira, - *ille* (ele).

Após a finalização desse breve estudo sobre os pronomes, serão discutidos a seguir os pronomes no final dos metros. Mx. Vitorino explica que esses pronomes irão alongar-se ou encurtar-se em virtude das declinações dos casos. As outras características como gênero, número e forma não irão interferir no tempo dessas palavras.

Os pronomes no nominativo, vocativo e acusativo singular e plural são breves. No entanto têm exceções: dois monossílabos no nominativo singular: *tū* (tu) e *quī* (que); e três no acusativo singular, *mē* (eu), *tē* (tu) e *sē* (ele).

Aqueles pronomes que forem terminados em *-i* ou *-ae* no genitivo singular se alongam, como *meī* (meu) e *meaē* (minha). O genitivo plural sempre tem vogal curta, como *illorūm* (daqueles/daquelas). Os pronomes no dativo singular são sempre

¹⁴⁶ *sunt praepositiva, ut quis hic; sunt subiunctiva [vel relativa], ut is idem. sunt alia gentis, ut cuias nostras, cuiates nostrates; alia ordinis, ut quotus tolus; alia numeri, ut quot tot [sed si per d scribatur, pronomeu personale est; si per t, numeri]; alia atq; aliquid finita, ut meus tuus illius: haec etiam possessiva dicuntur: alia ad aliquid infinita [quae nec personam nec locum nec tempus designant, ut cuius cuia cuium. sunt item alia qualitatis, ut qualis talis; alia quantitatis, ut quantus tantus. sunt alia demonstrativa, quae rem praesentem notant, ut hic haec hoc; alia relativa, quae rem absentem significant, ut is ea id: sunt alia magis demonstrativa, ut eccum eccam ellum ellam. (DONATO, p.112).*

prolongados, como *nostrō* (nosso), exceto por *hīs* (esse), *mihi* (comigo), *tibi* (contigo) e *sibi* (com ele). Os ablativos singulares sempre são longos, com *āb* (a partir de), *illō* (aquele). Caso estejam no dativo e ablativo plural e terminarem em *-is*, são longos, como *tuīs* (seu); se terminarem em *-bus*, são breves, como *quibūs* (aos quais).

O exame conjunto das artes de Donato (1857), Pompeu (1857) e Mx. Vitorino mostra que a categoria dos pronomes, embora relativamente breve na *ars grammatica* de Mx. Vitorino, revela-se estruturalmente complexa na tradição gramatical latina.

Enquanto Pompeu (1857) esclarece sua função essencial como substitutos nominais que evitam redundância e aprimoram a elegância do discurso, Donato (1857) amplia o campo, classificando-os segundo critérios morfológicos e pragmáticos que incluem referência, presença, quantidade, ordem e relação.

Mx. Vitorino, por sua vez, não se detém na definição ou categorização dos pronomes, mas concentra-se em seu comportamento métrico, mostrando como se alongam ou se abreviam no fim dos versos conforme o caso em que se encontram - aspecto de suma importância para a leitura e escansão da poesia latina. Dessa forma, ao reunir essas perspectivas, torna-se possível perceber como a gramática clássica latina expõe a dimensão sintática, semântica e métrica dos pronomes, integrando-os tanto ao funcionamento do discurso quanto às exigências da prosódia clássica.

5.3 Sobre o Verbo

Nessa seção, Mx. Vitorino discute a última sílaba dos verbos no final dos metros: se são breves ou longas. O autor explica que é possível saber o tempo baseando-se nas letras finais de cada verbo; as características tratadas no capítulo 3.13 - *Sobre os Verbos* - não influenciam o encurtamento ou alongamentos desses termos.

Para Mx. Vitorino, “todos os modos, tempos, números, pessoas e conjugações verbais têm um sistema uniforme”, já que as palavras terminadas em *-a*, *-i*, *-u*, *-c* e *-s* são longas, enquanto aquelas que se finalizam em *-m*, *-r*, *-t*, *-e* e *-o* são breves. No entanto, existem exceções: termos que terminam em *-e*, *-o* ou *-s* podem variar.

Aquelas palavras finalizadas em *-e* são sempre breves, porém, caso estejam conjugadas na segunda pessoa no modo imperativo alongam-se, como *docē* (ensinas tu). Os verbos terminados em *-o* - também breves - podem variar, se forem verbos monossílabos, como *dō* (dou) e *stō* (fico em pé).

Os que acabam em *-s* somente são longos se precedidos de *-a* ou *-e*, com exceção do monossílabo *-es* e dos verbos que forem formados a partir dele, como *adēs*

(estás). Caso seja precedido de *-u* ou *-i*, é breve, excluindo aqueles com a vogal *-i* que esteja na segunda pessoa do indicativo do tempo presente e de número singular; esses se prolongam na terceira conjugação, como *nutrīs* (tu nutres). Ademais, os verbos, *volō* (quero) e *vīs* (queres) também são breves. Aqueles terminados em *-t* se encurtam, como *legīt* (lê), e os com fim em *-c*, se alongam, como *dūc* (guia tu).

A análise dos verbos em Mx. Vitorino mostra que, diferentemente de outras classes gramaticais cuja natureza semântica, morfológica ou sintática interfere em seu comportamento métrico, o verbo depende quase exclusivamente de sua terminação gráfica para determinar o alongamento ou encurtamento da sílaba final.

Essa abordagem apresenta o caráter sistemático que o gramático atribui à prosódia verbal: modos, tempos, números e pessoas não alteram a quantidade da sílaba final, que se regula sobretudo pelas letras *-a*, *-i*, *-u*, *-c* e *-s* (longas) e *-m*, *-r*, *-t*, *-e* e *-o* (breves), acrescidas de exceções cuidadosamente delimitadas.

O tratamento de Mx. Vitorino revela, assim, uma tentativa de estabelecer regras estáveis para a escansão dos verbos, preservando a regularidade métrica ao mesmo tempo em que acomoda variações justificadas pela forma fonética ou pela tradição da língua. Desse modo, sua exposição se integra ao conjunto da *ars metrica* (arte métrica) ao mostrar que, mesmo na flexão verbal - domínio naturalmente complexo - a métrica latina busca um equilíbrio entre regularidade formal e sutileza fonológica.

5.4 Sobre o Advérbio

Os advérbios monossilábicos são longos, com exceção de *his* (esses) e *ter* (três vezes). Os outros advérbios se alteram conforme sua última letra. Aqueles terminados em *-a*, *-e*, *-i*, *-s* ou *-c* são longos, e, os que se finalizam pelas letras *-o*, *-u*, *-l*, *-m*, *-n* ou *-r* são breves; umas há quatro exceções: os advérbios terminados em *-o*, *-e*, *-i* e *-s*.

Primeiramente os advérbios com a letra final *-o* são breves somente se forem originados de um verbo, caso contrário, se forem originados de outros advérbios, alongam-se, como *falsō* (falsamente). Em segundo lugar, os advérbios terminados em *-e* são exclusivamente longos, se forem comparativos; os que não o forem; não obedecerem às regras de um comparativo (descritas no capítulo 3.15 - *Sobre os Advérbios*) ou se originarem de outros verbos, encurtam-se.

Em terceiro lugar, os terminados em *-i* são alongados, excluindo *ibī* (aí) e *ubī* (onde) e aqueles formados a partir deles, como *sicubī* (em qualquer lugar). Por fim, os terminados em *-s* são longos, unicamente se precedidos de *-a*, como *aliās* (outros).

A discussão que Mx. Vitorino dedica aos advérbios evidencia seu esforço de organizar essa classe a partir de critérios estritamente fonológicos, observando como a quantidade da sílaba final depende antes da origem morfológica do advérbio do que de sua função sintática.

A distinção entre terminações naturalmente longas e naturalmente breves é constantemente atravessada por exceções que derivam da etimologia - como nos advérbios em *-o* provenientes de verbos, que se abreviam, e aqueles derivados de outros advérbios, que se alongam - ou da formação comparativa, que determina obrigatoriamente a quantidade longa nos terminados em *-e*.

Do mesmo modo, os advérbios em *-i* e *-s* revelam nuances que só se compreendem quando se observa sua relação com os vocábulos que lhes serviram de base. Assim, ainda que apresente regras gerais, o sistema proposto por Mx. Vitorino mostra-se sensível às variações próprias da língua, demonstrando que a métrica latina exige não apenas conhecimento das terminações, mas também atenção à genealogia de cada advérbio para que sua escansão seja corretamente realizada.

5.5 Sobre o Particípio

Nessa seção Mx. Vitorino volta a abordar os participípios¹⁴⁷. Novamente, o autor discute brevemente algumas alterações que ocorrem com essa classe gramatical em virtude dos casos, porém, ele menciona que, de acordo com o caso em que se encontra, o participípio torna-se longo ou breve.

O autor expõe, em um primeiro momento, os casos no número singular: aquelas palavras que se encontram nos casos nominativo, acusativo, vocativo e ablativos terminados em *-e* são breves, se não estiverem no tempo presente. Como é possível observar em *lecturūs* (há de ser lido), *lecturūm* (há de ser lido), *lecturē* (ó tu, que hás de ser lido) e *ab hoc amantē* (por esse amante/que ama) respectivamente. Caso estejam no presente, eles modificam-se em sílabas longas, como *amāns* (que está amando).

No entanto, estando nos casos genitivo e dativo, alongam-se como *lecturī* (ao que há de ser lido) e *lecturō* (havendo de ser lido), excluindo os que se encontram no presente. Na condição de acharem-se no plural, as mesmas palavras teriam seu tempo alterado, como em *amantīs* (do que ama). Aquelas no nominativo, acusativo e vocativo, estando no feminino ou masculino são longas, como em como *lecturī* (os que hão de ser lidos), *lecturaē* (as que hão de ser lidas), *lecturōs* (os que hão de ser lidos) e *lecturās* (as

¹⁴⁷ Essa classe gramatical foi mencionada anteriormente no item 3.14 intitulado *Sobre os Participípios*.

que hão de ser lidas). Porém, se forem de gênero neutro, são breves, como como *lecturĩ* (daquilo que há de ler-se). No genitivo plural, independentemente de qualquer gênero, são sempre breves, como *lectororũm* (dos que hão de ser lidos)

Enquanto isso, o dativo e o ablativo plural têm uma condição diferente. Caso a palavra termine em *-is*, são prolongadas; se forem finalizadas em *-bus*, são encurtadas, como como *lecturĩs* (aos que hão de ser lidos) e *amantibũs* (aos amantes/ que amam) respectivamente.

De modo geral, ao falar sobre os participípios Mx. Vitorino mostra seu interesse estritamente métrico-prosódico: não lhe importa aqui a natureza morfológica ou sintática dessas formas, mas apenas o comportamento quantitativo de suas sílabas finais conforme as flexões de caso, número e gênero.

Assim, o autor mostra que os participípios podem alternar entre sílaba longa ou breve dependendo da declinação - fenômeno especialmente marcado nos tempos não-presentes - e que certas terminações (como *-e*, *-is* e *-bus*) funcionam como indicadores seguros dessa variação.

Ao sistematizar essas possibilidades, Mx. Vitorino oferece ao leitor uma ferramenta precisa para a escansão, reafirmando sua intenção de tratar cada elemento gramatical focando no que diz respeito ao seu efeito na métrica.

5.6 Sobre a Conjunção

Mx. Vitorino discorre sobre as conjunções de ordem, que são cinco: copulativas, disjuntiva, explicativas, causais e racionais. De acordo com o autor, nos metros finais, as conjunções copulativas, disjuntivas e explicativas têm sempre sílabas breves, sem exceção. As conjunções racionais e causais dependem da última letra da palavra para que se encurtem ou se alonguem.

Aquelas que terminam com a letra *-a*, *-i* ou *-n* são longas, com exceção das conjunções *itã* (assim) e *quiã* (porque), *nisĩ* (exceto) e *sĩn* (no entanto). Logo, fica evidente que a maioria das conjunções são breves.

Dessa forma, Mx. Vitorino abranje às conjunções com a mesma lógica geral de sua análise métrica: não importa aqui a função sintática dessas partículas, mas exclusivamente o comportamento quantitativo de suas sílabas finais.

As conjunções copulativas, disjuntivas e explicativas recebem um comportamento uniforme, sendo sempre breves no final de verso, ao passo que as racionais e causais dependem da natureza fonética de sua última letra para determinar se

serão longas ou breves.

Ao estabelecer critérios simples, baseados nas letras finais - com exceções pontuais como *itã* (assim) e *quiã* (porque), *nĩ* (exceto) e *ĩn* (no entanto) - o autor fornece um conjunto de regras práticas que permite ao leitor identificar rapidamente o valor métrico dessas palavras, integrando-as ao sistema mais amplo de quantidades que estrutura a composição dos hexâmetros.

5.7 Sobre a Preposição

Como mencionado no item 3.17, intitulado *Sobre as preposições*, elas são uma classe gramatical de palavras que se unem a outras, podendo aumentar, diminuir ou complementar sua significação. As preposições sempre são colocadas à frente de casos e verbos a que se referem, podendo também juntar-se a vocábulos que estejam no caso acusativo ou ablativo.

Todas as preposições que pedem acusativo são breves, salve o termo *contrã* (ao contrário), e também a monossílaba *cĩs* (antes, aquém). Do mesmo modo, as preposições que pedem ablativo são encurtadas; no entanto, existem exceções: as monossílabas que consistem em vogais, como *ẽ* (de), ou que são terminadas em vogais, como *dẽ* (sobre).

Nota-se, dessa maneira, que (quase) todas as preposições são breves. Mx. Vitorino explica que, por estarem conectadas a outros termos, não irão alterar o seu tempo, ou seja, não serão alongadas.

Assim, observa-se que o tratamento dado por Mx. Vitorino às preposições segue a mesma orientação funcional aplicada às demais partículas invariáveis: interessa-lhe sobretudo o comportamento prosódico dessas formas quando posicionadas ao final do verso. A regra geral é clara - a maior parte das preposições, por sua natureza átona e por estarem estruturalmente ligadas ao termo que regem, permanece breve no metro - e as exceções são poucas, como *contrã* (ao contrário) e *cĩs* (antes, aquém), ou as monossílabas compostas apenas de vogal.

Ao sistematizar esse comportamento, o autor reforça o princípio de que as preposições, enquanto elementos dependentes de outro vocábulo, não possuem peso métrico próprio capaz de alterar o tempo final do verso, funcionando antes como unidades fonéticas reduzidas que se integram ao ritmo sem afetação.

5.8 Sobre a Interjeição

Como apresentado anteriormente, no capítulo 3.18 - *Sobre as Interjeições*, esses

termos são invariáveis e podem ser empregados tanto em meio a dois vocábulos em uma sentença quanto separadamente, para demonstrar os sentimentos e emoções expressas por um indivíduo, como indignação, dor, surpresa, felicidade, entre outros.

Mx. Vitorino exprime que as interjeições monossílabas são todas longas, como *heu* (ei!), no entanto, caso possuam duas ou mais sílabas devem ser observadas em meio ao discurso que se encontram, pois irão depender de sua posição para que ocorra o alongamento ou encurtamento das vogais, como *papae* (uau!) e *attat* (oh!), excluindo-se somente os ditongos, que sempre serão longos.

Dessa forma, o modo como Mx. Vitorino aborda às interjeições confirma a natureza eminentemente fonética com que o autor organiza sua análise: ainda que essas partículas expressem emoções e não integrem a estrutura sintática do enunciado, seu comportamento métrico depende diretamente de sua forma e de sua inserção no verso.

As monossílabas, por sua força expressiva e valor acústico, permanecem invariavelmente longas; já as polissilábicas oscilam conforme o contexto métrico em que aparecem, sendo avaliadas como qualquer outro vocábulo quanto à posição e ao efeito rítmico que produzem. Mantêm, contudo, uma exceção estável: os ditongos, cuja natureza longa independe da função interjetiva.

Assim, Mx. Vitorino integra as interjeições ao sistema prosódico geral, assegurando que até mesmo os elementos que exprimem afeto ou reação obedecem às leis métricas do latim.

5.9 Sobre as Cesuras

Em seu manual técnico, Mx. Vitorino não aborda o que são as cesuras, portanto, para um estudo mais completo dessa gramática emlehor entendimento sobre os tópicos abordados neste capítulo por Mx. Vitorino, foram analisados outros autores que explicam o que são as cesuras, tão importante na métrica latina.

Segundo Valente (1952, p.201), “cesura é um corte, uma incisão no meio do verso que resulta uma pausa na recitação do mesmo”. Isto ocorre quando o final de uma palavra cai do meio de um pé, independentemente de ter sido após uma ársis ou tésis, as quais são, respectivamente, a parte mais forte e mais fraca de um pé poético. Como explica Valente (1952, p.201):

Quando o fim da palavra coincide com o fim do pé, temos uma espécie de cesura que por alguns é chamada diérese. emprega-se principalmente em certos versos maiores. A ocorrência demasiado frequente da diérese dissolve,

por assim dizer, o verso e destrói o ritmo e a harmonia. Todo verso deve ter ao menos uma cesura ou diérese principal que o divide em duas partes. As cesuras secundárias contribuem para a beleza do ritmo e harmonia do verso. (VALENTE, 1952, p.201)

Valente (1952) explica que, quando o limite de uma palavra coincide exatamente com o limite de um pé métrico, ocorre um tipo especial de pausa estrutural chamada diérese. Embora semelhante à cesura, que é uma pausa interna surgida dentro do verso pela divisão sintática ou rítmica, a diérese se distingue por coincidir especificamente com o final do pé.

Essa coincidência produz uma pausa mais marcada e costuma ser usada sobretudo em versos longos, para favorecer clareza e equilíbrio rítmico. Entretanto, quando empregada em excesso, a diérese fragmenta o verso comprometendo sua fluidez e harmonia. Por isso, todo verso deve possuir ao menos uma cesura ou diérese principal, que o divide em duas partes estruturais, e pode conter pausas secundárias adicionais, que, quando bem distribuídas, enriquecem o ritmo e a musicalidade do metro.

Rubio (1998) menciona que existem duas posturas diferentes de como a cesura deve ser aplicada na poesia latina; a primeira defende que a cesura é um fenômeno fonético, ocorrendo para que se faça uma pausa na fala e obtenha-se um ritmo mais agradável ao ouvinte; segundo ele, “trata-se de um fenômeno métrico ligado a outros fenômenos”, como a sintaxe e a estilística:

[...] as recorrências fônicas podem vir a se somar a qualquer momento às sintáticas): as pausas de sentido (traduzidas em diferentes pontuações), as articulações sintáticas, as distinções de frases, as constituições autônomas dos hemistíquios, etc., são os elementos que, em determinado caso, fixam ou determinam o lugar da cesura entre os internos possíveis do verso. (RUBIO, 1998, p. 418)

A segunda concepção – a cesura métrica – é adotada por Mx. Vitorino nesse capítulo. Rubio (1998) aponta que os autores que seguem essa linha de pensamento acreditam que a cesura é encontrada em meio aos pés métricos e não necessitam de nenhum outro fenômeno para que aconteçam.

As cesuras são divididas por Mx. Vitorino em quatro: pentemímera, heptemímera, troqueu catítrito e diáiresis bucólica. A pentemímera é a mais utilizada; se insere quando há uma sílaba longa após dois pés métricos, como pode ser observado em: *ārmā vī/rūmqūē cā/nōl*. Os dois pés apresentados nesse verso são dátilos (— ∪ ∪), assim, a sílaba *no* da palavra *canō* fica remanescente, sendo assim, ali ocorre a cesura:

logo após a sílaba *no*.

O segundo tipo de cesura é a chamada heptemímera, que ocorre após três pés métricos. Ao analisar o mesmo verso apresentado acima, nota-se que ele é composto por dois pés dátilos (— ∪ ∪) e um espondeu, contendo uma sílaba restante no último pé, a sílaba *ae* da palavra *Troiae*; sendo assim a cesura ocorre logo após a sílaba *ae*: *ārmā vī/rūmqē cā/nō Troī/ae*ℓ.

A cesura do troqueu catátrito ocorre quando o terceiro pé do verso é um troqueu; que ocorre no momento em que a última sílaba do dátilo (— ∪ ∪) é removida. Por fim, a diáresis bucólica, que leva esse nome por ser muito utilizada nos poemas bucólicos, acontece quando o quarto pé for um dátilo (— ∪ ∪), e, ao final deste pé ocorre também o final de uma palavra, como pode ser visto em: *dīc mīhī / Dāmoē/tā cū/iūm pēcūs?ℓ/ān Mēlī/bōēī?*

Lopes (2006) apresenta um esquema para as cesuras, e explica que a cesura mais comumente utilizada é a pentemímera, que pode ser considerada um cesura masculina, ao mesmo tempo que a cesura de troqueu catátrito é tida como feminina. Ademais, Lopes (2006) menciona uma quinta cesura, que não é abordada por Mx. Vitorino: a cesura tritemímera, a qual, normalmente, vem “acompanhada por uma heptemímera ou por uma diáresis bucólica. É uma cesura secundária.”

Imagem 2 – Esquematização sobre as cesuras

- a) *Pentemímera* ou *masculina* (πενθημιμερής): — ∪ | — ∪ | — || — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪
b) *κατὰ τὸν τρίτον τροχαῖον* ou *feminina*: — ∪ | — ∪ | — ∪ || — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪
c) *Heptemímera* (ἑφθημιμερής): — ∪ | — ∪ | — ∪ | — || — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪
d) *Diáresis Bucólica*: — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪ || — ∪ | — ∪ | — ∪
e) *Tritemímera* (τριθημιμερής): — ∪ | — || — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪ | — ∪

Fonte: Lopes, 2006

Dessa maneira, ao sistematizar as cesuras e distingui-las cuidadosamente, Mx. Vitorino revela a importância estrutural dessas pausas na constituição do hexâmetro, não apenas como marcas rítmicas, mas como elementos organizadores do verso.

A comparação com autores modernos evidencia que sua abordagem se insere na tradição da cesura entendida como fenômeno estritamente métrico, independente de fatores sintáticos ou semânticos. Assim, o estudo das quatro cesuras descritas por Mx. Vitorino - pentemímera, heptemímera, troqueu catátrito e diáresis bucólica - demonstra a precisão analítica do autor e o cuidado com que articula os princípios técnicos da

métrica latina, permitindo compreender como tais pausas contribuem para o equilíbrio, a fluidez e a musicalidade do verso. Mesmo quando outros estudiosos, como Rubio (1998) e Lopes (2006), ampliam ou refinam essa tipologia, permanece claro que a estrutura apresentada por Mx. Vitorino oferece a base essencial para o entendimento das cesuras no hexâmetro.

5.10 Para Basílio, o amigo de Sérgio

Nesse último capítulo da *ars grammatica* (arte gramatical) de Mx. Vitorino, o autor menciona dois nomes logo no título: Basílio e Sérgio. No prefácio dos volumes IV (GL - IV, p.7) e VI (GL - VI, p.7) (*Scriptores Artis Metricae*) da obra de Heinrich Keil, intitulada *Grammatici Latini* (GL), existem algumas menções a esses autores, porém, muito breves.

Keil (1857 e 1874) menciona que Sérgio Honorato, no volume IV (*Scriptores Artis Metricae*) da obra *Grammatici Latini* (GL), na *ars Servii Honorati de Finalibus* [*Servius Honoratus Aquilino Salutem (in marg. alias Basilium)*] trata das sílabas finais dos versos latinos. O nome de Basílio foi mencionado por Keil (1857 e 1874) em dois momentos, ambos, nos prefácios dos volumes IV (GL - IV, p.7) e VI (GL - VI, p.7), do mesmo modo que Sérgio Honorato (1857). O primeiro é encontrado no título mencionado acima; por sua vez, a segunda menção de Basílio é justamente para assinalar o fato de que Mx. Vitorino intitulou um capítulo em sua *ars* (arte) como homenagem a Basílio e Sérgio.

Ao analisar o capítulo em que Sérgio (1857) discute as sílabas finais dos versos, é possível perceber que tanto Sérgio (1857) quanto Mx. Vitorino iniciam seu texto com o mesmo parágrafo; dizendo que muitos gramáticos abandonaram as explicações sobre a natureza das últimas sílabas, pois acreditavam que essa categoria gramatical era simples o suficiente para que não fosse abordada, no entanto, as características e particularidades do final das sílabas é mais complexo do que se julga:

Expliquei breve e claramente, como mandam, a natureza das últimas sílabas. Nesse caso, minha audácia é defendida pela [própria] autoridade [que estas sílabas trazem]. Muitos abandonaram esse [difícil] trabalho [pois, pensaram] ser fácil e acessível. [Porém], isto tornou-o mais complexo. (VITORINO, 1874, p. 240)¹⁴⁸

¹⁴⁸ *Vitimarum syllabarum naturam, sicut poposceras, breviter dilucideque digessi in qua re audacia mea tuo defenditur imperio. nam hoc opus [durum], velut facile ac per se patens dum multi reliquerunt, difficilius reddiderunt. (VITORINO, 1874, p. 240)*

A afirmação de Mx. Vitorino funciona como uma espécie de justificativa metodológica e, ao mesmo tempo, como uma crítica velada à tradição gramatical anterior. Quando declara ter explicado “breve e claramente” a natureza das últimas sílabas, ele enfatiza que seguiu a orientação dos antigos gramáticos, que exigiam concisão aliada à precisão técnica. Em seguida, afirma que sua “audácia” - isto é, a ousadia de tratar um tema complexo de modo direto - está amparada pela própria autoridade do assunto, sugerindo que seu método não simplifica indevidamente, mas torna acessível aquilo que é, por natureza, intrincado.

O ponto central de sua crítica aparece no trecho final, quando ele diz que o fato da maioria dos autores não tratarem das sílabas finais dos metros, por considerarem eles fáceis e simples demais, na realidade tornou-os mais obscuros e difíceis para os estudantes. Assim, Mx. Vitorino se coloca como alguém que recupera e organiza sistematicamente uma matéria que, embora pareça elementar, exige rigor, e cuja clareza só pode ser alcançada por meio de um tratamento técnico cuidadoso - justamente o que ele se propõe a oferecer.

Mx. Vitorino explica que as primeiras sílabas ou as sílabas mediais de uma palavra são os exemplos gramaticais mais fáceis de se coletar, por esse motivo, o autor afirma que os gramáticos deveriam dar maior importância para as sílabas finais. Desse modo, Mx. Vitorino trata das sílabas finais com maior aprofundamento que a maioria:

Em todas as partes do discurso, a primeira sílaba ou a medial, são exemplos da arte [gramatical] mais fáceis de coletar. Portanto, discutamos as últimas [sílabas]. Embora os poetas, frequentemente, têm permissão, ou licença, ou necessidade de usar o metro indiferentemente, não significa que eles saibam como a sílaba se comporta naturalmente. (VITORINO, 1874, p.240-241)¹⁴⁹

Mx. Vitorino justifica por que concentra seu esforço justamente nas últimas sílabas das palavras, e não nas iniciais ou mediais. Ele afirma que as primeiras sílabas - e mesmo as sílabas internas - são relativamente fáceis de identificar e classificar dentro da arte gramatical, razão pela qual não exigem tratamento prolongado. As últimas sílabas, ao contrário, apresentam maior complexidade, sobretudo no domínio métrico, e por isso merecem discussão específica.

¹⁴⁹ *In omnibus partibus orationis syllabae primae vel mediae quales sint exemplis facilius est quam arte colligere. quare nos disputemus de ultimis, quibus poetae licet saepe vel licentia vel necessitate metri indifferenter utantur, non tamen idcirco qualiter se naturaliter habeant nesciendum est. ergo a nomine sumamus exordium tractantes pariter de latinis et de his graecis, quae in nostram orationem videntur posse transire. (VITORINO, 1874, p.240-241)*

Em seguida, o autor observa que os poetas frequentemente usufruem da licença métrica, podendo alongar ou abreviar sílabas conforme a necessidade do verso. Entretanto, essa liberdade não deve ser confundida com conhecimento técnico: o fato de um poeta manipular o metro com flexibilidade não significa que ele compreenda a natureza intrínseca - isto é, “natural” - da sílaba segundo as regras da prosódia.

Desse modo, Mx. Vitorino estabelece uma distinção importante entre uso poético e saber gramatical, reforçando que apenas o estudo sistemático permite determinar quando uma sílaba é longa ou breve por natureza, independentemente das necessidades artísticas do verso.

Do mesmo modo que o fez no início do capítulo *Finalibus Metrorum*, aqui tratado no item 5.1 *Sobre o Final dos Metros* - Mx. Vitorino, em um primeiro momento concentra-se na divisão das letras, explicando que elas podem ser vogais ou consoantes. As vogais, que podem se alongar ou encurtar, são cinco: *-a*, *-e*, *-i*, *-o* e *-u*; enquanto todas as outras letras são consideradas consoantes. As vogais *-i* e *-u* têm uma particularidade diferente das outras. Elas podem se comportar como consoantes caso estejam na frente de outras vogais ou apareçam juntas, como pode ser observado em palavras como *Ianus* (Janus), *Venus* (Vênus), *Iuno* (Juno) e *vita* (vida). Ademais, a vogal *-i* dispõe de outra característica: quando localizada entre duas vogais, funciona como uma vogal dupla, como *Troia* (Troia) e *Maia* (Maia).

Por sua vez, as consoantes também são divididas em duas classes: semivogais - *-f*, *-l*, *-m*, *-n*, *-r*, *-s* e *-x*, - ou mudas - *-b*, *-c*, *-d*, *-g*, *-h*, *-k*, *-p*, *-q* e *-t*. Ao serem colocadas após outras consoantes, as letras *-l* e *-r* são excluídas, caso ainda pertençam à mesma sílaba, como *clarus* (claro) e *frater* (irmão). Algumas vezes, a consoante *-s* também é excluída do metro; a letra *-x* sempre é considerada dupla, porém, a letra *-z* não. O *-h* pode funcionar tanto como uma consoante, quanto somente como uma aspiração.

A primeira diferença entre o tratamento das sílabas finais por Sérgio (1857) e Mx. Vitorino pode ser observada logo nesse momento. Mesmo que ambos tenham utilizado o mesmo parágrafo para introduzir essa categoria gramatical, a semelhança termina nesse ponto. Sérgio (1857) não aborda a divisão das letras; ele já parte diretamente para as sílabas longas, breves e comuns explicando que as sílabas breves se alongam em virtude da posição. No entanto, enquanto Mx. Vitorino apresenta dez modos dos alongamentos das sílabas, Sérgio (1857) somente menciona três: o primeiro, o quinto e o oitavo, conforme explicado por Mx. Vitorino.

Esses dez alongamentos por posição são abordados por Mx. Vitorino pela primeira vez no capítulo 3.12 - *Sobre as sílabas*, e novamente mencionados no item 5.1 - *De Finalibus Metrotum*. O primeiro verifica-se quando uma sílaba termina em uma vogal breve seguida de duas consoantes, por exemplo, na palavra *ars* (arte). O segundo pode ser observado em duas sílabas, em que a primeira termina em consoante e a próxima também começa em consoante, como em *arma* (arma). O terceiro modo traz duas consoantes seguidas em uma mesma sílaba; por exemplo, *agri* (campo).

Em quarto lugar tem-se uma sílaba finalizada com a letra -x, como em *nox* (noite). O quinto meio de se prolongar uma vogal por sua posição também se efetua com a letra -x, quando ela implica dois tempos, como no vocábulo *axis* (eixo). A pronúncia desse termo seria considerado *ac-sis*. Posteriormente, a sexta maneira apresentada por Mx. Vitorino traz a letra -z, que tem tempo duplo para os gregos, pois equivale a -dz ou -zd, assim como no nome *Mezentius* (Mezêncio).

O sétimo modo contém uma sílaba terminada em consoante enquanto a próxima sílaba se inicia pelas vogais -i e -u, como *arva* (campos) e *additivo* (adicionado). A oitava maneira de prolongamento das vogais realiza-se ao colocar uma vogal breve no lugar de uma consoante, e que é percebida como consoante, como “*maior agit deus*”¹⁵⁰ e “*Troiaque nunc stares*”¹⁵¹ - aqui, a métrica exige que a letra -i seja escrita geminada.

O nono acontece quando uma palavra com vogal abreviada termina em consoante, como “*at pater Aeneas*”¹⁵². Por fim, quando a própria vogal abreviada preenche parte do discurso a fim de que a pronúncia da palavra seja feita de maneira mais confortável para o falante, como *amor* (amor), que tem duas vogais breves, que podem ser alongadas caso necessário, de acordo com o discurso.

Além das sílabas breves e longas, ainda existem as sílabas chamadas de comuns; para essas, Mx. Vitorino apresenta oito modos como elas ocorrem: o primeiro modo acontece se uma sílaba breve for seguida de uma consoante líquida - l, -m, -n, -r -, caso em que pode ser longa, como “*vasto Cyclopis in antro*”¹⁵³ ou breve, como “*vastoque ab rupe Cyclopas*”¹⁵⁴; o segundo modo realiza-se quando a palavra termina com uma sílaba breve e a próxima letra é a consoante -h: podendo ser longa, como

¹⁵⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* XII, v.429; Trad.: ‘um deus maior age’.

¹⁵¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.56; Trad.: ‘- e estarias de pé agora, Troia,’.

¹⁵² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* V, v.545,700; Trad.: ‘mas o pai Enéias’.

¹⁵³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v.617, Trad.: ‘na vasta caverna do ciclope’.

¹⁵⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v. 647, Trad.: ‘sob amplas grutas (outros) ciclopes’.

“*terga fatigamōs hasta*”¹⁵⁵ ou breve, como “*quisquīs honos tumuli*”¹⁵⁶. Em terceiro, tem-se uma vogal curta seguida de duas consoantes, cuja primeira letra é -s: deve ser longa, como *undē spissa coma* ou breve, como “*ponitē spes sibi quisque*”¹⁵⁷.

A quarta sílaba comum ocorre quando o discurso termina em uma sílaba breve: assim, é possível que seja longa, como “*nam tibi, Thymbre, caput Euandrius abstulit ensīs*”¹⁵⁸, ou breve, como “*hoc caput o civēs*”¹⁵⁹; o quinto modo acontece quando a vogal é imediatamente seguida de ditongo: sendo longa, como *Mūsae Aonides* (Musas da Aônia)¹⁶⁰ ou breve, como “*insūlae Ionio in magno*”¹⁶¹. Em sexto lugar, a vogal longa é seguida de outra vogal: pode ser longa, como *o egō infelix* (estou infeliz), ou breve, como *sub iliō alto* (sob a altaneira Ílion/Troia); em sétimo lugar, um pronome termina com a letra -c e é imediatamente seguido de uma vogal: talvez seja longo, como “*hoc erat alma parens*”¹⁶², ou breve, como “*solus hic inflexit sensus*”¹⁶³; por fim, quando uma vogal breve é seguida de -z: pode ser longa, como “*Mēzenti ducit exuvias*”¹⁶⁴, ou breve, como *nemorosā Zacynthos* (a arborizada Zaquinto).

Assim, Mx. Vitorino termina a exposição das sílabas breves, longas e comuns, e com isso finaliza seu capítulo dizendo que os nomes são divididos de acordo com os Os casos, que totalizam seis, serão abordados com mais detalhe posteriormente. Contudo, como os nomes e todas as outras classes gramaticais já foram anteriormente discutidas por Mx. Vitorino, o autor encerra sua *ars* (arte) nesse momento: “Os nomes. Todos os substantivos são declinados em seis casos, cada um dos quais discutiremos em detalhes.” (VITORINO, 1874, p. 242).

A principal diferença entre o tratamento das sílabas finais por Sérgio (1857) e Mx. Vitorino é que o primeiro tem apenas um capítulo, em que discute brevemente o alongamento das sílabas; logo após dispõe as alterações das sílabas em virtude dos tempos verbais, casos, preposições, advérbios e interjeições. Mx. Vitorino, por sua vez, além de todas essas classes gramaticais, também aborda as conjunções, pronomes,

¹⁵⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IX*, v.610, Trad.: ‘aferroamos os novilhos com a lança’.

¹⁵⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.493, Trad.: ‘as honras feitas ao morto’.

¹⁵⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v.309, Trad.: ‘se colocaram todos em marcha’.

¹⁵⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.394, Trad.: ‘a espada do filho de Evandro lhe corta a cabeça. Timbre (...)’.

¹⁵⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XII*, v.572, Trad.: ‘a cabeça, cidadãos’.

¹⁶⁰ As *Musas Aônias*, chamadas assim por Ovídio, tinham como sagrada a região da Aônia, distrito da antiga Beócia, por ser localizada no monte Hélicon e Citerão. (Cf. CARDOSO, *A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V)*, p.378).

¹⁶¹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v.211, Trad.: ‘ilhas no grande Jônio’.

¹⁶² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis II*, v.664, Trad.: ‘então assim, o velho pai’.

¹⁶³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IV*, v.22, Trad.: ‘somente este tocou-me os sentidos’.

¹⁶⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v.7, Trad.: ‘do agressivo Mezêncio’.

participios, cesuras e substantivos latinos e gregos. Ele o faz dividindo todos esses assuntos em subseções do capítulo *De Finalibus Metorum*, para que o leitor tenha mais facilidade em diferenciar cada classe gramatical e suas influências nas sílabas finais, que são de suma importância para Mx. Vitorino.

O modo como Sérgio Honorato (1857) concebe as sílabas finais nos metros não será aqui discutido, pois o conteúdo de sua *ars* (arte) difere da de Mx. Vitorino somente porque Mx. Vitorino completa os estudos de Sérgio (1857); no entanto, não existe nenhuma discrepância ou discordância entre eles quanto ao comportamento, características ou particularidades dessa classe gramatical.

Desse modo, é possível observar o caráter didático de sua *ars grammatica* (arte gramatical), além de perceber que seu tratamento das sílabas breves e longas é mais aprofundado e complexo do que o de Sérgio Honorato (1857), a quem ele dedica esse capítulo.

6. Tradução comentada de Máximo Vitorino

6.1 *Victorini ars [Maximi Victorini de re grammatica]*

6.1.1 *ARS VICTORINI GRAMMATICI* (A arte gramatical de Vitorino)

Texto Original:

ARS VICTORINI GRAMMATICI

Ars quid est? Vnius cuiusque rei scientia. Artium genera quod sunt? Tria. Quae? Sunt quaedam animi tantum, quaedam corporis, quaedam animi et corporis. Quae sunt animi tantum? Hae sunt, poetice, musice, astrologice, grammaticae, rhetorice, iuris scientia, philosophia. Quae sunt corporis? Iaculatio, saltus, velocitas, oneris gestamen. Quae sunt animi et corporis? Ruris cultus, palaestra, medicina, μηχανική, τεχνονική. Quae sunt ex his, quas veteres aliis nominibus discreverunt? Κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία.

Κακοτεχνία quae est? Oratoria. Quare κακοτεχνία. Siquidem malitioso astu in id quod persuadere quaerit intenta plerumque ad pervertendam nititur veritatem. Ψευδοτεχνία item quae est? Quae animos hominum sensusque quadam specie veritatis inludit, veluti est pictorum et praestigiatorum gentis. Quid

Tradução de Estudo:

A Arte gramatical de Vitorino

O que é arte? A ciência de cada matéria. Quantas são as categorias da arte? Três. Quais? Há algumas que são apenas da mente, outras que são só do corpo, e outras ainda, tanto da mente como do corpo. Quais são as exclusivas da mente? São as da poética, música, astronomia, gramática, retórica, do conhecimento jurídico e da filosofia. Quais são as do corpo? Lançamento de dardo, salto em distância, corrida de velocidade, levantamento de peso. Quais são as da mente e do corpo? Cultivo do campo, luta e ginástica, medicina, ciência das máquinas e da arquitetura. Dentre essas, quais são as que os antigos descreveram com outros nomes? A “arte do falso” [*Κακοτεχνία, cacotécnica*], a “arte do espúrio” [*ψευδοτεχνία, pseudotécnica*] e a “arte do inútil” [*ματαιοτεχνία, mataiotécnica*].

O que é a “arte do falso”? A Oratória. Por que “arte do falso”? Porque, de fato, se vale de um ardil malicioso naquilo que ela procura persuadir e, em geral, se esforça por distorcer a verdade. O que é também a “arte do espúrio”? A que ilude tanto as mentes como os sentidos dos homens com determinada aparência de verdade, assim como é a [arte] do grupo dos pintores e

est ματαιοτεχνία? Quae difficiles quidem res, non tamen usui necessarias facit, ut puta veluti sunt sphaeropaectae, funambuli ceterique huius modi.

Grammatica quid est? Scientia interpretandi poetas atque historicos et recte scribendi loquendique ratio, dicta autem ἀπὸ τῶν γραμμάτων, [id est ab his litteris]. Vnde incipere debet? Quidam [etiam] a voce coeperunt alii a litteris, alii a syllabis, alii a casibus, nos autem a definitione. Qui tamen coeperunt melius? Vtique qui a definitione vel a litteris. nam vox naturalis est et sine grammatica communis etiam cum imperitis. Grammaticae autem officia quot sunt? Quattuor. Quae sunt? Lectio, enarratio, emendatio, iudicium. Lectio quid est? Secundum accentus et sensuum necessitatem propria pronuntiatio. Enarratio quid est? Secundum poetae voluntatem unius cuiusque descriptionis explanatio. Emendatio quid est? Errorum apud poetas et figmentorum reprehensio.

Iudicium quid est? Bene dictorum comprobatio.

dos mágicos. O que é a “arte do inútil”? Aquelas atividades que são decerto difíceis, mas que não são necessárias ao uso, assim como, por exemplo, são os malabaristas de bolas, os equilibristas de corda bamba e outros desse modo.

O que é gramática? A ciência de interpretar os poetas e historiadores, e o sistema de escrever e falar corretamente, também chamada ἀπὸ τῶν γραμμάτων [isto é, desde as próprias letras]. De onde se deve começar? Alguns começaram do som, outros, das letras, outros ainda das sílabas, e mesmo outros dos casos; nós, no entanto, [começaremos] da definição. Mas quais são os que melhor começaram? Decerto os que [começaram] pela definição ou pelas letras. Pois o som é [algo] natural e sem [necessidade de] uma gramática, até mesmo para os que ignoram as regras gerais. Mas quantas são as especialidades da gramática? Quatro. Quais são? Leitura, explicação, correção e julgamento. O que é a leitura? A pronúncia adequada de acordo com os acentos e a necessidade do sentido. O que é a explicação? Uma exposição da descrição de cada detalhe, segundo a intenção do poeta. O que é correção? A crítica dos erros e palavras inventadas entre os poetas.

O que é julgamento? O abono do que for dito corretamente.

6.1.2 De Lectione (Da leitura)

Texto Original:

DE LECTIONE

Tradução de Estudo:

Sobre a leitura

Quantas são as partes da leitura?

Quatro. Quais são? Acentuação,

Partes lectionis quot sunt? Quattuor. Quae sunt? Accentus, discretio, pronuntiatio, modulatio. separação [de passagens], expressão e modulação.

Accentus quid est? Vnius cuiusque syllabae in sono pronuntiandi qualitas? Discretio quid est? Confusarum significationum per plana significatio. Pronuntiatio quid est? Scriptorum secundum personas accommodata distinctione similitudo, ut puta cum aut senis temperamentum aut iuuenis protervitas aut feminae infirmitas aut qualitas unius cuiusque personae ostendenda est et mores unius cuiusque habitus exprimendi. Modulatio quid est? Continuati sermonis in iucundio rem dicendi rationem artifi. O que é acentuação? A pronúncia característica de cada sílaba quanto ao som. O que é separação? O esclarecimento do significado [das passagens] de sentido confuso. O que é expressão? A similitude quanto às personagens de cada escritor, ajustada de acordo com seus traços característicos, como, por exemplo, quando é preciso mostrar o modo de ser de um velho ou o arrojo juvenil ou a fraqueza feminina ou o traço característico de cada personagem, e os modos costumeiros de cada um exprimir-se. O que é modulação? A flexão artificiosa no modo de dizer mais prazeroso de uma fala contínua, voltada a uma disposição agradável aos ouvidos, evitando-se a aridez [da fala comum].

6.1.3 De Definitione (Da definição)

Texto Original:

DE DEFINITIONE

Definitio quid est? Oratio [brevis] quae id de quo quaeritur aperte describit et determinat, ut puta si quaeras a me, quid sit homo, respondebo tibi 'animal rationale et mortale risus capax'.

Tradução de Estudo:

Sobre a definição

O que é definição? Um [breve] enunciado que procura claramente descrever e delimitar um certo assunto, como, por exemplo, se tu me perguntares o que é um ser humano, e eu te responderei: “um animal racional e mortal capaz de rir”.

6.1.4 De Latinitate (Da latinitude)

Texto Original:*DE LATINITATE*

Latinitas quid est? Observatio incorrupte loquendi secundum Romanam linguam.

Quot modis constat latinitas? Tribus. Quibus? Ratione, auctoritate, consuetudine. Ratione quatenus? Secundum technicos, id est artium traditores. Quid auctoritate? Veterum scilicet lectionum. Quid consuetudine? Eorum verborum, quae e medio loquendi usu placita adsumptaque sunt.

Tradução de Estudo:

Sobre o latim

O que é latinidade? A observação do verdadeiro falar, de acordo com a língua romana.

De quantos modos a latinidade se constitui? De três. Por quais [modos]? Pelas regras, pela autoridade e pelo costume. Como assim, pelas regras? De acordo com os especialistas, isto é, os transmissores das artes. O que [seria] pela autoridade? Naturalmente, a das lições dos antigos. O que [seria] pelo costume? O daquelas palavras, que, pelo uso comum do discurso, foram adotadas e consideradas aprazíveis.

6.1.5 De Voce (Da voz)**Texto Original:***DE VOCE*

Vox quid est? Aer ictus sensibilisque auditu, quantum in ipso est. Vocis species quot sunt? Duae. Quae sunt? Articulata et confusa. Articulata quae est? Hominum tantum modo. Vnde articulata dicta est? Quod articulo scribentis comprehendere possit. Quae est confusa? Quae scribi non potest, ut puta ovium balatus, equi hinnitus, mugitus bovis et non nullae aliae voces sunt. Sonos quoque omnes voces dicimus, ut 'fractasque ad litora voces'.

Tradução de Estudo:

Sobre a voz

O que é a voz? É o ar percutido e detectável pela audição, tanto quanto pode por si mesma. Quantos tipos de voz existem? Duas. Quais são elas? A articulada e a confusa. Qual é a [voz] articulada? Apenas a dos seres humanos. Por que foi chamada articulada? Porque é pela articulação de quem escreve que ela pode ser entendida. Qual é a [voz] confusa? A que não pode ser escrita, por exemplo, o balido de ovelhas, o relincho de um cavalo, o mugido de um boi e algumas outras vozes que existem.

Chamamos a todos os outros sons também vozes, como “*fractasque ad litora voces*”¹⁶⁵

6.1.6 De Casibus (Dos casos)

Texto Original:

DE CASIBVS

Quid sunt casus? Gradus quidam declinationis. Vnde dicti? Quia per eos pleraque nomina a prima sui positione inflexa varientur et cadant. Quare pleraque et non omnia? Sunt enim quaedam vocabula, quae per casus flecti non possunt, ut puta nequam nugas frugi nihil. Quot sunt casus declinationis? Sex. Qui sunt? Nominativus, genetivus, dativus, accusativus, vocativus, ablativus. Sed si a cadendo casus dicti sunt, quo modo nominativus casus dici potest, qui adhuc in suo statu est nec a prima positione sui cecidit, quo fit ut a genetivo casus esse incipiant ac per hoc iam quinque sint? Dicimus non aliter nominativum quoque casum dici posse, quam ut in gradibus, per quos descendimus, illum etiam qui in summo est gradum dicimus, cum alioqui ad superiorem planitiem aequalis sit nec fiat gradus nisi depressione sequentis. Quo exemplo per genetivum, in quem cadit, nominativus quoque iam casus est; addunt etiam non nulli quamvis sine nomine septimum casum. Quis est

Tradução de Estudo:

Sobre os casos

O que são casos? Uma certa categoria da declinação. Por que foram chamados assim? Porque, por meio deles, a maioria dos nomes, flexionados a partir de seu tema original, se altera e se declina. Por que a maioria e não todos? Porque há certas palavras que não podem ser flexionadas por meio dos casos, assim como *nequam* (que não vale nada), *nugas*¹⁶⁶ (frívolo), *frugi* (sensato, honesto), *nihil* (nada). Quantos são os casos da declinação? Seis. Quais são? O nominativo, o genitivo, o dativo, o acusativo, o vocativo, e o ablativo. Mas, se eles foram chamados casos a partir de sua flexão, como pode chamar-se *caso* também o nominativo, que ainda está em seu estado inicial e não decaiu de sua forma original, se é a partir dele que começam a surgir casos desde o genitivo? Por isso, então, já não seriam cinco? Dizemos que o nominativo também pode, do mesmo modo, ser chamado *caso*, como acontece com os degraus [de uma escada] por onde descemos: também chamamos *degrau* o que está no ponto mais alto, quando, ao contrário, ele seria equivalente ao nível superior, e não constituiria degrau nenhum, exceto na depressão do próximo [degrau]. Como acontece, por exemplo, com o genitivo, em que ele se flexiona, o nominativo é também um *caso*; alguns acrescentam que, muito embora não tenha nome, haveria também um sétimo

¹⁶⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.3: ‘as vozes quebradas na costa’.

¹⁶⁶ NUGAS é uma forma variante arcaica de *nugax*, sendo a última declinável, enquanto a primeira não o é.

septimus casus?’ Qui quasi speciem ablativi habet nec tamen ablativus est; quippe is per accusativum liquidius explicatur, ut cum dicimus nos terra vel mari vectos, non utique a terra vel a mari, sed per terram vel per mare significamus. Ex quo sensu est multum ille et terris iactatus et alto.

Genetivi casus quae regula est? Genetivus casus singularis numquam a nominativo suo minor est. Itaque aut totidem syllabis constare debet, quot et nominativus eius aut etiam una syllaba excedere. Quo modo totidem syllabis? Vt Virgilius Virgilii, Terentius Terentii, et ob id geminata i. Quo modo una syllaba excedere? Vt Hector Hectoris, Nestor Nestoris. Nullum nomen invenitur quod etiam duabus syllabis adcreseat in genetivo? Incidunt quaedam contra supra dictam rationem, ut puta anceps ancipitis, praeceps praecipitis, biceps bicipitis, supellex supellectilis.

Ablativi casus quae regula est? Ablativus casus singularis exceptis quidem nominibus aptotis, ut nequam et nugas, una ex quinque vocalibus terminatur. Quaecumque igitur nomina ablativo casu singulari a vel o fuerint terminata, genetivum pluralem in rum syllabam mittunt, dativum et ablativum in is, ut puta ab hac tabula harum

caso. Qual é o sétimo caso? Aquele que tem como que a aparência do ablativo, mas não é o ablativo; pode ser melhor explicado mais claramente pelo acusativo, assim como dizemos “fomos transportados por terra (*terrā*) ou por mar (*marī*)”, decerto não *a terrā* (da terra) ou *a marī* (do mar), mas queremos dizer *per terram* (através da terra) ou *per mare* (através do mar). Observa-se esse sentido em “*multum ille et terris iactatus et alto*”¹⁶⁷.

Qual a regra do caso genitivo? O caso genitivo singular nunca é menor que o nominativo [da mesma palavra]. Portanto, ou ele deve ter o mesmo número de sílabas que as do seu nominativo, ou então deve excedê-lo em uma sílaba. Como assim o mesmo número de sílabas? Como [ocorre] em *Virgilius* (Virgílio) e *Virgilii* (de Virgílio), *Terentius* (Terêncio) e *Terentii* (de Terêncio), [que] por isso [ficam] com o /i/ geminado. Como assim excedê-lo em uma sílaba? Como *Hector* (Heitor) e *Hectoris* (de Heitor), *Nestor* (Nestor) e *Nestoris* (de Nestor). Não se encontra nenhum nome que também acrescente duas sílabas no genitivo? Ocorre de alguns irem contra o sistema acima mencionado, como por exemplo *anceps* (duas cabeças) e *ancipitis* (das duas cabeças), *praeceps* (que se precipita, inclinado) e *praecipitis* (daquele se precipita, inclina), *biceps* (dois cumes) *bicipitis* (dos dois cumes), *supellex* (móvel) e *supellectilis* (da móvel).

Qual a regra do caso ablativo? Exceto, é claro, no caso de nomes *aptotos* [i.e., indeclináveis] como *nequam* (que não vale nada) e *nugas* (frívolo), o caso ablativo se encerra por uma das cinco vogais. Portanto, quaisquer nomes que, no caso ablativo singular, tiverem terminado em *-a* ou *-o*; no

¹⁶⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.3: ‘praia [da Lavínia] ele foi muito jogado tanto por terra como por mar’.

tabularum et ab hoc docto horum doctorum, his et ab his tabulis doctis.

Quid est, si e aut i vel u ablativi fuerint terminati? Si e littera correpta ablativus singularis terminetur, genetivum pluralem in um vel in ium syllabas eiciunt, ut puta velut ab hoc codice codicum, pariete parietum, item rupe rupium, nocte noctium. Simili modo i quoque aliquando in um, aliquando in ium syllabam eicit, ut ab hoc vigili horum vigilum, pugili pugilum, item agili agilium, facili facilium.

Dativum et ablativum in bus, ut his et ab his codicibus parietibus rupibus et cetera. Quid si e producta fuerit? Genetivum in rum syllabam eicit, ut ab hac specie harum specierum, dativum et ablativum in bus, ut his et ab his speciebus. At vero si u fuerit ablativus terminatus, genetivum pluralem in uum tantum modo eicit, dativum et ablativum in bus, ut ab hoc fluctu horum fluctuum, ab hoc cornu horum cornuum, his et ab his fluctibus cornibus.

Declinatio secundum genera. Maro nomen proprium generis masculini numeri singularis figurae simplicis casus nominativi et vocativi, quod declinabitur sic, hic Maro huius Maronis et reliqua et pluraliter nominativo hi Marones et reliqua. Musa nomen appellativum generis feminini numeri singularis

genetivum plural terminam na sílaba -rum, no dativo e ablativo [plural], em -is, como em ab hac tabula (por esta tabuinha)/harum tabularum (dessas tabuinhas) e ab hoc docto (por este sábio, erudito)/horum doctorum (desse sábio, erudito)/horum doctorum (desses sábios), his e ab his tabulis doctis (por essas eruditas tabuinhas).

O que acontece se os ablativos tiverem terminado em -e ou -i ou -u? Se o ablativo singular for terminado por uma letra -e breve, eles produzirão sílabas de genitivo plural em -um ou -ium, como em *hoc codice* (essa casca de árvore, esse livro) e *codicum* (da casca de árvore, do livro), *pariete* (parede) e *parietum* (da parede), e também *rupe* (rochedo, parede de pedra) e *rupium* (do rochedo, da parede de pedra), *nocte* (noite) e *noctium* (da noite). Do mesmo modo, o -i também produz uma sílaba às vezes em -um e às vezes em -ium, como *hoc vigili* (esse sentinela) e *horum vigilum* (desses sentinelas), *pugili* (esse pugilista) e *pugilum* (desses pugilistas), *agili* (agilidade) e *agilium* (da agilidade), *facili* (facilidade) e *facilium* (da facilidade).

E também [produz] um dativo e um ablativo em -bus, como *his* e *ab his codicibus* (esses e desses livros), *parietibus* (as paredes), *rupibus* (as paredes de pedra), etc. E se for um -e longo? O genitivo termina em uma sílaba -rum, assim como em *hac specie/harum specierum* (dessas espécies). O ablativo e dativo terminam em -bus, como *his speciebus* (essas espécies). Mas se o ablativo for terminado em -u, produz tão-somente o genitivo plural -uum, e o ablativo e dativo em -bus, como em *ab hoc fluctu* (dessa onda) e *horum fluctuum* (dessas ondas), *ab hoc cornu* (desse chifre) e *horm*

figurae simplicis casus nominativi et vocativi, quod declinabitur sic, haec Musa et cetera et pluraliter hae Musae et cetera. Factum nomen appellativum generis neutri numeri singularis figurae simplicis casus nominativi et vocativi, quod declinabitur sic, hoc factum et reliqua et pluraliter haec facta et cetera.

Parens nomen appellativum generis communis numeri singularis figurae simplicis casus nominativi et vocativi, quod declinabitur sic, hic et haec parens huius parentis et pluraliter hi et hae parentes et cetera, felix nomen est appellativum generis omnis numeri singularis figurae simplicis casus nominativi et vocativi, quod declinabitur sic, hic et haec et hoc felix huius felicitis et cetera et pluraliter hi et hae felices et hae felicia.

cornuum (desses chifres), *his* e *ab his fluctibus cornibus* (a partir dos cumes dessas ondas).

A declinação [varia] conforme os gêneros. *Maro* (Maro) é um nome próprio masculino singular e de forma simples nos casos nominativo e vocativo, e será flexionado assim: *hic Maro* (esse Maro)/*huius Maronis* (desse Maro) etc, e no nominativo plural: *hi Marones* (esse Maro), etc. *Musa* (Musa) é um nome comum feminino singular e de forma simples nos casos nominativo e vocativo, e será flexionado assim: *haec Musa* (essa Musa) etc., e, no plural, *hae Musae* (essas Musas) etc. *Factum* (feito) é um nome comum de gênero neutro no singular e forma simples nos casos nominativo e vocativo, e será flexionado *factum* (feito) etc. e, no plural, *hae facta* (esses feitos) etc.

Parens (pais) é um vocábulo de gênero comum, singular e forma simples nos casos nominativo e vocativo e será flexionado assim: *hic* e *haec parens* (esse pai) e *huius parentis* (desse pai) e, no plural, *hi* e *hae parentes* (esses pais). etc. *Felix* (feliz) é uma palavra de todos os gêneros, singular e simples nos casos nominativo e vocativo, e será flexionado assim: *hic/haec/hoc felix* (esse/essa/isso felicidade) e *huius felicitis* (desse/dessa/disso felicidade) etc., e, no plural, *hi/hae felinos* (esses/essas/issos felizes) e *haec felicia* (essas felizes).

6.1.7 De Sententia (Da sentença)

Texto Original:

DE SENTENTIA

Sententia quid est? Dictio generalis ad vitae rationem in commune pertinens, ut puta ne quid nimis.

Tradução de Estudo:

Sobre a sentença

O que é a sentença? É o discurso geral referente ao modo de vida em comum, como “*ut nequid nimis*”¹⁶⁸

¹⁶⁸ Cf. TERÊNCIO *Andria*, v.61, Trad.: ‘nada em excesso’.

6.1.8 De Oratione (Da Oração)

Texto Original:

DE ORATIONE

Oratio quid est? Contextus sermo ad clausulam tendens. Unde dicta oratio? Quasi oris ratio.

Tradução de Estudo:

Sobre a oração

O que é a oração? É o contexto para que tende o discurso. Onde ocorre o discurso? Nos ouvidos.

6.1.9 De Clausula (Da cláusula)

Texto Original:

DE CLAVSVLA

Clausula quid est? Compositio verborum plausibilis structurae exitu terminata.

Tradução de Estudo:

Sobre a cláusula

O que é a cláusula? A combinação plausível de palavras resultando no fim de uma estrutura.

6.1.10 De Distinctione (Da pontuação)

Texto Original:

DE DISTINCTIONE

Distinctio quid est? Apposito puncto nota finiti sensus vel pendentis mora. Quot locis ponitur? Tribus. Quibus? Summo, cum sensum terminat, et vocatur finalis a nobis, a Graecis telia; medio, cum respirandi spatium legenti dat, et dicitur mese; imo ponitur, cum [mora] lectionis interruptum tenorem aliud adhuc inlatura suspendit, et vocatur a Graecis ὑποστιγμή, a nostris subdistinctio.

Tradução de Estudo:

Sobre a pontuação

O que é a pontuação? É o sinal determinado para marcar o final da sentença ou o período de tempo dessa sentença. Em quantos locais colocam-se pontuação? Três. O mais alto, quando o sentido da sentença é terminado, chamado por nós de *finalis* e pelos gregos *telia*. No meio, quando o leitor quiser tomar uma pausa entre sentenças para respirar, é chamado de *mese*. O mais baixo, quando o tempo da leitura é interrompido por diferentes condições, suspendendo as passagens pressas a serem inseridas. Para os gregos é

chamado de *ýpostigmí*, e para nós *subdistinctio*.

6.1.11 De Accentibus (Dos acentos)

Texto Original:

DE ACCENTIBVS

Accentus qui sunt? Accentus, qui graece προσωδίαι dicuntur, hi sunt, acutus, gravis, circumflexus. In omni parte orationis latinae, item et graecae, aut acutum aut circumflexum poni necesse est, nec amplius quam unum, vel hunc vel illum.

Nam gravis ponitur in pluribus. Acutus cum apud Graecos tria loca teneat, ultimam et paenultimam et ei proximam syllabam, apud nos tautum duobus locis poni potest. Quibus? Aut in paenultima syllaba, ut praelegislis, aut in ea quae a fine tertia sit, ut praelegimus. Circumflexus, si pars orationis trium aut amplius fuerit syllabarum, non nisi paenultimum locum poterit invenire, ut lubare, per domare. Monosyllaba quaecumque positione longa fuerint, acutum habebunt accentum ut pix, núx, nóx, nix, páx, fáx. Quid quae natura longae erunt? Circumflexo accentu pronuntiabimus, ut dôs, spês, rês, môs, flôs. In dissyllabis quid? Si prior natura longa fuerit et posterior correpta, prior circumflectetur, ut hora, Roma. Quid si posterior producta sit? Prior, seu longa seu

Tradução de Estudo:

Sobre os acentos

O que são os acentos? Os acentos, pelos gregos chamados de *prosodíai*, são três: agudo, grave e circunflexo. Em todas as partes da oração latina, ou até mesmo das gregas, é necessário colocar apenas um acento: ou agudo ou circunflexo.

O acento grave não é colocado no plural. O acento agudo, no grego, é colocado em três locais: na última sílaba, na antepenúltima e na sílaba após *-ei*. Para nós, latinos, pode ser colocado em dois locais. Quais? Na penúltima sílaba, como em *praelegilis* (lê), ou na terceira sílaba, como em *praelegimus* (lemos). Se a parte do discurso tiver três ou mais sílabas, poderá inserir o acento circunflexo somente na penúltima sílaba, como *lubare* (lisonjear) e *domare* (domar). Os monossílabos, quaisquer que sejam as posições [na sentença], são longos e tem o acento agudo, como em *píx* (piche), *núx* (noz), *nóx* (noite), *níx* (neve), *páx* (paz), *fáx* (tocha). Quais são as [sílabas] longas por natureza? Quando pronunciamos o acento circunflexo, como *dôs* (dote), *spês* (esperança), *rês* (coisa), *môs* (costume), *flôs* (flor). Quais são as dissílabas? Se a primeira [sílaba] for longa e a segunda breve, a primeira é circunflexa, como *hóra* (hora) e *Rôma* (Roma). E se a segunda [sílaba] for alongada? Seja longa ou breve, é necessário colocar um acento na [sílaba] anterior, como *léges* (leis) e *sálus* (segurança). E se ambas forem breves,

brevis fuerit, acuatur necesse est, ut léges, sálus. Et si ambae breves sint, acuatur prior, ut deus, hómo. Quid in trisyllabis aut quae plures syllabas habebunt? Si paenultima brevis fuerit, [acuemus antepaenultimam] quae eam praecedit. acuatur, ut puta Túllius, Horténsius.

Quid deinde, si paenultima positione longa fuerit? Ipsa acutum halic.liit accentun, praecedentem atilem gravem faciel, ul Cātúllus, Càmillus, Mètélus. Quid si paenultima naturaliter producta fuerit, ita ut ultima brevis sit? Paenultimam circumflectemus, ut Cethêgus, Romànus. Quid autem, si longa erit ultima? Paenultima acutum dabimus accentum, ut Athénæ, Fidénæ. Quid graeca nomina? Si isdem litteris proferentur, graecos accentus habebunt. Nam et cum dicimus Thyíás, Naís, acutum habebit posterior accentum; et cum Themistó, Calypsó, Theanó, ultimam circumflecti videbimus. Quod utrumque latinus sermo non patitur, nisi admodum raro, ut sola occurrit ergo coniunctio, in qua posterior circumflexa deprehenditur. Item adverbium pone posteriore acutum accipit accentum, ne sit verbum.

De formis accentuum. Acuti accentus quae est forma? I obliquum in partem dexteram scandens /. Quid gravis forma? I a parte sinistra descendens \. Circumflexum transversa V littera A

coloca-se o acento [também] na anterior, como em *déus* (deus) e *hómo* (homem). E como ocorre com as palavras trissílabas e polissílabas? Se a penúltima for breve, colocamos o acento agudo na sílaba que precede, na antepenúltima, como em *Túllius* (Túlio), *Horténsius* (Hortêncio).

E se a penúltima posição for longa? A mesma, ou seja, a penúltima sílaba, se torna aguda e a precedente, a antepenúltima sílaba, torna-se grave, como em *Cātúllus* (Catulo), *Càmillus* (Camilo), *Mètélus* (Metelo). Se a penúltima sílaba tiver natureza prolongada, então a última sílaba deve ser breve e, assim, a penúltima leva acento circunflexo: *Cethêgus* (Cetego), *Romànus* (romanos). E se a última também for longa? Então damos um acento agudo para a penúltima, como em *Athénæ* (Atena), *Fidénæ* (Fidenes). E os nomes gregos? Se aparecerem com as mesmas letras nossas então levam acento. Assim como dizemos em *Thyíás* (Talia), *Naís* (Naia); a [sílaba] posterior utem o acento agudo: como *Themistó* (Temisto), *Calypsó* (Calipso), *Theanó* (Teano), observamos que a última [sílaba] é circunflexa. O que o nome latino não permite, exceto muito raramente, pois só então ocorre a conjunção, o [acentos] circunflexo pode ser compreendido na [sílaba] posterior. Assim como, o advérbio recebe um acento agudo na parte posterior, ou torna-se um verbo.

As formas dos acentos. Qual é a forma do acento agudo? Qual a forma do acento grave? Uma barra inclinada para a esquerda: \. Marcamos o circunflexo com a forma contrária da letra V, ou seja ^, o C curto voltado para cima ~, representando as sílabas breves e a barra deitada nas sílabas longas: —. Mas, esse som, nós

notamus, brevem C susum spectante u, longum autem sic iacente I — Sed in illis sonos, in his tempora dinoscimus. Quare dasian et psilen, quibus Graeci utuntur, [et] nos praetermittimus?

Quoniam adspirationem nobis adposita H littera, quae in duas partes dividitur, repraesentat, et si adposita non erit. Item his adiciunt et hyphen, cum duo verba quasi in unum pronuntiatione colligimus, et formam hanc faciunt u et utriusque verbi proximas litteras inflexa subter virgula iungunt, quale est 'Turnus ut ante volans'.

Item diastole dextera quaedam pars circuli ad imam litteram adposita hac nota ˆ male cohaerentia discernens, ut est 'ereptae virginis ira' et 'viridique in litore conspicitur sus';. Item apostrophon sic notant: ad caput eius consonantis, cui vocalis subtrahita est, inflexam virgulam quae ad eam spectat adponunt, ut tanton' me crimine dignum duxisti'.

dizemos em dois tempos. Por que nós omitimos *dasian* e *psilen*, que são usados pelos gregos?

Por que são representados pelos latinos com a letra H, podendo ser acrescida ou não [de vogal]. Também, aos acentos, adicionam um hífen, [um traço na parte inferior], quando juntamos duas palavras que se pronunciam como se fossem apenas uma, essas palavras se juntam com a próxima para tornarem-se uma, como em “*Turnus ut ante volans*”¹⁶⁹.

Além disso, ocorre a diástole, um semicírculo ao lado direito da letra, para que se separem as palavras mal conectadas, designando Essa nota: ˆ. Como em: “*ereptae virginis ira*”¹⁷⁰ e “*viridique in litore conspicitur sus*”¹⁷¹. Do mesmo modo, o apóstrofo é escrito acima da consoante, pois, [esse sinal] marca a falta de uma vogal, como procuramos observar em “*tanton' me crimine dignum duxisti*”¹⁷².

6.1.12 De Littera (Das Letras)

Texto Original:

DE LITTERA

Littera quid est? Figuratio quaedam, qua cum aliis adnexa vox emissa comprehenditur. Qui primi litterarum

Tradução de Estudo:

Sobre as letras

O que são as letras? Um tipo de configuração, em que um som que se une a outro é compreendido. Quem se diz serem os primeiros inventores da literatura? Alguns dizem

¹⁶⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* IX, v.47, Trad.: ‘Turno, aos muros voa’.

¹⁷⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.413, Trad.: ‘a ira da virgem resgatada’.

¹⁷¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* VIII, v.83, Trad.: ‘na margem do rio avistam uma alva porca’.

¹⁷² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* X, v.668, Trad.: ‘de que crime me colocou a culpa’.

inventores fuisse traduntur? Phoenices, quamvis alii Assyrios, alii Mercurium apud Aegyptios adserunt. In Graeciam certe Cadmum Phoenicem sedecim attulisse constat.

Quas? A β γ δ ε x λ μ ν ο π ρ σ τ υ, iisque Troiano bello Palamedem addidisse quattuor, η ψ χ φ, post eum Simonidem melicum totidem, ζ ξ ω θ hae auctore, ut quidam volunt, Euandro, ut alii, Hercule in Italiam a Pelasgis adlatae sunt. Quot res accidunt uni cuique litterae? Tres. Quae? Nomen figura potestas. Nomen litterae quid est? Quo appellatur, ut a. A quo genere effertur? Neutro, ut quidem omnes litterae sunt, ut cum dicimus deesse unum a vel unum b. Figura litterae quae est? Qua notatur. Quid potestas? Qua in ratione metrica valet, cum aut correpta est aut producta.

De speciebus litterarum. Litterarum species quot sunt? Duae. Quae? Vocales et consonantes. Vocales quae sunt? Quae per se proferuntur et per se syllabam faciunt. Quid est per se? Sine alterius adminiculo. Quippe b c ceteraeque huius modi, nisi consonent, proferri nequeunt. Vocales quot sunt? Quinque. Quae sunt? A e i o u. Quae harum loco conso nantium ponuntur? I et u. Quando? Cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis iunguntur vocalibus, ut puta veluti si sit in capite versus 'periurus' aut 'volvitur'.

serem os fenícios, outros, os assírios, [ainda há aqueles que dizem ter sido] Mercúrio, ou, [até mesmo] os egípcios. É certo que Cadmo trouxe 16 [letras] fenícias para a Grécia.

Quais? -A, -β, -γ, -δ, -ε, -x, -λ, -μ, -ν, -ο, -π, -ρ, -σ, -τ e -υ, durante a guerra de Tróia, Palamedes adicionou quatro outras letras, -η, -ψ, -χ, -φ, e, depois dele, o poeta Simônides trouxe as seguintes letras, -ζ, -ξ, -ω, -θ. Esses foram traduzidos para a Itália pelos Pelasgos, como alguns dizem *Euandro* (Evandro) e *Hercule* (Hércules). Quantas coisas acontecem com cada letra? Três. Quais? O significado da forma do nome. Qual o significado da forma do nome? O modo como é chamado, como -a. Qual gênero carrega? Neutro, como todas as letras, assim como dizemos que não é nem -a nem -b. O que são as formas das letras? O modo como se escrevem. Para que servem? Para que assim, a métrica seja feita de acordo com o abreviação ou alongamento das letras.

Sobre os tipos das letras. Quais são esses tipos? Dois. Quais? Vogais e consoantes. O que são as vogais? São as letras que são pronunciadas por si mesmas, e, por si só, fazem as sílabas. O que significa, por si só? Sem apoio nenhum. Ela não precisa de outras letras para ser produzida, como as consoantes -b, -c e outras. Quantas vogais existem? Cinco. Quais são? -A, -e, -i, -o, e -u. Quais podem

Quippe non poterit prima syllaba positione fieri longa, nisi sequens vocalis loco consonantis fuerit accepta, ut quidem suo loco docebimus. Consonantium species quot sunt? Duae. Quae sunt? Semivocales et mutae. Semivocales quae sunt? Quae quidem habent par tem vocalitatis, cum per se proferuntur; sed per se syllabam facere non possunt. Quot sunt? Septem. Quae sunt? F l m n r s x. Quae ex his duplex est? X. Quare duplex? Constat enim aut ex g et s litteris aut ex c et s, ut puta veluti rex regis, pix picis, quippe ante x litteram, quae propter compendium inventa est, rex per g et s itemque pix per c et s litteras veteres scribebant.

Mutae quae sunt? Quae neque ipsae per se proferri possunt neque per se syllabam facere. Quot sunt? Novem. Quae sunt? B c d g h k p q t. Quae ex his supervacuae videntur? K et q. Quare supervacuae? Quia c littera harum locum possit explere. Verum has quoque necessarias orthographiae ratio efficit. Nam quotiens a sequitur, per k scribendum est, ut kanna, kalendae, kaput; quotiens u, per q, ut quoniam Quirites; quotiens reliquae vocales, per c, ut certus, civis, commodus. Quid de h respondebimus? Adspirationis nota, non littera existimatur, verum tamen littera est.

ser produzidas como consoantes? *-I* e *-u*. Quando? Quando aparecerem geminadas ou entre outras vogais, assim como em *periurus* (perjúrio) ou *volvitur* (virar-se).

A primeira sílaba não poderá alongar-se nessa posição, a não ser que a próxima vogal seja aceita como uma consoante, como ensinaremos no seu devido momento. Quantos são os tipos de consoantes? Dois. Quais são? Semivogais e mudas. Quais são as semivogais? Quando, de fato, têm características como as vogais, se produzem por si só, mas não podem fazer uma sílaba sozinha. Quantas são? Sete. Quais? *-F*, *-I*, *-m*, *-n*, *-r*, *-s* e *-x*. Qual dessas tem pronúncia dupla? *-X*. Por que é dupla? Pois, antes da letra *-x* ser utilizada, escreviam-se as palavras com *-g* e *-s*, ou, *-c* e *-s*, como em *rex* (rei) e *regis* (do rei), *pix* (piche) *picis* (do piche).

O que são as mudas? Aquelas que não podem se produzir sozinhas e nem criar sílabas sozinhas. Quantas são? Nove. Quais? *-B*, *-c*, *-d*, *-g*, *-h*, *-k*, *-p*, *-q* e *-t*. Quais são as consoantes supérfluas? *-K* e *-q*. Por que são chamadas de supérfluas? Por que a letra *-c* pode substituí-las. Na verdade, o sistema de ortografia é indispensável [para identificá-las]. Como podemos ver a seguir, através do *-k* se escrevem palavras como *kanna* (junco, caniço), *kalendae* (calendas), *kaput* (cabeça), e com *-q* e *-u*, temos *quoniam* (desde que), *Quirites* (Quirites)¹⁷³; e com o *-c* temos *certus* (determinado), *civis* (cidadão), *commodus* (confortável). O que podemos dizer sobre o *-h*? Que nele pode

¹⁷³ QUIRITES, In: Collins Dictionary Online: nome dado aos cidadãos da Roma antiga.

De litteris peregrinis. Quae sunt litterae peregrinae? Y et z. Quare peregrinae? Siquidem a uobis propter graeca nomina adsumptae sunt, ut puta Hylas, zephyrus. quae si adsumptae non essent, Hulas et sdepherus diceremus. Y inter quas apud nos habetur? Inter vocales. Z inter quas? Inter mutas, et est duplex. Quo modo duplex? Quia loco duarum consonantium apud nos fungitur. Nec aliter constare metri ratio potest in illo versu, ubi est Mezentius, siquidem me brevis est syllaba, verum excipitur a duplici z, quae si adsumpta non esset, per s et d Mesdentium scriberemus.

De litteris nominum terminatibus. Quot litteris extremae partes nominum latinorum finiuntur? Tredecim. Quibus? Vocalibus quinque, semi vocalibus sex, mutis duabus. Quare semivocalibus sex, rum septem sint? Quia nullum nomen latinum in f litteram exit. Quae ergo sunt? A e i o u l m n r s x c l, [exemplum] ut tabula, monile, frugi, ratio, genu, mel, scamnum, flumen, arbor, flos, nox, allec, caput.

notar-se somente a aspiração, pois o som da letra não existe, mas a letra existe.

Sobre as letras estrangeiras. Quais são as letras estrangeiras? -Y e -z. Por que são estrangeiras? Porque foram incorporadas por causa dos nomes gregos, como em *Hylas*¹⁷⁴ (Hilas), *Zephyrus* (Zéfiro)¹⁷⁵, caso não tivessem sido, diríamos *Hulas* e *sdepherus*. Entre quais letras temos o -y? Entre vogais. E o -z, entre quais? Entre consoantes mudas e duplas. De que maneira são duplas? Pois se executa no lugar de duas consoantes. Nem é possível que a métrica seja de outra forma nesses versos, como em *Mezentius*¹⁷⁶ (Mezêncio), pois, de fato é uma sílaba curta, mas é rejeitada pelo duplo -z, portanto, escreveríamos *Mesdentium* com -s e -d caso não tivesse sido incorporado.

O final dos nomes latinos. Quantas letras são encontradas no final dos nomes latinos? Treze. Quais? Cinco vogais, seis semivogais e duas mudas. Porque as semivogais são seis e não sete? Porque nenhum nome latino termina em -f. Quais são as letras [no final dos nomes latinos]? -A, -e, -i, -o, -u, -l, -m, -n, -r, -s, -x, -c e -l, como, por exemplo, *tabula* (tabuinha), *monile* (colar), *frugi* (útil), *ratio* (razão), *genu* (joelho), *mel* (mel), *scamnum* (banco), *flumen* (rio), *arbor* (árvore), *flos* (flor), *nox* (noite), *allec* (molho de peixe), *caput* (cabeça).

6.1.13 De Syllaba (Das sílabas)

¹⁷⁴ Filho do rei Teódamas. Jovem de tamanha beleza que foi raptado por Héracles. Acompanhou-o na expedição dos Argonautas. Durante a expedição foi atraído por Náiades. Héracles parte em busca do jovem rapaz. (Cf. VALERIUS FLACCUS *Argonautica I e III*, v. 110-219 e v.183-184-486-537-548-599).

¹⁷⁵ Filho de Eos (personificação da Aurora), é o vento do oeste, chamado de estrela vespertina. (Cf. OVÍDIO *Metamorphoses I*, v. 64).

¹⁷⁶ Rei Etrusco governante de Cere, cidade que se situa na região da Itália central. Aparece na *Eneida*, de Virgílio, lutando na guerra contra os troianos. Pai de Lauso. (Cf. VIRGÍLIO *Aeneis VII*, v. 647 – 654).

Texto Original:*DE SYLLABA*

Syllaba quid est? Littera vocalis vel litterarum coitus per aliquam vocalem comprehensus. Syllaba unde dicta? 'Απὸ τῆς συλλήψεως. Est enim syllaba σύλληψις quaedam litterarum, id est conceptio. Qualitas syllabarum in quot species dividitur? In duas. In quas? Aut enim breves sunt aut longae. Breves quae res efficit? Correpta vocalis. Quid longas? Producta vocalis. In brevi syllaba tempora quot sunt? Vnum. In longa quot sunt? Duo. Longae syllabae quot modis deprehenduntur? Duobus modis. Quibus? Aut natura aut positione. Natura quot modis? Quinque. Quibus? Aut cum una vocalis producitur, ex qua dictio constat, ut o et a, aut geminata, ut ae au eu, aut incipiens, ut en, aut terminans, ut ne, aut in medio posita, ut non. Positione longae quot modis fiunt? Decem. Qui bus? Aut cum correpta vocalis desinit in duas consonantes, ut ars; aut cum desinit in unam consonantem et excipitur ab altera consonante, ut arma; aut cum excipitur a duabus consonantibus, ut agri; aut cum desinit in x littera in duplicem, ut nox; aut cum excipitur a duplici, ut axis; aut in z, quae apud Graecos duplex est, ut Mezentius; aut cum desinit in consonantem et excipitur a vocalibus loco

Tradução de Estudo:

Sobre as sílabas

O que são as sílabas? São as combinações das vogais ou outras letras ligadas às vogais. De onde vem a sílaba? Da silepse¹⁷⁷. De fato, a sílaba é presa a um significado, ou seja, uma concepção. Em quantos tipos as sílabas se dividem? Dois. Quais? As breves e longas. Como são feitas as sílabas breves? Com as vogais encurtadas. E as longas? Com as vogais alongadas. Quanto tempo há em uma sílaba breve? Um. E nas longas? Dois. De quantos modos se dividem as sílabas longas? De dois modos. Quais? Pela natureza ou pela posição. Quantos modos são compostos por natureza? Cinco. Quais? Com vogais longas, como -o ou -a; com vogais duplas, como -ae, -au, -eu, iniciada, terminada ou intercalada, como em *em* (arco), *ne* (não), ou *non* (não), [respectivamente]. Em quantos modos as sílabas longas ocorrem por posição? Dez. Quais? [O primeiro ocorre] quando a vogal breve termina em duas consoantes, como *ars* (arte); [o segundo] quando uma sílaba termina em consoante e a próxima começa em consoante, como *arma* (arma); o terceiro modo] traz duas consoantes seguidas, como *agri* (campo); [o quarto ocorre ao] terminar com a letra -x, como *nox* (noite); [o quinto] carrega um duplo -x, como em *axis* (eixo); [o sexto] traz o -z, que é duplo entre os

¹⁷⁷ SILEPSE, In: Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa: Concordância entre palavras ou sintagmas de acordo com o sentido e não com as regras sintáticas.

consonantium positis u vel i, ut arva et aditivo; aut cum correpta vocalis desinit in vocalem loco consonantis positam et excipitur aequae a vocali loco consonantis posita, ut 'maior agit deus' et 'Troiaque nunc staret' (sic enim ista scribi per geminatam i litteram metri ratio deposcit); aut cum desinit correpta vocalis in consonantem, in qua pars orationis finitur, ut 'at pater Aeneas'; aut cum correpta vocalis ipsa per se partem orationis impleverit, ut amor.

gregos, como *Mezentius* (Mezêncio); [o sétimo] tem uma sílaba que termina em consoante enquanto a próxima sílaba se inicia pela vogais *-i* e *-u*, como *arva* (campos) e *aditivo* (tendo acrescentado); [o oitavo] coloca uma vogal breve no lugar de uma consoante e é recebida como consoante, como “*maior agit deus*”¹⁷⁸ e “*Troiaque nunc staret*”¹⁷⁹ (a métrica exige que a letra *i* seja escrita geminada); [o nono] acontece quando uma palavra com vogal abreviada termina em consoante, como “*at pater Aeneas*”¹⁸⁰; [o décimo modo ocorre] quando a vogal curta alongou a si própria em virtude da fala, como *amor* (amor).

6.1.14 De Verbo (Do verbo)

Texto Original:

DE VERBO

Qualitas verborum quae est? Qua noscitur finitum verbum aut infinitum. Finitum verbum quid est? Quod habet certum numerum, certum tempus, certam personam, ut lego scribo. Quid infinitum? Quod nihil horum certum habet, ut legere scribere. Haec enim omnibus numeris temporibus personis incerta sunt.

Genera verborum quot sunt? Quinque, activum, passivum, neutrum, commune, deponens. Activa quae sunt? Quae o littera terminantur et: accepta r

Tradução de Estudo:

Os verbos

Qual é a característica dos verbos? Eles podem ser separados em verbos finitos e infinitos. O que seriam verbos finitos? Aqueles que têm seu número, tempo e pessoa definidos, assim como *lego* (leio), *scribo* (escrevo). E qual seriam os infinitos? Os que não têm nada fixo, como *legere* (ler), *scribere* (escrever). Eles, na verdade, têm número, tempo e pessoa incerta.

Existem quantos gêneros dos verbos? Cinco: ativo, passivo, neutro, comum e deponente. O que são [os verbos] ativos? Os que terminam com [a letra] *-o*, sendo acrescentada [a letra] *-r* na voz passiva, como *lego* (leio) e *legor* (sou lido). E os

¹⁷⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* XII, v.429; Trad.: ‘um deus maior age’.

¹⁷⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.56; Trad.: ‘– e estarias de pé agora, Troia,’.

¹⁸⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* V, v.545,700; Trad.: ‘mas o pai Enéias’.

fadunt ex se passivum, ut lego legor. Passiva quae sunt? Quae r littera terminantur et deposita ea redeunt in activum, ut legor lego.

Neutrum quid est? Quod o littera terminatur et non potest recipere r, ut curro vigilo dormio. Eius significationes quot sunt? Duae: aut enim agendi vim habet, ut sedeo curro, aut patiendi, ut algeo vapulo.

Commune verbum quid est? Quod r littera terminatur et agendi et patiendi recipit significationem, ut criminator consolor. Dicimus enim consolor te et a te, criminator te et a te. Deponens quid est? Quod r littera terminatur et deposita ea latinum non est, ut luctor loquor. Deponens autem ideo dictum est per antifrasi, quod r litteram non deponat. Huius quoque significationes sunt duae. Aut enim vim habet agendi, ut loquor, aut patiendi, ut morior.

Numeri verborum quot sunt? Duo, singularis, ut lego, pluralis, ut legimus. Quot sunt figurae?

Similiter duae sunt, simplex, ut lego, composita, ut relego. Quot modis figurae verborum componuntur? Totidem quot et nominum, ex duobus integris, ut describo, ex integro et corrupto, ut ex pleo, ex corrupto et integro, ut effero, ex duobus corruptis, ut sufficio.

[verbos] passivos? Terminam com [a letra] -r, e retornam a sua forma original na voz ativa, como *legor* (sou lido) e *lego* (leio).

Quais são os neutros? Os que terminam com [a letra] -o e não podem receber -r, por exemplo *curro* (corro), *vigilo* (vigio), *dormio* (durmo). Quais são os tipos de verbos? Dois: os de ação, como *sedeo* (sento), *curro* (corro) e os de estado, como *algeo* (estar com frio), *vapulo* (ser castigado).

Quais são os verbos comuns? Aqueles que terminam em -r e retomam o significado de ação e estado, como *criminator* (acusar), *consolor* (consolar). Dizemos, na verdade, *consolor te* e *a te* (eu te consolei, fui consolado por ti), *criminator te* e *a te* (eu te acusei, fui acusado por ti). Quais são os depoentes? Aqueles que terminam em -r, como na voz passiva, porém têm o sentido [como se estivessem] na voz ativa, como *luctor* (lutar), *loquor* (falar). Portanto, os depoentes são chamados de antífrases, que não elimina letra -r. Assim, há dois significados para isso: ação, como *loquor* (falar) ou estado, como *morior* (morrer).

Qual o número dos verbos? Dois, singular, como *lego* (leio) e plural, como *legimus* (lemos). Quais são suas formas?

Ambas são semelhantes: simples, como *lego* (leio), compostas, como *relego* (releio). Qual o modo de construir a forma do verbo? Do mesmo modo que se constroem as parte da oração, de partes duas íntegras, como *describo* (descrevo), de uma íntegra e uma corrompida, como *expleo* (encho), de uma corrompida e uma íntegra como *effero* (carrego), de duas corrompidas, como *sufficio* (forneço).

Personae verborum quot sunt? Tres. Quae sunt? Prima quae loquitur, ut lego, secunda a ti quam loquitur, ut legis, tertia de qua loquitur, ut legit.

Coniugationes verborum quot sunt? Tres. Quae sunt? Prima quae indicativo modo tempore praesenti persona secunda a habet ante s, ut amo amas; secunda est quae indicativo modo tempore praesenti persona secunda e habet ante s, ut moneo mones; tertia quae i habet ante s, ut lego legis. Coniugatio quid est? Forma quaedam, qua intellegitur promissivus modus quo modo efferi debeat. Vbi quaerimus coniugationem? In verbis activis et neutralibus o littera terminatis modo indicativo tempore praesenti secunda persona ante novissimam litteram; in passivo autem, communi et deponenti, quae r littera terminantur, eodem modo eodem tempore et persona ante novissimam syllabam.

Prima coniugatio et se cunda futurum tempus, hoc est promissivum modum, in quam syllabam mittunt? In bo, ut amo amas amabo, moneo mones monebo. Quid, si tertia coniugatio, promissivum modum in quam syllabam eicit? Si correptam i litteram habuerit, promissivum modum in am syllabam mitti, ut lego legis legam, scribo scribis saibam. Quid si i producta fuerit? Promissivum modum in am et in bo eiciet,

Quantas são as pessoas dos verbos? Três. Quais são? [A que chamamos] de primeira, como *lego* (leio), [a que chamamos] de segunda, como *legis* (lês), e, [a que chamamos de terceira], como *legit* (lêem).

Quantas são as conjugações dos verbos? Três. Quais? Na primeira conjugação, no presente do indicativo se coloca [a letra] -a antes [da letra] -s na segunda pessoa, como *amo* (amo) e *amas* (amas). Na segunda conjugação, no presente do indicativo coloca-se [a letra] -e antes [da letra] -s na segunda pessoa, como *moneo* (lembro) e *mones* (lembras); na terceira conjugação coloca-se [a letra] -i antes [da letra] -s, como *lego* (leio) *legis*. O que é conjugação? A forma que deve ser expressa, como pode ser entendida no modo promissivo. Onde encontramos a conjugação? Os neutros, na voz passiva, terminam com [a letra] -o, no presente do indicativo na segunda pessoa, logo após a última letra; [no entanto], os comuns e depoentes na voz passiva terminam com [a letra] -r, na segunda pessoa do presente do indicativo antes da última letra.

Primeira e segunda conjugação do tempo futuro, que estão no modo promissivo, é produzida em qual sílaba? Em -bo, como *amo* (amo), *amas* (amas) e *amabo* (amarei), *moneo* (lembro), *mones* (lembras) *monebo* (lembrarei). Caso esteja na terceira conjugação, no modo promissivo, qual sílaba criada? Se [a letra] -i for encurtada, no modo promissivo, então na sílaba *am*. Ocorrem como em *lego* (leio), *legis* (lês) e *legam* (lerei), *scribo* (escrevo), *scribis* (escreves) e *scribam* (escreverei). E se [a letra] -i for alongada? No modo promissivo em -am e -bo são criadas, como *scio* (sei), *scis* (sabes), *sciam* (saberei) e *scibo* (saberei): Terêncio

ut scio scis sciam et scibo: Te rentius in Phormione 'scies, modo ut tacere possis', item in Heauton Timorumenos 'aut scibis cuius sis'. Coniunctum huic est illud etiam in Hecyra, 'matris servibo commodis', et 'in Milite Plauti plurimum ad regendum est, quidquid hic mentibitur'.

Vbi noscimus, quando in secunda persona i correpta vel producta sit? In imperativo modo: nam quotiens correpta est i, detracta s littera in e transibit, ut lego legis lege, scribo scribis scribe; quando autem producta est, perseverat in imperativo, ut audio audis audi, servio servis servi.

De modis. Modi verborum quot sunt? Decem. Qui sunt? Indicativus, imperativus, promissivus, optativus, coniunctivus, concessivus, infinitivus, impersonalis, gerendi, hortandi. Addunt quidam percunctativum. Indicativus modus ut lego, imperativus modus ut lege, promissivus modus ut legam, optativus ut utinam legerem, coniunctivus ut cum legam, concessivus ut legerim, infinitivus ut legere, impersonalis ut legitur, gerendi ut legendo, hortandi ut legat, percunctativus ut legisne.

Tempora verborum quot sunt? Tria, praesens ut lego, praeteritum ut legi,

em “Formião”: “*scies, modo ut tacere possis*”¹⁸¹, assim como em “O Punidor de si Mesmo”: “*aut scibis cuius sis*”¹⁸². De fato, está [também] naquele texto “A Sogra”: “*matris servibo commodis*”¹⁸³, e na Milícia de Plauto pode ser observado em “*quidquid hic mentibitur*.”¹⁸⁴

Como sabemos se [a letra] -i é encurtada ou prolongada na segunda pessoa? No modo imperativo: [a letra] -i é frequentemente encurtada, [a letra] -s é removida e substituída por -e, como em *lego* (leio), *legis* (lês) e *lege* (lê tu), *scribo* (escrevo), *scribis* (escreves) e *scribe* (escreve tu), mas, quando essa letra é prolongada no modo imperativo, ela se mantém, como em *audio* (ouço), *audis* (ouves) *audii* (ouve tu), *servio* (sirvo), *servis* (serves) e *servi* (serve tu).

Os modos. Quantos são os modos dos verbos? Dez. Quais? Indicativo, imperativo, promissivo, optativo, conjuntivo, concessivo, infinitivo, impessoal, de execução e de exortação. Algumas pessoas podem adicionar o interrogativo. [Um mesmo verbo pode ser conjugado de diferentes formas dependendo do modo verbal, por exemplo]: no modo indicativo [temos] *lego* (leio); [que se torna] *lege* (lê tu) no imperativo e *legam* (irei ler) no permissivo; assim como no optativo [dizemos] *utinam legerem* (gostaria de ter lido), [enquanto no conjuntivo enunciamos] *cum legam* (quando eu li) e no concessivo *legerim* (tenha lido); no modo infinitivo [o verbo torna-se] *legere* (ler); no impessoal, *legitur* (lê-se); [ao passo que] no modo de execução [converte-se a] *legendo* (lendo), e no

¹⁸¹ Cf. TERÊNCIO *Phormio*, v.58-59, Trad.: ‘tu saberás, contato que possa ficar em silêncio’.

¹⁸² Cf. TERÊNCIO *Heauton Timorumenos*, v.996, Trad.: ‘ou saber de quem tu és’.

¹⁸³ Cf. TERÊNCIO *Hecyra*, v.495, Trad.: ‘irei me dedicar a minha mãe’.

¹⁸⁴ Cf. PLAUTO *Miles Gloriosus*, v.35, Trad.: ‘o que quer que esteja aqui’.

futurum ut legam. Praeteriti temporis differentiae quot sunt? Tres. Quae? Imperfectum perfectum plusquamperfectum, ut legebam legi legeram

Formae verborum quot sunt? Quattuor, meditativa, inchoativa, perfecta, frequentativa: meditativa ut amaturio. Inchoativa ut fervesco calesco algesco, perfecta ut ferveo caleo algeo, frequentativa ut ab algeo alsito, ex curro cursito.

Item defectiva sunt quae cum declinantur, in genero vel persona vel coniugatione vel tempore aut etiam modo uniformiter du rare non possunt et ob id defectiva dicuntur. Genere quo modo deficiuntur Cum activa significatione tempore praesenti ad passivam speciem in praeterito transcunt, ut audeo ausus sum, gaudeo gavisus sum, soleo solitus sum et cetera. Persona quae deficiunt? Quae, nisi adiuncto pronomine per sonam acceperint, declinari per se nequeunt, ut tacet pudet piget pae nitet libet oportet. Dicimus enim taedet me te illum nos vos illos et cetera. Similia quae sunt alia impersonalia? Quae a perfectis formis descendunt, ut ab eo quod est eo et video venit itur et videtur. Dicimus enim itur a me a te ab illo, itur a nobis a vobis ab illis. Coniugatione et praeterito tempore quae deficiunt? Vt fero fers fert: facit enim

modo de exortação, *legat* (que eu lesse); [por fim], no modo interrogativo [dizemos] *legisne* (tu lê?).

Quais são os tempos verbais? Três: presente, como *lego* (leio), pretérito, como *legi* (li) e futuro, como *legam* (lerei). Quais os diferentes tempos pretéritos? Três. Quais? Imperfeito, perfeito, mais que perfeito, como *legebam* (lia), *legi* (li) e *legeram* (tinha lido), [respectivamente].

Quantas são as formas do verbo? Quatro. Mediativa, incoativa, perfeita e frequentativa. Mediativa, como *amaturio* (desejo amar). Incoativa, como *fervesco* (começar a ferver), *calesco* (aquecer-se), *algesco* (resfriar-se). Perfeita, como *ferveo* (ferver), *caleo* (estar quente) e *algeo* (estar com frio). Frequentativo, como *algeo* (estar com frio) e *alsito* (sentir ondas de frio), *curro* (corro) e *cursito* (correr de lá pra cá).

Há também os imperfeitos que, quando flexionados, são feitos de acordo com o gênero, pessoa ou tempo, e por isso são ditos imperfeitos. Geralmente, eles vão além do significado da forma ativa no presente e passam para a forma passiva no passado, como *audeo* (ousar), *ausus* (ousar), *gaudeo* (regozijo), *gavisus* (regozijar), *soleo* (estou acostumado) *solitur* (estar acostumado), e outros. O que está errado em relação à pessoa? Aquela que, a não ser que adicione um pronome pessoal, não pode declinar-se por si própria, como *taedet* (aborrece), *pudet* (envergonha), *piget* (entristece), *paenitet* (ofende), *libet* (foge), *oportet* (é necessário). Dizemos então *taedet me te illum nos vos illos* (aborrece a mim, a ti, a ele, a nós, a vós, a eles) e assim sucessivamente. Qual a semelhança dos outros impessoais? Descendem das formas perfeitas, como são esses: *video* (vejo), *venit itur* (vem de mim) e *videtur* (vê-se). Dizemos então *itur*

praeterito tuli, nec apparet, quatae sit coniugationis, cum secundum formam supra dictam indicativi modi nulla vocalis ante novissimam litteram inveniatur. Modis quae deficiunt? Odi memini novi, oderam memineram uoveram, quae sola duo tempora praeterita indicativo modo inveniuntur.

Item cedo cedit, quae sola imperativo deprehenduntur ceteris modis deficientibus. Quae sunt verba quae in tempore praesenti indicativo modo dissimilia in praeterito similia fiunt? Vt cerno et cresco, quae faciunt crevi. Item polleo et polluo faciunt pollui.

De pronomine similiter quoniam Donatus exposuit, ideo praeter misimus.

a me a te ab illo, itur a nobis a vobis ab allis (vem a mim, a ti, a ele, vêm a nós a vós a eles). O que está errado na conjugação do tempo pretérito? Como *fero* (carrego), *fers* (carregas) e *fert* (carrega): pois ele o faz no passado, nem parece ser citável pela conjugação, pois, de acordo com a forma mencionada acima, nenhuma vogal é colocada antes da última letra do modo indicativo. Qual o problema do modo? *Odi* (odeio), *memini* (lembro) e *novi* (aprendo), *oderam* (odeia tu), *memineram* (lembra tu) e *noveram* (aprende tu), em que somente dois tempos do pretérito são encontrados.

Como *cedo* (vou eu), *cedite* (vai tu), que somente são compreendidos no imperativo, não ocorrendo nos outros modos. O que é diferente e semelhante nos verbos do modo indicativo no presente e no passado? Como *cerno* (separo) e *cresco* (cresço), que se fazem *crevi* (cresceste). Assim como *polleo* (prevaleço) e *polluo* (poluo) que fazem *pollui* (poluíste).

Os pronomes se assemelham, como já foram explicados por Donato, não serão aqui abordados.

6.1.15 De Participio (Do participio)

Texto Original:

DE PARTICIPIO

Quae sunt participia similia appellationibus? Passus visus cultus. Vbi discernuntur? In declinatione. nam quotiens nomina sunt, in genetivo singulari in us syllabam exeunt, ut huius passus visus cultus, dativo et ablativo in i et u, ut huic passui visui cultui et ab hoc passu visu cultu, item genetivo plurali in

Tradução de Estudo:

Sobre o participio

Os participios são semelhantes em sua classificação? [Sim, como podemos ver em] *passus* (passo), *visus* (visão) e *cultus* (cultura). Como podem ser determinados? De acordo com a declinação dos nomes; no genetivo singular [o final da palavra é] substituído pela sílaba *us*: *passus* (passo), *visus* (visão), *cultus* (cultura); enquanto no dativo e no ablativo por *-i* e *-u*: *passui* (o passo), *visui* (a visão), *cultui* (a cultura) e *passu* (com o

uum, ut horum passuum visuuum cultuum, dativo et ablativo in bus, ut his et ab his passibus visibus cultibus; quotiens autem participia, in genetivo singular, in i litteram exeunt, ut huius passi visi culti, dativo ei ablativo in o, ul huic et ab hoc passo viso culto, item in genetivo plurali in rum, ut horum passorum visorum cultorum, dativo et ablativo in is, ut his et ab his passis visis cultis.

Regno et vigilo cum verba neutralia sint, quo modo faciunt in praeterito participia regnatus et in futuro vigilandus, ul apud Virgilium 'acri quondam regnata Lycurgo' et 'quae vigilanda viris'? A poetis recte haec figurata sunt, quae cum a verbo originem non habeant, utique non participia dicuntur. Quae sunt participia nominativa seu nomina participalia? Quae quasi speciem participiorum habent, ut comatus galeatus hastatus.

passo), *visu* (pela visão), *cultu* (na cultura); assim como no genitivo plural termina com *uum*: *passuum* (dos passos), *visuum* (das visões), *cultuum* (das culturas); ao passo que no dativo e no ablativo plural temos *bus*: *passibus* (os passos), *visibus* (as visões), *cultibus* (as culturas). Mas, com frequência, no participio, no genitivo singular o nome leva a letra *-i*: *passi* (do passo), *visi* (da visão), *culti* (da cultura); em contrapartida, no dativo e no ablativo [a palavra termina] em *-o*: *passo* (o passo), *viso* (a visão), *culto* (a cultura). Tal como no genitivo plural, termina com *rum*: *passorum* (dos passos), *visorum* (das visões), *cultorum* (das cultura), e no ablativo e dativo plural com *is*: *passis* (os passo), *visis* (as visões), *cultis* (as culturas).

Regno (reino) e *vigilo* (vigio) são verbos neutros, no participio pretérito se fazem *regnatus* (reinado) e no futuro *vigilandus* (havendo de ser vigiado), como diz Virgílio em “*acri quondam regnata Lycurgo*”¹⁸⁵ e “*quae vigilanda viris*”¹⁸⁶. Essas coisas são corretamente imaginadas pelos poetas, quando o verbo não tem origem em uma palavra, certamente não se usa no participio. O que são o participio nominativo e os substantivos participios? Os que têm um tipo de participio, como *comatus* (ter cabelo longo), *galeatus* (possuir um capacete), *hastatus* (armado com lanças).

6.1.16 De Adverbio (Do advérbio)

Texto Original:

DE ADVERBIO

Adverbium quid est? Pars orationis quae adiecta verbo manifestior et planior

Tradução de Estudo:

Sobre os advérbios

O que são os advérbios? É uma parte da oração que se junta aos verbos mais aparentes,

¹⁸⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* III, v.13, Trad.: ‘uma vez o sagaz Licurgo reinou’.

¹⁸⁶ Cf. VIRGÍLIO *Georgicon* I, v.313, Trad.: ‘que os homens devem assistir’.

redditur, ut docte dixit, pulchre fecit. Vnde nascuntur adverbia? Aut a sua positione aut ab aliis partibus orationis. A positione sua [nascuntur] quo modo? Heri nuper pridie.

Ab aliis quatenus trahuntur? Vt doctus docte, sapiens sapienter. adverbii tria accidunt, significatio comparatio figura. Significationis species quot sunt? Multae: sunt enim quae dam temporis, ut heri nuper et cetera, alia loci, quae quidem in quattuor species dividuntur, aut ad locum, ut huc illuc, aut in loco, ut ibi hic. aut e loco, ut hinc inde, aut per locum, ut hac illac.

Sunt quaedam temporis et loci, ut hactenus protenus, alia terminationis, ut ilicet, alia numeri, ut semel bis ter, alia negandi, ut non haut nequaquam, alia adfirmantis, ut prorsus profecto proculdubio et reliqua; alia percunctantis, ut numquid an ne, alia demonstrantis, ut en ecce, alia optantis, ut utinam, alia aestimantis, ut fere ferme, alia ordinis, ut deinceps deinde, alia interrogantis, ut cur quid ita, alia similitudinis, ut ceu veluti quasi, alia dubitationis, ut fortasse, alia vocantis, ut heus, alia responsionis, ut heu, alia prohibitionis, ut ne [neque nec], alia congregationis, ut pariter una simul, alia separationis,

como docte dixit (dito sabiamente), pulchre fecit (feito lindamente). De onde se originam os advérbios? De sua posição ou de outros elementos da oração. Quais se originam de acordo com a posição? [Alguns exemplos são palavras como] heri (muito), nuper (novo), pridie (ontem).

Como ocorrem se forem extraídos de outros elementos? Como *doctus* (sábio), *docte* (sabiamente) e *sapiens* (sábio), *sapienter* (sabiamente). Existem três tipos de advérbios: significação, comparação e forma. O que se pode observar nos de significação? Muito: existem aqueles de tempo, como *heri* (ontem), *nuper* (recentemente) e outros de lugar, que se dividem em quatro tipos: *huc illuc* (para cá, para ali), *ibi hic* (ali, aqui), *hinc inde* (daqui, daí), *hac illac* (daqui, de lá). Há certos advérbios que são expressos através de tempo e lugar, como foi mostrado anteriormente.

Porém, existem outros tipos; são esses: terminação, como *ilicet* (agora mesmo); número, como *semel* (uma vez), *bis* (duas vezes) e *ter* (três vezes); negação, como *non* (não), *haut* (não), *nequaquam* (de jeito nenhum); afirmação, como *prorsus* (exatamente), *profecto* (na verdade), *proculdubio* (sem dúvida); interrogação, como *numquid* (é possível?) demonstração, como *en* (acaso?), *ecce* (eis!); opção, como *utinam* (e se); avaliação, como *fere* (usualmente), *ferme* (geralmente); ordem, como *deinceps* (em diante), *deinde* (depois); outros de interrogação, como *cur* (por que), *quid* (que), *ita* (assim); comparativos de semelhança, como *ceu* (assim como), *veluti* (ou), *quase* (quase); de dúvida,

ut seorsum, alia comparationis, ut satius magis potius, alia eventus, ut forte, alia adnuentis, ut vero, alia iuris iurandi, ut edepol medius fidius ecastor herde, alia personalia, ut mecum tecum, alia animadvertentis, ut attat, alia iterationis, ut iterum rursus saepius, alia qualitatis, ut male bene, alia quantitatis, ut sat nimium.

Dum, gentium, 'ad id locorum' cuius modi adverbia esse dicemus? Ornativa, siquidem adposita orationem inluminant, ablata nihil sensui subtrahunt, ut cum dicimus mane dum, ubi gentium. 'Ad id locorum' cuius rei habet significationem? Et loci et temporis: significat enim 'eo usque': [exemplum] Salustius in Iugurtha de Mario 'tamen is ad id Iocorum talis vir'. Quae sunt ad verbia nominativa vel, ut quidam dixerunt, nomina adverbialia? Veluti cum dicimus fui Romae Capuae Karthagini. Figurae in advérbio quot sunt? Vt in ceteris partibus orationis duae, simplex, ut iuste, composita, ut in iuste. Comparationem recipere adverbia possunt, quotiens appellationes, unde transeunt, comparantur, ut iuste iustius

como *fortasse* (talvez); invocação, como *heus* (ei); respostas, como *heu* (ai!); proibição, como *e* (não), *neque* (e não), *nec* (e não); associação, como *pariter* (igualmente), *simul* (ao mesmo tempo); separação, como *seorsum* (separadamente); comparação, como *satius* (melhor), *magis* (mais), *potius* (de preferência); eventuais, como *forte* (por acaso); concordância, como *vero* (na verdade); interjeição, como exclamação, *edepol* (por Pólux!), *medius fidius* (que o deus Fídio me ajude!), *ecastor* (por Cástor), *hercle* (por Hércules); pessoal, como [*mecum* (comigo), *tecum* (contigo)]; observação, como *attat* (olhe); repetição, como *iterum* (novamente), *rursus* (de novo), *saepius* (muitas vezes); qualidade, como *male* (mal), *bene* (bem); quantidade, como *sat* (o suficiente), *nimium* (muito).

Enquanto isso, o que dizemos sobre os advérbios de lugar? São, de fato, decorativos, pois se forem retirados do discurso não mudam seu sentido, como quando dizemos *mane dum* (enquanto de manhã), *ubi gentium* (o lugar das pessoas). Qual o significado de *ad id locorum* (para aquele lugar)? Lugar e tempo: significam, na verdade, *eo usque* (até então): [exemplo] Salústio, em *Iugurtha* de Mário, diz “*tamen is ad id locorum talis uir*”.¹⁸⁷ Quais são os advérbios nominativos, ou, como dizem alguns, os nomes adverbiais? São como os que dizemos *Romae* (de Roma), *Capuae* (de Capua) e *Karthagini* (de Cartago). Quais as formas do advérbio? Assim como nos outros, são dois: singular, como *iuste* (justiça), composto, como *in iuste* (na justiça). Os advérbios podem ser

¹⁸⁷ Cf. SALÚSTIO *Bellum Iurguthinum*, p.63, Trad.: ‘ainda assim ele é um homem para aquele lugar’.

iustissime, quia facit iustus iustior iustissimus.

Adverbiis praepositiones adici [posse] negant omnes technici oportere, quamvis licenter veteres usi sini: Terentius in Hecyra ita corripuit de repente lacitus sese ad filiam; item Lucretius de subito.

comparados, do mesmo modo que os nomes: superlativos ou comparativos, como *iuste* (justiça), *iustius* (justo) e *iustissime* (muito justamente). Os que se fazem, como *iustus* (justo), *iustior* (mais justo) e *iustissimus* (justíssimo).

Todos os gramáticos podem negar que as proposições devam ser adicionadas aos advérbios, assim como, ousadamente, os antigos não usavam: Terenciano em Hecyra “*ita corripuit de repente lacitus sese ad filiam*”¹⁸⁸ e também em Lucrécio “*de subito*”¹⁸⁹.

6.1.17 De Coniunctione (Das conjunções)

Texto Original:

DE CONIUNCTIONE

Coniunctio quid est? Pars orationis nectens ordinansque sententiam. Coniunctioni quot accidunt? Tria. Quae? Figura ordo potestas. Figura quae est? Quia aut simplices sunt, ut tamen quando, aut compositae, ut quoniamquidem quandoquidem. Ordo quidem coniunctionum quid est? quo apparet, quae in loquendo praeponi tantum debcent, quae subiungi, quae praeponi et subiungi. Quae praeponuntur igitur? Quamquam quamvis et cetera. Quae subiunguntur? Enim autem praesertim denique. Quae et praeponuntur et subiunguntur? Quoniam quatenus. Potestas coniunctionum in quot species dividitur? In quinque: sunt enim

Tradução de Estudo:

Sobre as conjunções

O que são conjunções? Partes do discurso que vincula e ordena as sentenças. Quantos tipos de conjunções existem? Três. Quais? Forma, ordem e poder. Quais são as de forma? Existem as simples, como *tamen* (no entanto), *quando* (quando), e as compostas, como *quoniamquidem* (porque decerto), *quandoquidem* (já que). Quais são as conjunções de ordem? Ao que parece, aquelas que devem ser colocadas no início da oração; aquelas que devem unir as orações; e as que têm ambas as funções. Quais são colocadas no início [da sentença]? *Quamquam* (embora), *quamvis* (ainda que) etc; Quais são usadas para unir orações? *Enim* (de fato), *autem* (e, mas), *praesertim* (acima de tudo), *denique* (finalmente). Quais são aquelas que têm ambas as funções? *Quoniam* (pois), *quatenus* (portanto, pois que). As conjunções de poder são divididas em quantos tipos? Em cinco: são essas as

¹⁸⁸ Cf. TERÊNCIO *Hecyra*, v.518, Trad.: ‘tão de repente, ele se repreendeu e se ligou à sua filha’.

¹⁸⁹ Cf. LUCRÉCIO *De Rerum Natura III*, Trad.: ‘de repente’.

copulativae disiunctivae expletivae rationales causales. Copulativae quae sunt? Atque et at ae ast. Quae disiunctivae? Aut ve vel ne nec neque. Sed si disiungendi vim habent, quo modo coniunctiones recte dici possunt? Disiungunt qui dem verborum sensum, ceterum verba copulant, veluti cum dicimus aut hoc aut illud, sive hoc sive illud et cetera. Expletivae quae sunt? Qui dem equidem tamen porro et cetera. Quae causales? Si etsi etiamsi sin sive ne et cetera. Rationales quae sunt? Ita itaque proinde proin denique. quae magis adverbia esse mihi videntur praeter illas coniunctiones, quae accentu discernuntur ab adverbis. adverbia sunt re vera quaedam, de quibus ambigi potest, unde merito quidam adverbia coniunctiva dixerunt vel con iunctiones adverbiales.

copulativas, disjuntivas, explicativas, racionais e causais. Quais são as copulativas? *Atque* (e), *et* (e), *at* (ainda que, e), *ac* (e), *ast* (mas). Quais são as disjuntivas? *Aut*, (ou), *ve* (ou), *vel* (ou), *ne* (não), *nec* (não), *neque* (não). Mas se elas têm o poder de disjunção, como podem ser chamadas de conjunções? Elas separam aquilo que exprime sentido para as palavras, mas combinam as palavras [em si] como dizemos *aut hoc*, *aut illud* ou *hoc* ou *illud*, etc. Quais são as explicativas? *Quidem* (de fato), *equidem* (na verdade), *tamen* (portanto), *porro* (então), etc. E as causais? *Si* (se), *etsi* (embora), *etiamsi* (se bem que), *sin* (caso contrário), *sive* (ou se), *ne* (para que não), etc. Quais são as [conjunções] racionais? *Ita* (assim, portanto), *itaque* (por conseguinte), *proinde* (por consequência), *proin* (logo), *denique* (finalmente). Que mais me parecem advérbios do que conjunções, que só diferem dos advérbios em virtude dos acentos. Na verdade, existem alguns advérbios de que se pode duvidar, de acordo com alguns, que são chamados advérbios de conjunção ou conjunções adverbiais.

6.1.18 De Praepositione (Das preposições)

Texto Original:

DE PRAEPOSITIONE

Praepositio quid est? Pars orationis quae praeposita aliis partibus orationis significationem earum aut immutat aut auget aut minuit, ut describo praescribo rescribo.

Cui tamen rei praeponuntur? Aliquae casibus et verbis, aliae casibus tantum, aliae verbis. verum ex his quae casibus

Tradução de Estudo:

Sobre as preposições

O que são as preposições? Uma parte do discurso que, ao ser prefixada a outra parte, muda, aumenta, ou diminui seu significado, como *describo* (descrevo), *praescribo* (prescrevo), *rescribo* (reescrevo).

Quando são colocados antes? Algumas vezes na frente do caso e do verbo, algumas somente nos casos, e outras no verbo. Na verdade, daqueles que são colocados com os casos, alguns regem o

adiunguntur aliae accusativum regunt, aliae ablativum, aliae sunt in utro que communes. Quae accusativo adiunguntur? Per apud ante adversum ultra contra et cetera. harum quaedam mutato accentu fiunt adverbia. nam ante, cum gravi accentu pronuntiatur, praepositio est, ut 'ante fo cum, si frigus erit'; cum vero acuto, fit adverbium temporis, ut ante quidem summa de re statuisse Latini.

item post praepositio est, cum dicimus 'post tergum'; cum vero significat postea, fit adverbium temporis, ut posthabui tamen illorum mea seria ludo. harum quaedam verbis etiam adiunguntur, per ad trans ante circum inter post ob: dicimus enim perlege adfer transvehe antefer circumfer interveni obduc postpone.

Quae ablativo casui adiunguntur? A ab abs e ex pro prae de et reliqua. harum aequae quaedam mutato accentu fiunt adverbia, veluti est cum. nam quotiens casui iungitur, praepositio est, ut cum duce cum amico; quotiens verbo, erit adverbium, ut 'cum venit aulaeis' et 'cum subit Aeneas concursu ascendere magno', ex his quaedam

acusativo, outros o ablativo e alguns são comuns a ambos. Quais [preposições] são próprias do acusativo? *per* (através), *apud* (em), *ante* (antes), *adversum* (adverso), *ultra* (além), *contra* (ao contrário), etc. Alguns desses se tornam advérbios quando mudam o acento. Se colocada antes, com a pronúncia de acento grave, é uma preposição, como “*ante focum, si frigus erit*”¹⁹⁰. Se for pronunciada com acento agudo, se torna advérbio de tempo “*ante quidem summa de re statuisse Latini*”.¹⁹¹

De fato, como preposição dizemos “*post tergum*” (de costas). Porém quando significa *postea* (depois disso) torna-se um advérbio de tempo, como “*posthabui tamen illorum mea seria ludo*”¹⁹². Alguns deles ligam as palavras, *per* (através), *ad* (para), *trans* (além), *ante* (diante), *circum* (em torno), *inter* (entre), *post* (atrás) e *ob* (diante): dizemos de fato *perlege* (lê tu através), *adfer* (traga tu para), *transvehe* (carrega tu além) *antefer* (traga tu antes) *circumfer* (traga tu em torno), *intervenire* (intromete-se tu), *obduc* (conduza tu adiante) e *postpone* (adia tu).

Quais são próprios do ablativo? *A ab abs* (de, longe, à distância), *e ex* (de, fora de), *pro* (a favor de), *prae* (antes) e outros. E alguns desses tornam-se advérbios pela mudança do acento, como *cum*. Pois sempre que se junta ao caso, é uma preposição, como *cum duce* (com o general) e *cum amico* (com o amigo).

Muitas vezes, quando anteceder um verbo ter-se-á um advérbio, como *cum venit aulaeis*¹⁹³ e *cum subit Aeneas concursu ascendere magno*¹⁹⁴,

¹⁹⁰ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga V*, v.70, Trad.: ‘antes do fogo, se faz frio’.

¹⁹¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis XI*, v.302, Trad.: ‘antes que os povos latinos decidissem sobre o assunto’.

¹⁹² Cf. VIRGÍLIO *Ecloga VII*, v.17, Trad.: ‘eu preferia meus prazeres a meus ganhos’.

¹⁹³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis I*, v.697, Trad.: ‘ele vem com as cortinas’.

¹⁹⁴ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis I*, v.509, Trad.: ‘quando Enéas está prestes a ir para grande batalha’.

verbis adiunguntur, a ab abs e ex de pro prae: dicimus enim amove abrumpe abstrahe emitte expone detrahe produc praefer.

Quae accusativo et ablativo? In sub super subter; accusativo, cum in locum nos ire vel mittere significamus; ablativo, cum in loco nos esse vel fuisse vel futuros esse significamus, quod quidem plenius supra docui mus in [praepositionibus] casibus. hae quoque etiam verbis adiunguntur: dicimus enim infer subtrahe superscribe subterpone.

Quae verbis tantum modo praeponuntur? Con dis di re se am o: dicimus enim conduco dis traho dimitto relego amputo sepono omitto. in et con aliquando corripuntur, sequentibus s vel f litteris producuntur, instans infidus et reliqua. in augendi vim habet aut minuendi: aliquando enim auget, aliquando diminuit, ut instans indoctus et cetera similia.

algumas dessas palavras são adjuntos, *A ab abs* (de, longe, à distância), *e ex* (de, fora de), *pro* (a favor de), *prae* (antes): dizemos então *amove* (remove tu), *abrumpe* (rasga tu) *abstrahe* (remove tu), *emite* (compra tu), *expone* (extraí tu), *detrahe* (remove tu), *produc* (avança tu) e *praefer* (carrega tu).

Quais são os de ablativo e acusativo? *In* (em), *sub* (embaixo), *super* (acima), *subter* (abaixo); no acusativo, quando significa que estamos indo ou nos movendo para algum lugar, no ablativo, significa que estamos, fomos ou vamos para algum lugar. Como mostramos mais detalhadamente acima em casos com preposições. Esses também são adicionados às palavras; dizemos *infer* (traz tu), *subtrahe* (retira tu), *superscribe* (sobrescreve tu) e *subterpone* (sobrepõe tu).

Quais proposições são colocadas na frente das palavras? *Con dis di re se am o*: dizemos *conduco* (lidero), *distraho* (separo), *dimitto* (mando embora) *relego* (releio), *amputo* (corto), *sepono* (coloco de lado), *omitto* (omito). Algumas vezes pode ser feita com *in*, se seguido de -s ou -f, como *instans* (ficar de pé), *infidus* (desleal) e outros. Tem o poder de alterar ou diminuir [o significado das palavras], pois algumas vezes aumenta, algumas diminui, como *instans* (ficar de pé), *indoctus* (ignorante) e outros semelhantes.

6.1.19 De Interiectione (Das interjeições)

Texto Original:

DE INTERIECTIONE

Interiectio quid est? Pars orationis animi affectum significans. nam aut laetantis est ut va, aut timentis ut ei, aut

Tradução de Estudo:

Sobre as interjeições

O que são interjeições? A parte do discurso que denota emoção. São as de: felicidade, como *va*; medo, como *ei*;

laudantis ut eu, aut exultantis ut euax, aut admirantis ut papae, aut [admiracionem] respuentis ut phi, aut animadvertentis ut attat, aut ridentis ut haba. sutil aliae praeterea partes orationis pro interiectionibus positae, ut 'sequiturque nefas Aegyptia coniux' et 'pecudesque locutae nefandum'. in utroque enim interiectio est exclamantis. item pro, ut cum dicimus pro Iupiter et siqua sunt similia. hem quoque interdum coercentis, ut in Heauton Timorumeno 'hem tibine hoc diutius licere speras facere'; aliquando etiam admirantis, ut in Andria 'hem quid est? scies'. ex his deinceps ceteri animorum motus colligi possunt.

louvor, como *eu*; regozijo, como *euax*; de admiração, como *papae*; as que rejeitam admiração, como *phi*; animação, como *attat*; riso, como *haba*. Existem interjeições que são partes da oração, como em “*sequiturque nefas Aegyptia coniux*”¹⁹⁵ e “*pecudesque locutae nefandum*”¹⁹⁶. Em ambas as frases há um [tom exclamativo]. Também existem *pro*, como quando dizemos *pro Iupiter* (para Júpiter), e outros semelhantes. As vezes temos *hem*, como em “O Punidor de Si Mesmo”: “*hem tibine hoc diutius licere speras facere*”¹⁹⁷, algumas vezes de admiração, como em Andria, “*hem quid est? Scies*”¹⁹⁸. A partir dessas palavras é possível coletar as emoções do interlocutor.

6.2 Victorini de metris et de hexametro commentarius [Maximi Victorini de carmine heroico]

6.2.1 Ars Palaemonis de Métrica Institutione (A Arte da Educação Métrica de Palêmon)

Texto Original:

Ars Palaemonis De Metrica Institvtione

Metrum quid est? Rei cuiusque mensura. Metrum poeticum quid est? Versificandi disciplina certa syllabarum ac temporum ratione in pedibus observata. Metrum unde dictum? Quod

Tradução de Estudo:

A Arte da Educação Métrica de Palêmon

O que é o metro? Algo que é usado para medir. O que é o metro poético? Certa versificação das sílabas feita a partir dos tempos. De onde veio o metro? Pressupõe-se uma espécie de medida, de

¹⁹⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis VIII*, v.688, Trad.: ‘e segue a perversa esposa egípcia’.

¹⁹⁶ Cf. VIRGÍLIO *Georgicon I*, v.478-479, Trad.: ‘e o mal falado rebanho’.

¹⁹⁷ Cf. TERÊNCIO *Heauton Timorumenos*, v.102-103, Trad.: ‘espero que tenhas permissão para fazer isso por muito tempo’.

¹⁹⁸ Cf. TERÊNCIO *Andria*, v.184, Trad.: ‘o que é isso? Tu saberás’.

veluti mensuram quandam praestituat, a qua siquid plus minusve erit, pes sive versus minime constabit. Metro quid videtur esse consimile? Rhythmus. Rhythmus quid est? Verborum modulata compositio non metrica ratione, sed numerosa scansione ad iudicium aurium examinata, ut puta veluti sunt cantica poetarum vulgarium. Rhythmus ergo in metro non est? Potest esse. Quid ergo distat a metro? Quod rhythmus per se sine metro esse potest, metrum sine rhythmo esse non potest. quod liquidius ita definitur, metrum est ratio cum modulatione, rhythmus sine ratione metrica modulatio. plerumque tamen casu quodam etiam invenies rationem metricam in rhythmo, non artificii observatione servata, sed sono et ipsa modulatione ducente.

Pes quid est? Compositio duarum vel trium aut etiam quattuor syllabarum secundum rationem sui cuiusque metri. Pedum genera quot sunt? Duo. Quae? Aut enim simplices sunt aut duplices. Simplicium species quot sunt? Duae. Quae? Disyllabi aut trisyllabi. Disyllabi quot sunt?

Quattuor. Qui sunt? Spondeus pyrrichius trochaeus iambus. Ex his qui inter se contrarii? Pyrrichius spondeo, trochaeus iambo. Qui deinde est pariambus? Idem qui pyrrichius sive

que consistem os pés dos versos. Com o que se parece o metro? Ritmo. O que é ritmo? Uma combinação cantada das palavras, não por razão métrica, mas por numerosas leituras as quais examinam e decidem [o melhor ritmo para] os ouvidos, como, por exemplo, como são as canções dos poetas comuns. Portanto, o ritmo não é o metro? Pode ser. O que o difere de um metro? Porque um ritmo pode ser essencialmente sem métrica, mas não pode haver métrica sem ritmo. Uma definição mais clara é a de que o metro é [composto de] uma estrutura sistematizada [juntamente] com modulação, enquanto isso, o ritmo é a modulação métrica sem tal estrutura. Porém, geralmente, em um determinado caso, também encontrarás um sistema métrico no ritmo, não pela habilidade de observação, mas pelo som e pela própria modulação.

O que é o pé? Combinação de duas, três ou quatro sílabas de acordo com a natureza de cada metro. Quais os gêneros dos pés? Dois. Quais? Simples ou duplos. Quais os simples? Dois. Quais? Dissílabo ou trissílabo. Quantos são dissílabos?

Quatro. Quais são? Espondeu, pirríquio, troqueu e iambo. Quais se opõem uns aos outros? Pirríquio [opõe-se ao] espondeu, troqueu [opõe-se ao] iambo. O que são os pariambos? O mesmo que os pirríquios e díbracos. E os coreus? O mesmo que os troqueus. Quantas sílabas constituem o espondeu? Duas longas, como por exemplo *hērōs* (herói).

etiam dibrachus. Qui chorius? Idem qui trochaeus. Spondeus cuius modi syllabis constat? Duabus longis, [exemplum] ut heros.

Pyrrichius cuius modi syllabis constat? Duabus brevibus, [exemplum] ut Maro Cato. Trochaeus cuius modi syllabis constat? Longa et brevi, [exemplum] ut vita Roma. Quot deinde iambus? Ex brevi et longa, [exemplum] ut nepos bonos. Pedes trisyllabi quot sunt? Octo. Qui sunt? Dactylus, anapaestus, molossus, tribrachus idem qui brachysyllabus sive pygnumus, amphimacrus qui et creticus, amphibrachus sive mesites, bacchius, palimbacchius sive antibacchius sive pompicus.

Singuli quique eorum quot et qualibus syllabis constant? Dactylus ex longa et duabus brevibus, ut copia Lydia; anapaestus ex duabus brevibus et longa, ut sapiens Erato; molossus ex tribus longis, ut Maecenas heredes; tribrachus ex tribus brevibus, ut Lepidus Catulus; amphimacrus ex longa et brevi et longa, ut caritas veritas; amphibrachus ex brevi et longa et brevi, ut corona marina; bacchius ex brevi et duabus longis, ut Athenae Camenae; palimbacchius ex

Quantas sílabas abarcam os pirríquios? De duas breves, como *Mārō* (Maro), *Cātō* (Cato). De quantas sílabas formam os troqueus? De uma longa e uma breve, como *vītā* (vida), *Rōmā* (Roma). E os iambos? Uma breve e uma longa, como *nēpōs* (neto), *bōnōs* (bom). Quantos são os pés trissílabos? Oito. Quais? Dátilo, anapesto, molosso, tríbaco, [u que são também chamados de] braquissílabos ou pignomate (*pygnumus*), anfimacro também [chamado de] crético, anfibráco ou mesites, báquio, palimbáquio ou antibáquio ou pômpico (*pompicus*).

De quantas e de que tipo de sílabas compreendem cada uma delas? Dátilo: uma longa e duas breves, como *cōpīā* (abundância), *Lȳdīā* (Lidia); anapesto: duas breves e uma longa, como *sāpīēns*, *ērātō*; molosso: três longas, como *Māecēnās*, *hērēdēs* (herdeiro); tríbaco: três breves, como *Lēpīdūs* (Lépido), *Cātūlūs* (Catulo); anfimacro: uma longa, uma breve e uma longa, como *cārītās* (ternura), *vērītās* (verdade). anfibráco: uma breve, uma longa e uma breve, como *cōrōnō* (coroa), *mārīnā* (marinha); báquio: uma breve e duas longas, como *Āthēnāe*¹⁹⁹ (Atena), *Cāmēnāe* (Camenas); palimbáquio: duas longas e uma breve, como *Lātōnā* (Latona), *Lūcīnā* (Lucina).

Quantos são os pés duplos, ou tetrassílabos? Dezesseis. Quais são?

¹⁹⁹ Identificada em Roma como Minerva. Filha de Júpiter e Métis. Patrona de cidades como Atenas, Esparta e Tróia. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.53).

duabus longis et brevi, ut Latona Lucina.

Pedes duplices sive tetrasyllabi quot sunt? Sedecim. Qui sunt? Dispondens, proceleumaticus, ionicus ἀπὸ μείζονος, ionicus ἀπὸ ἐλάσσονος, ditrochaeus, diiambus, choriambus, antispastus, paeon primus, paeon secundus, paeon tertius, paeon quartus, item epitritus sive hippius primus secundus tertius quartus. Horum qui contrarii? Proceleumaticus dispondeo, ionicus ἀπὸ ἐλάσσονος ionico ἀπὸ μείζονος diiambus ditrochaeo, antispastus choriambo, epitritus primus paeoni primo, secundus secundo, tertius tertio, quartus quarto. Singuli quique horum quot et qualibus syllabis constant? Dispondeus ex quattuor longis, ut oratores saltatores; proceleumaticus ex quattuor brevibus, ut animula memoria; ionicus ἀπὸ μείζονος ex duabus longis et duabus brevibus, ut penuria vicinia; ionicus ἀπὸ ἐλάσσονος ex duabus brevibus et duabus longis, ut Diomedes Palamedes; ditrochaeus ex longa et brevi et longa et brevi, ut aegritudo cantilena; diiambus ex brevi et longa et brevi et longa, ut benignitas malignitas; choriambus ex longa et

Dispondeu, proceleusmático, jônico maior, jônico menor, ditroqueu, diambo, coriambo, antipasto, peã primeiro, peã segundo, peã terceiro, peã quarto, epítrito ou equestre (*hippius*) primeiro, segundo, terceira, quarto. Quais são os opostos? Proceleusmático [opõe-se ao] dispondeu; jônico maior [contrasta-se com] jônico menor; ditroqueus [são opostos dos] diambos; coriambo [é contrário ao] antipasto; [por fim], os peãs primeiro, segundo, terceiro e quarto [opõem-se] aos epítritos ou equestre (*hippius*) primeiro, segundo, terceiro e quarto, [respectivamente]. De quantas e em que tipo de sílaba baseiam-se cada um deles? Dispondeu: quatro longas, como *ōrātōrēs* (orador), *sāltātōrēs* (dançarino); proceleusmático: quatro breves, como *ānīmŭlā* (espírito), *mēmōrīā* (memória); jônico maior: duas longas e duas breves, como *pēnŭrīā*, *vīcīnīā*; jônico menor: duas breves e duas longas, como *Dīōmēdēs* (Diomedes), *Pālāmēdēs* (Palamedes); ditroqueu: uma longa, uma breve, uma longa e uma breve, como *āegrītūdō* (doença), *cāntīlēnā* (antiga música); diambo: uma breve, uma longa, uma breve e uma longa, como *bēnīgnītās* (benevolência), *mālīgnītās* (malevolência); coriambo: uma longa, duas breves e uma longa, como *dīvītīāe* (riqueza), *sīmplīcītās* (simplicidade); antipasto: uma breve, duas longas e uma breve, como *vālētūdo* (habilidade), *āmātŭrŭs* (presses a amar); peã

duabus brevibus et longa, ut divitiae simplicitas; antispastus ex brevi et duabus longis et brevi, ut valetudo amaturus; paeon primus ex longa et duabus brevibus, ut Oceanus ruricola; paeon secundus ex brevi et longa et duabus brevibus, ut favonius colonia; paeon tertius ex duabus brevibus et longa et brevi, ut Titianus Marianus; paeon quartus ex tribus brevibus et longa, ut cupiditas facilitas; epitritus primus ex brevi et tribus longis, ut Palatini Numantini; epitritus secundus ex longa et brevi et duabus longis, ut conditores funditores; epitritus tertius ex duabus longis et brevi et longa, ut vivacitas indutiae; epitritus quartus ex tribus longis et brevi, ut libertinus Florentinus.

primeiro: uma longa e três breves, como *ōcēānūs* (ocenaio), *rūrīcōlā* (rural); peã segundo: uma breve, uma longa e duas breves, como *fāvōnīūs* (favorável), *cōlōnīā* (colônia); peã terceiro: duas breves, uma longa e uma breve, como *tītīānūs* (honorável), *mārīānūs*; peã quarto: três breves e uma longa, como *cūpīdītās* (desejo), *fācīlītās* (facilidade); epítrito primeiro: uma breve e três longas, como *pālātīnī* (do palácio), *nūmāntīnī* (numantino); epítrito segundo: uma longa, uma breve e duas longas, como *cōndītōrēs* (compositor), *fūndītōrēs* (lançador); epítrito terceiro: duas longas, uma breve e uma longa, como *vīvācītās* (vivacidade), *īndūtīāe* (armistício); epítrito quarto: três longas e uma breve, como *lībērtīnūs* (libertino), *Flōrētīnūs* (Florêncio).

6.2.2 De Hexametro Versu Heroico (O Verso Heroico Hexâmetro)

Texto Original:

De Hexametro Versu Heroico

Quot sunt genera versuum in dactylico metro? Quinque. Quid est dactylicum metrum? Quod constat dactylo et spondeo. Cur non addis ultimo interdum trochaeo? Quod bono iudicio metrici complures hunc pedem de versu hexametro excludendum esse censuerunt. quippe omnis syllaba in ultimo versu adiaforos est, id est indifferenter accipitur,

Tradução de Estudo:

Sobre o verso heróico hexâmetro.

Quantos são os gêneros dos versos datílicos? Cinco. Quais são os versos datílicos? Os que constam de um dátilo e um espondeu. Por que algumas vezes não se adiciona um troqueu no último verso? Porque, em virtude de um bom senso sobre a métrica, vários pensaram que esse pé deveria ser retirado da linha do hexâmetro, pois toda sílaba última sílaba de um verso é adiafóra,

nec interest utrum producta sit an correpta, siquidem positione longa fiat, cum partem orationis in exitu finit. quo accedit quod vitiosus huius modi versus est, qui trochaeum admittit in fine. nam cum ita ratio exposcat, ut pleno versui XXIII tempora insint, admisso utique trochaeo coartabitur temporum numerus, et erunt tempora XXIII, qui est versus colobos. Quae sunt ergo quinque genera versuum in dactylico metro? Hexameter pentameter tetra meter trimeter dimeter. Hexameter dicitur an hexametrus? Vtrumque, ut Euander et Euandrus, quorum unum venit ex graeca enuntiatione, alterum ex latina, quippe Cornelius Epicadus in eo libro, quem de metris scripsit, 'hexameter' inquit 'versus'.

Contra quem itlem Caesius Bassus, vir doctus atque eruditus, in libro de metris 'iambicus trimetrus' ait. nostra quoque memoria Lactantius de metris 'pentameter' inquit et 'tetrameter'. hexa meter ergo sive hexametrus versus quot pedibus caeditur? Sex, dactylo et spondeo circum se positus aut alterna interpositione variatis.

Hexametri versus genera quot sunt? Tria. Quae sunt? Est hexameter dactylicus tantum, est hexameter dactylicus herous, est hexameter iambicus, qui et senarius, cum constat ex simplicibus sex, idemque ex duplicibus trimeter. Quid ergo, si

ou seja, é considerada insignificante. O que aumenta o defeito nesse tipo de verso é que ele admite um troqueu no final, pois a natureza do verso [pode] exigir que ele tenha 24 [sílabas] quando completo, o tempo certamente será reduzido quando a [última sílaba] admitir um troqueu, havendo assim 23 [sílabas, ou seja,] um verso catalético. Portanto, quais são os cinco gêneros dos versos dátilos? Hexâmetro, pentâmetro, tetrâmetro, trímetro, dímetro. É chamado de *hexameter* ou *hexametrus*? Ambos, como *Euander* e *Euandrus*, um do que vem da pronúncia grega o outro da latina, já que Cornélio Epicado, naquele livro que escreveu sobre metros, diz *hexameter*.

Assim como Césio Basso, sábio e erudito, escreveu em seu manual técnico métrico '*iambicus trimetrus*'. É possível lembrar que Lactâncio, sobre os metros, diz '*pentameter*' e '*tetrameter*'. De quantos pés o hexâmetro é feito? Seis, [podendo ser] dátilos e espondeus, colocados um após o outro ou intercalados.

Quantos são os tipos de hexâmetros? Três. Quais? O hexâmetro dátilico, o hexâmetro dátilico heroico e o hexâmetro iâmbico, que contém um verso de seis metros ou dois versos trímetros. Se um verso hexâmetro consiste de seis espondeus, pode ser considerado um dátilico? Será decerto um verso espondeico, mas também um metro dátilico. De fato, uma composição desse tipo

versus hexameter sex spondeis constiterit, potest dactylicus dici? Erit quidem versus spondiazon, metrum tamen dactylicum. quippe huius modi compositio non nisi in daetylicum metrum cadit. Qui sunt versus hexametri dactylici tantum? Qui sex pedibus dactylicis constam, praeter bella et facta heroum quodlibet aliud continentes, ut puta veluti sunt bucolica et georgica ceteraque huius modi. Qui sunt hexa metri dactylici heroi? Qui bella et res gestas heroum complectuntur, ut puta veluti Ilias Homeri et Vergilii Aeneis.

Qui est pes quintus? Quintus quidem pes semper dactylus. Quare? Eo quod semper in versu exceptis aliis locis, quibus varie ponitur, quintam regionem obtinet propriam, minusque lenis est versus, qui quinto loco spondeum magis quam dactylum habuerit, et vocabitur spondiazon, veluti est ille, aut levis ocreas lento ducunt argento. sicut spondeus quoque a quibusdam quidem imus pes cognominatur, quia regionem sextam semper obtinet, nec umquam dactylus in fine ponitur.

Qui modus est syllabarum in versu hexametro dactylico sive heroo? Omnis versus hexameter dactylicus sive herous a duodecim syllabis crescit usque ad decem et septem. nam qui minimus, habet syllabas non minus quam duodecim; qui

acontece apenas na métrica datílica. Quais são os hexâmetros inteiramente formados por dátilos? Aqueles que consistem de seis pés dátilos, além de falarem sobre as guerras e os feitos dos heróis, e outras coisas mais, como, por exemplo, as Bucólicas e as Geórgicas, e outras desse tipo. Quais são os hexâmetros datílicos heroicos? Os que compreendem as guerras e coisas de homens, como ‘A Ilíada’ de Homero e ‘A Eneida’ de Virgílio.

E o que é o quinto pé? O quinto pé será sempre um dátilo. Por quê? Porque sempre em um verso, à exceção de outros lugares onde ele é colocado de forma diferente, ele mantém como característica a quinta posição, onde verso é menos suave; aqueles que têm espondeu em vez de um dátilo na quinta posição serão chamados de espondaicos, como em *levis ocreas lento ducunt argento*²⁰⁰. Os espondaicos também são chamados por alguns de pé mais profundo, porque sempre ocupa a sexta posição, e o dátilo nunca é colocado no final.

Qual a ordem das sílabas do hexâmetro datílico ou do heroico? Todos os versos hexâmetros datílicos ou heroicos têm um acréscimo de doze sílabas para dezessete [sílabas]. Portanto, o menor verso tem doze sílabas e o maior dezessete sílabas. E então? Geralmente, é possível encontrar versos de dezoito ou vinte sílabas, como esse “*quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui*”²⁰¹ e

²⁰⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis VII*, v.634; Trad.: ‘botas cobertas com fina camada de prata’.

²⁰¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis IV*, v.315; Trad.: ‘pois perdi tudo, sem nada reservar para meu miserável eu’.

maximus est, non plus quam decem et septem. Quid ergo? plerumque invenies versum decem et octo aut viginti syllabarum, ut sunt hi, quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui et aut onera accipiunt venientum aut agmine facto et quin morere, ut merita es, ferroque averte dolorem. Et cara mihi ante alias, neque enim novus iste Dianae.

Sunt quidem plerique syllabarum decem et octo, et ille quem in ultimo loco posuisti syllabarum viginti, cui nequaquam invenies parem, cum adhuc nullus fere inveniatur, qui decem et novem syllabis constet. verum scien dum est in metrica ratione numquam computar, eas syllabas, quas syna lipha interceptit. quo fit ut omnes illi versus, qui supra dictum numerum syllabarum videntur excedere, detractis synaliphis ad decem et septem aut sedecim ac non nulli etiam ad quindecim syllabas redigantur, veluti sunt illi quos supra exempli causa posuisti. unde etiam sciendum est nullum versum dactylicum hexametrum inveniri posse, qui numerum syllabarum decem et septem videatur excedere. itaque omnis versus hexameter, si solis spondeis constiterit, erit duodecim syllabarum; si unum dactylum habuerit, tredecim; si duos, quattuordecim; si tres, quindecim; si

“aut onera accipiunt venientum aut agmine facto”²⁰² e “quin morere, ut merita es, ferroque averte dolorem”²⁰³. E “cara mihi ante alias, neque enim novus iste Dianae”²⁰⁴.

A maioria deles é de dezoito sílabas, e [os versos] na última posição são de vinte sílabas, as quais, de modo algum, encontrarão uma correspondência, pois até agora quase ninguém encontrou um verso que consista em dezenove sílabas. Mas, deve-se saber que, no sistema métrico, aquelas sílabas que são ligadas pelo hífen nunca são contadas. Então acontece que todos aqueles versos que parecem exceder o número de sílabas acima mencionado, ao remover as sinalefas, reduzem-se a dezessete ou dezesseis sílabas, mas nenhum [reduz-se a] quinze sílabas, como aqueles exemplificados acima. Também se deve saber que nenhum verso hexâmetro datílico que pareça exceder o número de dezessete sílabas pode ser encontrado. Portanto, cada verso do hexâmetro, se consistisse de apenas dois espondeus, teria doze sílabas; se ele tivesse um dátilo, treze; se [possuísse] dois [dátilos], quatorze; se três, quinze; se quatro, dezesseis; se cinco, dezessete portanto, toda vez que um dátilo é adicionado, uma sílaba é adicionada.

Quantos são os tipos de hexâmetro datílico? Trinta e dois.

²⁰² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.434; Trad.: ‘ou dos fardos que recebem’.

²⁰³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* IV, v.547; Trad.: ‘que o merece, aniquilar essa dor’.

²⁰⁴ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* XI, v.597; Trad.: ‘se afeiçoou à Diana com carinho’.

quattuor; sedecim; si quinque, decem et septem. itaque quotiens dactylus accesserit, totiens una syllaba adcrevit.

Hexameter versus dactylicus per quot species variatur? Triginta et duas.

Quatenus? In versu duodecim syllabarum species una est. quippe hic sine ulla varietate omnes in se spondeos habet et vocabitur spondiazon, ut est introducuntur legati Minturnenses. Quod genus versificationis usque adeo durum est, ut non invenuste Albinus in libro quem de metris scripsit ita posuerit, vitem spondeum totum concludere versum posse fieri iungens sed dactylum apte.

In versu tredecim syllabarum species quot sunt? Quinque. quippe in eo unus dactylus inter spondeos admissus quinque locis in vertitur. Quid in versu quattuordecim syllabarum quot species sunt? Decem. Quae sunt? Aut enim primo et secundo loco dactylus ponitur, aut primo et tertio, aut primo et quarto, aut primo et quinto, aut secundo et tertio, aut secundo et quarto, aut secundo et quinto, aut tertio et quarto, aut tertio et quinto, aut quarto et quinto. Quid in versu quindecim syllabarum species quot sunt? Similiter decem. nam ut in illo qui est quattuordecim syllabarum dactylus decies variatur, ita in hoc totiens spondeus invertitur.

In versu sedecim syllabarum species quot sunt? Totidem quot in tredecim, id est

Até que ponto? Em um verso de doze sílabas [não] há uma aparição [do dátilo]. Pois isso, sem qualquer variedade, tem todos os [pés] espondeus e serão chamados espondaicos, assim como em *introducuntur legati Minturnenses*²⁰⁵.

Esse tipo de versificação é tão difícil, que Albino, no livro que ele escreveu sobre metros, colocou dessa forma, não desfavoravelmente, concluindo que todo verso poderia ser feito com um espondeu simples, juntando-o, mas apropriadamente um dátilo.

Quantas espécies existem em um verso de treze sílabas? Cinco. pois nele um dátilo, admitido entre os espondeus, é transformado em cinco lugares. Quantas espécies há em um verso de quatorze sílabas? Dez. Quais são elas? O dátilo pode ser colocado [em diferentes posições]: primeira e segunda; primeira e terceira; primeira e quarta; primeira e quinta; segunda e terceira; segunda e quarta; segunda e quinta; terceira e quarta; terceira e quinta ou quarta e quinta. Quantas espécies existem em um verso de quinze sílabas? Da mesma forma dez pois, como naquele [verso] que tem quatorze sílabas o dátilo é variado um milhão de vezes, também nesse o espondeu é invertido [outras] tantas vezes.

Quantas espécies existem em um verso de dezesseis sílabas? Tantos quantos há em

²⁰⁵ Cf. ÊNIO *Annales*, v.9; Trad.: ‘introduzidos os embaixadores Minturnes’.

quinque. nam ut in illo dactylus quinque locis invertitur, ita in hoc spon deus isdem locis totiensque variatur. Quid in versu decem et septem syllabarum? Similiter ut in duodecasyllabo species una est. quippe is quinque dactylis constat excepto ultimo pede, quem necesse est disyllabum esse, ne contra rationem supra dictam syllabarum amplior numerus ad crescat. Quid ergo? numquamne dactylus in fine ponitur? Ponitur quidem; verum non in eo versu, qui ceteros dactylos habet in se, veluti est ille in georgicis, et spumas miscent argenti vivaque sulphura, quem quidam invertentes sic legunt, 'et sulphura viva'. Item bis patriae cecidere manus, quin protinus omnia, quem quidam per synalipham excludunt, ut fiat scandendo omitta, nec in tellegunt synalipham tunc esse, cum vocales inter se confluunt seu solae, ut 'multa quoque et bello passus', seu interposita consonante, ut 'multum ille et terris iactatus', quod nequaquam hoc loco adseri potest.

Quippe absolutus pes est 'omnia', veluti in illo versu, 'omnia fert aetas' ei 'omnia vincit amor', posset etiam versus esse ex dac tylis sex, si modo metrici admitterent, veluti dicitur in tenero mihi bucula pascere gramine et at tuba terribilem sonitum procul excitat horrida: Ex supra dictis speciebus XXXII quot

[um verso de] treze [sílabas]: são cinco. Pois, assim como nesse dátilo é invertido em cinco lugares, também neste, o espondeu varia os mesmos lugares uma e outra vez. E em um verso de dezessete sílabas? Da mesma forma que nas que ocorrem nos versos de doze sílabas. Na verdade, consiste em cinco dátilos, exceto o último pé, que deve ser um dissílabo, para que, ao contrário do que foi dito acima, um número maior de sílabas seja acrescentado. E então o quê? Um dátilo não é sempre colocado no final? É de fato assumido; mas não naquele verso que tem os outros dátilos nele, como é nas Geórgicas, *et spumas miscent argenti vivaque sulphura*²⁰⁶, ou, é possível inverter: *sulphura viva*'. Assim como *bis patriae cecidere manus, quin protinus omnia*²⁰⁷, que alguns excluem pela sinalefa, quando as vogais colidem entre si ou estão sozinhas *multa quoque et bello passus*²⁰⁸, que não pode ser adicionado nesse lugar.

De fato, o pé absoluto é 'omnia', como naquele verso, *omnia fert aetas*²⁰⁹, para ele *omnia vincit amor*²¹⁰, também poderia ser um verso de seis dátilos, se ao menos a métrica quisesse permitir, como se dicitur *in tenero mihi bucula pascere gramine*²¹¹ e *at tuba terribilem sonitum procul excitat*

²⁰⁶ Cf. VIRGÍLIO *Georgicon III*, v.449; Trad.: 'e misturam espuma de prata e enxofre fresco'.

²⁰⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis VI*, v.33; Trad.: 'as mãos paternas, e tudo mais, caíram duas vezes'.

²⁰⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis I*, v.5; Trad.: 'guerras infinitas sustentou'.

²⁰⁹ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga IX*, v.51; Trad.: 'o tempo tudo traz'.

²¹⁰ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga X*, v.69; Trad.: 'o amor vence tudo'.

²¹¹ Trad.: 'enquanto isso, meu rebanho pasta na grama macia'. Passagem não encontrada.

species deprehenduntur in carmine Vergiliano? Decem et septem. Quae? Ex versu tredecim syllabarum duae species adsumptae. Cuius positionis? Secundae et quintae: nam aut secundo loco unus dactylus tantum invenitur, ut aut levis ocreas lento ducunt argento, aut quinto, ut cum Iuno aeternum servans sub pectore vulnus.

Ex versu item syllabarum quattuordecim quot species adsumptae? Quattuor: aut enim primo et quinto loco dactylus invenitur, ut quippe vetor fatis, Pallasne exurere classem; aut secundo et quinto, ut felix qui potuit rerum cognoscere causas; aut tertio et quinto, ut arcebat longe Latio multosque per annos; aut quarto et quinto, ut quarum quae forma pulcherrima Deiopeam.

Quid ex versu quindecim syllabarum quot species adsumptae? Sex: nam aut primo et secundo loco spondeus invenitur, ut infandum, regina, iubes renovare dolorem; aut primo et tertio, ut hic currus fuit, hoc regnum dea gentibus esse; aut primo et quarto, ut Aeneas scopulum interea conscendit et omnem; aut secundo et

horrida^{212,213}. Das 32 sílabas mencionadas acima, quantas espécies são detectadas no poema de Virgílio? Dezesete. Quais? Dois tipos retirados de um verso de treze sílabas. Em que posição? A segunda e a quinta: pois ou no segundo lugar apenas um dátilo se encontra, assim como *levis ocreas lento ducunt argento*²¹⁴, ou no quinto, como *Iuno aeternum servans subpectore vulnus*²¹⁵.

Quantas espécies são tiradas de um verso de quatorze sílabas? Quatro: o dátilo pode ser encontrado na primeira e na quinta posição, como em *quippe vetor fatis, Pallasne exurere classem*²¹⁶ ou na segunda e na quinta, como *felix qui potuit rerum cognoscere causas*²¹⁷; ou na terceira e quinta, como *arcebat longe Latio multosque per annos*²¹⁸; ou na quarta e quinta, como *quarum quae forma pulcherrima Deiopeam*²¹⁹.

Quantas espécies são tiradas de um verso de quinze sílabas? Seis: o espondeu pode ser encontrado em primeiro ou em segundo lugar, como *infandum, regina, iubes renovare dolorem*²²⁰; ou no primeiro e terceiro, como *hic currus fuit, hoc regnum dea gentibus esse*²²¹; ou no primeiro e quarto, como

²¹² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* IX, v.503; Trad.: ‘e as trombetas ao longe produzem um horrível som’.

²¹³ Ambos os exemplos expostos por Mx. Vitorino estão equivocados. O primeiro, ‘*in tenero mihi bucula pascere gramine*’ levanta hipóteses de ter sido escrito por Virgílio. O segundo, ‘*at tuba terribilem sonitum procul excitat horrida*’ foi encontrado no texto desse autor com pequenas alterações. (HEIKKINEN, 2012, p.66)

²¹⁴ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* VII, v.634; Trad.: ‘botas cobertas com fina camada de prata’.

²¹⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.36; Trad.: ‘A eterna Juno conversa, com a ferida sangrando no peito’.

²¹⁶ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.39; Trad.: ‘é destino antigo que Palas deve queimar a frota’.

²¹⁷ Cf. VIRGÍLIO *Georgicon* II, v.490; Trad.: ‘feliz é aquele que pode conhecer a causa das coisas’.

²¹⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.31; Trad.: ‘manteve, por muito tempo, afastada do Lácio’.

²¹⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.72; Trad.: ‘das quais, Deopéia é a mais bonita’.

²²⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.2; Trad.: ‘ordenha, rainha, que renove uma dor cruel’.

²²¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.17; Trad.: ‘ele tinha ali seu carro; seu povo esse reino tem, e a deusa...’.

tertio, ut aut Capyn aut celsis in puppibus arma Caici; aut secundo et quarto, ut vi superum saevae memorem Iunonis ob iram; aut tertio et quarto, ut gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aequor.

Ex versu sedecim syllabarum species quot sunt adsumptae? Quattuor: nam aut primo loco spondeus invenitur, ut urbs antiqua fuit, Tyrii tenuere coloni; aut secundo, ut nulla tuarum audita mihi neque visa sororum; aut tertio, ut servitio premet ac victis dominabitur Argis; aut quarto, ut imperium sine fine dedi, quin aspera Iuno.

Quid ex versu syllabarum decem et septem? Vna species adsumpta, quae sola in eo est, cum praeter ultimum pedem ceteri omnes dactyli inveniantur, ut quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui.

Quot sunt species in caesura hexametri versus? Quattuor. Quae sunt? Coniunctus, districtus, mixtus, divisus. Coniunctus qui est? Qui in scandendo ita concatenatus est sibi, ut nusquam finito sensu divisa inter se verba ponantur. quod genus versificationis laudabile habetur ac melius, ut puta veluti est infandum, regina, iubes renovare dolorem.

*Aeneas scopulum interea conscendit et omnem*²²²; ou em segundo e terceiro lugar, como *aut Capyn aut celsis in puppibus arma Caici*²²³; ou em segundo e quarto, como *vi superum saevae memorem Iunonis ob iram*²²⁴; ou em terceiro e quarto, como *gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aequor*²²⁵.

Quantas espécies são tiradas de um verso de dezesseis sílabas? Quatro: o espondeu pode ser encontrado na primeira posição, como em *urbs antiqua fuit, Tyrii tenuere coloni*²²⁶; ou, em segundo lugar, como em *nulla tuarum audita mihi neque visa sororum*²²⁷; ou, em terceiro, como *servitio premet ac victis dominabitur Argis*²²⁸; ou em quarto, como *imperium sine fine dedi, quin aspera Iuno*.²²⁹

E o verso de dezessete sílabas? Esse é um tipo único em que todos os pés são dátilos, exceto o último, como *quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui*.²³⁰

Quantos tipos existem no verso hexâmetro? Quatro. Quais? Unidos, separados, misturados, divididos. Quais [são] os unidos? Aqueles que estão ligados a si mesmos, e em que as palavras nunca podem ser separadas umas das outras por um sentido

²²² Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.180; Trad.: ‘enquanto isso, Enéas escalou todas as rochas’.

²²³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.183; Trad.: ‘ou Cápis ou as armas do nobre Caico’.

²²⁴ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.4; Trad.: ‘vagou por muito tempo nas terras e nos mares sob a ira de Juno’.

²²⁵ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.67; Trad.: ‘os inimigos navegam nos mares Tirrenos’.

²²⁶ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.12; Trad.: ‘era uma cidade antiga, pequena colônia de Tiro’.

²²⁷ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.326; Trad.: ‘não soube nada de ti e nem de suas irmãs’.

²²⁸ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.285; Trad.: ‘dominará, e sobre o vencido Argos deverá impor seu julgamento’.

²²⁹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.279; Trad.: ‘do nome Juno obtém-se Júlia’.

²³⁰ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* IV, v.315; Trad.: ‘pois perdi tudo, sem nada reservar para meu miserável eu’.

Qui districtus? Qui in scandendo sensum seu partes orationis separatas in se habet, ut puta veluti dic mihi, Clio, quisnam primus fingere versus.

Quid est mixtus? Qui utrumque in se habet, ut in quibusdam coniunctus, in quibusdam vero separatus sit, ut puta hic currus fuit, hoc regnum dea gentibus esse.

Quid divisus? Qui in priapio deprehenditur metro. Quod est metrum priapium?

Cum in hexametro versu primi tres pedes concatenati inter se a reliquis tribus sequentibus divisi separatique sunt, ut puta veluti in bucolicis aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim et utque viro Phoebi chorus adsurrexerit omnis et est mihi nam que domi pater, est iniusta noverca. Vnde dictum priapium? Quod pleraque huius modi in honorem Priapi ita conscripta sint, propter quod multi volunt hoc genus compositionis bucolico carmini magis convenire.

Pythium item metrum quod est? Idem quod hexameter. Vnde dictum pythium? Quidam volunt ob id, quod hoc genere metri oracula primum ab Apolline sint edita, qui interfecto Pythone Pythius dictus est. aliis tamen videtur pythium metrum esse, quod continet duodecim syllabas spondiazon, ea videlicet ratione, quod, cum in Parnasso

finito. Esse tipo de versificação é considerado louvável e melhor, como em *infandum, regina, Iubes renovare dolorem*²³¹.

Quais os separados? Aqueles que, na versificação, têm nele o sentido ou partes separadas do discurso, como, por exemplo, *dic mihi, Clio, quisnam primus fingere versus*.²³²

Quais os misturados? Aquele que tem ambos, de modo que em alguns lugares está unido e em outros separado, como, por exemplo, *hic currus fuit, hoc regnum dea gentibus esse*.²³³

Quais os divididos? Os que estão no metro priápico. O que é o metro priápico? Quando no verso hexâmetro os três primeiros pés estão encadeados e são divididos e separados dos três restantes que seguem, assim como nas bucólicas ou *Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim*²³⁴ e *utque viro Phoebi chorus adsurrexerit omnis*²³⁵ e *est mihi nam que domi pater, est iniusta noverca*²³⁶. De onde veio a palavra Priápico? A maioria desses tipos de versos foi escrita em homenagem a Priapo, por isso muitas pessoas acreditam que esse tipo de composição seja mais adequado para o poema bucólico.

²³¹ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* II, v.2; Trad.: ‘ordena, rainha, que renove uma dor cruel’.

²³² Trad.: ‘Diz-me, Clio, quem foi o primeiro a forjar versos’. Passagem não encontrada.

²³³ Cf. VIRGÍLIO *Aeneis* I, v.17; Trad.: ‘ele tinha ali seu carro; seu povo esse reino tem, e a deusa...’.

²³⁴ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga* I, v.62; Trad.: ‘Ararim Partos beberá, ou [beberão] os tigres da Alemanha’.

²³⁵ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga* VI, v.66; Trad.: ‘para que todo o coro se levantasse para o marido de Phoebe’.

²³⁶ Cf. VIRGÍLIO *Ecloga* III, v.34; Trad.: ‘porque eu tenho um pai em casa, e uma madrasta injusta’.

Pythonem serpentem in vindictam matris sagittis insequeretur, accolae Delphici hoc illum versu hortati sint, Τῇ ταιάν, ἰῇ ταιάν, ἰῇ ταιάν. Hactenus de hexametro dactylico; de ceteris vero suo loco.

O que é o metro pítio? O mesmo que hexâmetro. De onde veio a palavra pítio? Alguns dizem que os oráculos desse tipo de metro foram emitidos pela primeira vez por Apolo, que, depois de matar *Python*, foi chamado de *Pythius*. Para outros, no entanto, parece ser uma métrica de Pítia, que contém doze sílabas de espondeus, como *cum in Parnasso Pythonem serpentem in vindictam matris sagittis insequeretur, accolae Delphici hoc illum versu hortati sint, Τῇ ταιάν, ἰῇ ταιάν, ἰῇ ταιάν*²³⁷. Já [disse] o suficiente acerca do hexâmetro datílico; quanto ao resto, [falarei] em seu devido lugar.

6.3 Maximi Victorini De Ratione Metrorum Commentarius

6.3.1 De litteris liquentibus (Das letras líquidas)

Texto Original:

DE LITTERIS LIQVENTIBVS

Liquentes litterae sunt quattuor, l m n r. liquentes ideo dicuntur. quod fluam et quasi intereant, tum cum sequuntur aliquam brevem syllabam cum quavis alia consonante. sunt autem duplicis potentiae. nam syllabam longam positione facere possunt, si ita poeta voluerit, et brevem non producant.

Quod dico huius modi est [exemplum], ut hic Lucreti versus, nam fierent iuvenes subito ex infantibus parvis. sic habetur, quasi dixerit subtracta s

Tradução de Estudo:

Sobre as letras líquidas

Existem quatro letras líquidas: -l, -m, -n e -r. São chamadas líquidas, pois, se dissolvem e quase desaparecem quando seguem uma sílaba breve em união com qualquer outra consoante. No entanto, elas têm uma força dupla. Na verdade, elas podem fazer uma sílaba longa por posição, se assim o poeta quiser, e não alongar uma breve.

Um exemplo disso é como esse verso de Lucrécio, *nam fierent iuvenes subito ex infantibus parvis*²³⁸. Considera-se, pois, que é como se tivesse falado *infantibu parvis* com a

²³⁷ Cf. ISIDORO *Etymologiarum Sive Originum Libri XX*, Trad.: ‘quando no (monte) Parnasso ele perseguia a serpente Piton com suas flechas, em vingança por sua mãe, os habitantes de Delfos o estimularam com este verso: *Io, Peã! Io, Peã! Io, Peã!*’.

²³⁸ Cf. LUCRÉCIO, *Livro I*, v.186, Trad.: ‘Pois, súbito, surgiriam jovens a partir de pequenas crianças’.

littera 'infantibu parvis': hic enim s littera interit. Ennius quoque ait 'vita illa dignus locoque', quasi 'dignu locoque' dixerit. similiter Lucilius ait tum lateralis dolor, certissimus nuntius mortis pro tum laterali dolor certissimu nuntiu mortis [sic habetur quasi] subtractis tribus s litteris, quia licentius antiqui et ipsa quasi pro liquenti utebantur inerudita adhuc novitate, quod posteriores poetae non fecerunt, non quod ista defensio rata non esset, sed quod versus suos liquidius decurrere nullis salebris voluerunt.

Liquentes autem cognoscere possumus in illo Vergilii versu, sed haec lento mos est aptare flagello, quasi subtracta l littera fagello dixerit. sic et in illo, Phoebe gravis Troiae semper miserate labores, quasi subtracta r littera gavis dixerit, non gravis.

Mihi autem de his magis videtur illud, quod liquentes litterae, de quibus diximus, tunc detrahantur, cum brevem syllabam duae consonantes, quarum altera liquens erit, ita sequuntur, ut in duas syllabas se dividant. quod dico huius modi est: 'infantibus parvis', s et p litterae in duas syllabas se diviserunt; nam s ad bus syllabam pertinet, p ad parvis. quotiens ergo se ita dividunt, tunc liquentes erunt. alioquin cum duae consonantes ita

letra -s subtraída: aqui, na verdade, a letra -s desaparece. Ênio disse igualmente *vita illa dignus locoque*²³⁹, como se dissesse *dignu locoque*. Do mesmo modo, Lucílio diz *tum lateralis dolor, certissimus nuntius mortis*²⁴⁰ em vez de *laterali dolor, certissimu nuntiu mortis* [é quase como se] tivessem sido removidas as 3 letras -s, já que os antigos tinham um uso mais livre delas, como se fossem líquidas de acordo com um frescor ainda iletrado, que os poetas posteriores não tiveram, não porque essa regra não fosse permitida, mas porque quiseram que seus versos fluíssem mais livremente e sem asperezas.

No entanto, podemos reconhecer as líquidas naquele [famoso] verso de Virgílio, *sed haec lento mos est aptare flagello*²⁴¹, com se tivesse dito *fagello*, com a subtração da letra -l. E também naquele [também famoso], *Phoebe gravis Troiae semper miserate labores*²⁴², como se dissesse *gavis* com a letra -r subtraída, não *gravis*.

Nesses casos, no entanto, para mim parece mais que as letras líquidas que mencionamos são subtraídas quando duas consoantes, sendo a segunda delas líquida, seguem uma sílaba breve de modo que se dividam em duas sílabas. O que digo é dessa maneira: *infantibus parvis*, as letras -s e -p dividiram-se em duas sílabas, pois -s pertence à sílaba -bus, -p a parvis. Portanto, serão

²³⁹ Cf. Ênio, *Annales*; Trad.: 'uma vida digna daquele lugar'.

²⁴⁰ Cf. Ênio, *Annales*, v.117; Trad.: 'então, uma dor lateral, seguríssimo mensageiro da morte'.

²⁴¹ Cf. Virgílio *Aeneis VII*, v.731, Trad.: 'mas é seu costume atá-las [= as armas] firmemente ao braço'.

²⁴² Cf. Virgílio, *Aeneis VI*, v.56, Trad.: 'Oh, Febo, que sempre se apieda do sofrimento de Tróia'.

aliquam brevem syllabam sequuntur, ut eae ipsae consonantes alterius syllabae sint nec se dividant, tunc illa syllaba, ut poetae voluerint, longa aut brevis erit, hoc exemplo, 'Atridas Priamumque'. a littera positione longa est, quod eam excipiunt duae consonantes t et r. sed quoniam eae consonantes ad alteram syllabam pertinent, non semper positione longam faciunt syllabam, quam excipiunt, ut est 'geminosque in limine Atridas'.

Hic a brevis est, quoniam consonantes ambas syllaba sibi posterior vindicat, eaeque, ut poetae voluntas est, proinde auxiliantur aut cedunt, ut illi Vergilii versus, quos supra posuimus, tales syllabas habeant consonantium coitu, non liquentium fluxu.

líquidas todas as vezes que se dividem dessa maneira. Ao contrário, quando duas consoantes seguem uma sílaba breve, e essas mesmas consoantes sejam da próxima sílaba sem se dividir, então aquela sílaba, como quiseram os poetas, será longa ou breve, como nesse exemplo, *Atridas Priamumque* (filhos de Atreu e Príamo). A letra *-a* é longa por posição, porque a seguem duas consoantes, *-t* e *-r*. Mas, como essas consoantes pertencem à segunda sílaba, nem sempre fazem longa por posição aquela sílaba que elas seguem como é (o caso) em *geminosque in limine Atridas*²⁴³.

Aqui, *-a* é breve, porque a sílaba posterior reivindica para si ambas as consoantes e elas, de acordo com a vontade do poeta, se apoiam mutuamente ou desaparecem, como naqueles versos de Virgílio que citamos anteriormente: tais sílabas são consideradas pela união das consoantes, não pela instabilidade das líquidas.

6.3.2 De coniunctis syllabis (Das sílabas conjuntas)

Texto Original:

CONIVNCTIS SYLLABIS

Coniunctas quoque syllabas animadvertere nobis intentio est. nam coniunctae syllabae dicuntur, cum longa syllaba in vocali finitur et a vocali excipitur; atque ideo longa illa brevis est, quod eam vocalis et terminaverit et

Tradução de Estudo:

Sobre as sílabas coligadas

Nossa intenção [aqui] é examinar também as sílabas conjuntas (ou “coligadas”). Na verdade, as sílabas são chamadas conjuntas (ou “coligadas”) quando uma sílaba longa termina por vogal e se segue [também] uma vogal; e por isso mesmo a sílaba longa [por natureza] torna-se breve, porque terá tanto

²⁴³ Cf. Virgílio *Aeneis* II, v.500, Trad.: ‘os dois irmãos Atridas na soleira da porta’.

exceperit, hoc exemplo, 'te Corydon o Alexi'. sic enim scanditur, te cory dactylus, don o a dactylus, cuius media syllaba o natura longa est. sed quia et ipsa vocali constat et excipitur a vocali, coniunctioni syllabarum et quasi cognationi vocalium veluti gratificatur et idcirco brevis est. est huic similis ille versus, 'credimus? an qui amant': credimus dactylus est, an qui a alius dactylus. [sed] 'qui' media syllaba dactyli natura longa est;

Sed quia et haec, ut superior, terminatur et excipitur a vocali, brevis est. non enim in hoc aut in superiore versu synalipham facere potes sine vitio: versus erit ex trochaeo, si feceris, qui nisi novissimus in heroo versu esse non potest. Si tamen in huiusce modi coniunctis talis synalipha fieri potest, quae e dactylo spondeum faciat, profecto spondeus usitator inusitato dactylo anteposendus est, ut est illud, 'nec tola tamen ille prior praeunte carina'. scanditur enim sic, nec to spondeus, ta tamen dactylus, ille pri dactylus, or prae spondeus. hic vides posse alios dicere dactylum esse ratione coniunctarum syllabarum, quoniam 'prae' syllaba vocali finitur et excipitur a vocali, quae est e.

Sed cum synaliphia fieri possit faciatque spondeum, cur non eam viam

terminado em vogal como também uma vogal terá começado [ali], como nesse exemplo, *te Corydon o Alexi*²⁴⁴. Na verdade, escande-se assim, *te cory* dátilo, *don o a* dátilo, cuja sílaba média -o é originalmente longa. Mas, porque ela é formada por vogal [que] é seguida por uma vogal, é, por assim dizer, como que premiada pela união das sílabas e pela afinidade das vogais e, portanto, é breve. É semelhante a isto aquele verso, *credimus? an qui amant*²⁴⁵: *credimus* é dátilo, *an qui a* é outro dátilo.

Mas a sílaba média do dátilo, *qui*, é longa por natureza, mas porque tanto essa como a anterior tanto termina como se inicia por vogal, então é breve. Na verdade, nem nesse nem no verso anterior podes fazer uma sinalefa sem [cometer] erros. Se assim o fizeres, o verso será [composto] por um troqueu, que no hexâmetro épico só pode estar no último [pé].

No entanto, entre as sílabas conjuntas dessa maneira é possível ocorrer uma sinalefa, que crie um espondeu a partir de um dátilo; na verdade, o mais habitual espondeu deve ser preferido a um dátilo inusitado assim obtido, como aquele verso, *nec tola tamen ille prior praeunte carina*²⁴⁶. Escande-se, pois, assim: *nec to* espondeu, *ta tamen* dátilo, *ille pri* dátilo, *or prae* espondeu. Notes aqui que outros podem dizer que é um dátilo de acordo com a regra das sílabas conjuntas, porque a

²⁴⁴ Cf. VIRGILIO, *Ecloga II*, v.65, Trad.: 'E Córídon a ti, ó, Aléxis'.

²⁴⁵ Cf. VIRGILIO, *Ecloga VIII*, v.108, Trad.: 'Devemos acreditar? Ou acaso aqueles que amam inventam os próprios sonhos?'.

²⁴⁶ Cf. Virgílio, *Opera*, v.186 Trad.: 'nem ainda teve a vantagem de todo o comprimento do navio'.

sequamur, quam nobis consuetudo frequentior tritam reliquit? antenovissimus pes est huius versus ente ca, quem ideo praepono. cum in synalipha haec sit consuetudo, ut anterior vocalis excludatur; tunc tamen non excludi scias, cum sola syllabam facere potest anterior, quae excludi non potest.

Quod dico, huiusce modi est [exemplum]: praeunte per duas e scribitur; est ergo spondeus or prae, sequunturque circa se duae vocales, [prae] eunte carina. sed quoniam e littera eadem et syllaba est, u autem, syllaba ut sit, adhibet sibi consonantes n et t, idcirco rectius ente carina quam unte carina per synalipham scandimus.

sílaba *prae* termina em vogal e inicia-se por uma vogal, que é *-e*.

Mas como poderia ocorrer uma sinalefa [qu]e poderia produzir um espondeu, por que não seguiríamos o caminho habitual, que o uso mais comum nos legou? O penúltimo [quinto] pé desse verso é *-ente ca-*, [solução] que prefiro por isto: anterior, saibas, porém, que ela não é excluída quando a anterior puder sozinha constituir uma sílaba, que então não pode ser excluída.

Quando se verificar na sinalefa aquela prática de excluir-se a vogal Um exemplo do que digo é assim: *praeunte* (*adiante*) escreve-se com dois *-e*, portanto *or prae* é um espondeu, e depois dele seguem-se duas vogais, *[prae] eunte carina*. Mas porque o mesmo *-e* é tanto letra como sílaba – ao passo que *-u*, para ser sílaba, convoca para si as consoantes *-n* e *-t* - por isso é mais correto escandirmos *ente carina*, com a sinalefa, em lugar de *unte carina*.

6.3.3 De Dichronis (Do alongamento prosódico com duplo tempo)

Texto Original:

DE DICHRONIS

Vocales quinque cum novissimam syllabam verbi aut nominis tenent, tametsi natura breves sint, longae tamen, si ita poeta voluerit, habentur; hoc modo, 'hic amor, hoc studium'. mor syllaba brevis est, sed quia vocalis ibi est, produci etiam potest, ut omnia vincit amor, et nos cedamus amori. scanditur enim sic, omnia

Tradução de Estudo:

Sobre as sílabas de duplo valor prosódico (quantidade comum)

As cinco vogais, quando constituem a última sílaba de um verbo ou de um nome, mesmo que sejam breves por natureza, são, no entanto, consideradas longas, se o poeta assim o desejar, dessa forma: *hic amor, hoc studium*²⁴⁷. A sílaba *-mor* é breve, mas porque há ali uma vogal, pode tornar-se longa, como

²⁴⁷ Cf. OVÍDIO, *Metamorphoses XIV*, v.634, Trad.: ‘é essa a sua paixão, o seu gosto é este’.

dactylus, vincit a dactylus, mor et spondeus: vides superius correptam, hic esse productam. Item ostentans artemque pater arcumque sonantem.

Scanditur enim sic, osten spondeus, enim sic, osten spondeus, tans ar spondeus, temque pa dactylus, ter ar spondeus: vides hic ter syllabam longam esse, alio loco brevem. item 'sanguis hebet': hic guis syllaba brevis est; in Lucano autem longa est, 'dum sanguis inerat'. vides i litteram fecisse hanc potestatem.

Item tum sic Mercurium adloquitur ac talia mandat: tur syllaba natura brevis est, sed quia habet vocalem, producitur. quidquid enim in tur syllaba finitur, breve est, ut postea dicemus. nec interest vocales illae, cum in novissima syllaba sunt, solae, an cum consonantibus sint: utroque enim modo dichronae sunt. video tamen dichronas etiam hoc compendio posse tradi, ut in heroo versu cuiuscumque pedis syllaba prima, cum a superiore verbo remanserit, promiscue longa sit aut brevis, ut poeta voluerit, quoniam in ea pars orationis impletur, quod quoque ut in versu sic in verbo non attendatur.

em omnia vincit amor, et nos cedamus amori²⁴⁸. Escande-se assim: omnia é dátilo, vincit a- é um dátilo, mor et é espondeu: tu notas que no primeiro exemplo é breve, no segundo é longo. Do mesmo modo ostentans artemque pater arcumque sonantem²⁴⁹.

De fato, escande-se assim: osten é espondeu, tans ar espondeu, temque pa dátilo, ter ar espondeu: tu percebes que essa sílaba ter é longa, mas breve [se colocada] em outro lugar. Do mesmo modo sanguis hebet (o sangue esfria): esse guis é uma sílaba breve, no entanto, em Lucano é longa, dum sanguis inerat²⁵⁰. Tu vês que [foi] essa letra i a realizar tal possibilidade.

Do mesmo modo, “tum sic Mercurium adloquitur ac talia mandat”²⁵¹: a sílaba -tur é breve por natureza, mas uma vez que contém uma vogal, torna-se longa. Na verdade, tudo o que acaba com a sílaba -tur é breve, como diremos a seguir.

Não importa se essas vogais, quando constituem a última sílaba, se apresentem sozinhas ou em união com consoantes: em ambos os casos, elas podem ter um duplo valor prosódico [= quantidade comum]. No entanto, considero que as vogais, com duplo valor prosódico, podem ser brevemente explicadas com esse resumo: que no hexâmetro épico a primeira sílaba de qualquer pé, quando pertencer à palavra anterior, é em

²⁴⁸ Cf. Virgílio, *Ecloga X*, v.69, Trad.: ‘o amor vence tudo, vamos todos ceder ao amor’.

²⁴⁹ Cf. Virgílio, *Aeneis V*, v. 521, Trad.: ‘ainda o velho mestre estendeu sua linha para a brisa de ar para mostrar sua arte e som’.

²⁵⁰ Cf. LUCANO, *Pharsalia II*, v.338, Trad.: ‘enquanto sangue (em mim) havia’.

²⁵¹ Cf. Virgílio, *Aeneis IV*, v. 221, Trad.: ‘então, ele se dirige a Mercúrio e diz para ele’.

geral longa ou breve, como o poeta quiser, já que uma parte do discurso se completa com ela, algo que tanto no verso como na palavra também não é esperado.

6.3.4 *De Graecis nominibus* (Dos nomes gregos)

Texto Original:

DE GRAECIS NOMINIBVS

Quaecumque sunt graeca nomina, id est quae in latinis eadem sunt, ea cum in es syllabam aut in as exeunt, brevia sunt contra naturam et consuetudinem Latinorum. huius modi enim nomina latina, quae plurali numero in es syllabam exeunt aut in as, longa natura sunt, ut principes arbores milites optimas feminas sarcinas.

Idcirco, quia in versu esse possunt graeca, et in isdem syllabis brevia sunt, ut 'Gorgones Harpyiasque', et alibi 'fuso crateres olivo', et Lucretius lampadas igniferas manibus retinentia dextris. vides hic es vel as syllabas breves esse, ideo quia graeca sunt nomina.

Tradução de Estudo:

Sobre os nomes gregos

Todos os nomes gregos, isto é, aqueles que permanecem assim na transliteração latina, quando terminem nas sílabas *-as* ou *-as*, são breves contra a natureza e o uso dos [nomes] latinos. De fato, os nomes latinos dessa espécie, que no plural terminam nas sílabas *-as* e *-as*, são longos por natureza, como *principes* (príncipe), *arbores* (árvores), *milites* (milites), *optimas* (ótima), *feminas* (feminina), *sarcinas* (pacote).

Por essa razão, ou seja, porque pode haver palavras gregas no verso, elas são breves nessas mesmas sílabas, por exemplo: *Gorgones Harpyias que* (Górgonas e Hárpias), e em outra passagem “*fuso crateres olivo*”²⁵² e em Lucrécio “*lampadas igniferas manibus retinentia dextris*”²⁵³. Podes ver aqui que as sílabas *-es* ou *-as* são breves, exatamente porque são nomes gregos.

6.3.5 *De propriis nominibus* (Dos nomes próprios)

Texto Original:

DE PROPRIIS NOMINIBVS

Nomina propria, quae primam syllabam natura longam non habent, id est quae non ex duabus vocalibus iunctis

Tradução de Estudo:

Sobre os nomes próprios

Os nomes próprios que não têm a primeira sílaba longa por natureza, ou seja, que não começam por duas vogais juntas,

²⁵² Cf. Virgílio, *Aeneis* VI, v.225, Trad.: ‘tigelas de azeite derramado’.

²⁵³ Cf. Lucrécio, *De La Nature* II, v. 25, Trad.: ‘jovens segurando farrapos em suas mãos certas’.

constant, ut Aeolus Aeneas et alia, quae ergo primam syllabam natura longam non habent, tales erunt syllabae, ut eas ponere volueris, sive longae sive breves, hoc exemplo, 'exercet Diana choros', hic di longa est, alio loco brevis est, 'tunc etiam telis moriere Dianae'. Item armatumque auro circumspicit Oriona. hic longa est o, alibi brevis est, 'aquosus Orion'.

Nomina item quae genitivum in es syllabam mittunt eadem ipsa syllaba brevia sunt, ut Lingones Mygdones Teutones Vascones, et accusativo 'Vasconas armipotentes'. Item graeca nomina, quae in i littera finiuntur, eadem ipsa syllaba brevia sunt, ut 'quo te Moeri pedes', scanditur enim sic, quo te spon deus, Moeri pe dactylus.

Videndum etiam hoc est in his nominibus, quae antenovissimam syllabam i littera terminantur, ut est radius gladius. haec, enim in genetivo casu per duo i scribuntur, huius radii gladii, et pluraliter per duo i, hi radii gladii, et cum poeta voluerit, in hac eadem novissima syllaba, in qua duo i esse diximus, [hic] synalipha non fit. quo modo est versus ille Lucretii, non radii solis neque lucida tela diei. Scanditur enim sic, non radi dactylus, i so spondeus. vide quo modo neque i littera interior synalipha subtracta est et exterior pedis

como *Aeolis* (vento Eólio), *Aeneas* (Enéias) e outros, e que, portanto, não têm a primeira sílaba longa por natureza, terão sílabas como as quiseses colocar, seja longa seja breve, por exemplo, “*exercet Diana choros*”²⁵⁴, aqui *di* é longa, em outro lugar é breve: “*tunc etiam telis moriere Dianae*”²⁵⁵. Do mesmo modo “*armatumque auro circumspicit Oriona*”²⁵⁶. Aqui *-o* é longo, em outro lugar é breve, como em *aquosus Orion* (bem regado Orion).

Também os nomes gentílicos que terminam com a sílaba *-es* são breves, mesmo (quando) na mesma sílaba, como *Lingones* (povo da Gália celta), *Mygdones* (tribo que tomou posse de uma parte da Frígia), *Teutones* (povo da Germânia), *Vascones* (pessoas que habitavam ambos os lados do Pirineu) e o acusativo *Vasconas armipotentes* (bravos Vascones). Do mesmo modo, nomes gregos que terminam na letra *-i* são breves ainda que na mesma sílaba, como “*quo te Moeri pedes*”²⁵⁷, que se escande assim: *quo te* é espondeu, *Moeri pe* é dátilo.

Deve-se atentar a isto também naqueles nomes que, na penúltima sílaba, têm a letra *-i*, como é *radius* (pique), *gladius* (espada). Estes, de fato, no caso genitivo se escrevem com dois *-i*, como *huius radii* (esse pique), *gladii* (essa espada), e no plural [do nominativo] também com dois *-i*, como *hi radii* (esses piques), *gladii* (essas espadas), e quando o poeta quiser nessa mesma última sílaba, que dissemos haver dois *-ii*, não haverá

²⁵⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Opera*, v.498 – 50; Trad.: ‘Diana e os coros de ninfas’.

²⁵⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Opera III*, XI, v.857; Trad.: ‘Tu morrerás, então, com os dardos de Diana?’.

²⁵⁶ Cf. Virgílio, *Aeneis III*, v. 517, Trad.: ‘ele considera cuidadosamente Orion armado com ouro’.

²⁵⁷ Cf. Virgílio, *Ecloga IX*, v.1, Trad.: ‘o que pedes, Moeri?’.

partem cepit. sed rursus cum poeta voluerit, synalipham in eodem nomine facit, ut est ille Vergilii versus, 'diversi rumpent radii aut ubi pallida surget'. scanditur enim sic, diver spondeus, si rum spondeus, pent radi dactylus. hic enim novissima excluditur, quae longa est.

sinalefa. É desse tipo aquele famoso verso de Lucrécio, “*non radii solis neque lucida tela diei*”²⁵⁸. Escande-se assim, *non radi* dátilo, *i so* espondeu. Repare como o penúltimo -i não foi subtraído por sinalefa e a última [sílab] ocupou uma parte do pé. Por outro lado, quando o poeta quiser, ele cria uma sinalefa no mesmo nome, como é (o caso) daquele famoso verso de Virgílio: “*diversi rumpent radii aut ubi pallida surget*”²⁵⁹. Escande-se, pois, assim: *diver* espondeu, *si rum* espondeu, *pent radi* dátilo. Aqui, de fato, a última (sílab] que é longo é excluída.

6.3.6 De ectasi (Do alongamento prosódico)

Texto Original:

DE ECTASI

Interdum in nominibus appellativis prima syllaba contra naturam producit, quia aliter in versu poni non potest, ut 'Italiam contra', hic enim i syllaba contra naturam producta est, ut esse in versu posset. hoc autem modo brevem intellegimus. necesse enim est ut, qualis est prima syllaba in aliquo nomine provinciali, eadem sit natura in ipsa provincia: ut Afer prima longa est, in Africa eadem natura est prima littera.

Ergo videamus Italus, prima syllaba qualis sit; dabit Vergilius exemplum, 'antiqua e cedro Italusque paterque Sabinus'. hic in Italo prima syllaba brevis

Tradução de Estudo:

Sobre o alongamento prosódico

Às vezes, a primeira sílab] dos nomes apelativos [= substantivos comuns] é alongada contra sua natureza, pois, de outra forma, não pode ser colocada no verso, por exemplo: *Italiam contra* (contra a Itália), aqui, de fato, a sílab] -i é alongada contra sua natureza, para poder estar no verso. É dessa forma que a entendemos como breve. Porque é preciso que a natureza da primeira sílab] de um nome provincial seja da mesma natureza que da própria província [de onde ele deriva], como *Afer* (africano), cuja primeira letra é longa, [logo], em *Africa* a primeira letra é da mesma natureza.

Vejamos então como seja a primeira sílab] de *Italus* (italiano); e será Virgílio a dar o exemplo: *antiqua e cedro Italusque*

²⁵⁸ Cf. Lucrécio, *De La Nature I*, v. 148, Trad.: ‘não os raios de sol, as características brilhantes do dia’.

²⁵⁹ Cf. Virgílio, *Georgicon I*, v. 445, Trad.: ‘seus raios irromperão divergindo entre nuvens espessas’.

*est, quae nos docet eandem et in Italia paterque Sabinu*²⁶⁰. Aqui, a primeira sílaba de *Italus* é breve, o que nos ensina que se deve mantê-la assim também em *Italia* (Itália).

6.3.7 *De breuibis syllabis* (Das sílabas breves)

Texto Original:

DE BREVIBVS SYLLABIS

Quattuor syllabae breves pro spondeo poni possunt, ut 'genua labant'. hic enim genua la scanditur, in quo pede priores duae breves iunguntur, ut unam longam faciant poetica licentia, quae magis in iambicis versibus est permissa et celebris.

Tradução de Estudo:

Sobre as sílabas breves

Podem-se colocar quatro sílabas breves no lugar de um espondeu, como *genua labant* (Gênova cambaleante). Porque aqui se escande *genua la*, e nesse pé, as duas primeiras breves se juntam como se formassem uma longa por licença poética, que é permitida e frequente mais nos versos iâmbicos.

6.3.8 *De concatenatis* (Das sílabas coligadas)

Texto Original:

DE CONCATENATIS

Interdum in heroo versu novissima syllaba superest, quam sequenti versui adiungi necesse est per synalipham, ut est ille versus in Vergilio, 'iamque iter emensi turres ac tecta Latinorum ardua cernebant'. scanditur enim sic, iamquiter dactylus, emen spondeus, si tur spondeus, res ac spondeus, tecta la dactylus, tino spondeus. novissima versus syllaba quae superest rum revocatur ad sequentem versum per synalipham, ut dicas rardua cernebant et cetera. Huic similis et ille versus est, 'inseritur vero ex fetu nucis arbutus horrida / et steriles platani'.

Tradução de Estudo:

Das concatenadas

Às vezes, no hexâmetro épico, a última sílaba excede (o verso) e é preciso que seja ligada ao verso seguinte por sinalefa, como naquele célebre verso de Virgílio *iamque iter emensi turres ac ecta Latinorum/ardua cernebant*²⁶¹. Escande-se, pois, assim, *iamque iter* dátilo, *emen* espondeu, *si tur* espondeu, *res ac* espondeu, *tecta la* dátilo, *tino* espondeu. A última sílaba do verso, *-rum*, que está em excesso, é reclamada para o verso seguinte por sinalefa, como se dissesse *rardua cernebant* etc. Semelhante a esse é também aquele famoso verso:

²⁶⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis VII* v.179, Trad.: '(feito) em cedro antigo, tanto Ítalo como o pai Sabino'.

²⁶¹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis VII*, v.160 – 161, Trad.: 'e durante o caminho já divisavam os telhados e as torres imensas dos Latinos'.

*Syllaba enim novissima, quae est da, inseritur vero ex fetu nucis arbutus ad sequentem versum refertur. Quare horrida/et steriles platani*²⁶².
necesse erit in re istius modi sequentem versum a vocali incipere, ut synalipha fieri possit illa, quam diximus.

A última sílaba, pois, que é *-da*, é levada ao verso seguinte. Portanto, será necessário que, num caso como esse, o verso seguinte comece por vogal, para que se possa produzir aquela mesma sinalefas de que já falamos.

6.3.9 De casibus (Dos casos)

Texto Original:

DE CASIBVS

Nominativus omnis numero singulari, qui us syllaba terminatur; eadem ipsa syllaba natura brevis est, ut doctus carus sanctus et alia. omnis, qui i littera terminatur; natura longus est, ut docti cari sancti. dativus omnis, qui o littera terminatur; natura longus est, ut docto caro sancto, accusativus omnis, qui m littera terminatur; positionem expectat aut synalipham, quia nulla syllaba in m litteram exit, quae non alterutrum quaerat.

*Vocativus omnis e littera terminatus natura brevis est, ut docte care sancte, ablativus omnis o littera terminatus natura longus est, ut ab hoc docto caro sancto. numero plurali nominativus omnis, cum in i finitur, longus est natura, ut hi docti cari sancti. * dativus omnis*

Tradução de Estudo:

Sobre os casos

Todo nominativo, que no singular termina com a sílaba *-us*, nessa mesma sílaba é breve por natureza, como *doctus* (sábios), *carus* (queridos), *sanctus* (sagrados) e outros. Todos que terminam na letra *-i* [nominativo plural], são longos por natureza, como *docti*, *cari*, *sancti*. Todo dativo, que termina na letra *-o* [dativo singular], é longo por natureza, como *docto*, *caro*, *sancto*. Todo acusativo, que termina na letra *-m* [acusativo singular], aguarda [alongamento] por posição ou sinalefa, porque não há sílaba que acabe na letra *-m* que não sofra um desses dois processos.

Todo vocativo terminado na letra *-e* é breve por natureza, como *docte*, *care*, *sancte*. Todo ablativo terminado na letra *-o*, é longo por natureza, como *ab hoc docto*, *caro*, *santo*. Todo nominativo plural, quando termina em *-i*, é longo por natureza, como *docti*, *cari*, *sancti*. Todo dativo plural, que termina em *-is*, é longo, como *doctis*, *caris*, *sanctis*. Todo acusativo

²⁶² Passagem não encontrada.

pluralis, qui in is finitur, longus est, ut doctis caris sanctis. accusativus omnis pluralis, qui in os finitur, longus est, ut doctos caros sanctos.

Vocativus omnis pluralis in i littera finitus longus est, ut docti cari sancti. ablativus omnis pluralis, qui in is finitur, aequè longus est, ut ab his doctis caris sanctis. item quidquid in is syllabam nominativo et genetivo singulari exit, breve est, ut lapis apis. quidquid in r finitur in genere masculino, breve est. ut doctor cantor pater frater. numero plurali quidquid in es syllaba finitur, longum est, ut doctores homines arbores, et quidquid sic terminatur. item quod in bus syllabam exit, breve est, ut cantoribus doctoribus.

[De genere feminino] In genere feminino casus nominativus solus sic variatur: haec tabula, a brevis est nominativo, ablativo longa est.

Omnia nomina generis feminini, quae a littera terminantur, novissima syllaba in nominativo brevia sunt, in ablativo longa, omnis autem casus cuiuscumque generis in littera terminatus novissimam syllabam longam natura habere non potest, sed aut positionem aut synalipham expectat. nomina generis feminini, quae in es syllaba finiuntur, si eadem ipsa syllaba in genetivo non producit, tam in nominativo quam in ablativo brevia sunt.

plural, que termina em -os, são longos, como *doctos, caros, sanctos*.

Todo vocativo plural, terminado na letra -i, é longo, como *docti, cari, sancti*. Todo ablativo plural, que termina em -is, é igualmente longo, como *ab his doctis, caris, sanctis*. Além disso, tudo o que no nominativo e genetivo singular termina com a sílaba -is é breve, como *lapis* (pedra), *apis* (abelha). Tudo o que termina em -r no gênero masculino é breve, como *doctor, cantor, pater* (pai), *frater* (irmão). No plural, tudo o que a sílaba termina na sílaba -es é longo, como *doctores* (sábios), *homines* (homens), *arbores* (árvores) e tudo o mais que assim termine. Do mesmo modo, tudo que termina com a sílaba -bus é breve, como por exemplo, *cantoribus* (queridos), *doctoribus* (sábios).

Do gênero feminino: é só o caso nominativo que, no gênero feminino, varia assim: *haec tabula* (Essa placa), no nominativo -a é breve, no ablativo é longo.

Todos os nomes de gênero feminino, que terminam pela letra -a, na última sílaba do nominativo são breves, do ablativo são longos. Também todos os casos de qualquer gênero, terminados na letra -m, não podem ter a última sílaba longa por natureza, mas, contempla [alongamento] por posição ou a sinalefa. Os nomes de gênero feminino, que terminam na sílaba -es, se essa mesma sílaba não se alongar no genetivo, são breves tanto no nominativo quanto no ablativo.

Mas se essa mesma sílaba se alonga no genetivo, sua última sílaba é longa, tanto no nominativo quanto no ablativo. Um exemplo

Si autem eadem syllaba in genetivo producit, tam in nominativo quam in ablativo longa syllaba novissima est. quod dico [exemplum] huius modi est: haec lues, es syllaba brevis est, quia genetivus luis facit; haec fides, des syllaba longa est propterea, quia genetivus producit eam; facit enim huius fidei, quo modo est haec facies: es syllaba longa est, quoniam in genetivo producit, huius faciei. ergo quas syllabas genetivus producit, hae in nominativo et ablativo longae sunt, ut haec fides, huius fidei, a fidei facies. faciei, a facie. quas syllabas genetivus corripit aut mutat, breves sunt in nominativo et ablativo, ut lues luis lue.

Quidquid in genetivo is syllaba terminatur, breve est in ablativo. sed hic est genetivus, quo cognoscuntur plerumque novissimae syllabae nominum, quales esse debeant, ut est paupertas et palus. tas enim ideo longa est, quia genetivus eam producit: dicimus enim paupertatis ta producta et paludis media syllaba producta. quo modo est hic Samnis: longa est nis, facit enim genetivo huius Samnitis media producta; item amnis brevis est, quoniam syllabam nis non producit genetivus.

disso que digo é assim: *haec lues* (Essa infecção), a sílaba *-es* é breve, porque o genitivo produz *luis*; *haec fides* (dessa confiança), a sílaba *-des* é longa, porque o genitivo a alonga, na verdade, [ele] produz *huius fidei*; *haec facies* (dessa face) é também assim: a sílaba *-es* é longa, porque se alonga no genitivo: *huius faciei*. Portanto, como o genitivo alonga essas sílabas, elas são longas no nominativo e no ablativo [também], como *haec fides*, *huius fides*, *fidei*, *facieis* (faces), *faciei* (face), *a facie* (a face). Já as sílabas que o genitivo torna breves ou que ele altera [quanto ao timbre], são breves no nominativo e no ablativo, como *lues*, *luis*, *lue*.

Tudo aquilo que no genitivo termina na sílaba *-is* será breve no ablativo. Mas, de fato, o genitivo é esse (caso) pelo que se conhecem quais devam ser [as quantidades das] sílabas finais da maior parte dos nomes, como é [o caso de] *paupertas* (pobreza) e *palus* (estaca). A sílaba *-tas* é, portanto, longa, porque o genitivo a alonga: na verdade, dizemos *paupertatis* com *ta* alongado e *paludis* com a sílaba do meio *lu* igualmente alongada. É também dessa maneira *hic Samnis*: a (sílaba) *nis* é longa, pois com efeito produz *huius Samnitis* no genitivo, com a (sílaba) do meio alongada; *amnis* (rápido) é igualmente breve, porque o genitivo não alonga a sílaba *nis*.

6.3.10 De participiis (Do participío)

Texto Original:

DE PARTICIPIIS

Omnia participia, quae in ans syllabam aut in ens mittunt, positione [sua] longa sunt. nam quae in i aut in o mittunt, quasi

Tradução de Estudo:

Sobre os participíos

Todos os participíos, que terminam na sílaba *-ans* e *-ens*, são longos por [sua] posição. Aqueles, pois, que terminam em *-i*

nomina existimantur, de quibus iam dictum est. e em -o, são considerados como se fossem nomes, e sobre esses já se falou (aqui).

6.3.11 De aduerbiis (Dos advérbios)

Texto Original:

DE ADVERBIIS

Omnia adverbia, quae in e mittunt, exceptis bene et male et fere et prope et pone et paene et saepe, his ergo exceptis illa quae de nominibus manant longa sunt, ut pulchre sancte docte.

Illa autem brevia sunt, quae nomina nulla habent, unde deriventur, quo modo illa, docte, quia doctus, sancte, quia sanctus. rursum quae a nominibus derivantur, si in er syllabam fiunt, brevia sint necesse est, ut duriter turpiter misericorditer.

Quae autem in m litteram fiunt, aut positionem aut synalipham expectant. item illa quae in a litteram exeunt longa sunt, ut ultra.

Tradução de Estudo:

Sobre os advérbios

De todos os advérbios que acabam em -e, com exceção de *bene* (bem) e *male* (mal) e *fere* (quase) e *prope* (perto) e *pone* (para, por trás) e *paene* (quase) e *saepe* (frequentemente), excluídos esses, portanto, aqueles que derivam de nomes são longos, como *pulchre* (bonito), *sancte* (sagrados), *docte* (sábios).

Por outro lado, são breves aqueles que não têm nenhum nome de onde sejam derivados, ao contrário daqueles outros, como *docte* para *doctus*, *sancte* para *sanctus*. Por sua vez, aqueles que derivam de nomes, mas que terminam com a sílaba -er são necessariamente breves, como *duriter* (severamente), *turpiter* (disformemente), *misericorditer* (misericordiosamente).

Por outro lado, aqueles que terminam com a letra -m sofrem alongamento por posição ou sinalefa. Do mesmo modo aqueles que terminam na letra -a, são longos, como *ultra* (para além).

6.3.12 De uerbis (Dos verbos)

Texto Original:

DE VERBIS

In verbis vel coniugationibus attendendae sunt positiones ut tempora et syllabae novissimae, quae his fere regulis

Tradução de Estudo:

Sobre os verbos

Nos verbos e suas conjugações é necessário prestar atenção às pessoas, aos tempos e às últimas sílabas, que são resumidos mais ou menos nas regras que seguem. A última sílaba

colliguntur. primae positionis novissima syllaba similis est in omnibus coniugationibus: omnes enim coniugationes, quae in o littera finiuntur, dichronae sunt, ut canto moneo dico. secundis positionibus discrepant.

Nam secunda positio primae et secundae coniugationis longa ut sit necesse est, ut cantas clamas mones sedes: hae enim [novissimae] producuntur in infinitivo modo; dicimus enim cantare clamare monere sedere. imperativus quoque modus coniugationum supra dictarum syllaba novissima longus est propterea, quia syllaba ipsa producitur in infinitivo. in tertia autem coniugatione correpta secundae positiones breves sunt, quia in infinitivo produci non possunt: dicimus enim legis legere, ducis ducere. in imperativo quoque eadem syllabae novissimae breves sunt, quia non producuntur in infinitivo, ut lege scribe. et omnino quae syllabae mutantur breves sunt; mutantur autem sic, legis lege legere [dicis dice dicere], scribis scribe scribere.

Tertia longa quae dicitur similis est coniugationi primae et secundae, propterea quod, quem ad modum infinitivus producit in illis medias syllabas, sic et in hac. quapropter finis tertia coniugatio est et ideo longa, quia finire dicimus in infinitivo i producta, sicut audis audire. rursus adsis faxis velis: nam

da primeira pessoa singular é semelhante em todas as conjugações: na verdade, todas as conjugações que terminam na letra -o são dícronas [longas ou breves], como *canto* (canto), *moneo* (advirto), *dico* (digo). A segunda pessoa singular tem diferenças.

Pois a segunda pessoa singular da primeira e segunda conjugação é necessariamente longa: como *cantas* (cantas), *clamas* (clamas), *mones* (advertes), *sedes* (sentas): na verdade, essas últimas no modo infinitivo são longas e, de fato, dizemos *cantare* (cantar), *clamare* (clamar), *monere* (advertir), *sedere* (sentar). Também o imperativo das conjugações acima mencionadas é longo na última sílaba, pelo fato de que essa mesma sílaba se alonga no infinitivo. Mas na terceira conjugação, de vogal abreviada, as segundas pessoas são breves, porque não podem ser alongadas no infinitivo e, de fato, dizemos *legis* (juntas, escolhes, lês), *legere* (juntar, escolher, ler), *ducis* (conduzes) *ducere* (conduzir). No imperativo, também estas últimas sílabas são breves, porque não se alongam no infinitivo, como *lege* (junta, escolhe, lê), *scribe* (escreve), e, em geral, também as sílabas que sofrem variações de tom são breves, como *legis*, *lege*, *legere* [*dicis*, *dice* (diga), *dicere*] *scribis* (escreves), *scribe*, *scribere* (escrever).

A terceira conjugação é considerada longa, porque é semelhante à segunda e à primeira conjugação, pelo fato de que assim como nelas o infinitivo alonga as sílabas médias, também nessa [isso se dá]. Daí vem *finis* (terminas), que é da terceira conjugação e por isso longa, porque no infinitivo dizemos *finire* (terminar)

is novissima syllaba ideo longa est, quia pluralis numerus eam producit: dicimus enim producta media syllaba adsitis faxitis velitis.

Quae autem produci media in plurali numero non possunt, brevia sunt, ut dicis dicitis, legis legitis. nam illa longa sunt, ut audis finis, quia producuntur in plurali numero, ut auditis finitis. omnes in verbis novissimae syllabae, quae sunt huius modi, ut res aut ses, longae sunt, quia producit eas numerus pluralis, ut audires audiretis, clamasses clamassetis. omnes infinitivi, qui syllaba re terminantur, breves sunt, ut clamare monere dicere finire. omnes in verbis syllabae quae huius modi sunt, ut in tis exeant, breves sunt, ut clamastis dixistis fecistis.

Infinitivi omnes passivorum communium deponentiumque verborum, quoniam in i exeunt, longi sunt, ut clamari monui dici finire. et quidquid in verborum declinatione in i exierit, longum est, ut clamavi monui dixi finivi. Haec de novissimis syllabis dicta sunt. de primis autem inveniendis hoc erit videndum. omnes igitur coniugationes excepta tertia simplici, hoc est longa, in aliquibus verbis primas syllabas temporum ratione permutant. nam quae in praesenti tempore breves sunt, in omni praeterito

com -i alongado, assim como *audis* (ouves), *audire* (ouvir). Já *adsis* (estás próximo), *faxis* (tenhas feito), *velis* (queiras) [têm] a última sílaba longa, em virtude de que o plural as alonga: na verdade as pronunciamos com a sílaba média alongada: *adsitis* (estais próximo), *faxitis* (tenhais feito), *velitis* (queirais).

Mas as sílabas médias que não podem ser alongadas no plural são breves, como *dicis* (dizes), *dicitis* (dizeis), *legis* (juntas, escolhes, lê), *legitis* (juntásseis escolhêsseis, leresseis). E são longas aquelas como *audis* (ouves), *finis* (terminas), que no plural se alongam, como *auditis* (ouvísseis), *finitis* (terminásseis). Todas as últimas sílabas dos verbos que terminam em -res ou -ses são longas, porque o plural as alonga, como *audires*, *audiretis* (ouvisses), *clamasses*, *clamassetis* (clamasses). Todos os infinitivos que terminam na sílaba -re, são breves, como *clamare* (chamar), *monere* (advertir), *dicere* (dizer), *finire* (terminar). Nos verbos, todas as sílabas que terminam em -tis são breves, como *clamastis* (chamásseis), *dixistis* (dissésseis), *fecistis* (terminásseis).

Todos os infinitivos de verbos passivos, quer comuns, quer depoentes, porque terminam em -i, são longos, como *clamari* (clamou), *moneri* (advertiu), *dici* (disse), *finiri* (terminou). E, na declinação dos verbos, tudo o que terminar em -i é longo, como *clamavi*, *monui*, *dixi*, *finivi*. Isso é o que há para dizer sobre as últimas sílabas. Mas é necessário ver agora como devem ser descobertas as primeiras sílabas. Por isso, em todas as conjugações exceto na terceira simples, em que ela é longa, as primeiras sílabas de certos verbos variam [a

perfecto vel in omni praeterito plusquamperfecto vel in uno futuro modi tantum coniunctivi producuntur; in reliquis autem modis et temporibus breviantur.

Ergo prima coniugatio tempore praesenti corripitur, ut lavo; praeterito perfecto vel praeterito plusquamperfecto vel coniunctivo futuri producitur, ut lavi laveram laveram. secunda similiter praesenti tempore corripitur, ut moveo; praeterito perfecto vel praeterito plusquamperfecto vel coniunctivo futuri producitur, ut movi moveram moveram.

Tertia correpta similiter praesenti tempore corripitur, ut odio; praeterito perfecto vel praeterito plusquamperfecto vel coniunctivo futuri producitur, ut odi oderam oderam. infinitivus autem modus similiter in aliquibus verbis tempore praesenti corripitur, ut movere legere; tempore praeterito vel futuro producitur, ut movisse, motum ire, legisse, lectum ire. sed sunt plurima verba, quae numquam temporum varietate mutantur hoc modo. est igitur coniugatio prima semper correpta ut voco; item semper producta, ut

quantidade] de acordo com os tempos. Aquelas que no tempo presente são breves alongam-se em todos os pretéritos perfeitos ou em todos os pretéritos mais que perfeitos ou no modo futuro, mas apenas no subjuntivo [=futuro perfeito], e em todos os modos e tempos restantes são breves.

Portanto, a primeira conjugação do tempo presente é breve, como *lavo* (lavo); já no pretérito perfeito ou no pretérito mais que perfeito ou futuro perfeito é longa, como *lavi* (lavei), *laveram* (eu havia lavado), *laveram* (terei lavado). A segunda conjugação ao tempo presente é também breve, como *moveo* (movo); já no pretérito perfeito ou no pretérito mais que perfeito ou no futuro perfeito é longa, como *movi* (movi), *moveram* (eu havia movido), *moveram* (terei movido).

A terceira conjugação com vogal breve é igualmente breve no presente, como *odio* (odeio), mas no pretérito perfeito ou no pretérito mais que perfeito ou no futuro perfeito alonga-se, como *odi* (odie), *oderam* (eu havia odiado), *oderam* (terei odiado). Da mesma forma, no infinitivo presente de alguns verbos abrevia-se, como *movere* (mover), *legere* (juntar, escolher, ler), no pretérito ou no futuro alonga-se, como *movisse* (ter movido), *motum ire* (haver de ser movido), *legisse* (ter juntado, escolhido, lido), *lectum ire* (haver de ser juntado, escolhido, lido). Mas há muitíssimos verbos que nunca variam dessa forma [a quantidade] com a mudança dos tempos. Há, então, uma primeira conjugação [com vogal radical] sempre breve, como *voco* (chamo), do mesmo modo existe também uma sempre longa,

munero, est similiter et secunda semper correpta, ut doleo; item semper producta, ut debeo. est aequae tertia semper correpta, ut tero; item semper producta, ut munio.

Sunt etiam aliqua similiter participia, quae in primis syllabis temporum varietate mutantur, ut quae in praesenti tempore brevia sunt, in praeterito vel futuro non quidem natura, sed positione producta fiant, ut legens lectus lecturus. Nunc dicendum est de trisyllabis, quae sic variantur, quo modo et dissyllaba.

Hoc uno distant, quod indicativo modo specie imperfecta in primis syllabis brevia sunt, ut legebam veniebam: nam in dissyllabis hac ipsa imperfecta specie longa sunt, ut ibam nabam. sed ex hac ratione primas syllabas rite cognoscimus, ut praepositionem verbo illi addamus, cuius prima syllaba cuius naturae sit quaerimus. cum ergo addiderimus verbo praepositionem, sciamus, quo modo [eam] consuetudo pronuntiet, cuius rei exemplum hoc est: dico dicas dicat ab eo quod est dicare. addamus illi praepositionem de et faciamus dedico: videamus, quo modo pronuntiet consuetudo, producta media

como *munero* (presenteio); e há também uma segunda conjugação sempre breve, como *doleo* (lamento); existe também uma sempre uma longa, como *debeo* (devo). Há também uma terceira [com uma vogal de raiz] sempre breve, como *tero* (trituro), e igualmente uma sempre longa, como *munio* (fortifico).

Da mesma forma, existem também alguns participios que alteram [a quantidade] das primeiras sílabas com a variação dos tempos, como os que no tempo presente são breves, mas que no pretérito ou no futuro tornam-se longos, decerto não por natureza, mas por posição, como *legens* (lendo), *lectus* (lido), *lecturus* (há de ser lido). Agora, falaremos dos trissílabos, que variam assim do mesmo modo que os dissílabos.

Aqueles diferem desses apenas porque no tempo imperfeito do modo indicativo, eles têm a primeira sílaba breve, como *legebam* (lia), *veniebam* (eu vinha); de fato, nos dissílabos, nesse mesmo tempo imperfeito [as primeiras sílabas] são longas, como *ihmam* (abaixar), *nabam* (nadar). Mas, reconhecemos corretamente [a quantidade d]as primeiras sílabas de acordo com esse método, ou seja, ao adicionarmos uma preposição àquele verbo cuja natureza da primeira sílaba buscamos conhecer. Quando adicionarmos, então, uma preposição ao verbo, saberemos de que maneira o costume pronunciará [a primeira sílaba]; um exemplo desse fenômeno é *dico* (digo), *dicas* (digas), *dicat* (diga) do verbo *dicare* (dizer). Adicionemos-lhe a preposição *de* para fazermos *dedico* (dito). Vejamos de que maneira o hábito a pronúncia, se com a penúltima breve ou

an correpta; utique correpta, ut dedico, sic invenimus et longas, ut clamo. addamus praepositionem in, ut fiat inclamo; producta media dicimus, non correpta.

Item sunt nomina quibus praepositio addi non potest, ut halitus. faciamus ex his verbum, et erit halo. huic addamus praepositionem ex, ut fiat exhalo: media syllaba producta pronuntiamus. ibi apparebit etiam halitus qualis sit in prima syllaba. medias ergo syllabas coniugationes docent, extremas verbi ipsius declinationes; primas autem docent exempla vel illae, quas diximus praepositiones. Haec prudenti satis sunt, hisque exemplis omnia in promptu habebit, rhetoricam autem eloquentiam, id est veram, nosse non poterit, nisi qui ad eam hoc vestigio venerit, primum ut discat, quot sint pedes metrorum; deinde quae sit natura syllabarum in verbis, quod hic docuimus; tum quid sit colon, quid comma; deinde quid sit periodus, quid numerus; quid sint orationes solutae, quid numerosum; quae sint praeterea tres primae figurae dicendi, magna temperata subtilis; postremo quae sint figurae verborum, quae sententiarum. his impletis Ciceronis rhetoricam omniaque eius incipiat legere, id est totam rhetoricam, seque cotidie exerceat.

longa; assim como há as sempre breves, como *dedico*, encontramos também algumas longas, como *clamo* (declaro). Adicionamos a preposição *in*, para formar *inclamo* (invoco), pronunciaremos a penúltima longa, não breve.

Isso vale para os nomes au que não é possível adicionar uma preposição, por exemplo, *halitus* (respirar). A partir daí, façamos um verbo que será *halo*. Acrescentemos-lhe uma preposição *ex*, para formar *exhalo* (exalar): pronunciamo-lo com a penúltima [sílab] longa. Aí aparecerá qual seja [a quantidade d]a primeira sílaba de *halitus*. Portanto, as conjugações esclarecem as penúltimas sílabas do verbo e as declinações do mesmo verbo, as últimas; quanto às primeiras, esclarecem-nas ou os exemplos [que demos] ou aquelas preposições de que falamos. Tais indicações já são suficientes a quem tem experiência [no assunto], e com esses exemplos ele terá tudo de que precisa. Não poderia conhecer a retórica, isto é, a verdadeira eloquência, a não ser aquele que dela aproximar-se por esse caminho, primeiro para saber o que são os pés métricos, depois, qual é a natureza das sílabas nas palavras, o que acabamos de ensinar aqui [nessa primeira parte]; em seguida, o que é um *colon* e o que é um *comma*; então, o que é um *periodos*, e o que é o *ritmo*; o que é prosa solta [*orationes solutae*] e prosa rítmica. E o que, além disso, são as três primeiras figuras do discurso à elevada, a mediana e a sutil; finalmente, quais são as figuras de palavra e as de pensamento. Aprendidas essas lições, que [o estudante] comece a ler a retórica de Cícero e tudo que ele

escreveu, ou seja, toda sua obra retórica, e que pratique todos os dias.

6.4 De Finalibus Metrorum [Metrorii Maximini De Longis Et Brevibus]

6.4.1 De Finalibus Metrorum (Do Final dos Metros)

Texto Original:

DE FINALIBUS METRORUM

Quamquam de litteris et syllabis multiplex sit copiosusque tractatus, tamen is magis appetendus a nobisque susceptus est, qui ad dimensionem pedum metrorumque perducit.

Igitur litterae aut vocales dicuntur aut consonantes: vocales V, a e i o u; consonantes vero reliquae omnes, quarum aliae semivocales, aliae mutae. semivocales sunt VII, f l m n r s x, mutae VIII, b c d g h k p q t. sed ex vocalibus i et u pro consonantibus habentur, cum vel secum iunctae fuerint, ut Iuno vita, vel aliis vocalibus praepositae, ut Ianus Venus. hoc etiam i amplius praestat, quod in uno sermone inter duas posita vocales duplicis fungitur loco, ut Troia Maia. de consonantibus l et r, cum in eadem syllaba consonantibus postponuntur, ut clarus frater, saepe deficiunt. s etiam aliquotiens de metro excluditur. x sem per pro duplici

Tradução de Estudo:

Os metros finais

Embora o tratamento de letras e sílabas seja complexo e abundante, nós nos encarregamos de algo que devemos buscar ainda mais e que conduz à medida de pés e metros.

Em resumo, as letras são [divididas em] vogais ou consoantes: as vogais são 5, -a, -e, -i, -o, -u; todas as outras [letras] são consoantes, divididas em semivogais ou mudas. As semivogais são 7, -f, -l, -m, -n, -r, -s, -x, enquanto as mudas são 9, -b, -c, -d, -g, -h, -k, -p, -q, -t. No entanto, as vogais -i e -u, quando [aparecem] juntas são consideradas consoantes, como *Iuno* (Juno)²⁶³ e *vita* (vida), o mesmo acontece quando são colocadas à frente de outras vogais, como *Ianus* (Janus)²⁶⁴ e *Venus* (Vênus)²⁶⁵. A vogal -i se apresenta de maneira mais ampla, em um discurso em que é localizado entre duas vogais, funciona como uma vogal dupla, como *Troia* (Troia) e *Maia* (Maia)²⁶⁶. Quando as consoantes -l e -r são colocadas logo após outras consoantes e ainda pertencem à mesma sílaba, elas frequentemente se enfraquecem, como *clarus* (claro) e *frater* (irmão). Algumas vezes, a [consoante] -s também é excluída do metro; [a letra] -x sempre é

²⁶³ Identificada na mitologia grega como a Deusa Hera. Considerada como a deusa protetora das mulheres. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.260).

²⁶⁴ Representado com dois rostos que se opõem, deus romano das mudanças e transições. Considerado salvador dos Romanos. Inventor dos barcos e primeiro a civilizar a população do Lácio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.260).

²⁶⁵ Assimilada como a deusa grega Afrodite: deusa do Amor. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.466).

²⁶⁶ Uma das filhas de Atlas, mãe de Hermes. Aparece no livro VIII da Eneida de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.289).

habetur, z vero non numquam. h interdum consonantis fungitur loco, interdum adspirationis.

[De syllabis longis et brevibus] Quae cum ita sint, ex his aut unius vocalis enuntiatione, ut a, aut conexione litterarum, ut prae, syllaba procreatur, scilicet aut brevis aut longa aut communis. brevis est quae correptam vocalem habet, ut amor, [et non desinit in os, qam genetivus producit, et monosyllabum dos] et non desinit in II consonantes, ut ars, vel in unam duplicem, ut pix, vel in i inter duas vocales constitutam, ut aio. longa vero est cui quattuor ista contingunt, quibus indiget brevis, ut dos ars pix aio. diphthongos sane semper est longa.

[De communibus] Communes syllabae fiunt modis VIII: cum correptam vocalem sequitur subiecta consonantibus liquida; est enim longa ita. 'vasto Cyclopis in antro,' brevis ita, 'vastosque ab rupe Cyclopas': aut cum correpla vocalis in unam desinit consonantem sequente h; est enim longa ita, 'terga fatigamus hasta', brevis ita, 'quisquis honos tumuli': aut cum correptam vocalem II consonantes sequuntur,

considerada dupla, porém, [a letra] -z não. O -h funciona às vezes como uma consoante, às vezes como uma aspiração.

Das sílabas longas e breves - uma sílaba se produz a partir delas, conforme for o caso, seja quando [a vogal] for enunciada sozinha, como -a, ou juntamente com outras vogais, como *prae* (antes), e assim serão breves, longas ou comuns. As sílabas breves são as que têm vogal abreviada, como *amor* (amor); no entanto, podem se alongar [em quatro momentos:] [primeiro], quando se encontram no caso genitivo ou forem monossílabas, não terminadas em -os, como *dos* (dote); [segundo], caso terminem em duas consoantes, como *ars* (arte, técnica); [terceiro] ao serem finalizadas em consoantes duplas, como *pix* (piche); [por fim], quando ocorrerem entre duas vogais, como *aio* (digo). Ditongos são sempre longos.

As comuns. As sílabas comuns apresentam-se de oito modos: [primeiro], se uma sílaba breve for seguida de uma consoante líquida: pode ser longa, como “*vasto Cyclopis in antro*”²⁶⁷ ou breve, como “*vastoque ab rupe Cyclopas*”²⁶⁸; [o segundo modo realiza-se] quando a palavra termina com uma sílaba breve e a próxima letra é a consoante -h: podendo ser longa, como “*terga fatigamos hasta*”²⁶⁹ ou breve, como “*quisquis honos tumuli*”²⁷⁰. [Em terceiro], tem-se uma vogal curta seguida de duas consoantes, cuja primeira letra é -s: deve ser longa, como “*unde spissa coma*”²⁷¹ ou breve, como “*ponite spes sibi quisque*”²⁷²; [a quarta

²⁶⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v.617, Trad.: ‘na vasta caverna do ciclope’.

²⁶⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v. 647, Trad.: ‘sob amplas grutas (outros) ciclopes’.

²⁶⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* IX, v.610, Trad.: ‘aferroamos os novilhos com a lança’.

²⁷⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* X, v.493, Trad.: ‘as honras feitas ao morto’.

²⁷¹ ‘De onde a espessa cabeleira’. Passagem não encontrada.

²⁷² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* XI, v.309, Trad.: ‘se colocaram todos em marcha’.

quarum prior s littera est; est enim longa ita, 'unde spissa coma', brevis ita, 'ponite spes sibi quisque': aut cum brevis syllaba partem terminat orationis; est enim longa ita, nam tibi, Thymbre, caput Euandrius abstulit ensis, brevis ita, 'hoc caput o cives': aut cum diphthongon vocalis statim sequitur; est enim longa ita, 'Musae Aonides', brevis ita, 'insulae Ionio in magno': aut cum longam vocalem sequitur alia; est enim longa ita, 'o ego infelix', brevis ita, 'sub Ilio alto': aut cum pronomen c littera terminatum vocalis statim subsequitur; est enim longa ita, 'hoc erat alma parens', brevis ita, 'solus hic inflexit sensus': aut cum correptam vocalem sequitur z; est enim longa ita, 'Mezenti ducis exuvias', brevis ita, 'nemorosa Zacynthos'.

Haec de positione dixisse sufficiat. nam quod ad naturam pertinet, licet artis praecepta deficient, primas syllabas solis confirmamus exemplis, medias in latino sermone accentu probamus; ultimas arte colligimus.

[De nomine] A terminatus nominativus singularis brevis est, ut Musa. e finitus in graecis nominibus

sílaba comum ocorre] quando o discurso termina em uma sílaba breve: assim, é possível que seja longa, como “*nam tibi, Thymbre, caput Euandrius abstulit ensis*”²⁷³, ou breve, como “*hoc caput o cives*”²⁷⁴; [o quinto modo acontece] quando a vogal é imediatamente seguida de ditongo: sendo longa, como *Musae Aonides* (Musas da Aônia)²⁷⁵ ou breve, como “*insulae Ionio in magno*”²⁷⁶. [Em sexto lugar], a vogal longa é seguida de outra vogal: pode ser longa, como *o ego infelix* (estou infeliz) , ou breve, como *sub Ilio alto* (sob a altaneira Ílion/Troia); [sétimo], quando um pronome termina com a letra -c e é imediatamente seguido de uma vogal: talvez seja longo, como “*hoc erat alma parens*”²⁷⁷, ou breve, como “*solus hic inflexit sensus*”²⁷⁸; [por último], quando uma vogal breve é seguida de -z: pode ser longa, como “*Mezenti ducit exuvias*”²⁷⁹, ou breve, como *nemorosa Zacynthos* (arborizada Zacinto).

Sobre a posição, o que foi dito acima é suficiente. Pois isso diz respeito à natureza e, mesmo que faltem os preceitos da arte, mostramos as sílabas iniciais com exemplos pontuais, as mediais por meio da entonação nos discursos latinos, e as últimas reunimo-las com recurso à arte.

Os nomes. As palavras terminadas em -a são breves, encontradas no caso nominativo, no número

²⁷³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* X, v.394, Trad.: ‘a espada do filho de Evandro lhe corta a cabeça. Timbre (...)’.

²⁷⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* XII, v.572, Trad.: ‘a cabeça, cidadãos’.

²⁷⁵ As *Musas Aônias*, chamadas assim por Ovídio, tinham como sagrada a região da Aônia, distrito da antiga Beócia, por ser localizada no monte Hélicon e Citerão. (Cf. CARDOSO, *A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V)*, p.378).

²⁷⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* III, v.211, Trad.: ‘ilhas no grande Jônio’.

²⁷⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* II, v.664, Trad.: ‘então assim, o velho pai’.

²⁷⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* IV, v.22, Trad.: ‘somente este tocou-me os sentidos’.

²⁷⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* XI, v.7, Trad.: ‘do agressivo Mezêncio’.

producitur, ut Euterpe; in latinis corripitur, ut sedile.

I terminatus longus est, ut frugi. o finitus in latinis brevis est, ut Cato, licet auctoritas variet; in graecis producitur, ut Dido. u terminatus corripitur, ut cornu. ai finitus in his nominibus quae in genetivo a litteram corripiunt indubitanter brevis est, ut Hannibal Hannibalis;

In his vero quae produciunt naturaliter quidem longus est, sed auctoritate corripitur, ut cervical: ait enim Iuvenalis in satiris conducit comites sellam cervical amicas. et terminatus corripitur, ut mel. il finitus brevis est, ut vigil, excepte, uno etrusco nomine Tanaquil. ol terminatus longus est, ut sol. ut finitus corripitur, ut consul, m terminatus brevis est, ut tectum, licet arduum sit huius rei exempla reperire, eo quod haec littera semper inter vocales deprehensa myotacismo subtrahitur. an finitus producitur, ut Titan. en terminatus in neutris nominibus [vel generibus] brevis est, ut carmen; item in alterius generis, ut pecten tibicen, quae sicut neutra declinantur.

singular, como *Musa* (Musa). Os nomes gregos terminados em *-e* são prolongados, como *Euterpe* (Euterpe)²⁸⁰; os nomes latinos, são encurtados, como *sedile* (banco).

Os vocábulos que finalizam em *-i* são longos, como *frugi* (honesto). Aquelas que acabam em *-o* são curtas, como *Cato* (Cato), embora sejam variáveis: em grego, são prolongados, como *Dido* (Dido)²⁸¹. Os terminados em *u-* são encurtados, como *cornu* (chifre). Os substantivos com seu fim em *-al*, no genetivo encurtam a letra, portanto, são, sem dúvida, breves, como *Hannibal* (Aníbal) e *Hannibalis* (de Aníbal).

Na verdade, são naturalmente alongados, mas tem o poder de se encurtar, como *cervical* (travesseiro, almofada): como Juvenal diz em sua sátiras “*conducit comites sellam cervical amicas*”²⁸². As palavras que terminam em *-el* são breves, como *mel* (mel); acabadas em *-il* são curtas, como *vigil* (alerta), com exceção do nome etrusco, *Tanaquil* (Tanaquil)²⁸³. Porém, os nomes que terminam em *-ol* são longos, como *sol* (sol). Em *-ul*, são breves, como *consul* (cônsul); aqueles terminados em *-m* são encurtados, como *tectum* (telhado), embora seja difícil encontrar exemplos disso, pelo fato de que, quando essa letra se encontra presa entre vogais, ocorre mitacismo. Os substantivos que terminam em *-an* são longos, como *Titan* (Titã)²⁸⁴. Nomes neutros finalizados em *en* encurtam-se, como *carmen* (música), no entanto, [se alteram] em outro gênero, como *pecten* (pente) e *tibicen* (flautista), que são declinados como neutro.

²⁸⁰ Musa da música, uma das nove musas filha de Júpiter.

²⁸¹ Primeira rainha de Cartago, conhecida por seu romance na Eneida. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.19).

²⁸² Cf. JUVENAL, *Satires VI*, poema 6, v.350, Trad.: ‘ela traz consigo uma criada, cadeira, uma almofada, amigas que a acompanham’.

²⁸³ Rainha de Roma por casamento com Tarquínio Prisco, quinto rei de Roma.

²⁸⁴ Nome genérico para os seis titãs, filhos de Urano e Gaia, pertencentes à geração divina. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.453).

In his vero quae non sicut neutra declinantur et in graecis longus est, ut lien Siren. on finitus longus est, ut Memnon. ar terminatus in monosyllabis tantum producit, ut Nar far, licet et in his longus accipi debeat, quae a in genetivo ante ultimam syllabam producunt, sed tamen auctoritate corripitur ut subligar: ait enim Iuve nalis in II satirarum personam thyrsusque tenent et subligar Acci. er finitus in latinis corripitur, ut puer, excepto uno monosyllabo ver; in graecis longus est, ut aer. ir terminatus corripitur, ut vir. or finitus brevis est, ut auctor. ur terminatus corripitur, ut murmur, excepto uno monosyllabo fur. as finitus in latinis nominibus produ citur, ut facultas; in graecis tunc tantum corripitur, cum genetivus dos fuerit terminatus, ut Arcas Arcados, es terminatus in graecis nominibus longus est, ut Anchises; in latinis, si quintae fuerit declinationis, sine dubio producit, ut dies; si tertiae, tunc longus est, cum genetivus singularis non crescit, ut labes labis, vel cum crescens e productam ante ultimam syllabam habuerit, ut merces, quies quietis.

Nam si eam vel in i mutet, ut miles militis, vel brevera habeat, ut seges

Nessa categoria, porém, [estão] as que não se declinam como neutros e têm [a sílaba] longa como nas [palavras] gregas, como *lien* (baço) e *siren* (sereia). Aqueles que terminam em *on* alongam-se, como *Memnon* (Mêmnon)²⁸⁵. Palavras que acabam em *-ar* são produzidas somente em monossílabas, como *Nar* (Nar)²⁸⁶ e *far* (farro), ainda que deversem ser alongadas no genitivo, pois produzem uma outra sílaba final, [tornando-se dissílabos], podem se encurtar, como *subligar* (subligar)²⁸⁷: como disse Juvenal nas sátiras II “*personam thyrsusque tenent et subligar Acci*”²⁸⁸. Os nomes latinos terminados em *-er* são breves, como *puer* (criança), exceto o monossílabo *ver* (primavera); em grego, são alongados, como *aer* (ar). Em *-ir* são curtos, como *vir* (marido); em *-or*, do mesmo modo, são breves, como *autor* (autor). Assim como, em *-ur*, que são encurtados, como *murmur* (murmurar), exceto o monossílabo *fur* (ladrão).

As palavras latinas que acabam em *-as* são alongadas, como *facultas* (habilidade); em grego, então, são encurtadas, quando estiverem no genitivo finalizado em *-dos*, como *Arcas* (arcadianos) e *arcados* (dos arcadianos). Os nomes gregos terminados em *-es* são longos, como *Anchises* (Anquises), em latim, se estiverem na quinta declinação, sem dúvida se alongam, como *dies* (dia), se estiverem na terceira, então também são prolongados, quando o genitivo singular não aumenta [a sílaba], como *labes* (queda) e *labis* (da queda). Ou quando acrescentam [sílabas], se prolongam antes da

²⁸⁵ Rei dos Etiópios, filhos de Eos, deusa da Aurora. Sua história é contada por Ovídio nas Metamorfoses, Livro XIII. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.302).

²⁸⁶ Rio Nar, afluente do rio Tibre, hoje é chamado de Nera.

²⁸⁷ SUBLIGAR, In: Dicionário Online Latim-Francês Felix Gaffiot. p.1495: calção utilizado para proteger as partes íntimas dos atletas em competições esportivas.

²⁸⁸ Cf. JUVENAL, *Satires VI*, v.70, Trad.: ‘seguram a máscara, o tirso e as cuecas de Ácio’.

segetis, corripitur; exceptis his, Ceres Cereris et pes pedis et quae ab ipso figurantur, ut bipes. is finitus brevis est, ut agilis, ex ceptis tribus monosyllabis, glis vis lis. os terminatus in graecis tunc corripitur; cum genetivus diphthongo terminatur, ut Delos. Ἀήλου; in latinis tunc est brevis, cum genetivus ante ultimam syllabam o non habuerit naturaliter longam. ut os, unde fit ossis. us finitus brevis est, ut doctus, absque his nominibus, quae in genetivo crescentia u productam' habuerint ante ultimam syllabam, ut virtus virtutis, et uno indeclinabili pus. t terminatus corripitur, ut caput. c finitus duo nomina regit tantum, [ut] allec, quod longum est, et lac, de cuius declinatione dubitatur.

Genetivus singularis in latinis nominibus tunc tantum corripitur, rum is fuerit terminatus, ut matris; in graecis vero, cum os finitur, ut Arcados, dativus singularis in latinis nominibus longus est, ut Pompeio fructui; in graecis tunc corripitur, cum i littera terminatur, ut Palladi.

Accusativus singularis in latinis brevis est, ut doctum; in graecis tunc tantum corripitur, cum a vel on fuerit terminatus, ut Thesea Delon. vocativus

última sílaba, como *merces* (mercadoria), *quies* (calma) e *quietis* (da calma).

Do mesmo modo ocorre se possuir *-i* mudo, como *miles* (soldado) e *militis* (do soldado). No entanto, ao dispor de uma sílaba breve, como *seges* (campo) e *segetis* (dos campos) se encurtam. Com exceção de *Ceres* (*Ceres*)²⁸⁹ e *Cereris* (de *Ceres*), *pes* (pé) e *pedis* (dos pés) e aqueles que tomam forma a partir de *pes* (pé), como *bipes* (bípede). Os terminados em *-is* são breves, como *agilis* (ágil), com exceção de três monossílabos: *glis* (arganaz), *vis* (força) e *lis* (controvérsia). Em grego, a desinência *os* é encurtada, quando o genetivo termina com um ditongo, como *Delos* (*Delos*), em grego antigo: *Ἀήλου*: em latim é breve caso o genetivo, antes da última sílaba *-o*, não for naturalmente longo, como *-os*, que se torna *ossis* (osso). Os que acabam em *-us* são curtos, excluindo dos nomes que acrescentam *-u* na última sílaba quando estão no genetivo, como *virtus* (coragem) e *virtutis* (da coragem), esses são indeclináveis. Ao terminarem em *-t* se encurtam, como *caput* (cabeça). Os que terminam em *-c* ocorrem de dois modos, como *allec* (molho de peixe), que é alongado, ou *lac* (leite), cuja declinação é duvidosa.

Os nomes latinos no genetivo singular se encurtam, quando terminados em *-is*, como *matris* (da mãe), em grego, terminam com *-os*, como *arcados* (dos arcadianos). Os nomes latinos no dativo singular são longos, como *Pompeio* (*Pompéia*)²⁹⁰ e *fructui* (satisfação); em grego se encurtam quando terminados com a letra *-i*, como *Palladi* (do *Paládio*)²⁹¹.

Os que estão no acusativo singular são breves, como *doctum* (sábio); no grego, terminado com *-a* ou

²⁸⁹ Nome romano da deusa Deméter, deusa da agricultura. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.84).

²⁹⁰ Cidade da Roma Antiga, situada a 22km da cidade de Nápoles, na Itália.

²⁹¹ Escultura de madeira associada à deus romana Minerva, correspondente à deusa grega Atena. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.347).

singularis a terminatus in latinis nominibus vel in graecis femininis corripitur, ut o tabula, o Musa; in masculinis graecis longus est, ut o Aenea. e terminatus in latinis brevis est, ut o docte; in graecis producitur, ut o Tydide, exceptis bis quae nominativo in os terminantur, ut Phoebos Phoebe. i terminatus in latinis longus est, ut o Mercuri; in graecis corripitur, ut o Nai. o terminatus in latinis brevis est, ut o Cato, licet auctoritas variet; in graecis longus est, ut o Dido. u terminatus corripitur, ut o cornu. in consonantes vero desinens nominativi sequitur regulam exceptis graecis nominibus, quae saepe mutantur varietate linguarum, ut o Diomedes. ablativus singularis semper producitur, absque cum e terminatus fue rit, in bis scilicet nominibus, quae tertiae fuerint declinationis, ut ab hoc pariete.

Nominativus et vocativus pluralis in latinis nominibus, cum generis fuerint masculini vel feminini, producuntur, ut fontes; cum neutri fuerint, breves sunt, ut fata. in graecis vero, cum es vel a

-on se encurtam, como *Thesea* (Teseu)²⁹² *Delon* (Delos). Os nomes latinos no vocativo singular terminados em *-a* ou os nomes gregos femininos se encurtam, como *o tabula* (ó, tabuinha), *o Musa* (ó, Musa), os nomes gregos masculinos se alongam, como *Aenea* (Enéas)²⁹³. Os nomes latinos terminados em *e* são encurtados, como *o docte*, em grego, são alongados, como *o Tydide* (ó, Tidida), com exceção dos nominativos terminados em *-os*, como *Phoebos* (Febo)²⁹⁴ e *Phoebe* (Febe)²⁹⁵. Aqueles em latim que terminam com *-i* alonga-se, como *Mercuri* (Mercúrio); no grego são breves, como *o Nai*. Os latinos terminados em *-o* são curtos, como *o Cato* (ó, Catão), embora possam variar; no grego são longos, como *o Dido* (ó, Dido). Os terminados em *-u* são curtos, como *o cornu* (ó, chifre). Na verdade, as palavras no nominativo terminadas em consoante seguem a regra, com exceção dos substantivos gregos, que são frequentemente variados nessa língua, como *Diomedes* (Diomedes)²⁹⁶. Os nomes no ablativo singular sempre se alongam, exceto quando forem terminados em *-e*, ou seja, em dois nomes da terceira declinação, como *ab hoc pariete* (a partir dessa parede).

Nomes latinos no nominativo e vocativo plural, tanto masculino, quanto feminino são prolongados, como *fontes* (fontes); com neutro se fazem curtos, como *fata* (os fados, destino). Nos nomes gregos,

²⁹² Grande herói da mitologia Romana; seu mito mais conhecido é o de Teseu e o Minotauro. Aparece em diversos livros como A Metamorfoses de Ovídio, A Eneida e As Geórgicas de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.439).

²⁹³ Herói troiano, filho de Anquises e Afrodite. Sua história é a temática principal da Eneida de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.135).

²⁹⁴ Na mitologia grega conhecido como deus Apolo: o radiante. Conhecido como deus do sol, das artes, da música e da medicina. Filho de Júpiter. Também pode ser um nome dado aos romanos. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.167).

²⁹⁵ Nome dado à uma das Titânides, filhas de Urano e Gaia. Muitas vezes lhe é atribuída a função de oráculo de Delfos, como coadjuvante de Têmis. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.167).

²⁹⁶ A mitologia refere-se a dois Diomedes. O primeiro sendo rei da Trácia, filho de Ares e Perene. Enquanto o segundo é um herói da Guerra de Tróia, filho de Tideu e Deípele. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.120).

terminati fue rint, corripuntur, ut rhetores poemata; alias lungi sunt, ut Musae. genetivus pluralis in latinis brevis est, ut doctorum; in graecis longus est, si tamen graece fuerint declinata, ut 'Philaenon arae'. dativus et ablativus pluralis, cum is terminati fuerint, longi sunt, ul doctis; cum bus, breves, ut agilibus. at si graeca sit declinatio, iu terminatus dativus corripitur, ut Arcasin; alias longus est, ut Musis. accusativus pluralis in latinis nominibus, cum generis fuerit masculini vel feminini, producitur, ut doctos Musas; cum fuerit neutri, brevis est, ut templa. in graecis vero, si as fuerit terminatus et a genetivo singulari venerit os finito, corripitur, ut Arcados Arcadas; alias productione laetatur, ut Musas.

terminados em *-es* ou *-a* são breves, como *rhetores* (retores) e *poemata* (poemas), os outros são longos, como *Musae* (Musas). Os nomes latinos no genetivo plural encurtam-se, como *doctorum* (dos sábios); os gregos prolongam-se caso sejam declinados em grego, como *Philaenon arae*²⁹⁷ (os altares dos Filenos). Os nomes no dativos e ablativo plural, terminados em *-is* são longos, como *doctis* (ao sábio), terminados em *-bus*, são encurtados, como *agilibus* (pelos ágeis). Se forem declinados em grego, no dativo terminado em *-iu* são breves, como *Arcasin*, os outros são longos, como *Musis* (às Musas). Os nomes no acusativo plural, tanto no gênero masculino quanto no feminino são alongados, como *doctos* (sábios) e *Musas* (Musas); no neutro são breves, como *templa* (templo). No grego, se terminados em *-as* e *-a* e em *-os* no genetivo singular em *-os* são curtos, como *arcados* (dos arcadianos) e *arcadas* (das arcadianas), outras comprazem-se com o alongamento, como *Musas* (Musas).

6.4.2 De pronomine (Do pronome)

Texto Original:

DE PRONOMINE

Nominativus singularis in omnibus pronomibus corripitur, exceptis duobus monosyllabis tu et qui. genetivus singularis i vel ae terminatus longus est, ut mei meae; aliter brevis est, ut illius. dativus singularis semper producitur, ut nostro, exceptis his, mihi tibi sibi, quae indifferenter ponuntur. accusativus singularis semper corripitur, ut illum.

Tradução de Estudo:

Os pronomes

Todos os pronomes no nominativo singular são breves, com exceção de dois monossílabos, *tu* (tu) e *qui* (que). Aqueles terminados em *i* ou *ae* no genetivo singular se alongam, como *mei* (meu) e *meae* (minha); os outros são breves, como *illius* (aquele/aquela/aquilo). [Os pronomes] no dativo singular são sempre prolongados, como *nostro* (nosso), exceto por *his* (esse), *mihi* (comigo), *tibi* (contigo) e *sibi* (com ele), que são colocados

²⁹⁷ PHILAENON In: Dicionário Online Latim-Francês Felix Gaffiot. p.1173: os Filenos, dois irmãos cartagineses que devotaram sua vida à pátria.

exceptis me te se. vocativus singularis rationem sequitur nominativi. ablativus singularis semper producitur, ut ab illo. nominativus, accusativus et vocativus pluralis tunc tantum corripuntur, cum a fuerint terminati, ut nostra. genetivus pluralis semper corripitur, ut illorum. dativus et ablativus pluralis, si is terminantur, longi sunt, ut tuis; si bus, breves sunt, ut quibus.

6.4.3 De Verbo (Do verbo)

Texto Original:

DE VERBO

In omnibus verbi modis temporibus numeris personis coniugationibus haec uniformis est ratio. a quaecumque persona terminatur longa est, ut ama.

E quae finitur brevis est. ut lege, absque imperativo modo secundae coniugationis, ut doce. i quae terminatur semper producitur, ut nutri, o quae finitur correpta est, ut audio, licet auctoritas variet: monosyllaba producuntur. ut do sto et his similia. u quae terminatur longa est, ut doctu. m quae finitur corripitur, ut legebam. r quae terminatur aequae brevis est. ut legor. s quae finitur, si ante eam habuerit a vel e, producitur, ut amas doces, excepto uno monosyllabo es ut ades; si vero i ante eam habuerit, corripitur, ut legis, excepta secunda

indiferentemente. Os que estão no acusativo singular se encurtam, como *illum* (aqueles/aquelas), excluindo [os pronomes] *me* (eu), *te* (tu) e *se* (ele). O vocativo singular segue a forma nominativa. Os ablativos singulares sempre são longos, com *ab* (a partir de), *illo* (aquele). Aqueles que [se encontram] no nominativo, acusativo e vocativo plural são breves, e terminam em *a*, como *nostra* (nossa). O genitivo plural sempre tem vogal curta, como *illorum* (daqueles/daquelas). Dativo e ablativo plural, se terminados em *is*, são longos, como *tuis* (seu); caso sejam terminados em *bus*, são breves, como *quibus* (aos quais).

Tradução de Estudo:

O verbo

Todos os modos, tempos, números, pessoas e conjugações verbais têm um sistema uniforme. Pois qualquer pessoa terminada em *-a* deve ser longa, como *ama* (ama tu).

Aquelas finalizadas em *-e* são breves, como *lege* (lê tu). Com exceção da segunda pessoa do modo imperativo, como *doce* (ensina tu). Os verbos que acabam em *-i* sempre são longos, como *nutri* (nutri tu), enquanto os terminados em *-o* são breves, como *audio* (ouço), sendo possível variarem caso sejam monossílabos, como *do* (dou) e *sto* (fico em pé) e semelhantes. Aqueles com o fim em *-u* são longos, como *doctu* (ensinado). Em *-m* se encurtam, como *legebam* (lia). Em *-r* também são breves, como *legor* (sou lido). Enquanto isso, os que acabam em *-s*, precedidos de *-a* ou *-e* são longos, como *amas* (amas) e *doces* (ensinas), com exceção do monossílabo *-es* e os verbos que forem formados a partir dele, como *ades* (estás). Caso seja precedido de *-i*, é breve,

persona indicativi modi temporis praesentis numeri singularis a tertia coniugatione producta, ut nutris, et a verbo volo vis; si vero u ante eam habuerit, brevis est, ut nutrimus. t quae terminatur brevis est, ut legit. c quae finitur producitur, ut duc.

como *legis* (lês), excluindo a segunda pessoa do indicativo presente singular, que se prolonga na terceira conjugação, como *nutris* (tu nutres), e os verbos, *volo* (quero) e *vis* (queres); se forem antecidos de *-u*, são breves, como *nutrimos* (nutrimos). Os verbos terminados em *-t* se encurtam, como *legit* (lê), e os com fim em *-c*, se alongam, como *duc* (guia tu).

6.4.4 De Adverbio (Do advérbio)

Texto Original:

DE ADVEBBIO

Adverbia monosyllaba, ut hic, vel quae ex his fiunt, ut istic illic, duobus his exceptis, his et ter, omnia producuntur.

Quae a finiuntur longa sunt, ut una. quae in c desinunt omnia producuntur, ut docte, exceptis his quae aut non comparantur, ut rite, aut comparisonis regulam non servant, ut bene male, aut a se originem ducunt, ut impune, quae i finiuntur longa sunt, ut heri, absque ibi et ubi et quae figurantur ex ipsis, ut sicubi, item quasi. quae o terminantur a se orta brevia sunt, ut modo; ab aliis originem ducentia producuntur, ut falso, licet auctoritas variet in utroque. quae u finiuntur longa sunt, ut noctu. quae I terminantur correpta habentur, ut semel. quae m et n et r terminantur brevia esse constat, ut cursim forsan fortiter. quae s terminantur tunc tantum producta sunt,

Tradução de Estudo:

O Advérbio

Os advérbios monossilábicos, como *hic* (aqui), e outros produzidos a partir deste, como *istic* (ali) e *illic* (lá), se prolongam, com exceção de *his* (nesses) e *ter* (três vezes).

Aqueles terminados em *-a* são longos, como *una* (uma). Do mesmo modo, os terminados em *-c* são longos, como *docte* (sabiamente), exceto os que não se comparam [a nenhum outro], como *rite* (corretamente), ou que não obedecem a regra de composição [de advérbios], como *bene* (bem) e *male* (mal), ou tem sua origem em um verbo, como *impune* (impunemente). Os terminados em *-i* são alongados como *heri* (ontem), excluindo *ibi* (aí) e *ubi* (onde) e aqueles formados a partir deles, como *sicubi* (se em qualquer lugar). Aqueles que são terminados em *-o* e originados em si mesmos são breves, como *modo* (dessa forma); os que forem

*cum ante eam a habuerint. ut alias, quae c
finiuntur producta sunt, ut illac.*

originados de outros advérbios se alongam, como *falso* (falsamente), além disso ambos podem variar. Os advérbios terminados em *u* são longos, como *noctu* (à noite). Aqueles terminado em *-l* são encurtados, como *semel* (uma vez). Enquanto os terminados em *-m*, *-n* ou *-r* são breves, como *cursim* (rapidamente), *forsan* (talvez) e *fortiter* (bravamente). Os terminados em *s* são longos, se precedidos de *-a*, como *alias* (de outro modo). Por fim, os advérbios que terminam em *-c* alongam-se, como *illac* (lá).

6.4.5 De Participio (Do participio)

Texto Original:

DE PARTICIPIO

*Omnium participiorum nominativus
brevis est in numero singulari, ut lecturus.
excepto participio praesentis temporis, ut
amans.*

*Genetivus et dativus singularis
productione gaudent, ut lecturi lecturo,
excepto participio praesentis temporis.
quod in genetivo corripitur, ut amantis.
accusativus singularis et vocativus breves
sunt ut lecturum lecture. ablativus
singularis tunc tantum corripitur cum e
fuerit terminatus, ut ab hoc amante,
nominativus, accusativus et vocativus
pluralis sicut in masculini et feminini
generis participiis producuntur, ut lecturi
lecturae lecturos lecturas, ita corripiuntur*

Tradução de Estudo:

O participio

Todos os participios no nominativo singular são breves, como *lecturus* (há de ser lido), com exceção dos participios no tempo presente, como *amans* (que está amando).

Aqueles no genitivo e dativo singular são longos, como *lecturi* (ao que há de ser lido) e *lecturo* (havendo de ser lido), excluindo os que se encontram no presente. No genitivo se encurtam, como *amantis* (do que ama). No acusativo e vocativo singular são breves, como *lecturum* (há de ser lido) e *lecture* (ó tu, que há de ser lido). Do mesmo modo, são breves no ablativo singular terminados em *e*, como *ab hoc amante* (por esse

in neutris ut lecturi. genetivus pluralis brevis est ut lectorum. dativus et ablativus pluralis, si is terminantur, longi sunt, ut lecturis; si bus, breves sunt. ut amantibus.

amante/que ama). Assim, no nominativo, acusativo e vocativo plural, tanto no masculino quanto no feminino se alongam, como *lecturi* (os que hão de ser lidos), *lecturae* (as que hão de ser lidas), *lecturos* (os que hão de ser lidos) e *lecturas* (as que hão de ser lidas), no neutro se encurtam, como *lecturi* (daquilo que há de ler-se). No genitivo plural é breve, como *lectorum* (dos que hão de ser lidos). Dativo e ablativo plural, se terminado em *-is*, são longos, como *lecturis* (aos que hão de ser lidos), se *bus*, são breves, como *amantibus* (aos amantes/que amam).

6.4.6 De Conjunctione (Da conjunção)

Texto Original:

DE CONIVNCTIONE

Copulativae [et] disiunctivae [aut] et expletivae [equidem] coniunctiones breves sunt. de causalibus et rationalibus quae a terminantur, exceptis ita et quia, longae sunt ut propterea interea; quae i terminantur, excepta una nisi, producuntur, ut si etsi.

Quae in n desinunt, si i ante eam habuerint, producuntur, ut sin; alias breves sunt. ceteras vero omnes naturaliter correptas esse constat.

Tradução de Estudo:

A conjunção

As conjunções copulativas, disjuntivas e explicativas são breves. As causais e racionais que terminam com a letra *-a*, com exceção de *ita* (assim) e *quia* (porque), são longas, como *propterea* (por causa disso) e *interea* (enquanto isso).

Os que acabam com a letra *-i* são longos, como *si* (se) e *etsi* (ainda que), com exceção de *nisi* (exceto, senão). Aquelas finalizadas em *-n*, precedidas de *-i*, são longas, como *sin* (se porventura), as outras se encurtam. É evidente que todas as outras são naturalmente breves.

6.4.7 De Praepositione (Da preposição)

Texto Original:**DE PRAEPOSITIONE**

De accusativis praepositionibus solae quae in a exeunt productione laetantur, ut contra, et una monosyllaba cis. ablativae praepositiones corripuntur omnes, ut ab, exceptis monosyllabis quae vel vocalibus constant, ut e, vel vocalibus terminantur, ut de. communes praepositiones correptas esse manifestum est, ut in de loquellaribus autem praepositionibus ideo taceo, quia nec solae umquam ponuntur nec coniunctae finem retinent, de quo tantum loquimur.

Tradução de Estudo:**As preposições**

Dentre as preposições que pedem acusativo, somente uma é prolongada, como *contra* (ao contrário), e também, uma única monossílaba, como *cis* (antes). As preposições que pedem o caso ablativo são todas breves, como *ab* (a partir de), excluindo as monossílabas que consistem em vogais, como *e* (de), ou que são terminadas em vogais, como *de* (sobre). É evidente que as preposições comuns são breves, por isso me calo sobre as colocações das preposições, pois nunca estão sozinhas ou conectadas no final [dos metros], sobre o que já falamos.

6.4.8 De Interjectione (Da interjeição)**Texto Original:****DE INTERIECTIONE**

Omnes interiectiones longae sunt, si monosyllabae fuerint, ut heu; si vero duarum vel amplius syllabarum fuerint, quoniam speciem iam retinent partium orationis, ad exemplum earum quibus similes erunt iudi candae sunt, ut papae attat. Haec itaque, ut dixi, ad omnes partes orationis in ultimis syllabis observanda sunt, exceptis scilicet positione longis vel diphthongis, quae per se admodum patent.

Tradução de Estudo:**As interjeições**

Todas as interjeições são longas, se forem monossílabas, com *heu* (ei!), porém, se tiverem duas ou mais sílabas, desde que sejam parte da oração, como por exemplo aqueles que são julgados semelhantes, como *papae* (uau!) e *attat* (oh!). Portanto, como eu disse, esses devem ser observados em todas as partes do discurso nas últimas sílabas, com exceção, é claro, da posição de longos ou ditongos, que em si são bastante claros.

6.4.9 De Caesuris (Das cesuras)

Texto Original:*DE CAESVRIS*

Caesurae sunt IIII, penthemimeris, hephthemimeris, catatriton trochacon, bucolice tome. penthemimeris est, ubi post duos pedes invenitur semipedes, qui versum dividat et partem orationis finiat ut 'arma virum que cano'. hephthemimeres est ubi post III pedes invenitur syllaba, ut arma virumque cano Troiae'. catatriton trochaeon est ubi tertio loco invenitur trochaeus, non quod in medio versu esse possit trocheus, sed sublata ultima syllaba de dactylo remanet trochaeus. bucolice tome ornatus causa addita, ubi duo versus in uno inveniuntur, ut est illud dic mihi Damoeta cuium pecus? an Meliboei?

Tradução de Estudo:

A cesura

As cesuras são quatro: pentemímera, heptamímera, troqueu catátrito e diáiresis bucólica. Em uma pentemímera, existem dois pés seguidos de meio pé, que divide o verso e encerra parte do discurso, como “*arma virumque cano*”²⁹⁸. Uma heptamímera é composto por três pés e mais uma sílaba, como ut “*arma virumque cano Troiae*”²⁹⁹. Um troqueo catátrito é um troqueu encontrado na terceira posição, não que possa haver um troqueu no meio da linha, mas sendo removida a última sílaba do dátilo, sobra um troqueu. Uma cesura bucólica é um ornato com uma sílaba anexada, onde se encontram dois [tipos de] verso em um só, como naquele “*dic mihi Damoeta cuium pecus? an Meliboei?*”³⁰⁰

6.4.10 Ad Basilium Amicum Sergii (Para Basílio, o amigo de Sérgio)**Texto Original:***AD BASILIVM AMICVM SERGII*

Ultimarum syllabarum naturam, sicut poposceras, breviter dilucideque digessi. in qua re audacia mea tuo defenditur imperio. nam hoc opus [durum], velut facile ac per se patens dum multi reliquerunt, difficilius reddiderunt. In omnibus partibus orationis syllabae primae vel mediae quales sint

Tradução de Estudo:

Para Basílio, o amigo de Sérgio

Expliquei breve e claramente, como mandam, a natureza das últimas sílabas. Nesse caso, minha audácia é defendida pela [própria] autoridade [que estas sílabas trazem]. Muitos abandonaram esse [difícil] trabalho [pois, pensaram] ser fácil e acessível. [Porém], isto tornou-o mais complexo.

²⁹⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* I, v.1, Trad.: ‘as armas que canto e o varão que...’.

²⁹⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* I, v.1, Trad.; ‘as armas canto e o varão de Tróia...’.

³⁰⁰ Cf. VIRGÍLIO, *Ecloga* III, v.1, Trad.; ‘de quem? De Damietta ou Melibeus?’.

exemplis facilius est quam arte colligere. quare nos disputemus de ultimis, quibus poetae licet saepe vel licentia vel necessitate metri indifferenter utantur; non tamen idcirco qualiter se naturaliter habeant nescien dum est. ergo a nomine sumamus exordium tractantes pariter de latinis et de his graecis, quae in nostram orationem videntur posse transire.

Quamquam de litteris et de syllabis multiplex sit copiosusque tractatus, tamen is magis aperiendus a nobisque susceptus est, qui ad dimensionem pedum metrorumque perducit.

Igitur litterae aut vocales sunt aut consonantes dicuntur. et vocales quidem habentur hae quinque, a e i o u, consonantes vero reliquae omnes. quarum aliae semivocales, aliae mutae procul dubio nuncupantur. semivocales enim sunt VII, [ut] f l m n r s x, mutae: autem reliquae omnes numero VIII hae scilicet, b c d g h k p q t. sed ex vocalibus excipiuntur i et u, quae saepenumero pro consonantibus ponuntur; id est cum vel secum fuerint iunctae, ceu Iuno vila, vel aliis vocalibus antelatae. ut lanus Veuus. hoc etiam i amplius praestat, quod in uno sermone duabus vocalibus interiecta duplicis fungitur loco, ut Troia Maia. item ex semivocalibus hae quattuor adnotantur;

Em todas as partes do discurso, a primeira sílaba ou a medial, são exemplos da arte [gramatical] mais fáceis de coletar. Portanto, discutamos sobre as últimas [sílabas]. Embora os poetas, frequentemente, têm permissão, ou licença, ou necessidade de usar o metro indiferentemente, não significa que eles saibam como a sílaba se comporta naturalmente. Portanto, comecemos pelo nome, tratando tanto dos latinos quanto dos gregos, que parecem poder passar para o nosso discurso.

Embora as letras e sílabas sejam tratadas mais abundantemente, o que deve ser mais aberto e examinado por nós, são as dimensões dos pés e dos metros.

Logo, separamos as letras em vogais e consoantes. As vogais são cinco: -a, -e, -i, -o, -u; as consoantes são as remanescentes. Sem dúvida, são divididas em duas: semivogais e mudas. As semivogais são sete: -f, -l, -m, -n, -r, -s, -x, enquanto as mudas são, naturalmente, as outras nove: -b, -c, -d, -g, -h, -k, -p, -q, -t. No entanto, as vogais -i e -u são exceções, podem ser consideradas consoantes quando [aparecem] juntas são consideradas consoantes, como *Iuno* (Juno)³⁰¹ e *vita* (vida), o mesmo acontece quando são colocadas à frente de outras vogais, como

³⁰¹ Identificada na mitologia grega como a Deusa Hera. Considerada como a deusa protetora das mulheres. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.260).

I m n r, quae cum in eadem syllaba consonantibus aliis postponuntur, sive illae sui generis, hoc est semivocales fuerint, sive adeo mutae, interdum deficiunt et consonantis significatione fraudantur, ut clarus frater gnarus Tmolus. s quoque non numquam de metro excluditur. x vero sine controversia duplicem obtinet potestatem, quasi c s in una significatione pronuntians.

Z etiam [propter graeca vocabula videtur admissa] duplicis aliquotiens habetur in loco. h modo consonans, modo adspirationis nuda dumtaxat creditur nota. et illae quidem quattuor liquidae nuncupantur, quoniam, ut dictum est, non numquam propriam significationem amittunt; itemque aliae quattuor, s x z h, quod supra notavimus, hac inter se varietate discordant.

Quae cum ita sint, aut unius vocalis enuntiatione, ut i, aut duarum triumve sive etiam quattuor litterarum conexione syllaba procreatur, scilicet aut brevis aut longa aut inter utramque communis. brevis syllaba dicitur quae et correptam vocalem habet nec in duas desinit

Ianus (Janus)³⁰² e *Venus* (Vênus)³⁰³. A vogal *i* se apresenta de maneira mais ampla, em um discurso em que é localizado entre duas vogais, funciona como uma vogal dupla, como *Troia* (Troia) e *Maia* (Maia)³⁰⁴. Também são notadas essas quatro semivogais: *-l*, *-m*, *-n*, *-r*. Se colocadas após outras consoantes, na mesma sílaba, ou com aquelas da própria espécie, isto é, semivogais, tornam-se mudas. Algumas vezes, falham e são engadas pelo significado das consoantes, como *clarus* (claro), *frater*, (irmão) *gnarus* (habilidosa) e *Tmolus* (Tmolus)³⁰⁵. A letra *-s* nunca é excluída do metro; [a letra] *-x* sempre é considerada dupla, como se o *-c* e o *-s* tivesse uma pronúncia.

[A letra] *-z*, por ter origem de palavras gregas admitidas na língua latina, as vezes é considerada dupla. O *-h* pode funcionar tanto como uma consoante, quanto somente como uma aspiração. Essas quatro, *-l*, *-m*, *-n*, *-r*, são chamadas líquidas pois nunca deixam de possuir significado próprio. Enquanto isso, as outras quatro, *-s*, *-x*, *-z*, *-h*, como notamos acima, discordam dessa variedade.

³⁰² Representado com dois rostos que se opõem, deus romano das mudanças e transições. Considerado salvador dos Romanos. Inventor dos barcos e primeiro a civilizar a população do Lácio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.260).

³⁰³ Assimilada como a deusa grega Afrodite: deusa do Amor. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.466).

³⁰⁴ Uma das filhas de Atlas, mãe de Hermes. Aparece no livro VIII da Eneida de Virgílio. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.289).

³⁰⁵ Nome de uma montanha na região da Lídia. Também é conhecido como deus das montanhas, filho de Ares e Teogone. (Cf. GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*, p.454).

consonantes vel unam scilicet geminatam vel i duabus vocalibus interpositam. longa vero syllaba nuncupatur cui unum ex his quattuor contingit, quibus indiget brevis, ut dos, quae natura producit: item ars, quam duarum consonantium positio efficit longam: pix vel fax, quas duplex consonans productas ostendit: aio, quam i littera geminata et inter duas collocata vocales reddidit longam. Nam diphthongoe sane semper longae sunt omnes, quae numero quattuor fuisse noscuntur, ae oe au eu.

Communes syllabae fiunt modis octo sic: cum correptam vocalem sequitur subiecta consonantibus liquida; est enim longa ita, 'vasto Cyclopis in antro', brevis hoc modo, 'vastosque ab rupe Cyclopas': aut cum correpta vocalis in unam desinit consonantem sequente h, quae inter dum adspirationis creditur nota; est enim longa ita, 'terga fatigamus hasta', brevis hoc modo, 'quisquis honos tumoli': aut cum correptam vocalem duae consonantes excipiunt, quarum prior s fuerit; est enim longa ita, 'unde spissa coma', brevis item hoc modo, 'ponite spes sibi quisque': aut cum brevis syllaba orationis terminat partem; est enim longa ita, 'nam tibi Thymbre caput Euandrius a. e.', brevis item hoc modo, 'hoc caput o cives': aut

[As sílabas longas e breves] são produzidas de acordo com o tempo da pronúncia de uma vogal, como -i, ou duas, três ou até mesmo quatro letras produzem uma sílaba, sendo, naturalmente breves, longas ou comuns a ambas. As sílabas breves são as que têm vogal abreviada. Esse [tipo de sílaba] não pode terminar em duas consoantes diferentes, nem mesmo em consoantes duplas, sequer em vogais interpostas por duas vogais. Na verdade, uma sílaba longa assim é chamada quando ocorre um dos quatro momentos seguintes: [primeiro], quando necessitam de uma vogal breve, como *dos* (dote), mas a vogal é naturalmente longa; [segundo], caso terminem em duas consoantes, como *ars* (arte), são longas por posição; [terceiro] ao serem finalizadas em consoantes duplas, como *pix* (piche) e *fax* (fogo); [por fim], quando ocorrerem com o -i geminado ou entre duas vogais, como *aio* (digo). Ditongos são quatro e são sempre longos: -ae, -oe, -au, -eu.

As sílabas comuns apresentam-se de oito modos: [primeiro], se uma sílaba breve for seguida de uma consoante líquida: pode ser longa, como *vasto cyclopis in antro*³⁰⁶ ou breve, como *vastosque ab rupe cyclopas*³⁰⁷; [o segundo modo realiza-se] quando a palavra termina com uma sílaba breve e a próxima letra é a consoante -h, quando se acredita ocorrer uma aspiração: pode ser

³⁰⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v.617, Trad.: 'na vasta caverna do ciclope'.

³⁰⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v. 647, Trad.: 'sob amplas grutas (outros) ciclopes'.

cum diphthongon vocalis statim subsequitur; est enim longa ita, 'Musae Aonides', brevis item hoc modo, 'insulae Ionio in magno': aut cum longam alia vocalis subsequitur; est enim longa ita, 'o ego infelix quem tu fugis', brevis item hoc modo, 'sub Ilio alto': aut cum pronomen c littera termina tum vocalis statim sequitur; est enim longa ita, 'hoc erat alma parens', brevis item hoc modo, 'solus hic inflexit sensus': aut cum correptam vocalem sequitur z; est enim longa ita, 'Mezenti ducis exunvias', brevis item hoc modo, 'nemorosa Zacynthus'.

Haec de positione syllabarum nos dixisse sufficiat nam quod pertinet ad naturam, primas syllabas, longaene sint an breves, solis confirmamus exemplis; medias vero in latino sermone accentu dinoscimus. ultimas arte colligimus. qualis ultima syllaba videatur, hoc modo quaeritur; puta amicissimorum, quibus ex syllabis constet, dicimus itaque primam brevem; legimus enim 'nimium dilexit amicum': secundam longam, quoniam,

*longa, como “terga fatigamos hasta”³⁰⁸ ou breve, como “quisquis honos tumuli”³⁰⁹. [Em terceiro], tem-se uma vogal curta seguida de duas consoantes, cuja primeira letra é -s: deve ser longa, como “unde spissa coma”³¹⁰ ou breve, como “ponite spes sibi quisque”³¹¹; [a quarta sílaba comum ocorre] quando o discurso termina em uma sílaba breve: assim, é possível que seja longa, como “nam tibi, Thymbre, caput Euandrius abstulit ensis”³¹², ou breve, como “hoc caput o cives”³¹³; [o quinto modo acontece] quando a vogal é imediatamente seguida de ditongo: sendo longa, como *Musae Aonides* (Musas da Aônia)³¹⁴ ou breve, como “insulae Ionio in magno”³¹⁵. [Em sexto lugar], a vogal longa é seguida de outra vogal: pode ser longa, como *o ego infelix* (estou infeliz), ou breve, como *sub Ilio alto* (sob a altaneira Ílion/Troia); [sétimo], quando um pronome termina com a letra -c e é imediatamente seguido de uma vogal: talvez seja longo, como “hoc erat alma parens”³¹⁶, ou breve, como “solus hic inflexit sensus”³¹⁷; [por último], quando uma vogal breve é seguida de z: pode ser longa,*

³⁰⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IX*, v.610, Trad.: ‘aferroamos os novilhos com a lança’.

³⁰⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.493, Trad.: ‘as honras feitas ao morto’.

³¹⁰ ‘De onde a espessa cabeleira’. Passagem não encontrada.

³¹¹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XI*, v.309, Trad.: ‘se colocaram todos em marcha’.

³¹² Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis X*, v.394, Trad.: ‘a espada do filho de Evandro lhe corta a cabeça. Timbre (...)’.

³¹³ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis XII*, v.572, Trad.: ‘a cabeça, cidadãos’.

³¹⁴ As *Musae Aonides*, chamadas assim por Ovídio, tinham como sagrada a região da Aônia, distrito da antiga Beócia, por ser localizada no monte Hélicon e Citerão. (Cf. CARDOSO, *A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V)*, p.378).

³¹⁵ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis III*, v.211, Trad.: ‘ilhas no grande Jônio’.

³¹⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis II*, v.664, Trad.: ‘então assim, o velho pai’.

³¹⁷ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis IV*, v.22, Trad.: ‘somente este tocou-me os sentidos’.

cum dicimus amicus, paenultima cum accentu probatur, quem, si brevis esset, numquam possideret: tertiam positione longam, quartam brevem; cum enim dicimus amicissimus, antepaenultima in accentu invenitur, quo non careret, si longa esset: quintam longam, quoniam, cum dicimus amicissimorum, paenultima cum accentu invenitur. ultima vero per singulas partes orationis rationes subiectae monstrabunt.

De Nomine. Omnia nomina sex casibus declinantur, de quibus singulis disputabimus singillatim

como “*Mezenti ducit exuvias*”³¹⁸, ou breve, como *nemorosa Zacynthos* (a arborizada Zaquintos).

Sobre a posição, o que foi dito acima é suficiente, sobre a posição das sílabas, Por isso pertencem à natureza, mesmo que forem excluídos os preceitos da arte, confirmamos as primeiras sílabas, sejam longas ou curtas, em exemplos sozinhos, as segunda por meio dos discursos latinos e as últimas junto à arte. Que tipo parece ser a última sílaba, desse modo é perguntado; por exemplo, *amicissimorum* (os melhores amigos), que consiste das seguintes sílabas: dizemos, então, que a primeira é breve, pois lemos “*nimum dilexit amicum*”³¹⁹; a segunda é longa, porque quando dizemos *amicus* (amigos), a penúltima sílaba leva um acento, que não possuiria, caso fosse breve; a terceira é longa e a quarta é breve, pois ao dizer *amicissimus* (amicíssimos), a antepenúltima também leva um acento, o que não ocorreria, se fosse longa; a quinta sílaba é longo, pois, ao enunciar *amicissimorum* (os melhores amigos) percebe-se que a penúltima sílaba recebe um acento. Na verdade, essa última indica os assuntos adjacentes às partes do discurso.

Os nomes. Todos os substantivos são declinados em seis casos, cada um dos quais discutiremos em detalhes.

³¹⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* XI, v.7, Trad.: ‘do agressivo Mezêncio’.

³¹⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Aeneis* IX, v.430, Trad.: ‘era devotado a seu amigo’.

7. Considerações Finais

É patente a importância dos estudos de métrica latina para os estudos da poética clássica. Uma obra como a de Mx. Vitorino revela o olhar analítico, agudo e singular de um gramático antigo para as questões métricas, capaz de mobilizar toda uma gama de conceitos, capazes de despertar o interesse do leitor moderno para a compreensão da métrica clássica e seu papel na entabulação do tempo desde seu nível mais elementar, o da camada fonético-fonológica.

Nas análises levadas nesta pesquisa, observou-se, com efeito, o modo como Mx. Vitorino concebia a língua latina, de forma a explicar o mais claramente possível os fenômenos fonológicos, fonéticos, gramaticais e métricos, mostrando que a compreensão deles é muito importante para o estudo do tempo e dos metros. Mx. Vitorino fornece uma extensa gama de exemplos a fim de demonstrar como a gramática da língua latina se comporta em cada situação, compreendendo todos os aspectos gramaticais do latim

A *ars grammatica* (arte gramatical) de Mx. Vitorino analisada nesta pesquisa permitiu notar seu caráter técnico e didático, uma vez que as observações do autor são realizadas a fim de que o leitor moderno possa compreender a teoria, verificando, assim, que o autor explica o assunto de modo gradual, sempre apresentando exemplos que comprovam a matéria exposta.

Portanto, a obra de Mx. Vitorino demonstra como os próprios romanos empregavam ativamente o tempo de suas vogais, a fim de manipular o tempo poético e criar o efeito de ritmo encontrado nos versos, e como os recursos da poética o sustentavam. Desse modo, o estudo de Mx. Vitorino oferece ao leitor moderno a oportunidade de conhecer e familiarizar-se minimamente com a língua de Roma, mesmo não tendo ela deixado nenhum registro seguro de fala empiricamente encontrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, W. Sidney. *Vox Latina: A Guide to the Pronunciation of Classical Latin*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. Disponível em <https://archive.org/details/voxlatinguideto0000alle_g6w2> Acesso em: 06 de jul. 2022

ASPRO, E. Q. *Rhemi Palaemoni Ars – Aspri Ars*, Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1857. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatinini05keil/page/2/mode/2up>> Acesso em: 06 de fev. 2023

BOAS, C.M.R.S & HUNHOFF, E.D. *Um Estudo Sobre A Origem da Língua Portuguesa: Do Latim à Contemporaneidade*, Contexto Poético e Social. Revista Moinhos, Tangará da Serra, v.4, n.4, 2014. Disponível em <<https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2486/2053>> Acesso em: 20 de ago. 2022

BUTLER, H.E, *Quintilian's Institutio Oratoria Translation. Volume III. Books VII-VIII-IX*. 590 Pages. Source: Loeb Classical Library. 1922. Prof. Dr. Darcy Carvalho. Fea-Usp. São Paulo. 2021. Studies In Medieval And Modern Latin. Disponível em <<https://archive.org/details/h.-e.-butler.-quintilian-s-institutio-oratoria-translation.-volume-iii.-books-vii-viii-ix./page/n265/mode/2up>> Acesso em: 03 de fev. 2023

CART, A. et al. Gramática latina . São Paulo: TAQ, Edusp, 1986. Disponível em <<https://archive.org/details/grimal-pierre-et-al.-gramatica-latina-1986/GRIMAL%2C%20Pierre%20%5Bet%20al.%5D%20-%20Grama%CC%81tica%20Latina%20%5B1986%5D>> Acesso em: 09 de ago. 2022

CÍCERO. *De oratore*. Trad. E. W. Sutton; introd. H. Rackham. London: William Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967. (Loeb Classical Library, v. III). Disponível em <<https://archive.org/download/cicerodeoratore01ciceuoft/cicerodeoratore01ciceuoft.pdf>> Acesso em : 10 de dez. de 2022

CICERO, Marcus Tullius. *De oratore*. Liber III. The Latin Library. Disponível em: <<https://www.thelatinlibrary.com/cicero/oratore3.shtml>> Acesso em : 10 de dez. de 2022

CLEDÔNIO, Ars Cledonii – Romani Senatoris, Constantinopolitani Grammatica, Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1857. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatin05keil/page/2/mode/2up>> Acesso em: 10 de mar. 2023

CORREA, P.C *Concepções Sobre a Escrita na Antiguidade*. Revista De Sociologia e Política nº 6/7, 1996. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br>> Acesso em: 18 de ago. 2022

DEZOTTI, L.C, *Arte menor e Arte maior de Donato*: tradução, anotação e estudo introdutório, São Paulo, 1857, Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-22091857-161749/publico/1857-LucasConsolinDezotti.pdf>> Acesso em: 15 de out. 2022

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres: Livro VII – Estoicos*. Tradução, introdução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Disponível em <<https://elivros.info/autor/Diogenes-Laercio>> Acesso em 10. de mai. de 2023

DIONÍSIO TRÁCIO. *The grammar of Dionysius Thrax*. Tradução, introdução e notas de Thomas Davidson, New York: D. Appleton & Company, 1874. Disponível em <<https://pdfcoffee.com/the-grammar-of-dionysius-thrax-translated-into-english-pdf-free.html>> Acesso em: 15 de out. 2022

DONÁ, T.O.D, *Métrica e Ritmo das Odes de Horácio*, São Paulo, 2014. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-08012015-174011/publico/2014-TarsilaDeOliveiraDelfineDona-VCorr.pdf>> Acesso em: 21 de fev. de 2023

DONATO, E. *Arte de Donato*, São Paulo, 1857, Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-22091857-161749/publico/1857-LucasConsolinDezotti.pdf>> Acesso em: 15 de out. 2022

THE ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, *A Dictionary of Arts, Science, Literature and General Information*. Cambridge: at the University Press, Ed. 11, v.2, 1910, p. 813. Disponível em <<https://archive.org/details/dli.bengal.10689.11091>>. Acesso em: 15 abr. 2023

FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958. Ed. online. Disponível em <<https://archive.org/details/FARIAErnesto.GramticaSuperiorDaLLnguaLatina.RioDeJaneiroAcadamica/page/n5/mode/2up>> Acesso em: 15 de out. 2022

FICARELLI, A; VISCONTI, C; ZANI, A. *Intertextualidade na Fantasia Wanderer em Dó Maior* Op.15 D.760 de Schubert. MUSICA THEORICA. Salvador: TeMA, 2017. Disponível em < <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002997408.pdf>> Acesso em: 07 de mar. 2023

FORTES, Fábio. *Vício e virtude na Arte Gramatical latina: considerações sobre o ensino de língua na Antiguidade*. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, 2012. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/12543/12088>>. Acesso em: 10 de ago. de 2022

GAFFIOT. *Dictionnaire Gaffiot français-latin*. Ed. online. Disponível em <www.lexilogos.com/latin/gaffiot> Acesso em: 15 de out. 2022

GALVÃO, A.M.O *Leitura em Voz Alta*. Glossário Ceale, Universidade Estadual de Minas Gerais. Disponível em <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/leitura-em-voz-alta>>, Acesso em: 20 de set. 2022

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Bertand Brasil, 5ª edição, 2005. Disponível em <<https://pdfcoffee.com/pierre-grimal-dicionario-da-mitologia-grega-e-romanapdf-3-pdf-free.html>> Acesso em: 16 de ago. 2022

KASTER, R.A, *Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity*, UC Press E-Books Collection, 1982-2004. Disponível em <<https://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft8v19p2nc&chunk.id=d0e12016&toc.id=&brand=ucpress>> Acesso em: 03 de jul. 2022

KEIL, H. (KEILII, H). *Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, volume VI, 1874. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=IX0KAAAIAAJ&printsec=frontcover&redir-es-c=y#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 15 de out. 2022

KEIL, H. (KEILII, H). *Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, volume V 1857. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatini05keil>> Acesso em: 06 de dez. 2023

KEIL, H. (KEILII, H). *Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, volume IV 1857. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatini04keil>> Acesso em: 08 de jan. 2022

KEIL, H. (KEILII, H). *Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, volume III 1855. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatin07keilgoog/page/n5/mode/2up>> Acesso em: 17 de fev. 2023

LAVARRENE, M. *Initiation à la Métrique et la Prosodie Latines: avec de nombreux exercices pratiques et notions sur les clauses métrique en prose et sur la prononciation et l'accentuation du latin*. Paris: Magnard, 1949. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5848669k/texteBrut>> Acesso em: 15 de out. 2022

LAW, Vivien. *Grammar and Grammarians in the Early Middle Ages*. London: Longman, 1997. Disponível em <<https://archive.org/details/grammargrammaria0000lawv>> Acesso em 30 de ago de 2022

LONGO, G. *Curso de Língua Latina Básica* (E-BOOK). 2021.

LOPES, D.R.N, *Métrica Grega*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4196181/mod-resource/content/1/ME%CC%81TRICA2.pdf>> Acesso em: 10 de mar. 2023

NORBERG, Dag. *Manual prático de latim medieval: I – Breve história do latim medieval*. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. Disponível em <https://archive.org/details/ManualPraticoDeLatimMedievalPorDagNorberg127PaginasTraducaoDeJose/mode/2up>> Acesso em: 10 de jan. de 2023

POMPEU, *Pompeii Commentum in Artis Donati*, Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1857. Disponível em <https://archive.org/details/grammaticilatin05keil/page/2/mode/2up>> Acesso em: 10 de mar. 2023

PRISCIANUS. *Institutiones Grammaticae*. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, vol. II. Leipzig: Teubner, 1855. Disponível em: <https://archive.org/details/PriscianiInstitutionumGrammaticarumLibri/PriscianiInstitutionumGrammaticarumLibriI-xiihertz.1855/>> Acesso em: 13 de jul. de 2022

PRADO, J.B.T, *Canto e encanto: O charme da poesia latina – Contribuição de uma Poética da Expressividade em língua latina*, São Paulo, 1997.

PRADO, J.B.T, *Um conceito de equivalência na expressão vernácula da poesia latina*, Organon, Porto Alegre, nº 27, julho-dezembro, 1999, p. 147 – 158. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30431/18871>>, Acesso em: 17 de dez. de 2021

PRADO, J. B.T *Língua Latina I - Anotações de Aula*, Araraquara, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2007.

QUINTILIANUS, Marcus Fabius. *Institutio Oratoria*. Liber I. The Latin Library. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml>> Acesso em: 30 de jan. de 2022

QUINTILIANUS, Marcus Fabius. *Institutio Oratoria*. Liber VIII. The Latin Library. Disponível em: <<https://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio8.shtml>> Acesso em: 30 de jan. de 2023

QUINTILIANUS, Marcus Fabius. *Institutio Oratoria*. Liber IX. The Latin Library. Disponível em: <<https://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio9.shtml>> Acesso em: 07 de fev. de 2023

RAVIZZA, João (Padre). Gramática Latina. Nona Edição, 1940. Disponível em: <<https://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Gram%C3%A1tica-Latina.-Ravizza.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2022.

ROBINS, R. H. *A Short History of Linguistics*. 4. ed. London: Longman, 1997. Disponível em <<https://archive.org/download/ii8e888e87ewww/R.-H.-Robins-A-Short-History-of-Linguistics-Longman-Linguistics-Library-Addison-Wesley-Longman-1967.pdf>> Acesso em 15 de ago. 2022

RODRIGUES, Filipe Cianconi. *A Fonologia e a Morfossintaxe no Ars Grammatica de Máximo Vitorino*. 2020. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2020. Disponível em <<https://www2.ufjf.br/ppglinguistica/wp-content/uploads/sites/119/2021/01/Dissertacao-Filipe-Cianconi-Rodrigues.pdf>> Acesso em 13 de dez. de 2022.

ROSSELLINI, M. *Collectane Grammatica Latina, PS. Remmii Palaemonis Regulae – Introduzione, texto critico e commento a cura di Michella Rossellini*, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 2001. Disponível em <<file:///C:/Users/anaf-/Downloads/Regulae%20Ps.%20Remmii%20Palaemonis-Michella%20ROSELLINI.pdf>> Acesso em: 06 de fev. 2023

RUBIO, F. P. *Observaciones en torno a la fijación de la cesura pentemímera em el hexâmetro latino*. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/144210.pdf>> Acesso em: 15 de mar. 2023

SCHIAVINATO, D.G, *As Cláusulas Métricas em Orator de Cícero: Uma proposta de tradução*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29613/1/Tese%20final%20pdf%20fim.pdf>> Acesso em: 17 de mar. 2023

SÉRGIO, *Excerpta Ex Commentarius in Donatum*, Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1857. Disponível em <<https://archive.org/details/grammaticilatini05keil/page/2/mode/2up>> Acesso em: 10 de mar. 2023

SIMÕES, V.C.L. *Literatura Técnica de Instrução: Análise de Caso das Artes Metricae*, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2019. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202201/simoes-vgcl-dr-arafcl-int.pdf?sequence=8&isAllowed=y>>, Acesso em: 20 de fev. de 2023

SIMÕES, V.C.L. *Os exempla como modelo de permanência clássica nas gramáticas latinas*, Revista de Estudos Filosóficos e Históricos Antigos, 2016, p.336-337. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cpa/article/view/2693>>, Acesso em: 02 de nov. de 2021

SIMÕES, V.C.L.; Prado, J. B. T. *A poética e a métrica clássicas: um estudo do hexâmetro latino por Mário Vitorino*, Anais XXIII SEC, Araraquara, 2008, p.321-329. Disponível em <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/13716716/a-poetica-e-a-metrica-classicas-u-m-estudo-do-hexametro-unesp>>, Acesso em: 20 de dez. de 2021

5

TAYLOR, Daniel J. *The History of Linguistics*. Nova York: Harper & Row, 1987. Disponível em

<<https://pt.scribd.com/document/691161764/The-History-of-Linguistics-in-the-Classical-Period-Daniel-J-Taylor-Z-Library>> Acesso em 26 de mar. 2023

VALENTE, M.P, *Gramática Latina para o Ginásio*, Porto Alegre, 1952. Disponível em <<https://archive.org/details/latim/page/n1/mode/2up>> Acesso em: 03 de mar. 2023

VITORINO, M. *Maximi Victorini Qui Feruntur Libri: De Arte Grammatica; De Metris et De Hexametro Versu; De Ratione Metrorum; De Ratione Metrorum; De Finalibus Metrorum*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1874. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=IX0KAAAIAAJ&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 15 de out. 2022